Yi-fu Tuan
Topofilia

Yi-Fu Tuan define o termo *topofilia*, criado por ele, como "O elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. É um conceito difuso, mas concreto como experiência pessoal." O autor não aborda a *topofilia* apenas do ponto de vista da percepção, mas também das atitudes e dos valores envolvidos nas relações com o meio ambiente.

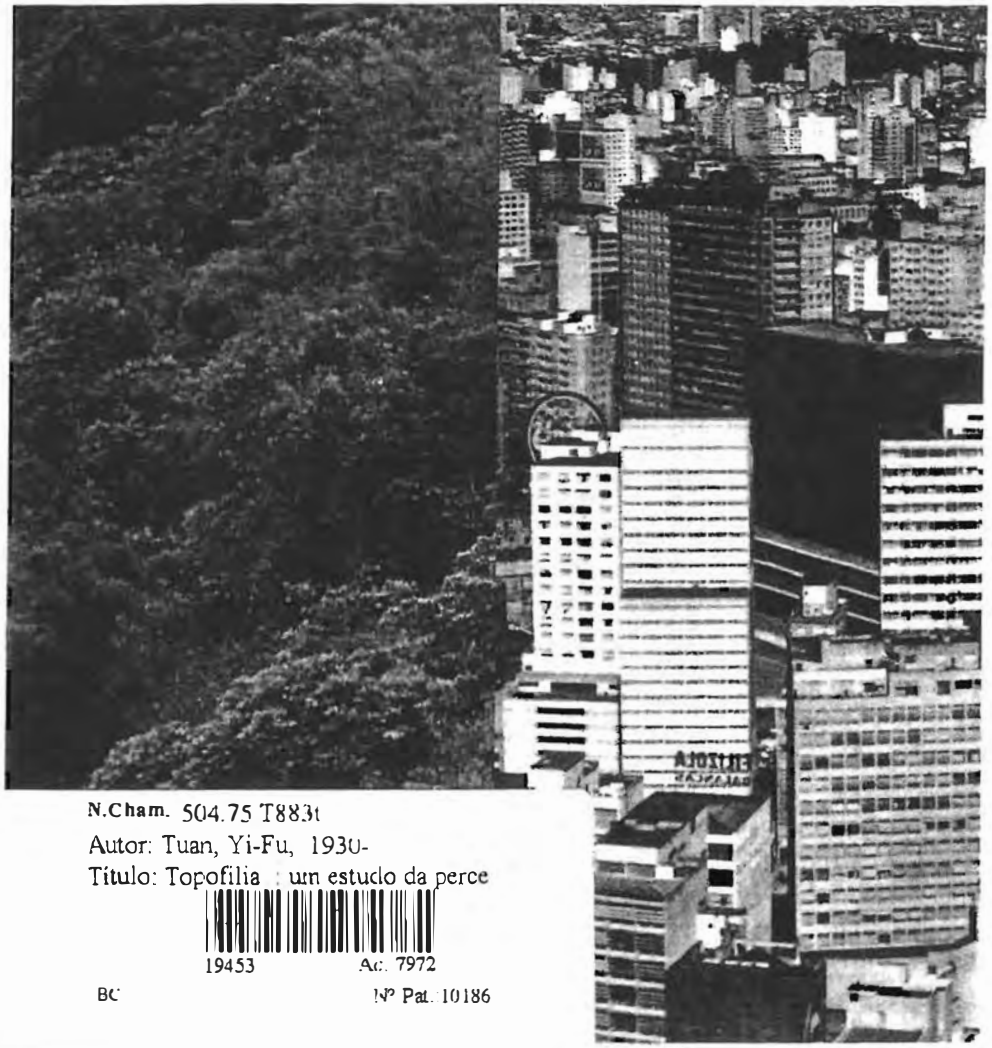
A obra TOPOFILIA foi originalmente escrita em inglês com o título "TOPOPHILIA, a Study of Environmental Perception, Attitudes and Values" e já se converteu num clássico ímpar, fazendo com que a sua leitura se torne obrigatória aos interessados pelo meio ambiente. Tuan abre novas perspectivas não apenas para o geógrafo, mas para todos aqueles que estão preocupados com os problemas ambientais: arquitetos, urbanistas, ecólogos, economistas, administradores públicos, juristas, educadores, sociólogos e mesmo o público em geral.

O geógrafo Yi-Fu Tuan nasceu na China em 1930 e tem sido professor de Geografia em várias Universidades ocidentais. Atualmente integra o corpo docente do Departamento de Geografia da Universidade de Minnesota, nos E.U.A.. Além da obra sobre *topofilia*, já publicou outras duas: "Space and Place", a publicar também pela DIFEL e "Landscapes of Fear".

DIFEL

Yi-fu Tuan
Topofilia

Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente



N.Cham. 504.75 T883t
Autor: Tuan, Yi-Fu, 1930-
Título: Topofilia : um estudo da perce
19453 Ac.: 7972
BC Nº Pat.: 10186

Título do original:

Topophilia: a study of environmental perception, attitudes, and values

© 1974 by Prentice-Hall Inc., Englewood Cliffs, New Jersey
© da tradução: DIFEL / Difusão Editorial S. A.

1980

Direitos reservados para língua portuguesa:

DIFEL
Difusão Editorial S.A.

Sede:

Av. Vieira de Carvalho, 40 - 5.º andar - CEP 01210
São Paulo - SP - Tels.: 223-4619 e 223-6923

Filiais:

Rua Marquês de Itu, 79 - CEP 01223 - São Paulo - SP
Tel.: 221-7725
Rua da Proclamação, 226 - Bonsucesso - CEP 21040
Rio de Janeiro - RJ - Tel.: 270-8088

sumário

agradecimentos, xi

CAPÍTULO UM

introdução, 1

CAPÍTULO DOIS

traços comuns em percepção: os sentidos, 6

Visão. As mãos e o sentido do tato. Audição. Olfato. Percebendo com todos os sentidos. Percepção e atividade.

CAPÍTULO TRÊS

estruturas e respostas psicológicas comuns, 15

Racionalização. Escala da percepção humana. Segmentação. Oposições binárias. Resolução de contradições.

Substâncias e esquemas cosmológicos.
O todo harmonioso, oposições binárias e esquemas cosmológicos.
Simbolismo e esquemas cosmológicos.
Psicologia espacial e simbolismo.

CAPÍTULO QUATRO

etnocentrismo, simetria e espaço, 34

Etnocentrismo.
Etnocentrismo e diagramas cósmicos entre povos analfabetos.
Etnocentrismo chinês. Os primeiros mapas gregos.
Mas T-O *(orbis terrarum)*. A Europa no centro do mundo.
O centro do hemisfério continental. Exceções.

CAPÍTULO CINCO

mundos pessoais: diferenças e preferências individuais, 52

Individualidade fisiológica.
Temperamento, talento e atitudes. Sexo. Idade.

CAPÍTULO SEIS

cultura, experiência e atitudes ambientais, 68

Cultura e percepção. Papéis dos sexos e percepção.
Visitante e nativo.
Exploradores e povoadores na frente pioneira.
Índios e anglo-americanos no Novo México.
Mudanças na atitude ambiental: montanha.

CAPÍTULO SETE

meio ambiente, percepção e visões do mundo, 86

Meio ambiente e percepção.
Acuidade perceptiva e o desafio dos meios ambientes severos.
Meio ambiente e visão do mundo.
Meios ambientes de beira de rio, cosmologia e arquitetura.

CAPÍTULO OITO

topofilia e meio ambiente, 106

Topofilia. Apreciação estética. Contato físico.
Saúde e topofilia. Familiaridade e afeição.

Patriotismo. Urbanização e atitude para com o campo.
O selvagem.

CAPÍTULO NOVE

meio ambiente e topofilia, 129

Meio ambiente e Eliseu. Os meios ambientes de atração permanente.
O meio ambiente grego e a topofilia.
Paisagem e pintura da paisagem na Europa.
O meio ambiente chinês e a topofilia.

CAPÍTULO DEZ

do cosmo à paisagem, 148

Cosmo estratificado. Natureza, paisagem e cenário.
A transformação axial da visão européia do mundo.
Comparação com as atitudes chinesas.
Arquitetura e o jardim paisagístico: para a extensão espacial e a resposta visual.
Simbolismo e o sagrado: respostas pré-modernas.
Tempo cíclico e tempo linear.

CAPÍTULO ONZE

a cidade ideal e os símbolos de transcendência, 172

Emergência da cidade ideal.
Símbolos do cosmo e formas urbanas.
Brasília — uma cidade ideal moderna.

CAPÍTULO DOZE

ambiente físico e estilos de vida urbana, 199

Meios ambientes e estilos de vida. Ch'ang-an e Hang-chou.
Atenas e Roma. A cidade medieval.
Cenas de ruas georgianas e vitorianas.
A cidade do automóvel: Los Angeles.

CAPÍTULO TREZE

cidades americanas; simbolismo, imagens, percepção, 222

Símbolos e metáforas. Símbolos urbanos específicos.
Cognomes de cidades — promoção de imagem. Imaginabilidade.

PARA FALAR DE PAISAGEM VERNACULAR X LUGAR - TEMPO

Imagem, experiência e classe. O bairro urbano.
A visão vista de baixo. Recapitulações.

CAPÍTULO QUATORZE

subúrbios e cidades novas: a busca de meio ambiente, 260

Subúrbio — "Além da muralha".
Subúrbio — reação à cidade. O crescimento dos subúrbios.
Aparência e mudança na aparência.
Valores e ideais suburbanos.
Vilas modelo e cidades novas.

CAPÍTULO QUINZE

resumo e conclusões, 284

Toda ciência deve ser erudita, mas nem toda erudição pode ser rigorosamente científica... As *terrae incognitae* da periferia contêm solos férteis esperando para ser cultivados com os instrumentos e com o espírito das humanidades.

John Kirtland Wright

A geografia do mundo é unificada apenas pela lógica e visão humanas, pela luz e cor dos artifícios, pelo arranjo decorativo, e pelas idéias de bom, verdade, e beleza.

David Lowenthal

Humanista, quantificador, o que você quizer — nunca é errado ocultar o seu próprio conhecimento; é quase sempre errado ignorar o dos outros.

O. H. Spate

Uma das lembranças indeléveis de *As Guerras Gálicas*, que li quando estava no secundário, é que César estava sempre *in medias res*. Nunca mais o reli para descobrir se de fato este era o caso, mas com ele, estamos nos movendo para o centro do assunto.

Clarence J. Glacken

agradecimentos

Reconhecer as colaborações intelectuais seria um grande prazer, mas é um empreendimento difícil de realizar. As colaborações intelectuais são infinitas e inumeráveis. Isto é especialmente certo quando se tem coragem suficiente para escrever um livro que aspira ser a síntese de uma ampla gama de tópicos díspares. Todavia, desejo expressar minha gratidão profunda a quatro benéficas influências, sem as quais *Topofilia* teria permanecido uma fantasia pessoal: o ambiente de liberdade, mas de intensa pesquisa intelectual, em Berkeley, quando ali fui um estudante de pós-graduação entre 1951 e 1956; o exemplo e encorajamento de John Brinckerhoff Jackson; a beleza do Novo México; a estrutura liberal do Departamento de Geografia de Minnesota, que estimula seus docentes a "desenvolverem" seus interesses reais, isto é, a serem professores antes que "pessoas recurso" que acumulam informação nos aspectos geralmente aprovados da disciplina.

Desejo expressar minha gratidão à Fundação John Simon Guggenheim por uma bolsa de estudo que me permitiu refletir

sobre as atitudes em relação ao meio ambiente, na calma do deserto australiano.

Estendemos nossos agradecimentos aos seguintes autores e editores, pela permissão para citações curtas ou paráfrases de material já publicado: Robert Payne, por *The White Pony* (The John Day Company Inc., 1947); Colin Turnbull and Simon & Schuster Inc. por *The Forest People* (1961); T. G. H. Strehlow por *Aranda Tradition* (Melbourne University Press, 1947; Associação dos Geógrafos Americanos, por *Man and Nature* (Resource Paper n.° 10, 1971); George Steiner and Random House Inc. por *Tolstoy or Dostoievsky* (1959); Harcourt Brace Jonanovich Inc. por *To the Lighthouse* (1927), de Virginia Woolf; The Viking Press Inc. por *Stop-time* (1967), de Frank Conroy; Doubleday & Company Inc. por *Seven Pilars of Wisdom* (1936), de T. E. Lawrence; Random House Inc. por *The Levittowners* (1967), de Herbert J. Gans; University of Pennsylvania Press por *Culture and Experience* (1955), de Irving Hallowell; The Macmillan Company por *Manchild in the Promised Land* (1965), de Claude Brown; Yale University Press, por *Life in the Ancient Rome* (1940), de Jérôme Carcopino; William Stringfellow and Holt, Rinehart and Winston Inc. por *My People is the Enemy* (1964); Harper and Row, Publishers, por *Dark Ghetto* (1965), de Kenneth Clark; Prentice Hall Inc. por *Class in Suburbia* (1963), de William M. Dobriner; Kevin Lynch and M. I. T. Press por *The Image of the City* (1960).

CAPÍTULO UM

introdução

Quais são nossas visões do meio ambiente físico, natural e humanizado? Como o percebemos, estruturamos e avaliamos? Quais foram, e quais são, os nossos ideais ambientais? Como a economia, o estilo de vida e o próprio ambiente físico afetam as atitudes e valores ambientais? Quais são os laços entre meio ambiente e visão do mundo?

Estas são algumas das questões que desejo explorar. Elas são gerais, mas não totalmente inclusivas. A poluição ambiental e a ecologia, dois tópicos de grande importância e interesse para o mundo, situam-se fora do âmbito deste livro. Os temas a serem aqui abordados — percepção, atitudes e valores — preparam-nos, primeiramente, a compreender nós mesmos. Sem a auto-compreensão não podemos esperar por soluções duradouras para os problemas ambientais que, fundamentalmente, são problemas humanos. E os problemas humanos, quer sejam econômicos, políticos ou sociais, dependem do centro psicológico da motivação, dos valores e atitudes que dirigem as energias para os objetivos. A partir da metade da década de 1960, o impulso do movimento

ecológico-ambiental seguiu em duas direções. Uma é a aplicada: o que pode ser feito a propósito dos cortiços infestados de ratos e das águas poluídas? A outra é teorética e científica, a tentativa para compreender as forças complexas que mantêm o mundo natural. Nenhuma dessas abordagens se preocupa diretamente com a formação de atitudes e valores. Ambientes perigosos e ambientes que são suficientemente ruins para comprometer a saúde requerem ação imediata; as questões de atitudes e valores parecem irrelevantes. O cientista e o teórico, por seu lado, tendem a descuidar a diversidade e a subjetividade humanas porque a tarefa de estabelecer ligações do mundo não-humano já é enormemente complexa. Entretanto, numa visão mais ampla sabemos que as atitudes e crenças não podem ser excluídas nem mesmo da abordagem prática, pois é prático reconhecer as paixões humanas em qualquer cálculo ambiental; elas não podem ser excluídas da abordagem teorética porque o homem é, de fato, o dominante ecológico e o seu comportamento deve ser compreendido em profundidade, e não simplesmente mapeado.

Atualmente não existe uma pesquisa geral das atitudes e valores ambientais. Os estudos que conheço são muito especializados e de extensões limitadas. Como as pesquisas no campo foram realizadas com diferentes finalidades, os trabalhos resultantes são altamente heterogêneos, no conteúdo e na apresentação. Podem ser agrupados em cinco tipos principais: (1) Como os seres humanos, em geral, percebem e estruturam o seu mundo. São procurados traços humanos universais; (2) Percepção e atitude ambientais como uma dimensão da cultura ou da interação entre cultura e meio ambiente. Pessoas analfabetas e comunidades pequenas são examinadas em algum detalhe e numa abordagem holística; (3) Tentativas para inferir atitudes e valores ambientais com o auxílio de pesquisas, questionários e testes psicológicos; (4) Mudanças na avaliação ambiental como parte de um estudo da história das idéias ou da história da cultura; (5) O significado e a história de ambientes como a cidade, o subúrbio, o campo e o selvagem.

É desnorteadora a disparidade em objetivo, método, pressuposições filosóficas e em escala — temporal e espacial. Qual pode ser a base comum entre uma análise detalhada do comportamento, nas compras, das donas de casa em Ames, Iowa, e uma grande pesquisa da doutrina cristã da natureza? Ou entre o estudo do simbolismo da cor como um traço universal e a história da pintura de paisagens? Uma resposta possível é que de algum modo todos eles se referem à maneira pela qual os seres humanos respondem ao seu ambiente físico — a percepção que dele têm e o valor que nele colocam. A resposta soa insatisfatória porque lhe falta exemplificação detalhada. Se fosse preciso fazer uma pesquisa geral sobre o assunto, gostaríamos de escolher das diferentes disciplinas e fazer uma antologia. As antologias invadem o mercado quando aparecem interesses novos e urgentes e não sabemos o que eles são e para onde vão. As antologias exercem uma atração como o "bufê de frios" e nos ameaça com indigestão se tivermos coragem suficiente para ler de um só fôlego. Idealmente, uma única pessoa classificaria o material heterogêneo e apresentaria um ponto de vista unificado. Considerando a pobreza de conceitos abrangentes, o esforço é, quase certo, destinado ao fracasso. No entanto, vale a pena fazê-lo, porque se não o fizermos não descobriremos a fraqueza estrutural do campo. As correntes díspares do conhecimento, em uma mente capaz, conduzem, idealmente, a uma união frutífera; no outro extremo, estas correntes somente podem ser unidas graças à arte do encadernador. Este ensaio, dentro do espectro de realizações fica, no melhor dos casos, quase como um ponto médio entre a colagem e a visão integral. Confio que ele estimulará outros a fazê-lo melhor, senão por suas qualidades, por suas fraquezas evidentes.

Nenhum conceito abrangente guia o meu esforço. O melhor que posso fazer é estruturar o tema da topofilia com um conjunto limitado de conceitos. Tentei o seguinte: (1) examinar a percepção e os valores ambientais em diferentes níveis: as espécies, o grupo e o indivíduo; (2) manter cultura e meio ambiente, topofilia e meio ambiente, tão distintos a fim de mostrar como eles mutuamente contribuem para a formação de valores; (3) introduzir o conceito de mudança, com um esquema do deslocamento da visão medieval européia do mundo para um modelo científico, e o que isso significou para as atitudes ambientais; (4) examinar a idéia da busca do meio ambiente na cidade, no subúrbio, no campo e o selvagem, de uma perspectiva dialética; (5) distinguir tipos diferentes de experiências ambientais e descrever as suas características.

Os métodos de pesquisa não são apresentados. As discussões técnicas sobre os procedimentos aparecem na maioria das publicações sobre meio ambiente e comportamento. Como cientistas sociais temos muitas habilidades, mas os problemas cruciais (diferentes dos socialmente urgentes) geralmente nos escapam, porque não dispomos de conceitos sofisticados para enquadrá-los. Nas ciências físicas, até as leis simples podem desafiar o senso comum. Nas ciências sociais, o senso comum é repetidas vezes confirmado com muita formalidade profissional. Os meios utilizados para atingir os resultados geralmente são mais impressionantes do que os próprios resultados. Não obstante, os resultados sistematizados

são inestimáveis porque fornecem precisão às pressuposições do senso comum e, algumas vezes, desafiam e derrubam uma simples opinião. [1]

Uma pesquisa de vanguarda, especialmente dos geógrafos, é a resposta humana aos azares naturais. [2] Eventualmente, este tipo de trabalho nos forneceria compreensão básica de como as pessoas reagem às incertezas durante os eventos naturais. Este trabalho contribui para a psicologia ambiental e possui implicações importantes para o planejamento. Com pesar, omiti os resultados das pesquisas sobre azares, porém eles não têm relações diretas com a topofilia. Por uma razão similar, do capítulo doze ao quatorze, abordei de modo muito ligeiro os meios ambientes deteriorados porque a minha preocupação principal é com a formação e a natureza das atitudes e valores positivos.

Percepção, atitude, valor e visão do mundo, estão entre as palavras chaves do presente trabalho; os seus significados se superpõem. O sentido de cada termo tornar-se-á claro em seu próprio contexto. Aqui estão algumas definições preliminares. *Percepção* é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura. *Atitude* é primariamente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências. As crianças percebem mas não têm atitudes bem formadas, além das que lhe são dadas pela biologia. As atitudes implicam experiência e uma certa firmeza de interesse e valor. [3] As crianças vivem em um meio ambiente; elas têm apenas um mundo e não uma visão do mundo. *A visão do mundo* é a experiência conceitualizada. Ela

[1] Para uma revisão recente dos problemas na pesquisa sobre a percepção ambiental, ver David Lowenthal, "Research in Environmental Perception and Behavior: Perspectives on Current Problems." *Environment and Behavior*, 4 (n.º 3), setembro de 1972, pp. 333-342.

[2] Por exemplo, Kenneth Hewitt e Ian Burton, *The Hazardness of a Place: A Regional Ecology of Damaging Events*. Universidade de Toronto, Departament of Geography, Research Publication n.º 6 (1971); , ver a bibliografia para outros estudos sobre azares ambientais.

[3] Myra R. Schiff, "Some theoretical aspects of attitudes and perception". *Natural Hazard Research*, Universidade de Toronto, Working Paper n.º 15 (1970). A tradução em língua portuguesa foi publicada em *Boletim de Geografia Teorética*, 3, n.º 6, 1973, pp. 47 a 61.

é parcialmente pessoal, em grande parte social. Ela é uma atitude ou um sistema de crenças; a palavra *sistema* implica que as atitudes e crenças estão estruturadas, por mais arbitrárias que as ligações possam parecer, sob uma perspectiva impessoal (objetiva). [4]

Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal, a topofilia é o tema persistente deste livro.

[4] W. T. Jones, "World Views: Their Nature and Their Function". *Current Anthropology*, n.º 13, n.º 1, (Fevereiro 1972), 79 — 109.

CAPÍTULO DOIS

traços comuns em percepção: os sentidos

A superfície da terra é extremamente variada. Mesmo um conhecimento casual com sua geografia física e a abundância de formas de vida, muito nos dizem. Mas são mais variadas as maneiras como as pessoas percebem e avaliam essa superfície. Duas pessoas não vêem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente. A própria visão científica está ligada à cultura — uma possível perspectiva entre muitas. À medida que prosseguirmos neste estudo, a abundância desnorteadora de perspectivas, nos níveis tanto individual como de grupo, torna-se cada vez mais evidente; e corremos o risco de não notar o fato de que, por mais diversas que sejam as nossas percepções do meio ambiente, como membros da mesma espécie, estamos limitados a ver as coisas de uma certa maneira. Todos os seres humanos compartilham percepções comuns, um mundo comum, em virtude de possuirem órgãos similares. A unicidade da perspectiva humana tornar-se-á evidente quando pararmos para indagar como a realidade humana deve diferir da dos outros animais. Ao contrário do que pareceria, uma pessoa não pode imaginariamente entrar na vida do seu cão: os órgãos dos sentidos dos caninos divergem muito dos nossos e isso impede que possamos nos transportar para o mundo dos cheiros, sons e visões dos cães. Mas com boa vontade uma pessoa poderá entrar no mundo de outra, apesar das diferenças de idade, temperamento e cultura. Neste capítulo, destacarei como os sentidos humanos diferem, em amplitude e acuidade, dos de alguns outros animais, e a seguir delinearei a unicidade do mundo humano, na medida em que ela procede do equipamento perceptual do homem.

Visão

O ser humano tem outras maneiras para responder ao mundo além dos cinco sentidos da visão, audição, olfato, paladar e tato, por nós conhecidos desde os tempos de Aristóteles. Por exemplo, algumas pessoas são extremamente sensíveis às mudanças sutis na umidade e na pressão atmosférica; outras parecem ser dotadas de um extraordinário sentido de direção, embora se tenha questionado o caráter inato desta faculdade. Dos cinco sentidos tradicionais, o homem depende mais conscientemente da visão do que dos demais sentidos para progredir no mundo. Ele é predominantemente um animal visual. Um mundo mais amplo se lhe abre e muito mais informação, que é espacialmente detalhada e específica, chega até ele através dos olhos, do que através dos sistemas sensoriais da audição, olfato, paladar e tato. A maioria das pessoas, provavelmente considera a visão como sua faculdade mais valiosa e preferiria perder uma perna ou tornar-se surda ou muda a sacrificar a visão.

A visão humana, como a de outros primatas, evoluiu em um meio ambiente arbóreo. No mundo denso e complexo de uma floresta tropical, ver bem é mais importante do que desenvolver um sentido agudo do olfato. Durante o longo trajeto da evolução, os membros da linha primata adquiriram olhos grandes, enquanto o nariz encolheu para permitir aos olhos uma visão desimpedida. Dos mamíferos, só o homem e alguns primatas desfrutam de visão colorida. Para o touro, a bandeira vermelha é preta. Os cavalos vivem em um mundo monocrômico. A luz visível aos olhos humanos, no entanto, ocupa somente uma faixa muito estreita na totalidade do espectro eletromagnético. Os raios ultravioletas são invisíveis ao homem, embora as formigas e as abelhas melíferas sejam sensíveis a eles. O homem não possui percepção direta dos raios infra-vermelhos, ao contrário da cascavel que tem receptores sintonizados em comprimentos de onda maiores que 0,7 microns.

O mundo apareceria estranhamente diferente se os olhos humanos fossem sensíveis à radiação infra-vermelha. Por conseguinte, em lugar da escuridão da noite, seríamos capazes de nos mover facilmente em um mundo sem sombras, onde os objetos brilhariam com graus variados de intensidade. De fato, os olhos humanos são notáveis discernidores das gradações de cores. A sensibilidade cromática da visão humana normal ostenta um grau de precisão que raramente é ultrapassada na espectrofotometria. [1]

O homem possui visão estereoscópica. Os olhos humanos estão localizados na frente, uma posição que limita o campo visual. Por exemplo, ao contrário do coelho, o homem não pode ver o que está atrás de sua cabeça, mas a vantagem de ter olhos frontais é que eles fornecem uma dupla garantia de informação: a visão binocular auxilia o homem a ver as coisas nitidamente como corpos tridimensionais. Esta é uma habilidade inata, na medida que uma criança logo aprende a considerar referenciais, como a perspectiva linear e a paralaxe, para perceber a forma redonda da face humana. Os bebês com oito semanas de idade são mais capazes de discriminar profundidade e orientação, considerando o tamanho e a constância da forma, e são melhores na realização perfeita, do que um empirista teria previsto. [2] O tempo e a experiência, entretanto, são necessários para o desenvolvimento pleno da visão tridimensional. Estamos tão acostumados a ver as coisas em sucessão e o mundo em profundidade que é surpreendente saber que muitos artifícios devem ser aprendidos. Pessoas cegas de nascença, devido à catarata congênita e que mais tarde, através de uma operação, recuperaram a visão, têm dificuldade de reconhecer os objetos e mais ainda, de vê-los tridimensionalmente. Elas têm que aprender a significância da distribuição da luz e da sombra no reconhecimento dos sólidos, curvas e relevo.

As mãos e o sentido do tato

Os primatas são mais capazes de distinguir detalhes estáticos do que os outros mamíferos. Seu alimento, na floresta, em geral não se move, de modo que para eles é mais importante perceber objetos como frutos, sementes e brotos por sua forma, cor e textura, do que por seus diminutos movimentos. Como os seres humanos, os macacos e símios provavelmente vêem o meio ambiente

[1] Committee on Colorimetry, *The Science of Color* (Washington, D.C.: Optical Society of America, 1966), p. 219.

[2] T. G. R. Bower, "The Visual World of Infants," *Scientific American*, 215, n.º 6 (1966), 90.

como uma coleção de coisas, mais do que simplesmente como um padrão. Para adquirir esta habilidade, o desenvolvimento das mãos, fortes e hábeis, é quase tão importante quanto a evolução da visão tridimensional. Os símios, macacos e o homem provavelmente são os únicos animais a manusear as coisas, apanhá-las e examiná-las de todos os lados. As patas são muito menos eficazes do que as mãos, e entre as mãos dos primatas, as do ser humano combinam força com precisão incomparável. [3]

Tato, o sentido háptico, de fato fornece aos seres humanos uma grande quantidade de informações sobre o mundo. Não é preciso nenhuma habilidade especial para uma pessoa sentir a diferença entre um pedaço de vidro liso e outro lapidado com ranhuras de 1/6.400 de centímetro de profundidade. Com os olhos vendados e com os ouvidos tapados para remover sinais auditivos, um homem pode, no entanto, reconhecer as diferenças entre plástico, metal, papel, ou madeira, batendo levemente a superfície com uma unha do dedo. A prática melhora a sensibilidade. O medidor profissional de espessura em casas têxteis pode avaliar diferenças sutis na qualidade dos tecidos, com precisão surpreendente. Nem é mesmo necessário usar os seus dedos; passando uma vara sobre o tecido é o suficiente. [4]

A natureza fundamental do sentido do tato nos é demonstrada quando refletimos que uma pessoa sem a visão pode ainda atuar no mundo, com bastante eficiência, mas sem o sentido do tato é duvidoso que possa sobreviver. Estamos sempre "em contato". Por exemplo, neste momento podemos estar sentido a pressão da cadeira contra nossas costas e a pressão do lápis em nossa mão. O tato é a experiência direta da resistência, a experiência direta do mundo como um sistema
que nos persuadem da existência de uma realidade independente de nossa imaginação. Ver não é ainda acreditar: por isso Cristo se ofereceu para ser *tocado* pelo apóstolo incrédulo. A importância do tato para o conhecimento é sugerida pela expressão idiomática inglesa *to keep in touch* ou *to be out of touch,* usada não somente em relação às pessoas mas também aos campos da aprendizagem.

[3] Bernard Campbell, *Human Evolution: An Introduction to Man's Adaptations* (Chicago: Aldine-Atherton, 1966), pp. 161-62.

[4] Lorus J. Milne e Margery Milne, *The Senses of Animals and Men* (Nova York: Atheneum, 1962), pp. 18-20; Owen Lowenstein, *The Senses* (Baltimore: Penguin, 1966).

Audição

A sensibilidade auditiva no homem não é muito fina. A audição é menos essencial aos primatas, incluindo os homens, do que para os carnívoros, que rastream as suas presas. As orelhas dos primatas são pequenas e carecem de mobilidade, comparadas às dos animais que rastream para matar. A audição humana média de um jovem tem amplitude que se estende aproximadamente de 16 a 20.000 ciclos por segundo. Se uma pessoa é sensível a um tom mais baixo do que 16 ciclos, ela pode sofrer o incômodo de ouvir as batidas de seu próprio coração. O limite superior da amplitude da audição humana é modesto, quando comparado ao dos gatos e morcegos: estes mamíferos respondem a sons até de 50.000 e 120.000 ciclos por segundo, respectivamente. O ouvido humano parece ser mais sensível ao som do tom que corresponde ao choro de criança ou mulher. Está adaptado especificamente para a sobrevivência da espécie e geralmente para atrair o mundo através dos sinais auditivos.

Os olhos obtém informações muito mais precisas e detalhadas, sobre o meio ambiente, do que os ouvidos, mas geralmente somos mais sensibilizados pelo que ouvimos do que pelo vemos. O som da chuva batendo contra as folhas, o estrondo do trovão, o assobio do vento no capim e o choro angustiado, nos excitam com intensidade raramente alcançada pela imagem visual. Para muitas pessoas, a música é uma experiência emocional mais forte do que olhar quadros ou cenários. Por que isso? Em parte, talvez, porque não podemos fechar nossos ouvidos como podemos fechar os olhos. Sentimo-nos mais vulneráveis aos sons.[5] A audição tem a conotação da passividade (receptividade), que a "visão" não possui. Outra razão pode ser que uma das sensações mais importantes do bebê e talvez mesmo do feto é a batida do coração da mãe. Desmond Morris, por exemplo, pensa que isso explica o fato de que a mãe (mesmo quando é canhota) normalmente aconchega o bebê de tal modo que sua cabeça descanse sobre o seio esquerdo.[6] Parece verdade também que o bebê é sensível ao som, fazendo distinções entre o agradável, o confortante e o perturbador, muito antes que possa visualmente discriminar com alguma sutileza.

A importância da audição para a apreensão da realidade pelos seres humanos, é enfatizada pela sensação aguda de perda

[5] G. M. Wyburn R. W. Pickford, e R. J. Hirst, *Human Senses and Perception* (Edinburgo: Oliver and Boyd, 1964), pp. 66.

[6] Desmond Morris, *The Naked Ape* (Londres: Transworld Publishers, Corgi edition, 1968), pp. 95-96.

por aqueles que subitamente ficaram surdos. Contrariamente ao esperado, os efeitos psicológicos da surdez súbita podem ser tão debilitantes como a perda súbita da visão. Depressão profunda, solidão e tendências paranóicas são algumas das conseqüências. Com a surdez, a vida parece congelada e o tempo não progride. O próprio espaço se contrai, porque nossa experiência de espaço é aumentada grandemente pelo sentido auditivo, que fornece informações do mundo além do campo visual. No começo, um mundo que aparenta ter perdido seu dinamismo aparece menos exigente e nervoso; provoca sentimento de desligamento e paz, como acontece de modo agradável quando os sons da cidade são abafados por uma chuva leve ou um manto de neve. Mas logo o silêncio, a perda severa da informação, provoca ansiedade, dissociação e retraimento no surdo.[7]

Olfato

Um homem não pode se projetar no mundo de um cachorro, se não por outra razão, devido ao abismo entre a sensibilidade olfativa das duas espécies. O sentido do olfato do cachorro é pelo menos cem vezes mais agudo que o do homem. Embora os carnívoros e alguns ungulados tenham visão aguçada, para sobreviver em seu mundo, eles dependem mais de seus receptores olfativos, em comparação aos primatas. É claro que o sentido do olfato também é importante para os primatas. Este sentido desempenha um importante papel nos processos fundamentais de alimentação e acasalamento. O homem moderno, entretanto, tende a negligenciar o sentido do olfato. Seu meio ambiente ideal pareceria requerer a eliminação de "cheiros" de qualquer tipo. A palavra "odor" quase sempre significa mal cheiro. Esta tendência é lamentável, pois o nariz humano, de fato, é um órgão incrivelmente eficiente para farejar informações. Com a prática, uma pessoa pode classificar o mundo em categorias odoríficas, tais como aliáceo, ambrosíaco, hortelã-pimenta, aromático, etéreo, podre, perfumado, caprino ou nauseante.

O odor tem o poder de evocar lembranças vívidas, carregadas emocionalmente, de eventos e cenas passadas. O cheiro de salva pode trazer à memória todo um complexo de sensações: a imagem de grandes planícies onduladas cobertas por grama e pontilhadas por moitas de salva, a luminosidade do sol, o calor, a irregularidade da estrada. De onde vem esse poder? Diversos

[7] P. H. Knapp, "Emotional Aspects of Hearing Loss", *Psychomatic Medicine*, 10 (Julho/Agosto 1948), 203-22.

fatores intervêem. Para uns, o poder de um odor em transportar-nos ao passado pode estar relacionado ao fato de que o córtex, com sua grande reserva de lembranças, evoluiu daquela parte do encéfalo, originalmente relacionada com o olfato. Para outros, os nossos narizes, na infância, não somente eram mais sensíveis mas estavam mais próximos dos odores emanados da terra dos canteiros, das flores, do capim e dos solos úmidos. Na vida adulta, um encontro casual com a fragância de um monte de feno pode sacudir nossa memória para um passado nostálgico. Um outro ponto é que a visão é seletiva e reflete experiência. Quando retornamos à cena de nossa infância, não somente a paisagem mudou mas também a maneira como nós a vemos. Não podemos recapitular completamente o sentimento essencial de um mundo visual do nosso passado sem o auxílio de uma experiência sensorial que não mudou; por exemplo, o forte cheiro da alga marinha apodrecendo.

Percebendo com todos os sentidos

A resposta através da vista, para o mundo, é diferente, em vários aspectos importantes, da resposta através dos outros sentidos. Por exemplo, ver é "objetivo"; ver — como diz o ditado — é crer, mas tendemos a desconfiar da informação obtida através dos ouvidos; é um "boato" ou "rumor". Ver não envolve profundamente as nossas emoções. Podemos ver, através da janela de um ônibus com ar condicionado, que a favela é feia e indesejável, mas o quão ela é indesejável atinge-nos com pungente força somente quando abrimos a janela e recebemos uma lufada dos esgotos pestilentos. Uma pessoa que simplesmente "vê" é um espectador, um observador, alguém que não está envolvido com a cena. O mundo percebido através dos olhos é mais abstrato do que o conhecido por nós através dos outros sentidos. Os olhos exploram o campo visual e dele abstraem alguns objetos, pontos de interesse, perspectivas. Mas o gosto do limão, a textura de uma pele quente, e o som do farfalhar das folhas nos atingem como sensações. O campo visual é muito maior que o campo dos outros sentidos. Os objetos distantes somente podem ser *vistos*; por isso temos a tendência de considerar os objetos *vistos* como "distantes" — como não provocando nenhuma resposta emocional forte —, embora possam estar bem próximos de nós.

Um ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os seus sentidos. A informação potencialmente disponível é imensa. No entanto, no dia a dia do homem, é utilizado somente uma pequena porção do seu poder inato para experienciar.

Que órgão do sentido seja mais exercitado, varia com o indivíduo e sua cultura. Na sociedade moderna, o homem tem que confiar mais e mais na visão. Para ele, o espaço é limitado e estático, um quadro ou matriz para os objetos. Sem objetos e sem fronteiras, o espaço é vazio. É vazio porque não há nada para ver, embora possa estar cheio de vento. Compare esta atitude com a dos esquimós Aivilik, da ilha Southampton. Para os esquimós, o espaço não é pictórico ou fechado, mas algo sempre em movimento, criando suas próprias dimensões de momento a momento. Ele aprende a orientar-se com todos os sentidos em alerta. Ele tem de fazê-lo durante certo tempo no inverno, quando o céu e a terra se juntam e parecem estar feitos da mesma substância. Não há, então, "distância média, nem perspectiva, nem delineamentos, nada em que os olhos possam se apoiar, exceto os milhares de penachos de fumaça de neve correndo pelo chão, tocados pelo vento — uma terra sem fundo e sem lado".[8] Sob tais condições, o esquimó não pode depender de pontos dados por referenciais permanentes: ele tem que depender das relações mutáveis das configurações da neve, dos tipos de neve, vento, salinidade do ar e rachaduras no gelo. A direção e o cheiro do vento são um guia, junto com o sentir do gelo e da neve sob os seus pés. O vento invisível desempenha um papel importante na vida dos esquimós Aivilik. Sua língua inclui pelo menos doze termos independentes para os vários ventos. Ele aprende a orientar-se por eles. Nos dias sem horizonte, ele vive em um espaço acústico-olfativo.

A catedral medieval fascina o turista moderno por várias razões, mas há uma que tem sido pouco comentada: a catedral oferece um meio ambiente que estimula o uso simultâneo de três ou quatro receptores sensoriais. Tem-se, algumas vezes, afirmado que o arranha-céu de aço-e-vidro é o equivalente moderno da catedral medieval. Realmente, afora a preferência vertical, as duas construções têm muito pouco em comum. Elas não exemplificam os mesmos princípios de construção, elas não servem para o mesmo uso e seus significados simbólicos são inteiramente diferentes. Novamente, deixando de lado a verticalidade, as experiências sensoriais e estéticas fornecidas por essas duas estruturas são antípodas. O arranha-céu moderno agrada amplamente a vista embora os diversos tipos de assoalhos provoquem mudanças nos estímulos táteis. Se há som, provavelmente é *musak*, que significa ser audível mas não ouvido. Em contraste, a experiência do interior da ca-

[8] Edmund Carpenter, Frederick Varley, e Robert Flaherty, *Eskimo* (Toronto: University of Toronto Press, 1959), sem numeração.

tedral envolve a visão, audição, tato e olfato.[9] Cada sentido reforça o outro, de modo que, juntos, esclarecem a estrutura e a substância do edifício todo, revelando o seu caráter essencial.

Percepção e atividade

A percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo. Os órgãos dos sentidos são pouco eficazes quando não são ativamente usados. Nosso sentido tátil é muito delicado, mas para diferenciar a textura ou dureza das superfícies não é suficiente colocar um dedo sobre elas; o dedo tem que se movimentar sobre elas. É possível ter olhos e não ver; ouvidos e não ouvir.

Freqüentemente, tem-se observado o jogo dos filhotes dos mamíferos e, em particular, das crianças. Para os muitos jovens o jogo não está orientado por propósitos definidos. Uma bola é atirada, os blocos são empilhados e derrubados, em grande parte, como manifestações do espírito animal. Nesse jogo sem objetivo, a criança aprende sobre o mundo; ela desenvolve a coordenação do corpo. Pela movimentação, contato e manipulação ela aprende a realidade dos objetos e a estruturação do espaço. Entretanto, ao contrário dos outros primatas, num estágio inicial do desenvolvimento infantil (três ou quatro anos), seu jogo começa a ser governado por temas. O jogo ocorre no contexto de estórias que ela conta a si mesma. Estas são versões transfiguradas de suas experiências em um mundo dirigido por adultos, das estórias que lhe são contadas e dos pedaços de conversas ouvidas. De modo que suas atividades e explorações, são cada vez mais dirigidas por valores culturais. Embora todos os seres humanos tenham órgãos dos sentidos similares, o modo como as suas capacidades são usadas e desenvolvidas começa a divergir numa idade bem precoce. Como resultado, não somente as atitudes para com o meio ambiente diferem, mas difere a capacidade real dos sentidos, de modo que uma pessoa em determinada cultura pode desenvolver um olfato aguçado para perfumes, enquanto os de outra cultura adquirem profunda visão estereoscópica. Ambos os mundos são predominantemente visuais: um será enriquecido por fragâncias, o outro pela agudeza tridimensional dos objetos e espaços.

[9] Richard Neutra, *Survival Through Design* (Nova York: Oxford University Press, 1969), pp. 139-40.

CAPÍTULO TRÊS

estruturas e respostas psicológicas comuns

Os seres humanos possuem cérebros excepcionalmente grandes; eles têm mentes. Os filósofos têm debatido, através dos milênios, sobre a relação entre o corpo e a mente. Os neurofisiólogos e psicólogos tentaram ver como os cérebros humanos funcionam de forma diferente da dos demais primatas. Na pesquisa moderna, a tendência é diminuir a lacuna entre os processos mentais humano e animal. A lacuna permanece porque os seres humanos ostentam uma capacidade altamente desenvolvida para o comportamento simbólico. Uma linguagem abstrata de sinais e símbolos é privativa da espécie humana. Com ela, os seres humanos construíram mundos mentais para se relacionarem entre si e com a realidade externa. O meio ambiente artificial que construíram é um resultado dos processos mentais — de modo semelhante, mitos, fábulas, taxonomias e ciência. Todas essas realizações podem ser vistas como casulos que os seres humanos teceram para se sentirem confortáveis na natureza. Estamos bem conscientes de que os povos, em diferentes épocas e lugares, construíram seus mundos de maneira muito diferente; a multiplicidade de culturas é um

tema persistente nas ciências sociais. O nosso propósito aqui é focalizar, como no capítulo precedente, as semelhanças subjacentes.

Racionalização

Se por racional significamos a aplicação consciente das regras lógicas, então somente é racional uma pequena parte das vidas da maioria das pessoas. Tem-se afirmado que o ser humano é um animal racionalizador, mais do que racional. Esta é uma meia-verdade reveladora; ela sublinha o fato de que o complexo encéfalo, através do qual organizamos os dados dos sentidos e que nos distingue dos outros animais, não é um todo. O encéfalo humano é composto de três partes básicas, bem diferentes em estrutura e química, e no entanto, as três devem interconectar-se e funcionar juntas. A herança mais remota do encéfalo é basicamente reptiliana. Ela parece desempenhar o principal papel nas funções determinadas instintivamente, tais como no estabelecimento de território, na procura de abrigo, na caça, na orientação, na procriação, na formação de hierarquias sociais, e outras. Um desenvolvimento posterior é o primitivo (límbico) córtex dos mamíferos. Esta estrutura do encéfalo desempenha um papel importante nas funções emocionais, endócrinas e víscero-somáticas. Por último, ao final da evolução, aparece um córtex mais altamente diferenciado, que é característica do cérebro dos mamíferos superiores e que culmina, no homem, tornando-se o cérebro racional de pensamento simbólico e matemático. As necessidades humanas, as exigências emocionais e as aspirações, em geral, não são racionais, mas o neocórtex tem aparentemente uma capacidade infinita de fornecer "razões" para aquilo que fazemos compelidos pela parte mais primitiva do cérebro.[1] Crer no que se deseja *(wishful thinking)* e delusão permeiam todos os nossos ideais políticos e ambientais; integram todos os conceitos e planos que são suficientemente complexos, e geram força emocional, suficiente para exigir ação. O cérebro racional é a força principal à disposição do homem para traduzir os seus anseios em algo semelhante à realidade.

Escala da percepção humana

Os objetos que percebemos são proporcionais ao tamanho do nosso corpo, à acuidade e amplitude do nosso aparelho perceptivo e ao propósito. O deserto meridional da Califórnia, inabitável para os espanhóis, foi uma morada ampla para os índios. Os bosquímanos aprendem a ler os tênues sinais dos rastros na areia e a reconhecer a localização de cada planta nas planícies áridas do Calaari. Embora o tamanho dos objetos percebidos varie grandemente de cultura para cultura, apesar disso, eles podem ser colocados em uma certa escala. Nem o muito pequeno nem o mundo grande, na vida diária, integram nosso campo de visão. Notamos arbustos, árvores e gramas, mas raramente as folhas individuais e as lâminas; vemos a areia. mas não os seus grãos individuais. O laço emocional entre o homem e o animal dificilmente persiste além de um certo tamanho — o tamanho do peixinho dourado no aquário e o das tartaruguinhas com as quais as crianças brincam. As bactérias e os insetos estão além do nosso alcance perceptivo comum, e bem além da capacidade humana de empatia. No outro extremo da escala, podemos ver as estrelas, mas apenas como pontos de luz em um teto de altura modesta. A mente pode calcular dimensões astronômicas como entidades abstratas; não podemos, entretanto, imaginar distâncias de um milhão de quilômetros, ou mesmo de mil quilômetros. Não importa quantas vezes se tenha atravessado todo os Estados Unidos, não é possível vê-lo na mente, a não ser como uma forma, um mapa em escala pequena.

Segmentação

A visão tridimensional e as mão habilidosas permitem aos seres humanos perceber o seu meio ambiente como consistindo de objetos contra um fundo indistinto, e não simplesmente como padrões. A natureza consiste parcialmente de objetos discretos como frutas, árvores, arbustos, animais, seres humanos, rochas, picos montanhosos e estrelas; parcialmente, também consiste de fundos envolventes e contínuos como ar, luz, temperatura, espaço. Os seres humanos tendem a segmentar os *continuuns* da natureza. Por exemplo, o espectro da luz visível, para o olho humano, é percebido como faixas discretas de cores: violeta, azul, verde, amarelo, laranja, vermelho. Nas latitudes médias, as temperaturas modificam-se continuamente no decorrer do ano, mas é comum que as pessoas as dividam em quatro ou cinco estações, freqüentemente com festividades que marcam a passagem de uma para outra. Um número infinito de direções irradiam de um ponto, mas em muitas culturas são especialmente privilegiadas quatro, cinco ou seis direções. A superfície terrestre possui alguns gradientes mais nítidos: por exemplo, entre a terra e a água, mon-

[1] Paul D. Maclean, "Contrasting Functions of Limbic and Neocortical Systems of the Brain and Their Relevance to Psychophysiological Aspects of Medicine," *American Journal of Medicine*, 25, n.º 4 (1958), 611-26.

tanha e planície, floresta e savana, mas ainda onde eles não existem, o homem tem a tendência para diferenciar seu espaço etnocentricamente, distinguindo entre o sagrado e o profano, centro e periferia, a propriedade individual e a pastagem comum. Os povos nas diferentes partes do mundo têm usado as direções cardiais para diferenciar o espaço. Na China, as províncias são denominadas ao norte ou ao sul de um lado ou rio, a oeste ou leste de uma montanha. Na Inglaterra, encontra-se Norfolk e Suffolk Wessex e Essex. Ou as regiões podem ser distinguidas em altas, médias e baixas, como nas subdivisões da Francônia, na Alemanha Meridional. A Califórnia está dividida em regiões alta e baixa, em vez de regiões norte e sul. O procedimento científico para dividir o espaço é mais ou menos semelhante. As regiões de um geógrafo podem ser numerosas e complicadas, mas geralmente elas se desenvolvem a partir de dicotomias simples como úmido e árido, *pedocals* e *pedalfers*. A classificação climática de Köeppen foi deduzida de cinco unidades básicas, extraídas do *continuum* da temperatura com seus dois polos, "Tropical" e "Frio".

Oposições binárias

A mente humana parece estar adaptada para organizar os fenômenos não só em segmentos, como para arranjá-los em pares opostos. Fragmentamos o espectro das cores em faixas discretas e então vemos "vermelho", como o oposto de "verde". O vermelho é o sinal de perigo, e verde é o sinal de segurança. Os semáforos usam essas cores pela rapidez com que lemos as suas mensagens.[2] Em outras culturas as cores podem ter uma associação emocional algo diferente, mas permanece válido o ponto de vista geral, mormente a tendência da mente humana para selecionar pares entre segmentos percebidos no *continuum* da natureza e atribuir significados opostos a cada par. Esta tendência pode refletir a estrutura da mente humana, mas a força emocional de algumas antinomias bipolares sugere que o ser humano total está envolvido em todos os seus níveis de experiência. Pode-se especular sobre algumas das oposições fundamentais na experiência humana: vida e morte, macho e fêmea, "nós" (ou "eu") e "eles" estão entre as mais importantes. Estas antinomias da experiência biológica e social são, então, transpostas para a envolvente realidade física.

[2] Edmund R. Leach, *Claude Lévi-Strauss* (Nova York: Viking, 1970), pp. 16-20.

Algumas Polaridades Básicas

Biológicas e Sociais	*Geográficas*	*Cosmológicas*
vida-morte	terra-água	céu-terra
macho-fêmea	montanha-vale	alto-baixo
nós-eles	norte-sul	claridade-escuridão
	centro-periferia	

Resolução de contradições

Comumente, um terceiro termo está entre os opostos. Assim, para os significados polarizados de vermelho e verde, nos semáforos, selecionamos a cor amarela para significar "atenção", não "pare" ou "siga"; e neste caso o amarelo, no espectro das cores, é a faixa de comprimento de onda intermediária entre o vermelho e o verde, e não simplesmente uma cor arbitrariamente escolhida. No esquema cosmológico, a terra medeia entre as forças do mundo superior e do das profundezas. A idéia de centro reconcilia as tendências bipolares das direções cardiais.

Os mitos e as figuras geométricas de poder simbólico também podem ser interpretadas como esforços do homem para resolver as contradições que encontra na vida. Na experiência, entre os pares antinômicos, o mais fundamental e doloroso é o da vida e da morte. Os mitos surgem como tentativas para resolver o dilema. Por exemplo, no mito é possível imaginar um estado no qual uma pessoa está morta e ainda viver, ou está morta e retornará à vida.[3] Os mitos, lendas e contos folclóricos das mais diferentes partes do mundo têm sido interpretados como tentativas diversas para tornar a morte inteligível e aceitável. Um tipo de mito vê a morte em uma perspectiva quase-malthusiana. A humanidade, desde o início, reconheceu a importância de instituir ordem ou equilíbrio num mundo onde os recursos são limitados e é grande o potencial de reprodução humana. O pensamento mítico transfigurou a morte, inevitável e horrível para o homem, em um agente (anjo) de bondade que traz alívio a uma terra oprimida.[4]

Nas narrações, as contradições da vida são geralmente resolvidas. Uma figura geométrica também pode harmonizar os opostos, e destas, a mais importante é o círculo ou mandala.[5] O círculo,

[3] Edmund R. Leach, "Genesis as Myth", in John Middleton (ed.), *Myth and Cosmos* (Garden City, N. Y.: Natural History Press, 1967), p. 3.
[4] H. Schwarzbaum, "The Overcrowded Earth", *Numen*, 4 (1957), 59-74.
[5] Aniele Jaffé, "Symbolism in the Visual Arts", in C. G. Jung (ed.), *Man and His Symbols* (Nova York: Dell, 1968), pp. 266-85; José e Mirian Argüelles, *Mandala* (Berkeley e Londres: Shambala, 1972).

um símbolo de totalidade e harmonia, é um motivo recorrente nas artes das antigas civilizações ocidentais, no pensamento da Grécia antiga, na arte cristã, nos exercícios alquímicos da Idade Média e nos ritos de purificação de alguns povos analfabetos. Os psicanalistas jungianos consideram o círculo, conhecido de toda humanidade, como arquétipo que reconcilia os opostos. A forma específica da mandala varia muito, tanto como o contexto no qual aparece. A mandala pode ter a forma das pétalas do lótus, dos raios de uma roda de engrenagem, do círculo curativo dos Navajos, das rosáceas das igrejas e dos halos dos santos cristãos. Como um símbolo de perfeição, o círculo tem influenciado fortemente a concepção do cosmo, do mundo ocidental. Os movimentos planetários representam a harmonia das esferas celestes e devem, por isso, ser circulares. As trajetórias elípticas foram admitidas com a maior relutância; de modo semelhante, as irregularidades da superfície terrestre foram consideradas como defeitos que deveriam ser justificados. Arquitetonicamente, o padrão da mandala aparece no plano de alguns templos da Índia e da China, assim como no projeto de cidades tradicionais e idealizadas. Nos primeiros centros urbanos mundiais, as cidades surgem não somente como respostas às forças econômicas e comerciais, mas também em resposta à necessidade de criação de espaço sagrado, modelado segundo o cosmo. Tais cidades tendiam a ter linhas geométricas regulares orientadas para as direções cardiais, para os pontos intermediários, ou para a posição do sol nascente. Um jungiano poderia dizer que todo edifício, sagrado ou secular, que tenha um plano mandala (ou isométrico) é a projeção de um arquétipo provindo do subconsciente humano para o mundo exterior. A cidade, o templo, ou mesmo as habitações podem se tornar um símbolo da totalidade psíquica, um microcosmo capaz de exercer uma influência benéfica sobre os seres humanos que entram no lugar ou que aí vivem.

Substâncias e esquemas cosmológicos

Os conteúdos da natureza são enormemente variados. Cada grupo humano culturalmente diferenciado tem sua própria nomenclatura para lidar com esta variedade. Entretanto, nas diferentes partes do mundo, as pessoas reconheceram poucas substâncias básicas ou elementos que se destacam da multiplicidade de fenômenos; por exemplo, terra, água, madeira, ar, metal e fogo. Cada substância ou elemento é identificado com uma qualidade característica. Fala-se da terrosidade da terra, da dureza e frieza do metal. Cada elemento também é um processo ou a corporização

de um princípio para atuar. Então, a idéia de umidade e movimento descendente está associada com a água, e a idéia de mudança, calor e movimento ascendente, com o fogo. Sob o verniz da sofisticação científica, o homem moderno ainda tende a pensar sobre a natureza
relaciona pessoalmente com eles: a madeira é quente e amigável, o metal é frio.

É generalizado o desejo de compor a natureza e o mundo humano em um sistema coerente. Em diferentes partes do mundo encontramos geralmente de quatro a seis substâncias ou elementos, identificadas com as direções espaciais, cores, animais, instituições humanas e traços da personalidade. Alguns esquemas cosmológicos são muito elaborados, outros são relativamente simples. Nas culturas que conhecemos, as associações parecem naturais ou apropriadas. Com as culturas estranhas, elas parecem completamente arbitrárias. É desnecessário dizer que, para o nativo, embora ele não possa apreender o quadro cosmológico em sua totalidade, as partes que conhece lhe são significativas e razoáveis. A rede de associações surge, em primeiro lugar, como resposta à necessidade de ordem, que cada indivíduo tem, para estabelecer relações significantes entre
juntos parciais de correspondências cosmológicas:

1. CHINÊS

madeira	primavera	leste	*yang* menor	verde	raiva
fogo	verão	sul	*yang* maior	vermelho	alegria
terra		centro	equilíbrio	amarelo	desejo
metal	outono	oeste	*yin* menor	branco	tristeza
água	inverno	norte	*yin* maior	preto	medo

2. INDONÉSIO

fogo	norte	preto	inflexível
terra	centro	multicolorido ou cinzento	
álcool (ouro)	oeste	amarelo	luxuoso
montanha	sul	vermelho	avarento
água, vento	leste	branco	compreensivo

3. ÍNDIO PUEBLO KERESAN (SUDOESTE AMERICANO)

norte	amarelo	Shakak (Deus do inverno e da neve)	puma
leste	branco	Shruwisigyama (deus-pássaro)	lobo
sul	vermelho	Maiyochina (deus-esquilo, protege o crescimento das plantas)	lince
oeste	azul	Shruwitira (deus-homem)	urso
zênite	marrom	(deus-raposa) (metade)	texugo
nadir	preto	(deus-toupeira)	

4. SIOUX OGLAGA (PRADARIA)

norte	branco	grande, branco, vento purificante
oeste	preto	trovão traz chuva
centro do mundo		
sul	amarelo	verão, crescimento
leste	vermelho	luz, estrela da manhã, sabedoria

O que estes esquemas cosmológicos têm em comum? Primeiro, os *continuuns* da natureza, como o espectro das cores, o ciclo sazonal e os vetores, a partir de um ponto, são arbitrariamente subdivididos em um pequeno número de categorias. Segundo, os quatro esquemas relacionam direções às cores. Terceiro, o princípio da ação ou um traço comportamental está implícita ou explicitamente exposto. O esquema chinês relaciona elementos inanimados à raiva, alegria, etc.; o esquema indonésio, à qualidades como eloqüência, avareza, compreensão; o esquema dos índios Pueblo aos deuses zoomórficos e animais; o esquema dos índios Sioux às ações da natureza como "vento purificante", "trovão traz chuvas". Quarto, o conceito de "centro" existe nas quatro visões do mundo. Se os elementos estão estruturados em torno dos pontos cardiais e do centro, veremos o que mascara a forma tabular: principalmente a natureza "fechada" ou circular destas visões do mundo. Os elementos multivariados do cosmo são mediados pelo centro. [6]

O todo harmonioso, oposiçoes binárias e esquemas cosmológicos

Quais são as relações entre os esquemas cosmológicos de substâncias, direções, cores, etc., e as categorias mais simples dos opostos binários, e o conceito da "matéria" primordial ou força? É tentador ver um processo evolucionário através do qual, categorias simples baseadas nas oposições binárias e o terceiro mediador, integrar os esquemas de complexidade crescente, e que atrás desses esforços para estruturar a natureza segmentada, está a idéia de uma unidade primordial e harmonia. Este processo de elaboração é possível e provável em certos estágios da estruturação do mundo; por outro lado, é também provável que as categorias mais simples sejam uma tentativa filosófica posterior para explicar a riqueza incipiente de uma estrutura anterior. Na China, a idéia

[6] Emile Durkheim e Marcel Mauss, *Primitive Classification*, trans. Rodney Needham (Chicago: University of Chicago Press, Phoenix Books, 1963), e Marcel Granet, *La Pensée Chinoise* (Paris: Albin Michel, 1934).

que *yin* e *yang* são princípios complementares de um todo essencial, parece ter precedido a idéia dos cinco elementos e o sistema de correspondências assinalado anteriormente. No Egito Antigo, Babilônia e Grécia, a substância de mundo era concebida fundamentalmente como uma só — água. A terra emergiu das águas primitivas. A substância primitiva dicotomizou-se e a vida foi gerada através da união das partes, comumente apresentada como a união do Pai Céu e da Mãe Terra. A idéia grega dos quatro elementos — terra, fogo, ar e água — surgiu durante o século quinto antes de Cristo, aproximadamente no tempo quando a idéia dos cinco elementos surgia na China.

Tanto a ordenação dualística como a quíntupla da sociedade e da natureza podem ser encontradas na Indonésia. Van der Kroef tentou mostrar as relações entre as duas. [7] Primeiro, ele nota que virtualmente em todas as áreas do arquipélago indonésio, a despeito de sua diversidade de cultura, há um motivo estrutural persistente: a antítese funcional dos grupos sociais. Esta antítese estende-se além do sistema social, para as artes, religião e natureza. Por exemplo, a aldeia em Amboina (Molucas do Sul) está dividida em duas partes: cada parte não é somente uma unidade social, mas uma categoria na classificação cósmica compreendendo todos os objetos e eventos que circundam o aldeão. Uma lista poderia ser feita classificando todos os objetos e características associadas com cada uma das duas divisões:

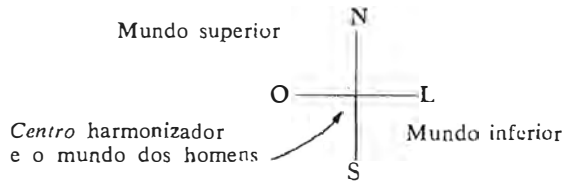
Esquerda	Direita
Fêmea	Macho
Costa ou lado do mar	Continente ou lado da montanha
Abaixo	Acima
Terra	Paraíso ou céu
Espiritual	Mundano
Descendente	Ascendente
Casca	Caroço
Exterior	Interior
Atrás	Em frente
Oeste	Leste
Caçula	Primogênito
Novo	Velho

[7] Justus M. van der Kroef, "Dualism and Symbolic Antithesis in Indonesian Society", *American Anthropologist*, 56 (1954), 847-62.

Três pontos devem ser salientados em conexão com o dualismo indonésio. Um é que os nativos podem não estar cientes dele. O amboinense nativo, por exemplo, provavelmente vê uma divisão tripartida do seu mundo, em vez de uma visão dualística. Para ele, implícito em cada par de oposição, há um terceiro termo mediador. Outro ponto é que embora as duas partes de uma dualidade sejam vistas como complementares, elas são claramente desiguais: por isso, as sociedades estão freqüentemente divididas em *sagrada* (líder) e *profana* (seguidor). O terceiro ponto é a idéia, sugerida pelas lendas e rituais, de que a dualidade é a precursora da multiplicidade. Em Java e Sumatra, por exemplo, acredita-se que a cerimônia de casamento é a repetição do antigo e misterioso casamento do *céu* (o noivo como "rei") e da *terra* (a noiva como "rainha"), onde todas as coisas começaram.

A relação entre o conceito de um todo harmonioso, as ordenações bipolar, tripartida ou quíntupla, da sociedade e natureza é sugerida pelos seguintes diagramas das visões do mundo javanês e balinês.

Javanês



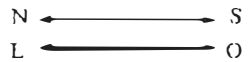
Balinês

Montanha: mundo superior —água, símbolo da vida

Madiapa : mundo central do homem

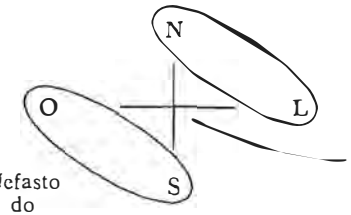
Mar : mundo inferior —calamidade, doença, morte

O confronto entre montanha/mar é traduzido para confronto de direções opostas:



Montanha Mar

Bali Central

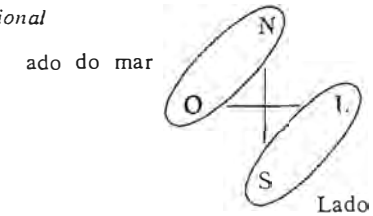


Direção positiva e benevolente do Mundo Superior (direção da montanha e do nascente)

Madiapa —a esfera intermédia do homem, sujeita a ambas influências (ventos)

Mundo inferior Nefasto (direção do mar e do poente)

Bali Setentrional



As visões do mundo javanês e balinês são muito semelhantes. Consideremos o esquema balinês, que é o mais simples dos dois. O dualismo é evidente na identificação da montanha como o mundo superior e do mar como o mundo inferior. Estas são oposições polares: da montanha vem água fresca que simboliza a vida, enquanto a direção do mar é a de calamidade, doença e morte. Mediando os extremos e recebendo influências de ambos, está a *madiapa,* o mundo central do homem. O par antinômico de montanha e mar sobre o eixo vertical é visto no plano horizontal dos pontos da bússola como sendo oposições entre norte e sul, leste e oeste. Em Bali Central, norte e leste (as direções da montanha e do nascente) simbolizam as influências positivas e benéficas do mundo superior; o oeste e o sul (as direções do mar e do poente) simbolizam os efeitos nefastos do mundo inferior. O centro é a *madiapa*; a esfera intermédia do homem é golpeada pelos "ventos" de ambos os lados. Em Bali a dualidade de montanha e mar é mediada pela esfera central do homem constituindo uma divisão tripartida; e no plano horizontal a divisão tripartida passa a ser o esquema quíntuplo dos quatro pontos cardiais e o centro. Em Java e em Bali, tanto a sociedade como a natuzeza tendem a estar estruturadas e ordenadas em um esquema quíntuplo.

Simbolismo e esquemas cosmológicos

Um símbolo é uma parte, que tem o poder de sugerir um todo: por exemplo, a cruz para a Cristandade, a coroa para a monarquia, e o círculo para a harmonia e perfeição. Um objeto também é interpretado como um símbolo quando projeta significados não muito claros, quando traz à mente uma sucessão de fenômenos que estão relacionados entre si, analógica ou metaforicamente. O costume de estruturar o mundo em substâncias, cores, direções, animais e traços humanos, estimula uma visão simbólica do mundo. Em um esquema cosmológico, uma substância imediatamente sugere uma cor, que por sua vez sugere uma direção, o emblema animal daquela direção, e talvez um traço da personalidade humana ou um estado de ânimo. Em um mundo tão ricamente simbólico, os objetos e eventos assumem significados que para um estrangeiro podem parecer arbitrários. Para o nativo, as associações e as analogias estão na natureza das coisas e não necessitam justificação racional; para o chinês, "madeira", "primavera", "leste" e "verde" cada um implica o outro. Os significados de muitos símbolos são orientados pela cultura. Podemos dizer que os seres humanos têm uma tendência para estruturar os seus mundos com um número limitado de categorias, que freqüentemente incluem substâncias, cores, direções, etc., mas a ordenação detalhada dos componentes varia muito de cultura para cultura.

No entanto, certas substâncias têm uma ampla gama de significados — por exemplo, o fogo e a água. No esquema chinês, fogo é *yang*, macho, ascendente, alegre e fálico; a água é *yin*, fêmea e passiva. Estas interpretações de modo algum são exclusivas. Elas tornaram-se parte dos costumes modernos através dos trabalhos de Freud e Jung, trabalhos que extraem seus *insights*, em parte, da análise dos contos folclóricos primitivos e da literatura antiga. Na psicanálise, o fogo significa consciência lutadora [8]. A água é uma imagem do inconsciente; ela é amorfa mas fertilizadora, uma fonte potencial de força. A água simboliza o lado feminino da personalidade humana. A imersão na água significa a extinção do fogo e da consciência. Significa morte. Talvez isto explique porque no sistema chinês o medo é a emoção associada com a água. Como o princípio feminino, a água também significa sabedoria e regeneração; é temida, mas a auto-consciência lutadora deve aceitar a imersão e a morte, se quer ser revitalizada e atingir a totalidade. Esta interpretação encontra inesperado apoio em uma cerimônia dos pigmeus do Congo, tão distantes das grandes civilizações da Eurásia. Os pigmeus da floresta equatorial reconhecem cinco elementos: madeira, fogo, terra, água e ar. A madeira, naturalmente, é o elemento dominante. É surpreendente, o fato de que o fogo desempenhe um importante papel na vida econômica e cerimonial dos pigmeus, embora eles não saibam como iniciá-lo. O fogo é carregado com eles para onde forem. Durante a cerimônia da morte, *molimo*, a mulher, tenta extinguir o fogo precioso, enquanto o homem tenta mantê-lo vivo com uma dança erótica selvagem. [9]

A psicologia das cores e o simbolismo

A sensibilidade humana para as cores manifesta-se em idade muito precoce. Até bebês de três meses de idade parecem ser capazes de fazer discriminações. As cores, que desempenham um papel importante nas emoções humanas, podem constituir os primeiros símbolos do homem. No entanto, a relação entre uma faixa cromática e a emoção é deturpada pelas tentativas amadorísticas de generalização: as regras universais revelam ser orientadas pela cultura, ou são idiossincráticas. Uma generalização que parece ter ampla aplicabilidade é a distinção entre as cores "avançadas" e "recuadas". Vermelho, laranja e amarelo são descritas como cores avançadas porque parecem mais próximas do observador, do que os outros tons. O vermelho, ou em especial o vermelho-laranja, "se estica." Ele estimula o sistema nervoso e sugere tepidez. A cor vermelha também pode fazer com que um objeto pareça mais pesado do que é. O verde, o azul e o azul-verde são conhecidos como cores recuadas; elas sugerem frieza. [10] O azul é antitético ao vermelho; um objeto pintado de azul é sempre julgado mais leve do que é. As cores que afetam o nosso sentido de peso também afetam o nosso sentido de acima e abaixo. Quando os elevadores possuem luzes coloridas, a seta vermelha invariavelmente indica descida, a seta azul subida.

As cores primárias designam emoções fortes. As crianças pequenas parecem ter pouco interesse pelas cores mistas ou impuras, porque aparentemente elas expressam ambigüidades que estão

[8] Gaston Bachelard, *The Psychoanalysis of Fire*, trans. A.C.M. Ross (Boston: Beacon Press, 1968), e *L'eau et Rêves* (Paris: José Corti, 1942).

[9] Colin Turnbull, "The Mbuti Pygmies of the Congo", in James L. Gibbs (ed.), *Peoples of Africa* (Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1965), p. 310.

[10] S. M. Newhall, "Warmth an Coolness of Colors", *Psychological Record*, 4 (1941), 198-212.

fora da sua experiência. Entre as cores cromáticas, o vermelho é o mais dominante e o seu significado é o mais amplamente compartilhado por povos de diferentes culturas. O vermelho significa sangue, vida e energia. Desde o Paleolítico Superior, a ocra vermelha tem sido usada nos sepultamentos. Os sarcófagos gregos, etruscos e romanos possuem traços de tinta vermelha em seus interiores, e a mortalha vermelha vem sendo usada até o presente nos sepultamentos, embora atualmente, seja usada só nos funerais de um papa. Na China, o vermelho é a cor usada nos casamentos porque simboliza vida e alegria. Por outro lado, um céu vermelho significa calamidade e guerra. Nisto não há contradição: vermelho é a cor do sangue e sangue é vida, mas o sangue derramado leva à morte. O vermelho também simboliza energia e ação — ação dirigida para vida embora possa resultar em morte. A bandeira vermelha é a bandeira do fervor revolucionário.

Todos os povos distinguem entre "preto" e "branco" ou "escuridão" e "claridade". Em qualquer lugar essas cores carregam poderosas reverberações simbólicas; entre as cores cromáticas, só o vermelho as iguala em importância. Tanto o preto como o branco possuem significados positivos e negativos, assim:

Preto:	(positivo)	sabedoria, potencial, germinal, maternal, mãe-terra.
	(negativo)	maldade, maldição, violação, morte.
Branco:	(positivo)	luz, pureza, espiritualidade, intemporalidade, divino.
	(negativo)	luto, morte.

Não obstante, as associações principais do branco são positivas e as do preto são negativas. As duas cores simbolizam princípios universais opostos, contudo complementares: os pares análogos são claridade e escuridão, aparecimento e desaparecimento, vida e morte. Estas antinomias são maneiras diferentes de dizer a mesma coisa. Elas são as metades necessárias de uma realidade total: uma funde-se na outra no espaço e evolui da outra no tempo. A complementariedade do branco e do preto é acentuada nos rituais, mitos e síntese filosófica. Isoladamente, entretanto, estes termos comumente parecem representar valores irreconciliáveis. Como é sabido por todos na tradição ocidental, o preto representa todos os valores negativos da maldição, maldade, violação e morte, enquanto o branco significa alegria, pureza e bondade. Porém, interpretações similares são encontradas em grande número de

culturas não ocidentais. Por exemplo, para os Bambara — uma tribo negra da África Ocidental — o branco é a cor régia, representando sabedoria e pureza de espírito. Por outro lado, os tons escuros do anil são associados à tristeza e impureza. Para a tribo Nupe, da Nigéria, o preto significa feitiçaria, maldade e presságios amedrontadores. Entre os povos malgaxes (Madagascar), o termo preto está associado com inferioridade, maldade, suspeita e desagrado; o termo branco com luz, esperança, alegria e pureza. Os exemplos podem ser facilmente multiplicados. Uma razão para a resposta negativa ao preto pode estar no horror infantil da noite — um período de isolamento, sonhos perturbadores e pesadelos, quando a invisibilidade do familiar encoraja a fantasia desenfreada. Há também o medo da cegueira. [11]

Deste modo, branco, preto e vermelho parecem ser cores com um significado universal. De acordo com Victor Turner, elas estão entre os símbolos mais antigos do homem. Turner acredita que estas cores são importantes ao homem porque representam produtos do corpo humano, cuja emissão, derramamento ou produção está associado com o aumento da emoção. O ser humano é levado pelas sensações para além do limite normal; ele é possuído por uma força, cuja origem coloca fora de si mesmo, na natureza e na sociedade. Assim o símbolo, um produto cultural supraorgânico, está intimamente ligado às experiências orgânicas corporais em seus estágios iniciais. [12] Os atos fisiológicos associados com as três cores também são experiências de relações sociais, que podem ser assim resumidas:

Branco	=	sêmen (união entre homem e mulher).
	=	leite (união entre mãe e filho).
Vermelho	=	derramamento de sangue (guerra, inimizade, descontinuidades sociais).
	=	obtenção e preparação de alimento animal (papel produtivo do macho: divisão sexual do trabalho).
	=	transmissão de sangue de geração à geração (índice dos membros de um grupo unido).
Preto	=	excretas (dissolução corpórea; mudança de um *status* a outro —morte mística).
	=	nuvens de chuva, terra fértil (valores vitais compartilhados).

[11] Kenneth J. Gergen, "The Significance of Skin Color in Human Relations", *Daedalus* (Primavera de 1967), pp. 397-99.

[12] Victor Turner, "Color Classification in Ndembu Ritual", in Michael Banton (ed.), *Anthropological Approaches to the Study of Religion*, A.S.A. Monograph n.º 3 (Londres: Tavistock Publications, 1966), pp. 47-84.

Quase todas línguas têm palavras especiais para preto e branco. Entre as cores cromáticas, o vermelho ocupa uma posição especial. O termo para vermelho geralmente é um dos mais antigos termos de cores em uma determinada língua; como regra, é uma palavra nativa. O "amarelo", em muitos aspectos, segue o padrão do vermelho. Como o vermelho, um termo especial aparece para o amarelo, que é antigo no vocabulário das cores. Em seguida vêm verde e azul. Ao contrário do vermelho, que rapidamente é comparado com sangue, nem o amarelo, nem o verde, nem o azul é a cor destacada de qualquer fenômeno ubíquo na natureza. Na China, o amarelo predomina porque é percebido como a cor da terra e do centro; mas esta atribuição não é generalizada. O objeto evidente de comparação para o verde é dado pelas plantas, e na grande maioria das línguas o termo para verde está relacionado com as palavras para plantas e crescimento. Em inglês, *green*, *growth* e *grass* são derivadas da raiz germânica *grō*, que provavelmente significava "crescer". Pareceria natural associar a cor azul com o céu; no entanto, a influência do céu no desenvolvimento de termos para o azul não tem sido tão grande como se possa esperar.[13] Em quase todos os lugares, o azul é a última das cores primárias a ser designada por um termo especial. Em muitas línguas, não há uma palavra para azul. Brent Berlin e Paul Kay acreditam que os termos básicos para as cores evoluem através de estágios: primeiro, preto mais os tons escuros e branco mais os tons mais claros; depois, vermelho, laranja e amarelo; depois, verde e azul; depois, o marrom.[14]

Psicologia espacial e simbolismo

Talvez seja universal a idéia de "centro" e "periferia" na organização espacial. Em todos os lugares, as pessoas tendem a estruturar o espaço — geográfico e cosmológico — com elas no centro e a partir daí, zonas concêntricas (mais ou menos bem definidas) com valores decrescentes. Este tema será retomado no próximo capítulo. Valores espaciais que transcendem as culturas individuais parecem estar baseados em certos traços básicos do corpo humano. Por exemplo, o corpo humano tem uma costa e uma frente. Quais são as implicações desta assimetria? "Siga o seu nariz" é a direção mais clara que podemos dar ao pedido.

[13] B. J. Kouwer, *Colors and Their Character: A Psychological Study* (The Hague: Martinus Nijhoff), pp. 12-18.

[14] Brent Berlin e Paul Kay, *Basic Color Terms: Their Universality and Evolution* (Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1969), pp. 7-45.

Ir para a frente é fácil; ir para trás não é. Além disso, "retroceder" é psicologicamente desagradável, desde que sugere erro e derrota. "Frente" e "atrás" não têm o mesmo valor social. Em certas culturas, é impróprio voltar as costas para outra pessoa, especialmente se ela tem dignidade superior. As reuniões de pessoas são freqüentemente organizadas hierarquicamente. Uma característica comum é que as personagens importantes sentam-se na frente, enquanto as anônimas são passadas para trás. A assimetria somática e psicológica é projetada no espaço, o qual adquire o significado e valor de atrás e em frente. Esta designação assimétrica do espaço ocorre em escalas diferentes. Muitos cômodos têm uma entrada na frente e a mobília está arranjada em relação a ela. Os edifícios públicos e as casas particulares, especialmente as das classes altas e médias têm claramente demarcadas as regiões da frente e do fundo. Muitas cidades antigas têm entradas frontais, somente uma estrada era a estrada real e um portão monumental ficava sobre ela.[15]

"Aberto" e "fechado" são categorias espaciais significativas a muitas pessoas. Agorafobia e claustrofobia descrevem estados patológicos, mas espaços abertos e fechados também podem estimular sentimentos topofílicos. O espaço aberto significa liberdade, a promessa de aventura, luz, o domínio público, a beleza formal e imutável; o espaço fechado significa a segurança aconchegante do útero, privacidade, escuridão, vida biológica. É tentador especular sobre a relação destes sentimentos com algumas experiências humanas profundas, consideradas filogenética e ontogeneticamente. Como uma espécie, os ancestrais primatas do homem migraram do refúgio da floresta tropical, semelhante ao útero, para o meio ambiente mais aberto e imprevisível da mata-galeria da savana. Individualmente, todo nascimento é um movimento do escuro útero protetor para um mundo luminoso que no começo não parece muito acolhedor. Na escala temporal da evolução cultural, o começo do urbanismo, com o desenvolvimento concomitante das idéias de transcendência, rompeu a concha do lugar-orientado, nutridor de vida, das comunidades neolíticas. A atração das cidades baseia-se em grande parte na justaposição do aconchegante e grandioso, da escuridão e claridade, do íntimo e do público. Tanto a *mégara* como o *atrium* conotam escuridão: a casa particular protege os vulneráveis processos fisiológicos da vida, enquanto nos espaços abertos da *ágora* e *forum* uma pessoa desenvolve o seu potencial de homem livre. Grande parte da

[15] Yi-Fu Tuan, "Geography, Phenomenology, and the Study of Human Nature", *Candian Geographer*, 15, n.° 3 (1971), 181-92.

atração das antigas cidades européias reside na justaposição de áreas residenciais apinhadas (os sombrios prédios superpovoados de vida) e as praças públicas espaçosas. Algumas paisagens naturais nos atraem. Paul Shepard vê esta atração relacionada com a anatomia humana. As atrações cênicas comumente correspondem a um desfiladeiro estreito, uma garganta, um boqueirão, ou vale que se abrem para uma planície ensolarada. Nas lendas do Graal e nos épicos de Tannhaeuser, o tema paisagem é um rio que nasce de uma pedra fendida ou de uma montanha, no paraíso. Na história de Edgard Allan Poe, "A propriedade de Arnheim", o narrador descreve a passagem da água através de uma garganta de folhagens pendentes para uma grande bacia de rara beleza. Na vida real, Shepard observa que entre as primeiras cenas que atraíram os americanos estão os boqueirões e ravinas da Nova Inglaterra e dos Apalaches. Na fronteira ocidental, novamente as gargantas e canhões exercem grande fascinação para os viajantes, ainda no século dezenove, quando as viagens eram muitas vezes desconfortáveis. O Portão do Diabo, Centro-Sul de Wyoming, por exemplo, está na rota do Oregon: as caravanas não precisavam passar por ele porque havia um desvio fácil. Apesar disso, muitos viajantes deliberadamente exploravam esta garganta seguindo a Cadeia Granítica e acharam-na imponente. [16]

De que outras características espaciais se pode dizer que despertam emoções, que são amplamente compartilhadas? A dimensão vertical *versus* a dimensão horizontal? Aqui, a resposta comum é vê-las simbolicamente como a antítese entre transcendência e imanência, entre o ideal da consciência incorpórea (uma espiritualidade celeste) e o ideal da identificação terrestre. Os elementos verticais na paisagem evocam um sentido de esforço, um desafio de gravidade, enquanto os elementos horizontais lembram aceitação e descanso Os espaços arquitetônicos são capazes de evocar certos tipos de emoção. De acordo com Morse Peckham, tendemos a associar sólidos fechados e plasticidade rasa com o sentimento de fixação e inibição; os pavilhões abertos e plasticidade profunda, com o sentimento de flexibilidade e expansão; o eixo profundo com a liberação de energia e o eixo raso com a conservação de energia. [17] A existência de uma relação cinestésica entre certas formas físicas e sentimentos humanos está implícita nos verbos que usamos para descrevê-las: por exemplo,

[16] Paul Shepard, Jr., "The Cross Valley Syndrome", *Landscape*, 10, n.º 3 (1961), 4-8.

[17] Morse Peckham, *Man's Rage for Chaos* (Nova York: Schocken Books, 1967), pp. 168-84, 199

os picos das montanhas e as torres feitas pelos homens "elevam-se"; as ondas oceânicas, assim como os domos arquitetônicos, "avolumam-se", os arcos "vergam", as paisagens "abrem-se", os templos gregos são "calmos" e as fachadas barrocas são "irriquietas." [18] Além disso, as formas arquitetônicas parecem influenciar nossa impressão de tamanho — de como o espaço se expande e se contrai em um grau que as formas naturais do relevo raramente conseguem. De acordo com Susanne K. Langer "o espaço exterior, aberto, sem contornos limitantes, de colinas ou litorais, é muitas vezes maior que o edifício mais gigantesco, no entanto on
se restringe o sentido de vastidão é ao entrar em um edifício; e há, aqui, claramente um efeito de formas puras." [19] O espaço arquitetônico de proporções perfeitas, como no interior de São Pedro em Roma, parece ter o efeito de reduzir um tanto de seu grande tamanho; por outro lado, os interiores barrocos, sem esse tipo de proporção, se expandem livremente. [20]

[18] Geoffrey Scott, *The Architecture of Humanism: A Study in the History of Taste* (Nova York: Scribner's 1969), p. 159 (Originalmente publicado em 1914); Max Rieser, "The Language of Shapes and Sizes in Architecture or On Morphic Semantics", *The Philosophical Review*, 55 (1946), 152-73.

[19] Susanne K. Langer, *Mind: An Essay on Human Feeling* (Baltimore: Johns Hopkins, 1967), p. 160.

[20] J. S. Pierce, "Visual and Auditory Space in Baroque Rome", *Journal of Aesthetics and Art Criticism*, 18, n.º 3 (1959), 66; Langer, *Human Feeling*.

CAPÍTULO QUATRO

etnocentrismo, simetria e espaço

Os seres humanos, individualmente ou em grupos, tendem a perceber o mundo com o "*self*", como o centro. O egocentrismo e o etnocentrismo parecem ser traços humanos universais, embora suas intensidades variem grandemente entre os indivíduos e os grupos sociais. Como a consciência fica no indivíduo, é inevitável uma estruturação egocêntrica do mundo; e o fato de que a auto-consciência permite à pessoa ver-se como um objeto entre os objetos, não invalida a base fundamental dessa visao em um indivíduo. O egocentrismo é o hábito de ordenar o mundo de modo que os seus componentes diminuem rapidamente de valor longe do "*self*". Embora o egocentrismo seja um forte viés (*bias*) da natureza humana, só em raras ocasiões pode ser plenamente alcançado. Isso resulta do fato de que uma pessoa é claramente dependente de outras para a sobrevivência biológica e para o conforto psicológico; e também porque o "*self*" é enviesado direcionalmente: o que se situa "na frente" não é equivalente ao que se situa "atrás". O egocentrismo é uma fantasia que consegue sobreviver aos desafios da experiência diária.

Em oposiçao, o etnocentrismo (egocentrismo coletivo) pode ser totalmente realizado. Ao contrário do indivíduo, um grupo pode ser auto-suficiente; pelo menos as ilusões de auto-suficiência são mais fáceis de sustentar. Os indivíduos são membros de grupos e todos aprenderam -- embora em graus variados — a diferenciar entre "nós" e "eles", entre as pessoas reais e as pessoas menos reais, entre o lugar familiar e o território estranho. "Nós" estamos no centro. Os seres humanos perdem atributos humanos na proporção em que se distanciam do centro.

Etnocentrismo

O etnocentrismo é um traço humano comum. Os egípcios antigos, separados pelo deserto e pelo mar, dos seus pares na Mesopotâmia, estavam certos que eram superiores aos povos que encontraram além das bordas do vale do Nilo. Conscientes de sua própria sofisticação, acreditavam que seus vizinhos eram rústicos e leigos. Eles faziam a distinção entre "homens", de um lado e líbios, asiáticos, ou africanos, de outro. Os egípcios eram "homens" e de certa maneira estava implícito que os estrangeiros não alcançavam a completa estatura humana. Nas épocas de tensão nacional, quando a ordem estabelecida havia sido destruída, uma queixa comum dos egípcios era de que "os estrangeiros em todas partes tinham se tornado pessoas."

O historiador grego Heródoto comentou sobre o etnocentrismo dos persas, assim: "Dentre as nações, eles estimavam mais os seus vizinhos mais próximos, que ocupavam o primeiro lugar depois deles mesmos, em segundo lugar estavam os que viviam além destes vizinhos; e assim continuava em escala decrescente com as restantes nações, quanto mais distantes, menos estima recebiam." [1]

No setor noroeste do Novo México, cinco culturas mantêm os seus costumes singulares a despeito da proximidade geográfica, dos contatos sociais freqüentes e da mistura de influências dos meios de comunicação da massa. Este poderoso etnocentrismo é uma defesa contra as forças culturais homogeneizadoras. Por exemplo, os cinco grupos referem-se a si mesmos como povos, como *dineh* (Navajo), os *cooked ones* (Zuni), o "povo escolhido" (Mórmons), "a gente" (híspano-mexicano) e os "americanos verdadeiros" ou "homens brancos" (Texano); assim cada grupo suben-

[1] Heródoto, *History*, trans. G. Rawlinson, *The History of Herodotus* (Nova York: Tudor, 1932), p. 52.

tende que os demais não são totalmente humanos. Para a questão hipotética: "Se após uma prolongada seca, a área ficar despovoada e, com a volta da chuva, uma nova comunidade tiver que se estabelecer, que tipo de comunidade você aí colocaria?", as respostas indicam, invariavelmente que cada grupo desejaria restabelecer-se, sem pensar em uma utopia que transcenda as tradições locais. [2]

A ilusão de superioridade e centralidade provavelmente é necessária para a manutenção da cultura. Quando a crua realidade despedaça essa ilusão, é possível que a própria cultura decline. No mundo moderno de comunicações rápidas é difícil para as pequenas comunidades acreditarem que estejam, em qualquer sentido literal, no centro das coisas, embora algo dessa fé seja necessário se elas desejam prosperar. Os vereadores e os assessores parecem reconhecer esse fato e corajosamente tentam manter um sentido de centralidade, proclamando que sua cidade é, por exemplo, a "Capital Mundial da Salsicha" (Sheboygan, Wisconsin) ou até desesperadamente, "A Maior Cidade do Seu Tamanho" (Taunton, Massachusetts). As nações modernas também mantêm uma visão etnocêntrica do mundo, apesar de saberem muito bem que não são as únicas a fazer essa reivindicação. De Gaulle tentou restaurar a centralidade da França para os franceses. A Grã-Bretanha, outrora, esteve certa de sua posição no centro do mundo. Esta crença teve ampla evidência no século dezenove. No entanto, a partir da Segunda Guerra Mundial, o desmembramento do Império, as tensões econômicas e a emergência da América e da Rússia como superpotências forçaram os britânicos a abandonar a ilusão de centralidade, e obrigaram-nos a buscar outra imagem, que é mais consoante com os fatos, e no entanto, com suficiente distinção para manter o necessário sentido de orgulho nacional.

Pode não nos parecer estranho que a China, por um longo tempo, se considerasse como o Império Central, nem que a Grã-Bretanha no século dezenove e atualmente os Estados Unidos, se vejam como o centro do mundo. Entretanto, o fato é que esta perspectiva etnocêntrica prevalece entre a maioria, ou todos os povos, enquanto ficam isolados e não têm que enfrentar a existência de outros povos mais numerosos ou superiores a eles. Graças ao conhecimento atual, estamos certos em denominar o etnocentrismo uma ilusão, mas no passado, a experiência muitas vezes apoiou esta crença.

[2] Evon Z. Vogt e Ethel M. Albert, *The People of Rimrock* (Cambridge: Harvard University Press, 1966), p. 26.

Enocentrismo e diagramas cósmicos entre povos analfabetos

Os Ostiak do baixo rio Ienessei são um pequeno grupo de caçadores e pescadores da Sibéria Ocidental. A sua cosmografia está baseada na realidade geográfica, que foi transformada para dar-lhe uma dimensão vertical. No centro do seu universo está o Ienessei, que é conhecido como a Água Sagrada. Aqui, está o mundo do homem. Os Ostiak acreditam que longe das margens do rio, isto é, longe do centro, diminui a população, porque esta é a experiência deles. Acima da terra, no sul, está o Céu e abaixo da terra, no norte, está o Inferno. Como muitos outros povos da Sibéria Setentrional, os Ostiak vêem a terra como se inclinado e equacionam "sul" com "acima" e "norte" com "abaixo". A Água Sagrada começa no Céu e flui, através do mundo, para o Inferno.

Geograficamente, o extenso e suave planalto mongoliano é o divisor de águas dos grandes sistemas fluviais da Sibéria e Ásia Oriental, correspondendo-lhe certa centralidade. Os mongóis estão cientes disto, mas acham que a Mongólia é um grande monte e o centro do mundo, em vez de um planalto circundado por montanhas mais altas. Eles, os mongóis, vivem no monte central, enquanto os outros povos vivem abaixo deles, em suas vertentes. Para muitos povos da Sibéria e Ásia Central, o mundo é, ou circular ou retangular. A evidência sugere que, com alguns grupos, a crença num cosmo circular foi substituída por um de forma retangular. A poesia folclórica dos iacutes, por exemplo, fala dos quatro cantos do céu e da terra, mas também se refere à idéia de um céu redondo e de uma terra redonda. O céu para os buriates tem a forma de um caldeirão emborcado, levantando-se e caindo sobre o disco terrestre, do qual os buriates ocupam o lugar central. [3]

Para os índios Pueblo de Santa Ana, no Novo México, a terra é o centro e o objeto principal do cosmo. O sol, a lua, as estrelas, a Via Láctea são acessórios da terra; sua função é fazer a terra habitável para a humanidade. A própria terra é quadrada e estratificada. As direções cardiais são identificadas; além disso, os índios Pueblo percebem o eixo vertical do zênite e nadir de

[3] U. Holmberg, "Siberian Mythology", in J. A. MacCulloch (ed.), *Mythology of All Races*, IV (Boston: Marshall Jones Co., 1927).

acordo com a sua visão estratificada do cosmo (Figura 1).[4] Os índios Zuni, ao oeste, possuem idéias semelhantes. O seu povoado compacto é chamado de *itiwana* ou o Lugar Central. Todo o universo está orientado para o *itiwana*. Muito da origem de seus mitos está relacionado com o problema de alcançar o Lugar Central e determinar a exatidão da sua localização. Seus vizinhos, os Navajos, têm se dedicado ao pastoreio de ovelhas tanto como à agricultura. Ao contrário dos índios Pueblo, eles moram em *hogans* * dispersos. Os Navajos também acreditam que no passa-

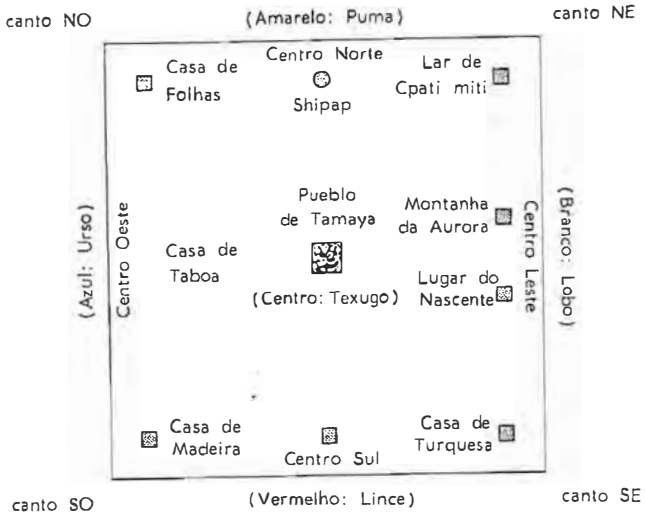


Figura 1 Cosmografia dos índios Pueblo Keresan, Santa Ana, Novo México (segundo White).

do vaguearam procurando o Lugar Central. Cada *hogan* é um lugar central. Em comparação com os Zuni, os Navajos não se apegam tanto à idéia de centro; mais importante para eles é a idéia de zonas concêntricas do espaço vital, que se tornam sucessivamente mais estranhas à medida que se distanciam do centro.

* N. T. Hogan, casa típica dos índios Navajos construída de barro e vigas de madeira.

[4] Leslie A. White, "The World of the Keresan Pueblo Indians", in Stanley Diamond (ed.), *Primitive Views of the World* (Nova York: Columbia University Press, 1964), pp. 83-94.

Os esquimós vivem no Ártico às margens do mundo habitado. No entanto, eles não sabiam disso, até que entraram em contato com grande número de homens brancos. Antes desse encontro, os esquimós viam o seu *habitat* não somente como o centro geográfico do mundo, mas também como o centro cultural e populacional. No início do século por exemplo, os esquimós groenlandeses pensavam que os europeus eram enviados à Groenlândia para aprender com eles virtudes e boas maneiras. Na baía de Hudson, o caçador Agoolak, um esquimó Aivilik da ilha Southampton, mantinha equívoco semelhante. Ele ficou surpreso quando o exército dos Estados Unidos enviou homens para construir um aeroporto, perto de Coral Harbour. Durante anos, ele havia visto os mesmos rostos brancos — os rostos dos exploradores e comerciantes. Aqueles que partiam, freqüentemente regressavam e pareciam se conhecer muito bem. Agoolak e outros caçadores Aivilik com razão concluíram que, embora os homens brancos fossem diferentes, não eram tão numerosos. Essa visão tranqüilizadora foi destruída durante a Segunda Guerra Mundial, quando aparecem muitas pessoas estranhas, vindas do mundo exterior.[5]

Antes que se conhecesse a verdadeira forma da ilha Southampton, através de fotografias aéreas, foi solicitado a alguns homens Aivilik que desenhassem a forma da sua ilha natal. Os esboços que eles desenharam mostraram ser notavelmente precisos, mesmo nos detalhes das reentrâncias (Figura 2). Uma distorção notável é o tamanho da península Bell, em relação ao resto da ilha; ela está visivelmente exagerada. Isto não é surpreendente, porque a maioria das pessoas vive na península. É bem conhecida a tendência para exagerar o tamanho do território natal em detrimento dos territórios vizinhos. Por exemplo, a perspectiva dos Estados Unidos, de um texano, provavelmente mostrará um Texas enorme, cercado por estados menores, que se tornam cada vez menores à medida que se distanciam da Estrela Solitária. Pode haver alguma justificativa para esta perspectiva, mas a idéia do país, de um bostoniano, provavelmente mostrará sinais semelhantes de auto-presunção, exagerando o tamanho de Massachusetts fora de qualquer proporção com sua área verdadeira. Os esquimós Aivilik, como a maioria dos povos, adquiriram o hábito egosustentador de superestimar sua própria importância frente ao resto

[5] E. S. Carpenter, "Space Concepts of the Aivilik Eskimos," *Explorations*, 5 (1955), 131-45.

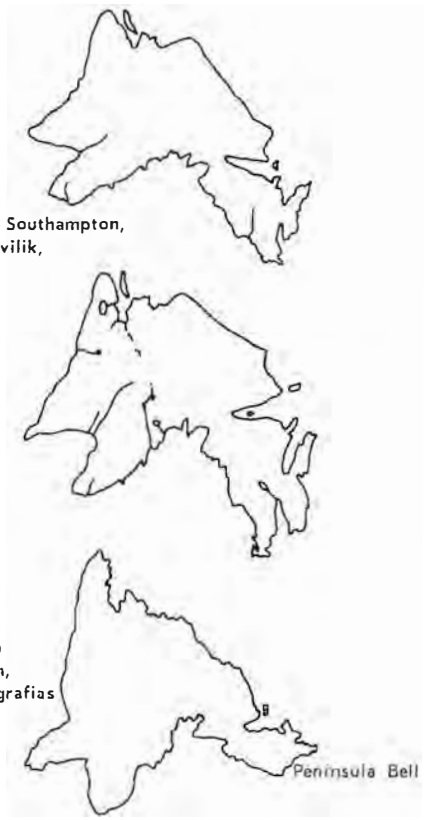

a. Esboços da Ilha Southampton, dos esquimós Aivilik, em 1929
b. Forma correta da Ilha Southampton, baseada em fotografias aéreas
Península Bell

Figura 2 Ilha Southampton, Baia de Hudson (segundo Carpenter).

do mundo. Seu conhecimento da geografia da ilha Southampton é extraordinariamente preciso e este conhecimento detalhado estende-se para a costa ocidental da baía de Hudson, onde realizam muitas de suas caçadas. No entanto, além dos limites da experiência pessoal, eles têm que depender dos rumores e do "ouvir dizer." As direções para alguns dos pontos mais remotos, como os entrepostos e cidades do homem branco, ainda estão bem representadas nos mapas esquematizados, mas as distâncias que as separam da ilha Southampton estão exageradamente diminuídas. A

geografia cede lugar à cosmografia, quando os Aivilik tentam compreender o mundo além de sua morada. Eles consideram a própria ilha de Southampton como o centro de uma terra plana, circular, cujos limites exteriores podem ser atingidos a partir da ilha, em algumas semanas de viagem.

A idéia da terra como um disco plano, cercado por água e flutuando sobre ela, aparece em muitas partes do mundo. A idéia pode enraizar na mente das pessoas apesar da evidência do meio ambiente, que pode ser um planalto desértico, uma região montanhosa ou uma ilha. Os índios Yurok, da Califórnia Setentrional, por exemplo, parecem conceitualizar o seu mundo bidimensionalmente, como um disco circular, apesar da rugosidade de seu território natal (Figura 3). Os Yurok são pescadores do rio Klamath

Figura 3 Cosmografia dos índios Yurok, Califórnia Setentrional.

e coletam bolotas em seus arredores. Eles dependem do rio para o seu principal alimento, o salmão, e para transporte. Tendem a evitar a região da montanha; o grande número de trilhas que a atravessam não são tão importantes como o rio, para viajar e para o comércio. Falta aos Yurok a idéia de direções cardeais. Eles se orientam pelo seu principal aspecto geográfico, o Klamath, e falam de direções como montante ou jusante. Desde que o rio é tortuoso, montante e jusante podem indicar quase todos os pontos cardeais. No entanto, a tendência predominante do rio é claramente reconhecível: ele divide pela metade o seu mundo. O senti-

do das direções cardeais não é necessario para a concepção de um mundo simétrico. O mundo Yurok, na medida em que o conheciam intimamente, é pequeno, de aproximadamente duzentos e quarenta quilômetros de diâmetro. Além dessa área, os Yurok estão vagamente consciente de que existem outros seres humanos. Os Yurok sabem que o rio Klamath termina no oceano, mas também acreditam que remontando-o durante dez ou doze dias, atingirão novamente água salgada. As águas rodeiam a terra circular; o Klamath cruza-a pelo meio. Em algum lugar, na margem do Klamath, perto do ponto onde o Trindade desemboca vindo do sul, está o *ge'nek*, o centro do mundo. Nesta localidade foi feito o céu. É um domo sólido. Acima do domo está o país celestial, ligado à terra por uma escada. Abaixo da terra está o domínio da morte, onde se pode chegar indo lago abaixo.[6]

Etnocentrismo chinês

O etnocentrismo é fortemente desenvolvido entre os chineses. Se os esquimós groenlandeses pensavam que os europeus tinham vindo para aprender virtudes e boas maneiras com eles, é compreensível que os chineses também houvessem imaginado o mesmo, no final do século dezoito, quando os europeus tentaram abrir o Império para o comércio. A China possuía boas razões para pensar que era o centro do mundo. A China funcionou por cerca de três mil anos de sua história documentada, como uma civilização que era muito superior às culturas tribais com as quais tinha contato. Os chineses, por milênios, viveram em um mundo segregado. No centro, estão as férteis planícies aluviais. Nesta área, a população poderia ter atingido aproximadamente, no quarto século antes de Cristo, vinte e cinco milhões; e aqui evoluiu uma cultura letrada e sofisticada que, em seus aspectos essenciais, pouco devia às idéias provindas do exterior. A população diminuia sensivelmente, além das planícies centrais. Para o norte está a estepe, para o oeste os desertos e o sistema montanhoso mais elevado da terra; para o sul fica a floresta tropical e para leste o mar.

A China não se via como uma nação entre outras nações de estatura comparável. Ela situava-se no centro do mundo; era o Império Central. Era mais grandiosamente conhecida como *t'ien hsia* (embaixo do céu) ou *chug yan* (centro e origem), ou *sze hai chih nuai* (dentro dos quatro mares). O último título é algo inesperado porque os chineses, na antiguidade, conheciam só o mar existente à leste. Esta é outra ilustração da tendência de ver a terra rodeada de água. Sob a influência budista, os planos cósmicos circulares foram desenhados de modo a mostrar as Montanhas Kunlun no centro. As montanhas são o pico axial do mundo. Próxima a elas está *chung yan*, a terra fértil da China. Nas versões posteriores deste tipo de cosmografia religiosa, que são as únicas que sobreviveram, são mostrados realísticos detalhes geográficos, como a Grande Muralha, o rio Amarelo, a península da Coréia e a ilha do Japão, mas longe do mundo conhecido domina a fantasia cosmográfica. A massa continental é circundada por uma corrente oceânica pontilhada de ilhas; além da qual, no entanto, há outro anel de terra.

O padrão circular afasta-se da tradicional concepção chinesa da Terra de forma retangular. É tradicional a idéia de domínios retangulares sucessivos, centralizados na China imperial. A mais antiga expressão desta idéia aparece na *Shu Ching* e possivelmente sua data é do quinto século antes de Cristo. A Terra é concebida como uma sucessão de zonas de culturas decrescentes, à partir da capital imperial (Figura 4). A primeira é a zona dos domínios reais. Esta é seguida pelas terras dos senhores feudais tributários; a zona de pacificação ou o cinturão da fronteira onde a cultura chinesa está sendo adotada; a zona dos bárbaros aliados e a zona de selvageria inculta. Este esquema era popular entre os chineses, mas os romanos poderiam facilmente tê-lo adotado para seu próprio uso. Os dois Impérios ficavam em extremos opostos do continente euroasiático. Ambos possuíam uma leve idéia da existência do outro, mas nenhum sentia a necessidade de modificar suas visões etnocêntricas a fim de ajustá-las com os fatos conhecidos.[7]

Os primeiros mapas gregos

O etnocentrismo casa bem como a idéia do cosmo circular. Mais do que qualquer outra forma, o círculo implica um centro.

[6] T. T. Waterman, "Yurok Geography", *University of California Publications in American Archaelogoy and Ethnography*, 16 (1920), 182-200.

[7] Embora o mundo romano fosse conhecido para os chineses como *Ta Ch'in*, isto é, a China Maior, um termo altamente honorifico, os romanos conheciam a China simplesmente como *Seres*, o povo das sedas. Joseph Needham, "The Fundamental Ideas of Chinese Science", in *Science and Civilization in China*, II (Cambridge: Cambridge University Press, (1956), 216-345; C. P. Fitzgerald, *The Chinese View of Their Place in the World* (Londres: Oxford University Press, 1964).

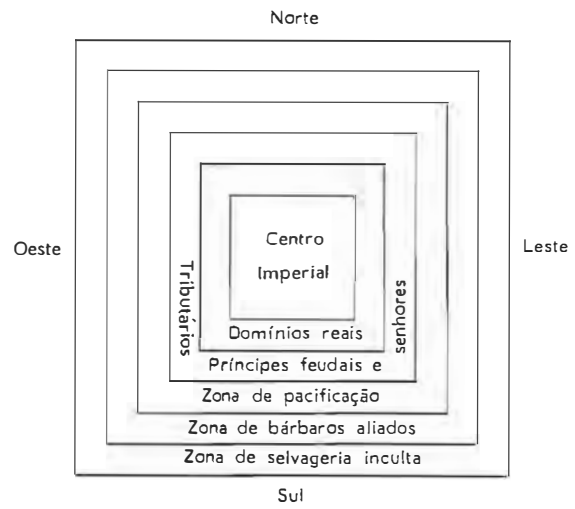


Figura 4 Tradicional visão etnocêntrica do mundo chinês, do século quinto antes de Cristo.

No Ocidente, existem numerosos mapas e diagramas para ilustrar o hábito, de toda humanidade, de colocar um símbolo do "*self*" no centro de um mundo simetricamente ordenado. O padrão básico mostra o continente, de forma arredondada, rodeado por água. O mais antigo exemplo conhecido deste padrão está conservado em uma placa babilônica, de argila: no centro aparece a Babilônia rodeada por mar. Exprime uma concepção assiriocêntrica do cosmo. Na antiguidade grega, Homero acreditava que a Terra era redonda, plana e circundada por uma grande corrente. A cosmologia babilônica pode ter influenciado esta antiga visão grega. Por outro lado, vimos que a concepção é mundialmente generalizada e adotada por povos que provavelmente não tiveram nenhuma relação com o antigo Oriente Próximo. Ela pode ser um constructo compatível com a mente humana.

Os gregos antigos consideravam Homero como uma autoridade em Geografia. A sua visão da Terra foi transmitida até a época de Hecateu (que floresceu entre os anos 520-55 antes de Cristo). Hecateu dividiu o mundo em dois grandes continentes de extensão igual: Europa, ao norte e Líbia-Ásia, ao sul (Figura

5). Os dois se unem nas montanhas do Cáucaso, fora daí estão separados por um cinturão central de água que inclui o mar Mediterrâneo, o Euxino (mar Negro) e o mar Cáspio. Ao redor do quinto século antes de Cristo, surgiu a dúvida sobre a perfeita simetria dos continentes. Heródoto criticou Hecateu por apresentar a Terra "como exatamente redonda, como se tivesse sido traçada com um compasso e com o oceano fluindo totalmente ao redor dela." A sua própria concepção era muito mais detalhada e o esboço de sua Terra menos regular; por outro lado, o desejo persistente de simetria é demonstrado no traçado do rio Nilo superior, como uma linha que corre de oeste para leste, portanto, imitando o curso do rio Ister (Danúbio) na Europa. Estrabão (ao redor de 63 antes de Cristo — 21 depois de Cristo) representa o começo da geografia moderna. A sua Terra é esférica, embora,

Figura 5 Hecateu de Mileto (entre 520-500 antes de Cristo).

ao contrário dos pitagóricos, Estrabão a colocasse no centro do universo. O mundo habitável é grosseiramente uma ilha oblonga nas latitudes temperadas. Ela é nitidamente bissectada pelo mar Mediterrâneo e pelas montanhas do Taurus. O alongamento da massa terrestre deriva do reconhecimento crescente do grande tamanho da Ásia. A área da Europa não é mais a dominante, embora seu tamanho ainda seja relativamente exagerado. Com a diminuição e deslocamento da Europa, a Grécia não pode continuar pretendendo uma localização central. No entanto, até o

quinto século antes de Cristo, acreditava-se que a Grécia era o centro do mundo e Delfos o centro da Grécia.[8]

Mapas O-T (orbis terrarum)

Na Idade Média, uma terra circular rodeada por água novamente tornou-se um emblema popular do mundo (Figura 6). Os elementos geométricos deste mapa em forma de roda são "O" e "T". Um "O" representa o limite da água circundante, o outro representa o limite da terra. O "T" dentro do "O" da terra, mais interior, consiste de dois rios, o Don e o Nilo; eles se alinham de tal maneira que formam a barra horizontal do "T", enquanto o mar Mediterrâneo forma a haste vertical. O "T" divide a Terra em três partes: a Ásia à leste dos rios Don e Nilo, a Europa no setor noroeste e a África no setor sudoeste, nos dois lados do mar Mediterrâneo. O topo do mapa, portanto, é o leste, o lugar do sol nascente e da ascenção de Cristo — o sol é um dos símbolos de Cristo. A Europa parece ocupar um lugar razoavelmente modesto no diagrama O-T; ela é sobrepujada pela Ásia, mas esta distribuição permite que Jerusalém se localize no centro do mundo.

Os mapas O-T datam do século sexto e continuaram a ser desenhados por mais de mil anos. Embora possamos compreender porque os antigos gregos estavam satisfeitos com a simplicidade geométrica dos mapas circulares, é surpreendente que fossem tão populares durante e após a Idade Média. Anteriormente ao século quinto antes de Cristo, poucos gregos tinham alguma experiência direta da geografia fora do Egito e da bacia do Mediterrâneo Ocidental. É compreensível que desejassem subordinar seu escasso conhecimento factual sob um esquema teórico que, por outras razões, achavam compatível. Mas os pensadores do final do período medieval tiveram acesso à informação detalhada. Os navegadores construíram cartas que mostravam a forma exata das costas marinhas, enquanto os viajantes, a partir de Marco Polo, trouxeram fatos geográficos relacionados com o interior do continente e Ásia Oriental. Os mapas "O-T" eram evidentemente inúteis para a navegação. Não serviam para fins práticos e ainda estavam muito longe de serem fantasias idiossincráticas. Os mapas da Idade Média, com forma de roda, expressaram as crenças e

[8] W. A. Heidel, *The Frame of Ancient Greek Maps* (Nova York: American Geographical Society, 1937); E. H. Bunbury, *A History of Ancient Geography Among the Greeks and Romans*, I (Londres: John Murray 1883).

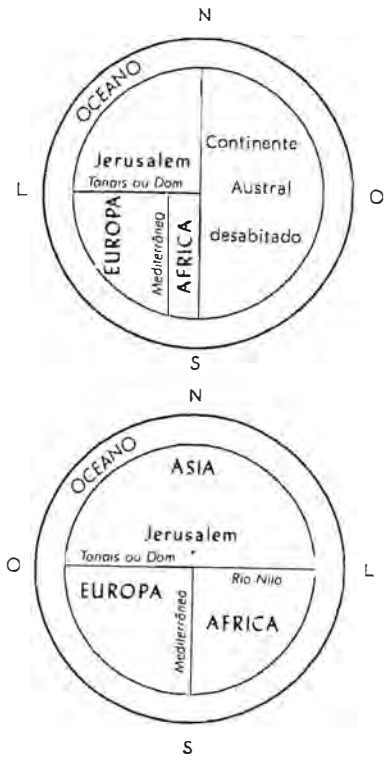


Figura 6 Os mapas O-T da Europa Medieval.

experiências de uma cultura teológica que colocava a Cristandade — e o seu símbolo topográfico, Jerusalém — no centro. Representaram um modo de pensamento que coloriu a ação em quase todas as esferas da vida medieval, da construção de catedrais até as Cruzadas.[9]

A Europa no centro do mundo

A partir de 1500, a expansão das explorações ultramarinas e o conhecimento de países densamente povoados, distantes da Europa, fizeram com que se tornasse cada vez mais difícil manter

[9] C. Raymond Beazley, *The Dawn of Modern Geography*, II (Nova York: Peter Smith, 1949), pp. 549-642 (originalmente publicado em 1897).

a visão religiosa do mundo dos mapas O.T. A Terra Santa perdeu seu *status* simbólico como o centro do mundo. A própria Europa assumiu essa posição. Esta visão europocêntrica é óbvia na idéia de Europa. A história desta idéia pode ser traçada brevemente. A divisão das massas terrestres em continentes se originou provavelmente com os navegadores gregos. No século sexto antes de Cristo os gregos estavam bem familiarizados com as peculiaridades do mar Egeu. Sabiam que grandes massas de terras bloqueavam os seus caminhos para o oeste e leste: a estas terras chamaram respectivamente de Europa e Ásia. Logo, no entanto, os dois termos, que serviram aos navegadores, adquiriram significados político e cultural. Heródoto discorreu sobre as rixas entre os continentes. Aristóteles ressaltou as diferenças temperamentais entre europeus e asiáticos e recorreu ao clima para explicar tais diferenças. Não foi feita nenhuma tentativa para definir os limites geográficos dos continentes. A própria idéia perdeu importância no período pós-alexandrino e só foi revivida com o renascimento da cultura clássica, durante a Renascença. Posteriormente, na época das grandes navegações marítimas, os termos Europa e Ásia tornaram-se muito úteis. Europa significava a hinterlândia dos portos, de Cádiz até Trondheim e Ásia, a hinterlândia atrás de portos dispersos da Arábia ao Japão. Os dois continentes eram separados pela grande península da África, que os marinheiros tinham que circunavegar. Mas "Europa" adquiriu uma vez mais significado político e cultural. Quase no fim do século dezessete, os povos do mundo ocidental sentiram a necessidade de um nome coletivo para designar a sua civilização. O termo tradicional "Cristandade Ocidental" pareceu inapropriado, após as Guerras de Religião. "Europa" serviu ao propósito. [10] Servia a uma área que fôra unificada por raízes comuns na história, raça, religião e língua. Europa tem substância; Ásia é simplesmente aquilo que não é Europa. Ela foi definida negativamente e sob a perspectiva européia: deste modo temos o Oriente Próximo, o Oriente Médio e o Extremo Oriente. A Ásia nunca foi uma entidade. Os seus povos diferem grandemente em tipo racial, língua, religião e cultura. Os árabes, os indianos, os chineses e os balineses não sabiam que eram todos asiáticos, até que os europeus lhes disseram. A Ásia era a sombra subjacente da consciência da Europa. [11] Mas a Europa tinha o poder de dar uma aparência de realidade àquela sombra. No decorrer do tempo a palavra Ásia adquiriu conteúdo e até uma medida de efetividade, como arma política que poderia ser usada contra os europeus. Por exemplo, durante a Segunda Guerra Mundial, os japoneses tentaram usar a idéia de Ásia. Cunharam o lema "A Ásia para os asiáticos", como maneira de desviar a raiva dos povos que conquistaram e dirigí-la para as potências aliadas.

[10] Arnold Toybee, "Asia' and 'Europe'; Facts and Fantasies", in *A Study in History*, VIII (Londres: Oxford University Press, 1954), 708-29.

O centro do hemisfério continental

A perspectiva europocêntrica geralmente não é muitas vezes expressa cartograficamente. Nos atlas escolares é dado grande destaque aos países europeus. Isto é simplesmente uma questão de bom senso, porque naturalmente desejamos informação mais detalhada do nosso próprio país e dos vizinhos mais próximos, do que das terras longínqüas. Há, no entanto, um artifício cartográfico moderno que é notoriamente etnocêntrico, que nos lembra os mapas circulares gregos centrados na Grécia e os mapas medievais traçados com Jerusalém em seu ponto central. O artifício mostra todo o mundo em uma projeção que está centralizada no sul da Grã-Bretanha ou noroeste da França. Um círculo é traçado para incluir a metade da área do globo (Figura 7). Este é o hemisfério continental. [12] Inclui quase toda a massa continental da Eurásia, toda a África do Norte e o terço setentrional da América do Sul. Fora do círculo está o hemisfério oceânico. Com exceção dos planaltos gelados inabitáveis da Antártida e Groenlância, aproximadamente nove décimos da área das terras estão situados no hemisfério continental, onde se localiza 95% da população mundial. O mapa desfruta de certa popularidade na Grã-Bretanha, o que é compreensível. Dois influentes livros de textos, o clássico *Britain and the British Seas* (1902) de Sir

[11] John Steadman, "The Myth of Asia", *The American Scholar*, 25, N.º 2 (Primavera de 1956), 163-75; W. Gordon East e O. H. K. Spate, "Epilogue: The Unity of Asia?" in *The Changing Map of Asia: A Political Geography* (Londres: Methuen, 1961), pp. 408-24.

[12] H. J. Mackinder, *Britain and the British Seas* (Nova York: D. Appleton Co., 1902), p. 4. Já em 1746 Philippe Buache identificou um hemisfério continental. Ver Preston E. James, *All Possible Worlds* (Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1972), p. 141.

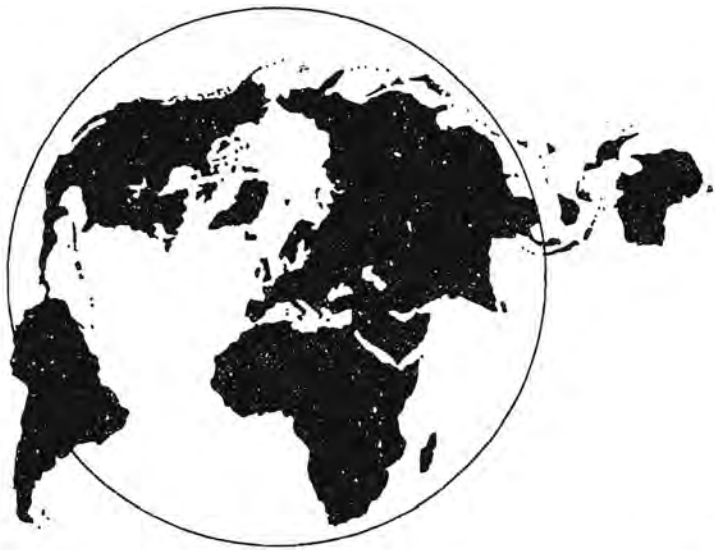


Figura 7 "O Hemisfério Continental, mostrando o oceano Mediterrâneo e a posição central da Grã-Bretanha" (segundo H. J. Mackinder, 1902).

Halford Mackinder, e o *A World Survey,* volume 3 (1948), do falecido Professor J. F. Unstead, usam-no para salientar a centralidade da ilha. É ignorado, o fato de que a mesma projeção coloca as ilhas Britânicas na borda da bacia ártica, bem longe do core do ecúmeno.

Exceções

Em algumas partes do mundo, as pessoas acreditavam que uma raça superior, semidivina, vivia além dos confins do seu território conhecido. A capitulação dos astecas a Cortez e seu pequeno grupo de soldados poderia ter sido facilitada pela crença asteca em um povo divino de cor branca. A facilidade com que os europeus colonizaram a África, não foi somente questão de superioridade militar e tecnológica: também desfrutaram de uma vantagem psicológica em alguns contatos com os nativos como, por exemplo, em Madagascar, onde as lendas dos nativos pressagiavam a chegada de uma raça poderosa. No Pacífico Sul, os

habitantes das ilhas Marquesas encararam a primeira mulher branca que viram como se ela fosse uma deusa. Obviamente, não foi conferido o mesmo grau de auto-importância a todo grupo humano.

O etnocentrismo, tanto colocando o próprio indivíduo, como o próprio país ou o próprio planeta no centro do universo, também pode ser superado com um esforço imaginativo. No início da ciência ocidental os astrônomos da escola de Pitágoras, concebiam a Terra como um simples planeta, igual a Júpiter e ao Sol. O fogo ocupava o centro do universo porque se considerava o fogo, e não a água, como elemento essencial. Na Idade Média a Terra ocupou a localização central. Como lugar do nascimento de Cristo isso parecia apropriado. Entretanto, a atitude medieval era ambivalente. Para alguns pensadores a localização central, em si mesma, não conferia dignidade. Os escritores medievais descreveram a Terra em termos pouco lisongeiros, como um simples ponto geométrico ou uma espécie de receptáculo para poeira, das sobras da criação. A Terra pode ser o centro, ao redor do qual giravam os maiores corpos celestes, mas também está localizada no final da hierarquia cósmica. No mundo ocidental, talvez o exemplo melhor conhecido de transcendência do ego é a revolução coperniciana, a substituição da teoria geocêntrica pela heliocêntrica. Menos convulsionante, mas tão notável do ponto de vista psicológico e cultural, é o deslocamento do ego dos sábios europeus durante partes dos séculos dezessete e dezoito. Os estadistas e patriotas europeus podiam se considerar como pessoas muito superiores, mas os escritores e pensadores europeus pareciam estar desiludidos com os governos tirânicos e a intolerância religiosa em suas pátrias. Ao mesmo tempo, estavam cada vez mais deslumbrados com os brilhantes relatos sobre as virtudes dos povos além-mar, nas Américas, nos Mares do Sul e na China. Em oposição ao hábito entranhado de auto-glorificação, os filósofos do Iluminismo tendiam a ver a Europa como o centro da escuridão, rodeada por ampla faixa de luz.[13]

[13] Basil Willey, *The Eighteenth Century Background* (Londres: Penguin Books, 1965), pp. 19-21.

CAPÍTULO CINCO

mundos pessoais: diferenças e preferências individuais

Como especie, os seres humanos são extremamente polimórficos. Entre os indivíduos, as variações físicas externas são notáveis, mas são menores quando comparadas com as diferenças internas. Longe de sermos "irmãos sob a pele" somos — em certas medidas orgânicas — quase espécies diferentes. Podemos então dizer que os contrastes significantes ocorrem entre os indivíduos; as diferenças devidas à raça são relativamente insignificantes.

As atitudes em relação à vida e ao meio ambiente refletem necessariamente variações individuais bioquímicas e fisiológicas. O mundo de uma pessoa acromatópsica deve ser um pouco menos policromático do que o de uma pessoa com visão normal. Reconhecemos também diferenças temperamentais entre as pessoas. A perspectiva diante da vida, de uma pessoa melancólica ou plácida diverge muito de uma sangüínea ou irriquieta. A causa profunda da variação na personalidade e temperamento reside nas glândulas endócrinas: mesmo as chamadas pessoas normais mostram diferenças importantes. As glândulas endócrinas liberam hormônios no sangue, que têm um efeito marcante nas emoções e sensação

de bem estar das pessoas. Para bem apreciar como podem variar as atitudes ambientais, necessitamos conhecer alguma coisa da fisiologia humana e da diversidade do temperamento. Como uma simples ilustração da maneira como a individualidade pode transcender as forças culturais que levam ao consenso, vejamos o caso de uma família em excursão de fim de semana. Isto não é sempre um assunto tranqüilo e feliz como os anúncios de *camping* nos fazem crer. Na fase do planejamento, os membros da família podem discutir sobre o lugar onde ir e uma vez que o grupo chega ao destino, novamente surge desacordo sobre onde acampar, onde parar para comer, que lugares cênicos visitar e assim por diante. Idade, sexo, diferenças fisiológicas inatas e temperamentais dentro de uma família, facilmente anulam a exigência social de harmonia e união.

Individualidade fisiológica

O capítulo dois trata brevemente dos sentidos do homem. A ênfase está no que os seres humanos têm em comum como espécie biológica. Consideremos agora algumas diferenças. Sobre a visão, é bem sabido que algumas pessoas são cegas, algumas são acromatópsicas, outras têm uma visão 20-20 e muitas têm que corrigir defeitos da vista como o uso de óculos. Um dom visual menos conhecido é a habilidade para ver com o canto dos olhos (visão periférica), uma habilidade que varia enormemente nas pessoas normais. Os indivíduos que têm esse dom, de visão periférica, potencialmente, vivem em um mundo mais panorâmico do que as pessoas que não têm esse dom. No tocante às diferenças na visão de cores, a cegueira da cor vermelho-verde é um defeito bem conhecido; os que sofrem totalmente desta cegueira, vêm o mundo somente em amarelos, azuis e cinzas. Há, no entanto, outros tipos de graus de sensibilidade à cor. De fato, cada um discrimina melhor algumas nuanças de cor e não tão bem outras. Na percepção auditiva há diferenças marcantes. As pessoas surdas para o tom musical são incapazes de reconhecer as melodias populares; não podem afinar adequadamente instrumentos com teclado, nem tocar instrumentos de corda ou de sopro.[1] A sensibilidade ao diapasão pode ser medida e tem-se encontrado diferenças pronunciadas entre pessoas sem defeitos auditivos aparentes. A sensibilidade ao ruído (em particular para um tipo de

[1] H. Kalmus, "The Worlds of the Color Blind and the Tune Deaf", in J. M. Thoday and A. S. Parkes (eds.), *Genetic and Environmental Influences on Behavior* (Nova York: Plenum Press, 1968), pp. 206-8.

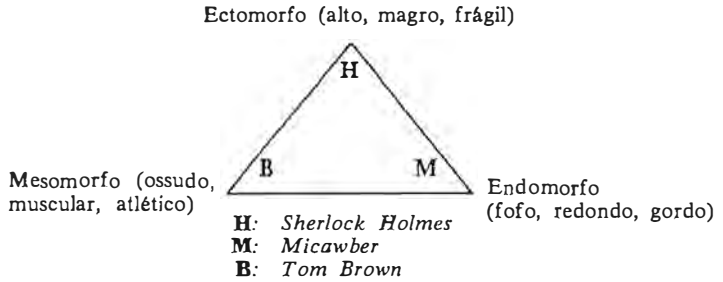
ruído) também diverge conspicuamente, de pessoa para pessoa. A sensibilidade tátil varia grandemente. Alguns poucos indivíduos parecem carecer de receptores da dor. Cortes, contusões e mesmo ossos fraturados podem provocar pouca dor. A dor é indesejável, mas também é um meio de conhecer o mundo. É perigosa a acentuada insensibilidade à dor, porque ela nos adverte sobre os danos corporais que podem precisar de cuidados. "Quente" e "frio" são respostas subjetivas com grandes variações individuais. Podemos observar facilmente como, por exemplo, uma pessoa vai abrir uma janela, quando outra está pronta a vestir um casaco; como uma pessoa apressada para tomar o avião é obrigada a sorver o café, enquanto outra bebe de um gole. Porém, as diferenças no encéfalo são, talvez, as mais surpreendentes de todas. O encéfalo varia de pessoa para pessoa em cada um dos traços que têm sido observados e medidos. Pode-se dizer que as pessoas possuem mentes altamente diferenciadas. [2]

Temperamento, talento e atitudes

A associação do físico com o temperamento e caráter é um lugar comum na literatura. Não podemos imaginar alguns personagens imortais como Falstaff e o Sr. Micawber, Sherlock Holmes e o Sr. Murdstone, sem lembrar seus físicos. Corpo e personalidade parecem uma só peça; é tão difícil imaginar Micawber magro como um Holmes gordo. Na vida diária, sem as pessoas estarem conscientes, freqüentemente inferem da aparência física, caráter e talento, e isto ocorre naturalmente. Os cientistas, entretanto, têm hesitado em fazer a associação ou mesmo preocupar-se com o assunto, apesar de sua óbvia importância na compreensão do comportamento. Na década de 1930 e 1940, William Sheldon se atreveu a relacionar o tipo do corpo (somatotipo) com o temperamento. Seu trabalho foi muito criticado por sua ingênua taxonomia, mas estudos recentes tendem a apoiar algumas de suas conclusões. [3] Sheldon classificou as pessoas em três tipos, visceral (endomorfo), músculo-esquelético (mesomorfo) e desenvolvimento da pele e dos nervos (ectomorfo), assim:

[2] Roger J. Williams, *You Are Extraordinary* (Nova York: Random House, 1967); H. J. Eysenck, "Genetics and Personality", in Today e Parkes, *Influences on Behavior*, pp. 163-79.

[3] William H. Sheldon, *The Varieties of Temperament* (Nova York: Harper and Row, 1942); Juan B. Cortes e Florence M. Matti, "Physique and Propensity", *Psychology Today*, 4, n.° 5 (Outubro, 1970), 42-44, 82-84.



Cada tipo de corpo está associado a um conjunto de traços temperamentais, que podem exercer um impacto nas atividades ambientais.

Tipos de corpo	*Traços temperamentais e atitudes com a natureza*
Ectomorfo	retraído, pensativo, tímido, introspectivo, sério (contempla natureza-meio ambiente; interpreta natureza para explicar o seu próprio humor).
Mesomorfo	dominante, alegre, aventureiro, otimista, argumentador (desfruta em dominar a natureza — por exemplo, caçadores, engenheiros civis).
Endomorfo	tranqüilo, cooperador, carinhoso, sociável (desfruta sensualmente da natureza; desfruta da natureza com os outros).

Um ponto fraco da caracterização do tipo de corpo feita por Sheldon é que os critérios individuais sobre osso, gordura e músculo podem variar independentemente. Físico e temperamento estão relacionados, mas ainda não foi encontrada uma maneira satisfatória para classificá-los. Ao pressupormos que os traços de personalidade e temperamento têm uma origem orgânica (mesmo que possam ser genéticos e não correlacionáveis com o tipo de corpo sheldoniano), a questão que se coloca é de como eles se relacionam com certas habilidades especializadas, importantes na estruturação do mundo. Consideremos a visualização espacial. É uma capacidade que varia grandemente entre as pessoas. O geneticista J. M. Thoday relata que é comum, em sua experiência na carreira de professor, encontrar uma proporção pequena de estudantes que parece totalmente incapaz de visualizar a forma tridimensional de uma célula, a partir de observações de secções bidimensionais. Tais pessoas têm grandes desvantagens em car-

reiras que requeiram esta destreza.[4] A habilidade de visualização espacial e da própria orientação no espaço, também parecem estar associadas, por um lado, com a capacidade matemática e por outro, com a inarticulação da linguagem. A partir da análise estatística de uma pequena amostra da população, Macfarlane Smith sugere as seguintes tentativas de correlação, entre os traços de personalidade e as habilidades espácio/verbais:

1. A instabilidade emocional está melhor associada com os baixos escores nos testes espaciais do que nos testes verbais.
2. As características da personalidade como a auto-confiança, perseverança e vigor estão relacionadas com altos escores nos testes espaciais ao contrário dos verbais.
3. As pessoas com notáveis habilidades espaciais têm atitudes e interesses masculinos; tendem a ser introvertidas e associais. Ao contrário, as pessoas com habilidades verbais relativamente notáveis são extrovertidas e provavelmente têm atitudes e interesses femininos.
4. Uma pessoa com notável habilidade espacial apreenderá mentalmente uma cifra com unidades relativamente grandes. Ela a olha como um todo, em lugar de permitir que sua atenção vagueie de um elemento para outro. Ela tende a classificar os objetos mais pela forma do que pela cor[5].

A articulação firme e precisa das atitudes ambientais requer notáveis habilidades verbais. A literatura, mais do que os levantamentos das ciências sociais, nos fornecem informação detalhada e minuciosa de como os seres humanos percebem seus mundos. A novela realista não retrata com tanta precisão a cultura (que a ciência social também procura fazer) como salienta as particularidades das pessoas nessa cultura. A opinião única foge da explicação da matriz sociológica. Para interpretá-la, o novelista sugere fatores que, em si mesmos, são pouco conhecidos: dom congênito (temperamento) de um lado e acidentes da vida (acaso) de outro. Os escritores criam personalidades fictícias; eles mesmos são personalidades com opiniões que sobressaem acima do discurso livresco de suas sociedades. As pessoas têm atitudes características para com a vida: a afirmação é pedestre e a aceitamos facilmente. Os escritores, no entanto, têm alcançado sucesso em expressar claramente as diferenças sutis na visão do mundo. De

[4] Thoday e Parkes, *Influences on Behavior*, p. 111.

[5] I. Macfarlane Smith, *Spatial Ability and Its Educational and Social Significance* (San Diego: Robert R. Knapp, 1964), pp. 236 - 37, 243, 257.

seus escritos aprendemos a reconhecer a singularidade das pessoas. Vou ilustrar isto com as perspectivas únicas de vários escritores bem conhecidos, e depois, indicar uma atitude ambiental peculiar que parece requerer, para sua completa explicação, o postulado de um temperamento ascético.

TOLSTOI E DOSTOIEVSKI

Os novelistas russos, Tolstoi (1828-1910) e Dostoievski (1821-1881), são titãs da literatura moderna e cada um via o trabalho do outro com um misto de admiração e de inquietação. Ambos eram dotados de vitalidade gigantesca e escreveram, no século dezenove, trabalhos maciços que sobressairam na descrição dos caminhos labirínticos da alma humana e da sociedade russa. No entanto, os mundos que viram pouco tinham em comum.

O mundo de Tolstoi é homérico. Sua perspectiva da vida e da natureza tinha mais em comum com a visão de mundo do desconhecido bardo da Grécia arcaica, do que com a do seu contemporâneo Dostoievski. Segundo George Steiner, as obras de Tolstoi se assemelham aos épicos homéricos no "ambiente arcaico e pastoral...; a poesia da guerra e da agricultura; a primazia dos sentidos e do gesto físico; o luminoso, tão harmonioso fundo de cena do ciclo do ano...; a aceitação da continuidade do ser, estendendo-se da matéria bruta até as estrelas... e a mais profunda de todas, a essencial, a determinação de seguir 'o caminho reto da vida' (Coleridge) mais do que as obliqüidades escuras."[6] No primeiro epílogo de *Guerra e Paz*, Tolstoi iguala a vida no campo e a boa vida. Em *Ana Karenina*, a antítese entre a cidade e o campo é o eixo ao redor do qual gira a estrutura moral e técnica da novela. Dostoievski, ao contrário, está inteiramente imerso na cidade. A cidade pode ser o inferno, mas a salvação não está no campo; só pode ser encontrada no Reino de Deus. A ficção de Dostoievski tem poucas paisagens. O ambiente é urbano, mesmo quando invoca beleza natural: "Eu amo o sol de março em Petersburgo.. Repentinamente a rua inteira resplandece, banhada em luz brilhante. Todas as casas, de repente, parecem, como se fossem cintilar. Os tons de cinza, amarelo, verde-sujo, por um instante perdem toda a sua tristeza."[7] A cidade pode ser

[6] George Steiner, *Tolstoy or Dostoevsky: An Essay in Old Criticism* (Nova York: Vintage Books, 1961), pp. 7-75.

[7] Citado em Steiner, *Tolstoy or Dostoevsky*, p. 199.

maldita, mas Dostoievski é incapaz de conceber qualquer outro ambiente em que possam ocorrer significantes atos humanos. Seu lar é a cidade, ainda que seja inconfortável e úmida. Tolstoi, por outro lado, parece sentir-se confortável em um meio ambiente urbano somente quando está sendo destruído: sua eloqüência atinge o máximo no incêndio de Moscou.

A CIDADE E OS POETAS MODERNOS

Três poetas americanos importantes, T. S. Eliot, Carl Sandburg e E. E. Cummings, apresentam imagens incompatíveis da cidade. As de Eliot são consistentemente sombrias, às vezes sórdidas. Na cidade de Eliot, fumaça amarela deslisa ao longo da rua roçando seu dorso contra as vidraças; homens solitários, em mangas de camisa, se debruçam nas janelas; em terrenos baldios, rajadas de chuva levantam folhas murchas e restos sujos de jornal. Quando a manhã chega, o poeta nos convida a pensar em todas as mãos levantando as cortinas encardidas dos milhares de quartos mobiliados e nas pessoas desesperadas, sentadas na beira da cama, segurando com mãos sujas as plantas amarelas dos pés. [8] Ao contrário, o *Chicago* de Sandburg está cheio de afirmações desdenhosas. Chicago é barulhenta, corrupta e brutal; tem mulheres e crianças famintas. Mas o poeta diz: "Venha e mostre-me outra cidade cantando com a cabeça erguida, tão orgulhosa de estar viva e vulgar, e forte e velhaca." Sandburg descreve a sua metrópole com epítetos fulminantes. Cummings, como Eliot, concentra-se na narrativa detalhada, mas as suas imagens urbanas são mais benevolentes. Um poema canta a primavera na cidade. A primavera faz coisas alegres. Faz aparecer nas calçadas o incauto besouro e a frívola minhoca, o melodioso gato serenar sua fêmea e enche os parques com daninhos cavaleiros proxenetas e com garotas sorridentes, mascando chiclete. [9]

O MUNDO EVANESCENTE DE VIRGÍNIA WOOLF

Um mundo trêmulo, que quase se dissolve com cada mudança de luz é um aspecto importante da sensibilidade de Virgínia Woolf. Consideremos essa passagem de sua novela *Passeio ao Farol (To the Lighthouse).*

[8] Imagens urbanas sórdidas aparecem em vários poemas bem conhecidos como "The Love Song of J. Alfred Prufrock", "Prelude", "Rhapsody on a Windy Night", e "The Waste Land".

[9] Barclay Jones, "Prolegomena to a Study of the Aesthetic Effect of Cities", *The Journal of Aesthetics and Art Criticism,* 18 (1960), 419-29.

> E agora elevou-se aquela surda melodia, que a lavagem, a esfregagem, a ceifa e a segadura haviam como que sufocado, aquela música intermitente que o ouvido capta a meio, mas deixa fugir; algo de irregular, de intermitente, cujas partes são de certo modo aparentadas, onde há latidos, balidos, zumbidos de insetos, vibração de erva cortada que, embora separada da terra parece ainda pertencer-lhe, o ronco de um besouro, o rangido duma roda, fraco ou forte, mas misteriosamente ligado aos outros ruídos que o ouvido se esforça por juntar e está sempre a ponto de harmonizar, mas sem conseguir jamais ouví-los distintamente e, portanto, nunca logrando harmonizá-los e afinal, à noite, um após outro, morrem os sons, a harmonia balbucia e o silêncio reina. Ao pôr-do-sol as coisas perdiam seus contornos e como um vapor que se erguia, e bem erguido e bem espalhado, o vento se acalmava; o mundo se espreguiçava frouxamente para dormir, aqui, às escuras, sem outra luz que não o verde difuso das folhas ou o palor das brancas flores junto à janela [10].

Nesta descrição de lugar, o efeito de evanescência e fragilidade é alcançado valendo-se de sons. A audição, comparada com a visão, é difusa e passiva. Os ruídos são ouvidos sem contexto: "o ouvido se esforça por juntar e está sempre a ponto de harmonizar mas sem conseguir jamais ouví-los distintamente e, portanto, nunca logrando harmonizá-los." O que vemos está estruturado e harmonizado em termos de primeiro plano — plano de fundo e perspectiva. Som representa fluxo, permanência de imagem visual. O mundo parece estático para o surdo, contingente para o cego.

O TEMPERAMENTO ASCÉTICO

A preferência por um meio ambiente austero, despido como o deserto ou a cela de um monge, é contrária ao anseio humano comum de facilidade e abundância. No entanto, sabe-se que as pessoas têm repetidamente procurado o selvagem para escapar não só da corrupção, como da luxúria voluptuosa da vida da cidade. O anseio pela simplicidade, quando transcende as normas sociais e requer o abandono dos bens materiais, é um sintoma de preconceito bem profundo; este anseio conduz a um comportamento que não pode ser explicado somente pelos valores culturais da época. Qual é a atração positiva do ascetismo? Ascetismo é negação, mas a negação não é apenas um meio para um fim, mas em si mesmo pode ser uma afirmação. A prática ascética pode ser percebida como vontade, domínio do espírito sobre a matéria e o deserto a etapa austera para a epifânia.

[10] Virgínia Woolf, *To the Lighthouse* (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1927), pp. 212-13.

A Bíblia é uma fonte rica de atitudes ambientais conflitantes. Por exemplo, os israelitas tinham a aversão humana normal pelos desertos. O lar que procuravam era uma terra de leite e mel. Mas, o ascetismo, ao identificar o mérito humano e a graça de Deus com o selvagem, persistiu com um profundo ideal compensador. Os encontros com Deus, tanto direta como indiretamente, através dos profetas, se deram em cenários de desolação, longe dos sons perturbadores dos rios e dos homens raucos. A paisagem despida espelhava a pureza da fé. Nos primeiros séculos do cristianismo, os eremitas buscaram Deus, exaustivamente, no silêncio e no vazio do deserto. As suas atitudes para com a natureza e o meio ambiente poderiam ser muito excêntricas. O eremita egípcio Antão, investiu contra o nascer do sol por perturbá-lo em suas orações. O abade Abrão exaltou as terras improdutivas por não perturbarem os homens com desejos de amanhar o campo. São Jerônimo escreveu: "Uma cidade é uma prisão, a solidão do deserto um paraíso." [11]

Na idade moderna, Deus está ausente do mundo, mas o deserto conserva sua atração ambivalente para as pessoas de temperamento ascético. É difícil pensar em Charles Doughty e T. E. Lawrence sem ver o deserto como o palco natural para a ação de suas personalidades destemidas. Há pessoas que evitam o meio ambiente suave e anseiam pelo deserto ou outro ambiente áspero, onde possam conhecer a dureza impiedosa da realidade e o esplendor puro. Um indício do fascínio do deserto indomável aparece no primeiro parágrafo do testamento de T. E. Lawrence *Os Sete Pilares da Sabedoria*, onde escreveu: "De qualquer maneira vivemos, uns com os outros, durante anos, no deserto nú, sob o céu indiferente. De dia o sol abrasador nos fermentava; e ficávamos atordoados com os açoites do vento. À noite ficávamos impregnados de orvalho e envergonhados até a insignificância, pelos silêncios inumeráveis das estrelas." [12]

A desolação pode ser encontrada na estação ferroviária rural, não menos do que no deserto. Mentes heróicas são atraídas pela desolação, por razões que o comum da humanidade acha difícil compreender. Simone Weil declarou que seu nicho particular no mundo era a desnuda sala de espera de uma estação de trem.

[11] Referências em Yi-Fu Tuan, "Attitudes toward Environment: Themes and Approaches", in David Lowenthal (ed.), *Environmental Perception and Behavior* (University of Chicago Department of Geography Research Paper n.º 109, 1967), pp. 4-17.

[12] T. E. Lawrence, *Seven Pillars of Wisdom* (Garden City, N. Y.: Doubleday, 1936), p. 29.

George Orwell se retirou às desoladas Hébridas para viver seus últimos anos. Ludwig Wittgenstein poderia ter desfrutado da vida confortável e culta de um reitor de Cambridge, mas desprezava os confortos materiais: seus aposentos em Trinity College estavam vazios, com exceção da cama de vento. Albert Camus, no auge de sua fama, refletiu: "Para mim, o maior luxo sempre coincidiu com uma certa nudez. Eu gosto dos interiores desnudos das casas da Espanha ou do Norte da África. O lugar onde prefiro viver e trabalhar (e algo mais estranho, onde não me importaria morrer) é no quarto de um hotel." [13]

Sexo

A relação entre capacidade inata e o desenvolvimento de visão do mundo, é muito pouco compreendida. Em nossos contatos diários com as pessoas, consideramos como certo que existem atitudes excêntricas e que não são inteiramente explicadas por fatores culturais, como antecedentes familiares, formação e educação. Os exemplos acima citados pretendem sugerir a existência de perspectivas que, em sua excentricidade, nos levam a postular influências congênitas — isto é, a atribuir certas inclinações ao temperamento, aquela mistura incerta de humores. Mas há pouca evidência comprovada. Estamos em um terreno mais seguro quando relacionamos a amplitude das atitudes humanas com as categorias biológicas de sexo e idade.

Masculino e feminino não são distinções arbitrárias. As diferenças fisiológicas entre homem e mulher são claramente especificáveis e pode-se esperar que estas diferenças afetem os modos de responder ao mundo. [14] O homem, em média, é mais pesado e mais musculoso que a média das mulheres; esta diferença entre os sexos é compartilhada por quase todos os mamíferos. Como o homem tem menos gordura no tecido é mais sensível ao frio do que a mulher. A pele da mulher é mais delicada, mais suave e provavelmente mais sensível do que a do homem; ela é mais susceptível às sensações táteis. A sensibilidade olfativa é mais aguda nas meninas do que nos meninos, especialmente após a puberdade. Outras diferenças fisiológicas que têm impacto na percepção e comportamento do homem e da mulher podem ser facilmente especificadas. Mas, falamos do homem e da mulher

[13] Albert Camus, *Lyrical and Critical Essays*, trans. E. C. Kennedy (Nova York: Knopf, 1968), pp. 7-8.

[14] Kenneth Walker, *The Physiology of Sex and Its Social Implications* (Londres: Penguin Books, 1964).

média ou normal. Há muitas exceções a estas regras gerais e suficiente incerteza no referente à relação entre fisiologia e atitude mental, que nos faz perguntar: o sexo feminino tem uma maneira característica de estruturar o mundo, que é diferente do sexo masculino? O impacto dominante da cultura no comportamento e atitude confunde ainda mais o problema. Em toda cultura conhecida, homem e mulher recebem papéis diferentes; são ensinados na infância a se comportarem de maneiras diferentes e ainda, o fato de que não existem exceções, evidencia uma causa enraizada na biologia.[15]

Os psicólogos behavioristas tendem a minimizar a importância do sexo, ao passo que os psicanalistas influenciados por Freud tendem a acentuá-la. Erik Erikson acredita que o sexo desempenha uma parte significante na maneira que as crianças estruturam o espaço. No livro *Childhood and Society*, há uma seção intitulada "Genital Modes and Spatial Modalities." Para o modo de pensar psicanalítico e para Erikson em particular, "alto" e "baixo" são variáveis masculinas; "aberto" e "fechado" são modalidades femininas. Os experimentos com jogos livres mostram que quando uma menina desenha um meio ambiente, é comumente o do *interior* de uma casa, representado tanto como uma configuração da mobília sem paredes ou um simples *recinto* construído com blocos. Nas cenas das meninas, as pessoas e os animais, estão quase sempre *dentro* desse interior ou recinto e são, fundamentalmente, pessoas ou animais em posições *estáticas*. As cenas dos meninos, ou são casas com paredes trabalhadas ou fachadas com *protuberâncias* representando ornamentos ou canhões. Há *torres altas* nas construções dos meninos, maior número de pessoas e animais estão *fora* dos recintos ou prédios e há maior número de objetos *se movimentando* ao longo de ruas e intersecções. Junto com as estruturas altas, os meninos brincam com a idéia de *colapso*; as ruínas são construções exclusivamente masculinas. [16]

Idade

Shakespeare fala das sete idades do homem e caracteriza cada uma delas com tal eloqüência e agudeza que parecem sete pessoas diferentes. Se ainda existe dúvida sobre a relação entre o tipo de corpo, sexo e outros traços inatos, e o comportamento ambiental e percepção, não deve haver dúvida a respeito do papel do ciclo da vida no aumento da amplitude das respostas humanas para o mundo. No discurso da ciência social, "homem" é comumente considerado uma pessoa adulta ativa; ignora-se o fato de que a maturidade é simplesmente uma etapa da vida da pessoa, assim como a infância, meninice e adolescência antes dela e a senilidade após. Cada idade tem sua própria fisiognomia e aparência: no transcurso de uma longa vida, inevitavelmente, nos movemos do infante "choramingando e regurgitando nos braços da enfermeira" para a segunda infância "sem dentes, sem olhos, sem paladar, sem nada."

INFANTE

O infante é *sem mundo* na medida em que não pode distinguir entre o eu e o meio ambiente. Percebe e responde ao estímulo ambiental; ele, provavelmente, discrimina mais as qualidades do som do que as imagens visuais. Sobretudo, ele é altamente sensível ao tato. Como toda mãe sabe, o infante, misteriosamente, está consciente do seu estado de ânimo, pela maneira como ele é carregado. Ou mais precisamente, ele está consciente das mudanças sutis de pressão e de temperatura ao seu redor, porque a mãe não é reconhecida como um indivíduo separado. Ao redor da quinta semana, os olhos do bebê podem fixar-se em objetos. A primeira configuração que ele reconhece é o rosto humano, mesmo a abstração de um rosto, como dois pontos e uma linha desenhada em um pedaço de papel. Ele não pode, no entanto, discriminar entre objetos geométricos de arestas agudas, como quadrados e triângulos. A forma retilínea não tem valor para a sua sobrevivência, mas o rosto humano sim. [17] Ao redor dos três a quatro meses, o bebê pode identificar, especificamente o rosto da mãe; mas a idéia do todo da pessoa continua a escapar à sua apreensão. Quando o bebê olha para alguém, seus olhos se fixam em partes do corpo, a boca, as mãos, etc.; somente ao redor dos seis meses é que ele evidencia perceber outra pessoa. A experiência espacial do bebê está estreitamente circunscrita. No começo de sua vida, o espaço é principalmente "oral"; o espaço é o que ele conhece através da exploração com sua boca. A própria respiração pode fornecer-lhe um tipo de experiência espacial. A posição horizontal no berço e a posição vertical contra o corpo

[15] Sobre diferenças sexuais e comportamento ver Walter Goldschmidt, *Comparative Functionalism* (Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1966), pp. 45-46.

[16] Erik Erikson, "Genital Modes and Spatial Modalities", in *Childhood and Society* (Harmondsmith: Peguin, 1965), 91-102.

[17] R. A. Spitz e K. M. Wolf, "The Smiling Response: A Contribution to the Ontogenesis of Social Relations", *Genetic Psychology*, Monographs, 34 (1964), 57-125.

da mãe, quando o bebê é levantado para arrotar, adverte-lhe sobre a realidade de uma dimensão espacial. No referente à cor, as crianças com três meses já parecem responder a ela.

As crianças menores parecem preferir as cores quentes às frias. À medida que crescem, a preferência pelas cores quentes — especialmente amarelo — diminui, e continua diminuindo com a idade. [18]

A CRIANÇA PEQUENA

Um infante sorri para o rosto humano, mas também para um pedaço de papel com pontos, o que sugere que ele não distingue, visualmente, entre objetos animados e inanimados. De um modo sensório-motor, no entanto, ele, provavelmente, pode discriminar entre a matéria viva e sem vida. A criança pequena é animista: responde a todos os corpos em movimento como se fossem vivos e dotados de movimento próprio. A criança até os seis anos pode considerar as nuvens, o sol e a lua como vivos e capazes de seguí-la, quando ela caminha. [19] O mundo da criança pequena está reduzido aos seus arredores imediatos; por natureza, ela não é uma observadora de estrelas. Os objetos distantes e as cenas panorâmicas não têm nenhuma atração especial. O espaço não está muito bem estruturado para as crianças de cinco e seis anos. Uma criança pequena não concebe o espaço como um ambiente analizável em diferentes dimensões. Primeiro ela torna-se ciente do acima e abaixo, esquerda e direita, frente e atrás, porque derivam diretamente da estrutura do corpo humano; outras dimensões como aberto-fechado, compacto-difuso, agudo-obtuso são conceitualizadas mais tarde. [20] "Paisagem" é uma palavra que não tem muito significado para a criança pequena. Ver a paisagem requer, antes de tudo, a habilidade de fazer distinção nítida entre o eu e os outros, uma habilidade ainda pouco desenvolvida na crianca de seis ou sete anos. De modo que para ver a paisagem e avaliá-la esteticamente, a pessoa precisa ser capaz de identificar um segmento ilimitado da natureza e estar consciente da coerência de suas características espaciais nos seguintes termos: os componentes vertical e horizontal estão arranjados em oposição rígida? Os espaços fechados estão harmoniosamente dispostos na planície aberta? A folhagem densa à direita é compensada pela linha de salgueiros à esquerda? Apesar de a paisagem escapar à criança pequena, ela está bem ciente dos vários componentes: um toco de árvore, um grande matacão, água borbulhando num trecho de córrego. À medida que a criança cresce, aumenta a sua consciência das relações espaciais, às expensas da essência dos objetos que os definem. Nas preferências de cor, a criança pequena parece indiferente às cores mistas, malva, bege, lavanda, mas é fortemente atraída pelos tons brilhantes, tanto que tende a agrupar objetos geométricos seguindo a semelhança de cor mais do que de forma. Tudo que brilha é ouro. O mundo da criança pequena, portanto, é animado e consiste de objetos vívidos, nitidamente delineados em um espaço pobremente estruturado.

[18] Ann Van Nice Gale, *Children's Preferences for Color: Color Combinations and Color Arrangements* (Chicago: University of Chicago Press 1933), pp. 54-55.

[19] Jean Piaget, *The Child's Conception of Physical Causality* (Nova York: Humanities Press, 1951), p. 60.

[20] Robert Beck, "Spatial Meaning, and the Properties of the Environment", in David Lowenthal (ed.), *Environmental Perception and Behavior* (University of Chicago, Department of Geography Research Paper n.° 109, 1967), pp. 20-26; Monique Laurendeau e Adrien Pinard, *The Development of the Concept of Space in the Child* (Nova York: International Universities Press, 1970); Yvonne Brackbill e George G. Thompson (eds.), *Behavior in Infancy and Early Childhood* (Nova York: Free Press, 1967), pp. 163-220.

A CRIANÇA E A ABERTURA PARA O MUNDO

É difícil para um adulto recapturar a perdida vividez das impressões sensoriais (exceto ocasionalmente) como a frescura de uma cena após a chuva, a fragrância penetrante do café antes do desjejum, quando a concentração do açúcar no sangue está baixa, e a pungência do mundo durante a convalescência após uma longa doença. Uma criança, de cerca de sete ou oito anos até os treze, catorze, vive a maior parte do tempo, neste mundo vívido. Ao contrário do infante que está aprendendo a andar, a criança mais velha não fica presa aos objetos mais próximos nem aos arredores; ela é capaz de conceituar o espaço em suas diferentes dimensões; gosta das sutilezas na cor e reconhece as harmonias na linha e no volume. Ela tem muito da habilidade conceitual do adulto. Pode ver a paisagem como um segmento da realidade "lá de fora", artisticamente arranjado, mas também a conhece como uma força, uma presença envolvente e penetrante. Sem a carga das preocupações terrenas, sem as cadeias da aprendizagem, livre do hábito enraizado, negligente do tempo, a criança está aberta para o mundo. Frank Conroy, em sua novela autobiográfica *Stop-time*, descreve o que significa esta abertura infantil na experienciação até dos tipos mais comuns de meio ambiente. O autor era então, um menino de treze anos, andando de bicicleta e sem destino certo.

> No primeiro posto de gasolina parei para tomar uma coca-cola e verifiquei a pressão dos pneus. Eu gostava dos postos de gasolina. A gente podia ficar aí por quanto tempo quizesse e

ninguém falava nada. Sentado no chão, num canto na sombra, encostado na parede, eu bebericava a coca e fazia-a render.

É a despreocupação da infância que abre o mundo? Hoje nada acontece em um posto de gasolina. Estou ansioso para partir, para chegar aonde estou indo e o posto, como uma enorme figura de papel recortada, ou um cenário de Hollywood, é simplesmente a fachada. Mas, aos treze anos, sentado, encostado na parede, era um lugar maravilhoso para se estar. O cheiro delicioso da gasolina, os carros chegando e saindo, a frescura do ar comprimido, o murmúrio abafado das vozes vindas do fundo — estas coisas pairavam musicalmente no ar, enchendo-me com uma sensação de bem estar. Em dez minutos minha mente estaria cheia como os tanques dos automóveis [21].

VELHICE

As pessoas estão vagamente conscientes de que seus sentidos vão embotando com a idade. O declínio e sua causa fisiológica podem ser medidos. As papilas gustativas na criança estão amplamente distribuídas no pálato duro e mole, nas paredes da garganta, como também na superfície central superior da língua; estas papilas gradualmente desaparecem à medida que a pessoa amadurece, resultando no enfraquecimento da sensibilidade do paladar. Os adultos jovens podem identificar uma solução de açúcar como doce, com uma concentração três vezes menor que a requerida por uma pessoa mais velha. A visão enfraquece. Os velhos prestam mais atenção à informação recebida através dos receptores periféricos do olho, que aumentam o movimento. Com a idade, o mundo é um pouco mais cinzento; diminui o discernimento da cor violeta no final do espectro. As lentes do olho tornam-se mais amarelas, filtrando o ultravioleta e algumas das ondas violeta. A audição declina acentuadamente na amplitude de alta freqüência. Enquanto uma pessoa jovem, de audição normal, é sensível ao som de 20.000 ciclos por segundo, no final da idade madura, algumas pessoas não podem ouvir notas acima de 10.000 ciclos. Com o aumento da surdez, o mundo parece estático, sem as pulsações da vida. O mundo percebido se encolhe com o declínio, tanto da visão como da audição. A diminuição da mobilidade restringe ainda mais o mundo do velho, não somente no óbvio sentido geográfico, mas também pelo fato dos encontros háptico-somáticos com o meio ambiente (escalar montanhas, correr, caminhar) se tornam menos freqüentes. Os jovens povoam o futuro com fantasias, enquanto que com o velho, é o passado distante que fornece o material para a fantasia e distorção. Para os velhos o mundo se contrai não apenas porque seus sentidos

[21] Frank Conroy, *Stop-time* (Nova York: Viking, 1967), p. 10.

perdem acuidade, mas porque seu futuro está truncado: à medida que o futuro diminui, também diminui o espaço horizontal e o velho pode chegar a se envolver emocionalmente com acontecimentos e objetos próximos, de uma maneira que é reminiscente do mundo da criança.

A amplitude das respostas humanas para o mundo é aumentada além do que normalmente estudam os cientistas sociais, quando nos lembramos de considerar os estágios do ciclo da vida. Além disso, ocorrem grandes diferenças de capacidade dentro de cada grupo de idade. As taxas de crescimento e de envelhecimento variam muito de pessoa para pessoa. Pablo Casals aos noventa anos continuava tocando violoncelo e regendo com perfeição a orquestra. Entre os artistas e as pessoas doutas, dos tempos modernos, Tolstoi, Whitehead, Picasso e Bertrand Russell tiveram uma vida saudável e criativa na velhice. De Gaulle permaneceu até os setenta anos, como uma figura ativa na política.

CAPÍTULO SEIS

cultura, experiência e atitudes ambientais

Para compreender a preferência ambiental de uma pessoa, necessitaríamos examinar sua herança biológica, criação, educação, trabalho e os arredores físicos. No nível de atitudes e preferências de grupo, é necessário conhecer a história cultural e a experiência de um grupo no contexto de seu ambiente físico. Em nenhum dos casos é possível distinguir nitidamente entre os fatores culturais e o papel do meio ambiente físico. Os conceitos "cultura" e "meio ambiente" se superpõem do mesmo modo que os conceitos "homem" e "natureza". No entanto, inicialmente, é conveniente discutí-los separadamente. Assim, podemos focalizar primeiro a cultura e em seguida o meio ambiente (capítulo sete): eles fornecem perspectivas complementares sobre o caráter da percepção e atitude ambiental. Começaremos com a cultura e ressaltaremos os seguintes temas: 1. cultura e percepção; 2. papéis dos sexos e percepções; 3. diferenças de atitudes entre o visitante e o nativo; 4. diferenças na avaliação do mesmo meio ambiente por exploradores e colonizadores com antecedentes e experiências diferentes; 5. diferentes visões do mundo em um meio ambiente semelhante; 6. mudanças de atitude em relação ao meio ambiente.

Cultura e percepção

A cultura pode influenciar a percepção, de maneira que uma pessoa possa ver coisas inexistentes? A alucinação é conhecida entre indivíduos e grupos de indivíduos. Este fenômeno fascina porque a percepção de um objeto inexistente parece seguir as regras da percepção normal. Se uma figura alucinatória fica diante de uma mesa, então parte da mesa está bloqueada; e se ela recua parece menor. A alucinação é comumente um sintoma de tensão afetando o indivíduo ou o grupo. Peregrinos excitados que esperam um milagre podem ver a Virgem Maria. Muitas pessoas alegam ter visto discos voadores. O grupo afetado é geralmente uma pequena minoria dentro da uma grande sociedade. Uma pergunta interessante é: a alucinação pode ocorrer como um acontecimento normal (isto é, comumente aceito) em uma cultura? A. I. Hallowel acredita que os índios Ojibwa, da área do lago Winnipeg, experienciam genuínas ilusões perceptivas. É um traço cultural das pessoas e não simplesmente uma idiossincrasia pessoal. Os Ojibwa vêem monstros canibais conhecidos como *windigos*. Um relato contado por um velho, termina da seguinte maneira:

> Entre a praia e as ilhas havia um lugar onde a água não estava con
> podia ouví-lo no frágil gelo. Então ele afundou e ouvi um berro terrível. Eu voltei e não posso dizer se o monstro conseguiu sair ou não. Cacei alguns patos e regressei à minha canoa. A esta altura eu estava me sentindo bastante fraco, assim, me dirigi para uma cabana que achava estar próxima. Mas, as pessoas haviam partido. Mais tarde soube que eles haviam escutado o monstro e ficaram tão assustados que se mudaram [1].

Não é verdade que os Ojibwa sejam ingênuos quanto às origens das visões e sons. Ao contrário, experientes lenhadores que conhecem muito bem seu meio ambiente. Além disso, eles normalmente dão explicações naturalísticas sobre os ruídos que os assustam. Em vista desse fato, Hallowell observa: "Portanto, é muito mais significante descobrir casos em que as percepções dos indivíduos têm sido completamente moldadas pelo dogma tradicional, que os estímulos reais e inócuos despertam os medos mais intensos. É o *Einstellung* culturalmente produzido, mais do que os próprios estímulos, que explica o comportamento deles." [2]

[1] A. Irving Hallowell, *Culture and Experience* (Nova York: Schocken Books, 1967), p. 258.
[2] Hallowell, *Culture and Experience*, p. 257.

Quando não há lapso de tempo entre a sensação e a sua interpretação, como no caso da visão do *windigo*, se pode falar da experiência, como percepção em sentido estrito. Quando há lapso de tempo se podem formar conceitos; uma pessoa pode parar e interpretar os indícios perceptivos de maneiras diferentes, como um exercício em racionalidade. Uma interpretação é preferida e por parecer verdadeira, apega-se fortemente a ela. A verdade não é dada através de nenhuma consideração objetiva da evidência. A verdade é subjetivamente admitida como parte da experiência e da perspectiva global da pessoa. A distinção pode ser ilustrada, examinando a compreensão do espaço dos índios Hopi. Difere da estrutura estática, tridimensional do homem ocidental. Os Hopi, também estão conscientes desta diferença. A visão do homem branco somente é uma visão possível para ele mesmo, ao passo que a visão Hopi é a verdadeira, pois está de acordo com a sua experiência global.

O seguinte diálogo entre a antropóloga Dorothy Eggan e seu informante Hopi esclarece o anterior. O Hopi diz: "Feche seus olhos e diga-me o que vê do Grande Canhão daqui da casa Hopi.' Eggan descreve, com entusiasmo, as cores brilhantes das paredes do canhão, a trilha que serpenteia sobre o bordo dele, reaparecendo e cruzando uma mesa mais baixa, e assim por diante. O Hopi sorri e diz: "Eu, também, vejo as paredes coloridas, e sei muito bem o que você quer dizer, mas suas palavras estão erradas." Para ele, a trilha não cruza nem desaparece. A trilha é apenas uma parte da mesa que foi mudada pelos pés. Ele continua: "A trilha, mesmo que você não a veja, está ainda lá, porque *eu posso vê-la inteira*. Meus pés têm percorrido a trilha em toda a sua extensão. E outra coisa, você foi até o Grande Canhão quando o descreveu?", Egan diz, "Não, claro que não." A resposta do Hipo para isto é, "Parte de você estava lá, ou parte dele estava aqui." Então, com um grande sorriso: "Para mim é mais fácil levá-la, do que trazer qualquer parte do Grande Canhão." [3]

Papéis dos sexos e percepção

Nas culturas em que os papéis dos sexos são fortemente diferenciados, homens e mulheres olharão diferentes aspectos do meio ambiente e adquirirão atitudes diferentes para com ele. Por exemplo, são muito diferentes os mapas mentais dos homens e

[3] Dorothy Eggan, "Hopi Dreams in Cultural Perspective", in G. E. von Grunebaum e Roger Caillois (eds.), *The Dream and Human Societies* (Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1966), p. 253.

mulheres esquimós da ilha de Southampton. Quando se pede a um caçador Aivilik que desenhe uma mapa, ele mostra com detalhe e fidelidade o contorno da ilha, como também as baias e enseadas da costa vizinha da baia de Hudson. Mas, a mulher não revela seu conhecimento através dos contornos: seu mapa é feito de pontos, cada um indicando a localização de um povoado ou entreposto. Estes mapas de localização são tão admiravelmente fiéis, em relação à direção e distâncias relativas quanto os contornos dos mapas dos caçadores, em relação à forma. [4]

Há vários métodos disponíveis para estudar as diferenças na percepção e valores ambientais. Joseph Sonnenfeld aplicou um teste de fotografias em diapositivos aos residentes nativos e não nativos do Alasca. Os diapositivos mostram paisagens que variam em uma ou mais das quatro dimensões básicas: topografia, água, vegetação e temperatura. O resultado do teste indica que os homens tendem a preferir as paisagens com uma topografia mais acidentada e com indícios de água, enquanto as mulheres preferem as paisagens com vegetação em meios ambientes mais cálidos. A discrepância é maior entre os esquimós do que entre os residentes brancos e visitantes. [5] O único elemento inesperado no teste, é que os homens, mais do que as mulheres, mostraram maior preferência pela água. Na literatura religiosa e psicanalítica, a água — especialmente água parada — tende a ser um símbolo do princípio feminino.

Na sociedade ocidental o mapa mental da dona de casa com crianças pequenas, provavelmente é diferente do de seu esposo. Os caminhos de circulação do casal, durante os dias de trabalho, dificilmente coincidem, exceto dentro de casa. Quando saem às compras, o homem e a mulher vão querer olhar lojas diferentes. Eles podem ir de braço dado, mas com isso não vão ver ou escutar as mesmas coisas. Ocasionalmente, são arrancados de seus próprios mundos perceptivos para atender cortezmente ao pedido do outro, como por exemplo, quando o marido pede à esposa que admire os tacos de golfe na vitrina. Pense em uma rua movimentada e procure lembrar as suas lojas: certas lojas aparecerão nitidamente, enquanto outras se dissolverão em uma névoa como um sonho. Os papéis dos sexos têm muito a ver com as diferenças

[4] C. S. Carpenter, F. Varley, e R. Flaherty, *Eskimo* (University of Toronto Press, 1959).

[5] Joseph Sonnenfeld, "Environmental Perception and Adaptation Level in the Arctic", in David Lowenthal (ed.), *Environmental Perception and Behavior*, University of Chicago Department of Geography Research Paper N.º 109 (1967), 42-53.

nos padrões. Isto é especialmente certo, na sociedade ocidental, para os adultos da classe média baixa e baixa. Por outro lado os papéis dos sexos não são tão bem definidos entre os membros da classe alta cosmopolita e podem estar bem confusos nos grupos especializados, como os da contra-cultura das "pessoas de rua" e dos cientistas que trabalham em centros de pesquisa. Entre eles, as diferenças de percepção baseadas no sexo são mínimas.

Entre os sexos, as persistentes diferenças na percepção e avaliação do meio ambiente podem levar a um desacordo intolerável. No entanto, na sociedade americana de classe média este conflito dificilmente é sério: marido e mulher podem estar de acordo no mesmo ato, mas, por razões diferentes. Isto é ilustrado por Herbert J. Gans, em seu estudo com os moradores de Levitown, em Nova Jersey, que perguntou aos compradores de casa, no novo subúrbio em expansão, se "eles prefeririam viver na cidade, se não fosse pelas crianças." Oitenta e sete por cento responderam negativamente. Os judeus foram os mais favoráveis pela cidade e os protestantes os menos favoráveis; os com escolaridade superior estavam um pouco mais a favor do meio ambiente urbano, comparados com os que abandonaram a escola secundária. Porém, não houve diferença quanto ao sexo. Por outro lado, o sexo explica as grandes diferenças nos valores de vida a que aspiravam os moradores de Levittown. O homem antecipava a paz e tranqüilidade do campo após um dia de trabalho, assim como a oportunidade para "zanzar pela casa e jardim." As mulheres colocaram maior ênfase em fazer novas amizades e "ter bons vizinhos". [6]

Visitante e nativo

O visitante e o nativo focalizam aspectos bem diferentes do meio ambiente. Em uma sociedade tradicional estável os visitantes e as pessoas de passagem constituem uma minoria da população total; suas visões do meio ambiente não têm, talvez, muita importância. Em nossa sociedade de alta mobilidade, as impressões fugazes das pessoas que estão de passagem não podem ser negligenciadas. Em geral, podemos dizer que somente o visitante (e especialmente o turista) tem um ponto de vista; sua percepção freqüentemente se reduz a usar os seus olhos para compor quadros. Ao contrário, o nativo tem uma atitude complexa derivada da sua imersão na totalidade de seu meio ambiente. O ponto de vista

[6] Herbert J. Gans, *The Levittowners* (Nova York: Random House, Vintage Books edition, 1969), p. 38.

do visitante, por ser simples, é facilmente enunciado. A confrontação com a novidade, também pode levá-lo a manifestar-se. Por outro lado, a atitude complexa do nativo somente pode ser expressa com dificuldade e indiretamente através do comportamento, da tradição local, conhecimento e mito.

Para os povoadores americanos do início do período colonial o selvagem era visto, principalmente como uma ameaça, um lugar a ser recuperado e redimido das predações dos índios e dos demônios. Para esta visão, pouca diferença fizeram os antecedentes sociais e educacionais. Em meados do século dezoito, no entanto, o romantismo natural europeu tinha encontrado seguidores entre as crescentes classes abastadas da América. Entre o agricultor que lutava contra o selvagem e o cavalheiro culto que o apreciava como um cenário, abriu-se um hiato na avaliação ambiental que continuou crescendo. A natureza selvagem recebeu elogios efusivos e também os seus solitários habitantes — o lenhador, o caçador de peles — mas não os agricultores que lutavam para ganhar a vida. Francis Parkman, quando jovem, demonstrou este aristocrático desdém para com o agricultor. Durante o verão de 1842, ele viajou pelo norte de Nova Iorque e Nova Inglaterra. Depois de passar vários dias admirando o cenário ao longo das costas do lago George, ele escreveu em seu diário: "Não deve existir um lugar tão lindo como este, para cavalheiros, mas agora está, em grande parte, povoado por uma raça de grosseiros, incultos, mesquinhos e estúpidos como os porcos com os quais eles principalmente parecem deleitar-se." [7] Mesmo William James, um filósofo de mente aberta, pensou mal sobre as fazendas descuidadas que pertenciam aos pioneiros da Carolina do Norte. Depois de refletir, ele concluiu que sua visão, como a de uma pessoa simplesmente de passagem, era superficial e frívola: pouco importava, comparada com a atitude das pessoas que viviam nas montanhas. Ele explicou:

> Porque para mim as clareiras não dizem nada, a não ser desolação, eu pensava, que aqueles que as tinham produzido, com seus braços fortes e machados obedientes, não podiam contar outra estória. Mas, quando *eles* olhavam os horríveis tocos, pensavam em uma vitória pessoal. As lascas, as árvores com incisões circulares na casca e os miseráveis troncos cortados, falavam de suor honesto, de trabalho persistente e recompensa final. A cabana era uma garantia de segurança para ele, a mu-

[7] Mason Wade (ed.), *The Journal of Francis Parkman* (Nova York: 1947). Citado em Henry Nash Smith, *Virgin Land* (Nova York: Random House, Vintage Books edition, primeira publicação em 1950), p. 54.

lher e as crianças. Em resumo, a clareira, que para mim era simplesmente um feio quadro na retina, para eles era um símbolo fragrante de lembranças morais e cantava um verdadeiro hino ao dever, à luta e ao sucesso [8].

A avaliação do meio ambiente pelo visitante é essencialmente estética. É a visão de um estranho. O estranho julga pela aparência, por algum critério formal de beleza. É preciso um esforço especial para provocar empatia em relação às vidas e valores dos habitantes. Francis Parkman e William James, representantes do sistema cultural da Costa Leste, ficaram ofendidos com as fazendas descuidadas do norte do estado de Nova Iorque e Carolina do Norte. Na segunda metade do século vinte, os seus sucessores podem também julgar duramente a rústica e desordenada paisagem urbana do Oeste Americano — a sucessão interminável de postos de gasolina, motéis, "venda de laticícios" (*dairy queens*), e barracas de *hamburgers*. O operador de uma barraca de "comer" pode, no entanto, estar orgulhoso de seu negócio e seu modesto papel na comunidade assim como o lavrador, lá no sertão, via em sua descuidada roça de milho uma evidência segura de sucesso na luta por uma vida independente.

As diferenças de perspectiva entre o residente e o passante, entre o estranho e o de casa, são sensivelmente observadas por Herbert Gans em seu estado do distrito operário de West End, em Boston, antes de ser demolido para reurbanização. [9] Quando o sociólogo viu West End pela primeira vez, ficou impressionado com suas qualidades estéticas conflitantes. De um lado, o caráter europeu de West End oferecia certa atração. Os prédios altos em ruas estreitas e sinuosas, as lojas e restaurantes italianos e judeus, e a multidão de pessoas nas calçadas, durante o tempo bom, todos contribuiam para dar ao distrito um ar exótico. Por outro lado, Gans observou muitos prédios comerciais desocupados, casas abandonadas e os becos abarrotados de lixo. A sua percepção mudou depois de ter vivido algumas semanas em West End. Ele tornou-se seletivo, ignorando as casas vazias e deterioradas e

[8] William James, "On a Certain Blindness in Human Beings", in *Talks to Teachers on Psychology: and to Students on Some of Life's Ideals* (Nova York: The Norton Library, 1958), pp. 150-52 (originalmente publicado em 1899). Ver David Lowenthal, "Not Every Prospect Pleases", *Landscape*, 12, N.º 2 (Winter 1962-1963), 19-23. Acerca da má opinião dos poetas sobre fazendeiros, ver R. H. Walker, "The Poets Interpret the Frontier", *Mississippi Valley Historical Review*, 48, N.º 4 (1961), 622-23.

[9] Herbert J. Gans, *The Urban Villagers: Group and Class in the Life of Italian-Americans* (Nova York: Free Press, 1962).

olhando só as que estavam habitadas; e estas aparentavam melhores condições no interior do que os seus exteriores faziam supor. Gans, também descobriu que a apreciação do estranho, mesmo quando era solidária e generosa, retratava um mundo alheio ao residente nato. Por exemplo, um relatório, do centro comunitário sobre treinamento de pessoal novo, descrevia afetuosamente o West End como uma área residencial multicultural, que apesar das moradias pobres, tinha "um encantamento e segurança para seus residentes;" e o que servia para reunir as pessoas eram alguns aspectos agradáveis da vida, como a estabilidade de uma residência duradoura, a proximidade do rio, os parques e piscinas do bairro e a riqueza das culturas étnicas. Na verdade, os residentes não estavam interessados na variedade étnica; e apesar de usarem as margens do rio e piscina, não as viam como parte do bairro. E nenhum residente nato descreveria o bairro como sendo encantador. [10]

O entusiasmo do estranho, não menos que sua postura crítica, podem ser superficiais. Por isso um turista na parte medieval de uma cidade européia manifesta deleite sobre as ruas escuras, calçadas com seixos, as esquinas e recantos íntimos, as pitorescas construções compactas de casas e as encantadoras lojas antigas, sem parar para pensar como as pessoas realmente viveram. Um turista em Chinatown fica encantado com o estímulo de seus sentidos da visão e olfato; ele sai com uma feliz ignorância do apinhamento, das vidas apáticas, do jogo atrás das vistosas fachadas.

Obviamente, o julgamento do visitante é muitas vezes válido. Sua principal contribuição é a perspectiva nova. O ser humano é excepcionalmente adaptável. Beleza ou feiúra — cada uma tende a desaparecer no subconsciente à medida que ele aprende a viver nesse mundo. O visitante, freqüentemente, é capaz de perceber méritos e defeitos, em um meio ambiente, que não são mais visíveis para o residente. Consideremos um exemplo do passado. A fumaça e a fuligem poluiam tremendamente as cidades industriais do Norte da Inglaterra. Isto o visitante podia ver facilmente; porém os residentes locais tendiam a afastar de si a realidade desagradável, ignorando o que eles não podiam controlar eficazmente. No Norte da Inglaterra, a resposta dos habitantes para se adaptarem à poluição industrial foi instituir e desenvolver aconchegantes concertos de câmara e chás vespertinos, atrás de cortinas fechadas.

[10] Gans, *Urban Villagers*, pp. 149-50.

Exploradores e povoadores na frente pioneira

Na frente pioneira, os exploradores e povoadores se depararam com acontecimentos e cenas novas que foram, de tempos em tempos, registradas em cartas, diários, relatórios e livros. A confrontação com a novidade serviu para aumentar o preconceito cultural das pessoas: os migrantes viram o meio ambiente novo através dos olhos que estavam adaptados a outros valores. Consideremos o Novo México, que recebeu pessoas de origem européia de duas partes, do sul e do leste.[11] Do sul vieram os conquistadores espanhóis, missionários e colonizadores. Do leste, em um período posterior, vieram os exploradores anglo-americanos, os militares e povoadores. Um livro de texto de Geografia pode descrever o Novo México como uma região essencialmente semiárida com manchas de verdadeiro deserto e ilhas frescas, úmidas montanhas recobertas de árvores. Os espanhóis e os primeiros visitantes anglo-americanos o perceberam bem diferente.

Os conquistadores espanhóis estavam pouco preocupados com o clima e solo do Novo México. Eles não avançaram para o norte em busca de solos férteis e da paz da vida rural. As justificativas comuns da conquista espanhola eram salvar almas, lucro privado e riquezas para o rei. E o lucro devia vir principalmente da riqueza mineral. Os espanhóis tampouco se interessaram pelo clima e terra, porque nenhum deles eram muito diferente dos da Nova Espanha. Para os conquistadores e povoadores, na marcha para o norte, a mudança climática mais evidente foi a queda da temperatura. Coronado, em seu relatório para Mendoza, em 1540, escreveu: "Eles [o povo de Cibola] não cultivam algodão porque a região é extremamente fria"; "segundo o que dizem os nativos da região a neve e o frio são excessivos" e "não há muitos pássaros, provavelmente por causa do frio..." Como Coronado escreveu o relatório em agosto, estas observações podem ter surgido somente de rumores, conjeturas e presságios sombrios. Cerca de sessenta anos mais tarde, Don Juan de Oñate escreveu ao vice-rei de Nova Espanha. O relatório escrito em março de 1599, descrevia com bastante otimismo os recursos da região, os minerais, salinas, caça e vassalos índios, mas não incluia nenhum comenário sobre o clima, exceto "... em fins de agosto, comecei a preparar os homens do exército para o rigoroso inverno de que os índios e o tipo da região nos advertem."

[11] Este item está baseado em Yi-Fu Tuan e Cyril E. Everard, "New Mexico's Climate: The Appreciation of a Resource, "*Natural Resources Journal*, 4, N.º 2 (1964), 268-308.

Em 1760 o bispo Tamarón visitou Novo México. Seu opúsculo, *Reino do Novo México*, surpreende o leitor moderno com seus freqüentes comentários sobre inundações e a abundância de água nos rios. Não há nenhuma referência sobre aridez. Ele ocasionalmente menciona o calor, mas considerando o fato de que viajou pelo Novo México no verão, no meio do ano, é curioso que ele também se referisse ao frio, à "geada da madrugada" em 11 de maio, perto de Robledo, e ao fato de que o riacho em Taos se cobre de gelo todos os anos. A queixa mais dura contra o frio do inverno por um visitante do sul, aparece nos comentários de Antonio Barreiro, um conselheiro legal do governo de Santa Fé. Ele escreveu um folheto sobre a geografia da província. Na seção intitulada "clima" somente se refere ao inverno porque "o inverno do Novo México impressiona tão profundamente a todos que sabem que aqui se sente frio." Barreiro era bom no detalhe pitoresco. Ele observou, por exemplo, como "nos currais, muitas vezes, o leite se congela quase no instante que é ordenhado e pode-se levá-lo em guardanapo para derretê-lo em casa e usá-lo como se queira."

Os espanhóis e mexicanos quando avançaram para o norte do Novo México não acharam a região árida. Ao contrário, eles freqüentemente notaram a presença de riachos. Barreiro chegou até a dizer que "a maior parte da região consiste de imensas planícies e vales aprazíveis revestidos com pastagens muito abundantes". Ao contrário dos latinos, os exploradores e agrimensores anglo-americanos chegaram ao Sudoeste vindos do leste úmido. A aparência do Sudoeste produziu neles uma forte impressão. Às vezes bem desfavorável. O tenente J. H. Simpson, por exemplo, atravessou em 1849, a região dos Navajos, no noroeste do Novo México. Ele concluiu o seu diário de reconhecimento com o seguinte comentário: "Mas, nunca eu tive, nem creio que ninguém possa ter, uma completa apreciação da aridez quase univer
se espalha por esta região, até que venha cá como eu fiz 'percorrendo-a palmo a palmo' e contemple com seus próprios olhos sua nudez geral." Em outra parte Simpson descreve a paisagem como tendo um aspecto de "cor nauseante" a qual, "até que a familiaridade o reconcilie com a visão" você nem pode olhar "sem uma sensação de desprezo". Em maio de 1851, J. R. Bartlett, comissário americano, da Comissão de Fronteira dos Estados Unidos e México, cruzou as planícies do sudoeste do Novo México. Ele as caracterizou como "áridas e extremamente desinteressantes". Chega a "cansar e enfastiar, a monotonia de planície e montanha, plantas e coisas vivas". "Esta é a terra", indaga Bartlett, "que compramos, e vamos medir e conservar a este preço?" Em um

relatório posterior para a Comissão de Fronteira, W. H. Emory alega que as Grandes Planícies a oeste do centésimo meridiano são "completamente inadequadas para manter uma população agrícola, até que se avance bem longe para o sul, até encontrar as chuvas dos trópicos... ou paar o oeste até encontrar a última escarpa do Pacífico".

Índios e anglo-americanos no Novo México

Os homens cultos que exploram uma região ou procuram aí se instalar, freqüentemente fazem anotações. Temos suas impressões por escrito. Essas impressões são explícitas. Também tendem a ser, ou especializadas ou algo superficiais: especializadas porque os exploradores e agrimensores estão desempenhando tarefas limitadas; superficiais, porque os povoadores percebem o seu novo meio ambiente através da cor das lentes de sua experiência anterior. Uma vez que as pessoas se instalam e se adaptam um pouco ao novo ambiente, é difícil conhecer suas atitudes ambientais, porque ao se tornarem nativos, perdem a ânsia de fazer comparações e comentários sobre o novo lar. Poucas vezes aparecem oportunidades para expressar valores ambientais; os valores estão implícitos nas atividades econômicas das pessoas, comportamento e estilo de vida. Após ter descrito as impressões inicais do Novo México, podemos, agora, voltar-nos para as atitudes ambientais dos povoadores.

No noroeste do Novo México, cinco grupos de povos — navajo, zuni, híspano-mexicano, mórmon e texano — foram estudados por Evon Vogt, Ethel Albert e seus colegas. [12] O trabalho sugere que entre os cinco povos, as diferenças mais nítidas na atitude ambiental ocorrem entre os índios e os anglo-americanos. Os índios têm vivido na área, durante séculos. Eles adquiriram um conhecimento minucioso da terra e seus recursos. Eles não consideram a natureza como algo a ser dominado por simples razões econômicas, nem como oportunidade para se testar a virilidade. Eles coletam e caçam, porém estas atividades não estão somente ligadas à sua vida econômica; estas, também têm muita importância no cerimonial de sua vida. Por exemplo, os navajos usam plantas nos rituais para curar doenças e os zuni usam ramos de abeto para decorar os dançarinos de *katchina*. Tanto para os mórmons como para os texanos, a natureza deve ser dominada.

[12] Evon Vogt e Ethel Albert (eds.), *People of Rimrock: A Study of Values in Five Cultures* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1966).

Deus deu aos homens o poder sobre as coisas da terra; Ele encarregou o homem de transformar o deserto em um jardim. Estes dogmas teológicos guiariam a mente mórmon. Deus está um pouco mais longe do agricultor texano, porém sua atitude para com a natureza é igualmente dominante. Tanto os mórmons como os texanos gostam de caçar. É um esporte masculino, uma época para deixar as mulheres para trás e afirmar sua masculinidade matando um cervo e arrastando-o para casa.

Os anglo-americanos, apesar de tudo, têm suas diferenças. Para os texanos, os mórmons são um povo peculiar e há algo desagradável na proximidade íntima de suas moradas. Para os mórmons, as casas espaçosas dos texanos evidenciam a falta de vida em comum; eles praticam uma agricultura semi-árida que parece imprevidente; não irrigam seus campos de cultivo; não parecem muito civilizados. Eles são um misto curioso de fanfarronice e superstição. Consideremos o texano plantador de feijão. Ele tem que enfrentar um clima com chuvas incertas. Nunca tem garantia de sucesso em ano algum. A seca é uma força além do seu controle e no entanto ele precisa sentir que é o dono do seu destino. O resultado é evidente em sua personalidade: o desejo de jogar e de fanfarronear, mesmo quando a única coisa que resta para se gabar seja apenas o tamanho do fracasso da colheita. Ele, também está pronto em acreditar em charlatães para solucionar males da natureza, como por exemplo, detetar água com vareta mágica e vários métodos empíricos para fazer chuva. [13]

As visões do mundo dos navajos e dos zuni têm muito em comum. Em ambos, o sentido de poder sagrado está muito difuso entre homens, animais, lugares e seres míticos, ainda que alguns possuam mais do que outros. Quando todos os poderes trabalham juntos há harmonia. Muito do ritual navajo e zuni está orientado para manter a harmonia e para restaurá-la se for rompida. Para as duas culturas, a harmonia é o valor central e dela se deriva um complexo de atitudes para com o homem e a natureza. No entanto, os navajos e zuni diferem em suas organizações sociais e economia e estas diferenças se refletem em algumas de suas atitudes religiosas e ambientais. Assim, como mencionei anteriormente, os zuni têm um forte sentido do centro — o Lugar Central — que corresponde ao seu povoado compacto e é identificado com sua cultura auto-suficiente. Os navajos vivem em *hogans* dispersos; sua organização social é menos estruturada e correspondentemente à sua visão do mundo, é menos organizada. Não há um

[13] Evon Vogt, *Modern Homesteaders* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1955).

Lugar Central, cada *hogan* é um tipo de centro no qual podem se realizar cerimoniais. Para os navajo, o espaço parece não tão bem definido; no entanto, eles têm um forte sentido dos limites dos seus próprios territórios, como espaço sagrado — que é limitado pelas quatro montanhas sagradas. Ambas culturas admitem a supremacia do sol, compartilham um simbolismo comum de cores e adotam o número quatro como sagrado; mas, ao contrário dos zuni, o povo navajo não tem uma seqüência calendária que regule a vida cerimonial e garanta um fluxo contínuo de bençãos. Os dois povos interpretam, diferentemente, as categorias "bonito" e "feio". "Bonito" para os zuni é um quadro de abundância e bem estar, como fruto do trabalho. Para os navajo é a visão do verde, uma paisagem de verão que nutre a vida. "Feio" para os zuni significa as dificuldades inerentes na vida e a maldade da natureza humana. Os navajo, por outro lado, tendem a ver "feio" como ruptura da ordem natural: desperta lembranças de penúria, terra resssequida, doença, acidente e estranhos. Os símbolos de paisagem parecem surgir nas mentes dos navajo mais freqüentemente do que aparecem nas mentes dos zuni, que estão mais conscientes das relações pessoais e sociais. [14]

Mudanças na atitude ambiental: montanha

As mudanças em estilos de arquitetura refletem mudanças em tecnologia, economia e na atitude das pessoas para com o que é desejável no meio ambiente físico. As mudanças no uso da terra agrícola, também refletem inovações técnicas, novas tendências no mercado e preferências de alimento. No entanto, certos aspectos da natureza desafiam o controle humano fácil: são as montanhas, desertos e mares. Eles constituem, por assim dizer, elementos permanentes no mundo do homem, quer ele goste ou não. A tendência do homem tem sido de responder emocionalmente a estes aspectos recalcitrantes da natureza, tratando-os, em uma época, como sublime, como a abóboda dos deuses e em outra, como feio, desagradável, como a abóboda dos demônios. Nos temp modernos, tem enfraquecido a carga emocional da resposta, porem permanece um forte elemento estético em nossas atitudes para com a natureza que não pode ser facilmente influenciado. A paisagem do Novo México, como vimos, em uma época foi julgada "desagradável", "nauseante" e "monótona". Agora o estado reivindica ser a "Terra do Encantamento", e se vangloria de uma indústria turística importante.

[14] Vogt e Albert, *People of Rimrock*, pp. 282-83.

Para ilustrar como a attiude em relação à natureza pode mudar com o tempo, consideremos a montanha. Nas primeiras etapas da história humana, a montanha foi vista com assombro. Ela elevava-se acima das planícies habitadas; era remota, difícil de se aproximar, perigosa e inassimilável às necessidades do trabalho diário do homem. Povos em diferentes partes do mundo consideravam a montanha como o lugar onde o céu e a terra se encontravam. Era o ponto central, o eixo do mundo, o lugar impregnado de poder sagrado, onde o espírito humano podia passar de um nível cósmico para o outro. Assim, na Mesopotâmia acreditavam que "As Montanhas da Terra" uniram terra e céu. A pirâmide em degraus da Suméria, o zigurate, tinha o significado de uma colina visível desde longe. Os sumerianos interpretavam-no como uma montanha cósmica. Na mitologia indiana o monte Meru estava nc centro do mundo, embaixo da Estrela Polar. O templo Borobudur era a tradução arquitetônica deste símbolo. Na China e Coréia, o monte Meru aparecia como o Kunlun nos mapas cosmográficos circulares. O monte Haraberazaiti, iraniano, estava amarrado ao céu, no centro do mundo. Os povos uralo-altáicos acreditavam em uma montanha central, e os povos germânicos tinham o seu Himingbjorg (montanha celestial) onde o arco-íris tocava a abóboda do céu. Nós nos lembramos, facilmente do monto Olimpo dos gregos, do Tabor dos israelitas e do Fuji dos japoneses. Outros exemplos podem ser multiplicados facilmente. [15]

As primeiras respostas estéticas para com as montanhas variavam de cultura para cultura. Os hebreus contemplavam-nas com confiança. Eles podiam sentir a paz das colinas eternas e alçavam seus olhos para as montanhas que eram um indicador do Divino. "A retidão do Senhor se levantava como a poderosa montanha." (*Salmos* 36:6). Eram criações pelas quais se dava graças (*Deuteronômio* 33:15). Os primeiros gregos sentiam tanto temor como aversão diante de um aspecto da natureza que eles não podiam apreender em sua totalidade. As montanhas eram selvagens e aterrorizantes e contudo "rochedos penetrantes no céu", "picos vizinhos da estrela" (Ésquilo), também mostravam sublimidade em sentido moderno. Os romanos sentiam pouca simpatia pelas montanhas, que foram descritas como distantes, hostis e desoladas. [16] Na China as montanhas adquirem divindade

[15] Mircea Eliade, *Patterns in Comparative Religion* (Cleveland: World Publishing, Meridian, 1963), pp. 99-102.

[16] W. W. Hyde, "The Ancient Appreciation of Mountain Scenery", *Classical Journal*, 11 (1915), 70-85.

nas primeiras lendas. T'ai Shan, o principal do Cinco Picos Sagrados, era uma divindade. O imperador Wu (140-87 a.C.) lá realizava sacrifícios para o Céu e a Terra. O taoísmo envolveu as montanhas em uma aura de mistério. Tanto os taoístas como os budistas construíram templos na solidez das montanhas. As montanhas se tornaram familiares com os rituais, tanto na Grécia antiga, como na China.[17] Por outro lado, os chineses como os gregos as viam com medo e aversão. Elas eram cobertas com florestas escuras. Morada de macacos e símios, as montanhas estavam envoltas em neblina, e tão altas que o sol ficava escondido (principalmente Chü Yuan 332-296 a.C.). Um poema da Primeira Dinastia Han descrevia as montanhas como quebradas e selvagens, diante das quais o coração parava horrorizado.

As atitudes chinesas para com as montanhas mudaram com o tempo. Nos detalhes, as mudanças não foram iguais às do Ocidente, mas em linhas gerais pode ser discernida uma seqüência comum: em ambas as civilizações houve uma mudança da atitude religiosa — na qual o temor se combina com a aversão — para uma atitude estética que se transformou, de um sentimento pelo sublime, para um sentimento pelo pitoresco; para a avaliação moderna das montanhas como recurso recreativo. Na China, a apreciação estética das montanhas começou no século quarto depois de Cristo, quando inúmeras pessoas migraram para as partes acidentadas do sul do país.[18] Entretanto, a evidência das pinturas mostram que até a dinastia T'ang (618-907 d.C.) as figuras humanas ainda dominavam a arte pictórica. O homem era igual, senão a medida das montanhas. No final do período, a natureza passou para o primeiro plano e durante a dinastia Sung (960-1279 d.C.) alcançaram destaque as pinturas do gênero "montanha e água".

No Ocidente, a apreciação estética da natureza indômita surge muito mais tarde do que no Oriente. Durante a Idade Média, os escritores tendiam a substituir abstração e moralização (baseados no simbolismo da Bíblia) pela experiência pessoal. Mas o épico *Beowulf* foi escrito no início do século oitavo: contém passagens que descrevem experiências diretas com a natureza, chamando a atenção para a sensação de reverência mesclada com medo diante dos "vales assombrados de lobos" e "promontórios varridos pelo

[17] Edouard Chavannes, *Le T'ai chan: essai de monographie d'un culte Chinois* (Paris: Ernest Leroux, 1910).

[18] J. D. Frodsham, "The Origins of Chinese Nature Poetry", *Asia Major*, 8 (1960-1961), 68-103.

vento".[19] Petrarca em 1335 escalou o monte Ventoux. Um precursor entre os amantes da natureza, Petrarca, às vezes, se levantava depois da meia noite e ia às montanhas para um passeio ao luar. Esta foi uma proeza que mesmo os arrojados românticos do começo do século dezenove se sentiam pouco inclinados a emular. Além disso, as cartas e poemas de Petrarca evidenciam uma atitude sentimental pela natureza — uma maneira de colorir o mundo inanimado para refletir o estado de ânimo do escritor — que é rara antes do período moderno.

Até bem entrado o século dezoito, a visão que prevalecia sobre as montanhas era insensível. A evidência na literatura mostra claramente esta aversão. Marjorie Nicolson se refere ao poema de Joshua Poole, *English Parnassus,* publicado em 1657, no qual o autor sugeriu aos aspirantes a poetas usar aproximadamente sessenta epítetos descritivos de montanha. Uns poucos adjetivos eram neutros (rochosa, escarpada); alguns indicavam um sentimento superficial pelo grandioso (majestosa, roçando-estrela); e muitos expressavam desagrado: "insolente, rude, ambiciosa, árida, ameaçadora do céu, arrogante, deserta, rústita, inóspita, gelada, inútil, corcova, solitária, esquecida, melancólica, sem caminho." Além disso, as montanhas eram descritas como "Tetas da Terra, Abcessos, Tumores, Vesículas, Verrugas."[20]

Um pouco mais de cem anos mais tarde, os poetas românticos começaram a cantar louvando o esplendor da montanha, as gloriosas alturas que arrebatavam suas almas até o êxtase. Não eram mais remotas e ominosas, as montanhas possuiam uma beleza sublime que era o que estava na terra mais perto do Infinito. Os poetas não estão sozinhos em seu entusiasmo. A experiência em si mesma não era necessária. Emmanuel Kant, que nunca viu uma montanha, no entanto, definiu a idéia do sublime em termos de uma cena alpina. O que foi que produziu esta notável mudança? Nicolson estudou algumas das mudanças intelectuais dos séculos dezessete e dezoito que contribuíram para inverter a avaliação da montanha.

Uma mudança importante foi o abandono relutante da idéia de que o círculo simbolizava a perfeição. A crença tinha raízes profundas e era mantida firmemente; permeava muitas áreas do

[19] E. T. McLaughlin, "The Medieval Feeling for Nature", in *Studies in Medieval Life and Literature* (Nova York: Putnam's, 1894), pp. 1-33; Clarence J. Glacken, *Traces on the Rhodian Shore* (Berkeley: University of California Press, 1967), pp. 309-30.

[20] Marjorie Hope Nicolson, *Moutain Gloom and Mountain Glory* (Nova York: Norton, 1962).

pensamento, da astronomia e teologia até as letras humanas e arte. Se em algum lugar existia a perfeição era nos céus e aí, em verdade, encontravam-se os planetas em órbitas circulares. A Terra, no entanto, não era uma esfera perfeita. Um influente ponto de vista, no século dezoito, dizia que a Terra somente assumiu sua forma irregular, cheia de protuberâncias montanhosas e profundidades oceânicas, como resultado da Queda. A suave inocência da crosta original da Terra se afundou em uma camada interior de água. O que vemos como montanhas e vales são ruínas deploráveis. Durante uma época, sábios famosos (inclusive Newton) acatavam esta tese; porém a aprovação foi diminuindo consistentemente à medida que a evidência científica a contradizia e ainda mais, uma nova estética negou a identificação de beleza com simples formas geométricas. Durante o século dezoito, cada vez mais, escritores e pensadores preferiam o irregular e inútil, porque possuiam em si mesmos uma beleza ao mesmo tempo maravilhosa e terrível. A popularidade das coisas chinesas, a novidade e aceitação do desenho paisagístico chinês contribuiram ainda mais para remover qualquer remanescente de que os únicos critérios estéticos eram o formal e o regular. Estas eram, então, algumas das tendências intelectuais que abriram o caminho para a apreciação das montanhas.

As atitudes para com as montanhas mudaram, também, por outras razões. Era mais fácil viajar, à medida que o século avançava. As montanhhas que se tornaram acessíveis perderam muito de sua aparência proibida. A emoção declinou com a familiaridade. É claro que bem antes de 1750, existitam almas intrépidas que vagueavam pelas montanhas, aparentemente sem medo. Ainda no século dezesseis algumas pessoas cruzaram os Alpes por prazer. No século seguinte, cada vez mais pessoas viajavam por prazer e propósito científico, de modo que em 1700 foram publicados inúmeros relatos de viagens através dos Alpes, mesclando o fantástico com o científico. Um grande turista alpino, Johann Jacob Scheuchzer, de Zurique, fez nove prolongadas viagens através das montanhas, entre 1702 e 1711. Ela era botânico e geólogo. Fez medidas de pressão em altitude, teorizou sobre o movimento do gelo porém também forneceu um catálogo razoável dos dragões suiços, distribuidos segundo os cantões. [21]

Scheuchzer, também desempenhou outro papel na mudança da avaliação das montanhas. Desenvolveu uma teoria que explicava porque o ar leve da montanha era bom para a saúde. Na exposição de sua idéia temos a primeira sugestão do plano hoteleiro. As montanhas foram vistas de outro modo quando se pensou que elas possuiam um poder de recuperação. Eventualmente, esta crença levou à construção de sanatórios, hotéis e facilidades turísticas que se tornaram um êxito tão grande, que para os ricos, a Suiça era uma casa de repouso e um campo de esporte. Em meados do século dezenove ocorrera uma completa inversão da imagem da montanha: longe de ser um lugar que produzia calafrios de horror, compatível somente com as almas duras, era benigna e adequada às necessidades dos que tinham perdido a saúde. Nesta época, a América também reconheceu a atração de suas montanhas do oeste. Uma campanha importante foi lançada na década de 1870 para chamar a atenção para o ar puro, os solos secos e as fontes minerais das Rochosas. O Colorado foi proclamado como a Suiça da América ou, com um humor mais exuberante, Suiça, o Colorado da Europa. [22]

[21] G. Rylands de Beer, *Early Travellers in the Alps* (Londres: Sidgwick & Jackson, Ltd., 1930), pp. 89-90.

[22] Earl Pomeroy, *In Search of the Golden West: The Tourist in Western America* (Nova York: Knopf, 1957).

CAPÍTULO SETE

meio ambiente, percepção e visões do mundo

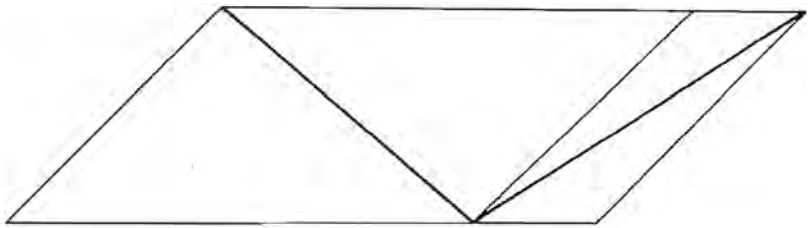
No último capítulo, esbocei o papel da cultura no condicionamento da percepção e valores ambientais das pessoas. Considerando o ambiente físico como uniforme e constante, vimos como as pessoas de diferentes experiências, antecedentes socioeconômicos e aspirações, o avaliaram: e também vimos como, à medida que a sociedade e a cultura evoluem com o tempo, podem mudar a atitude para com o meio ambiente — até inverter-se. Neste capítulo darei ênfase ao efeito do ambiente físico na percepção, atitudes e visão do mundo, procedendo do simples para o complexo: do impacto do meio ambiente, na interpretação dos indícios visuais até a estruturação do mundo, baseada nas principais características físicas do *habitat*.

Meio ambiente e percepção

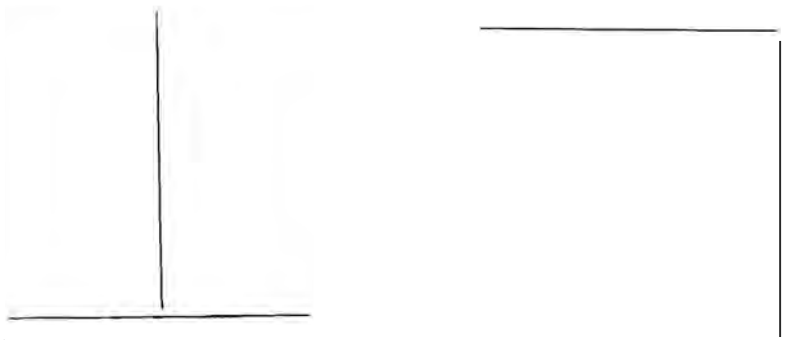
Os *habitats* humanos variam muito em caráter e são classificáveis de várias maneiras. Uma simples classificação dupla poderia distinguir os *habitats* entre as categorias "carpintejado" e

nao carpintejado". O mundo carpintejado está repleto de linhas retas, ângulos e objetos retangulares. As cidades são meios ambientes retangulares *par excellence*. A natureza e o campo, em contraste, carecem de retangularidade. Na paisagem da cultura primitiva, mesmo os abrigos podem ser redondos como as colméias. As paisagens rurais, no entanto, não estão desprovidas de ortogonais: os campos de cultivo freqüentemente são retangulares, apesar de que suas formas raramente se evidenciam a nível do terreno. As casas das fazendas são carpintejadas e indiscutivelmente contêm muitos objetos retangulares como mesas, tapetes e camas. Há motivo para se acreditar que as pessoas que vivem em um meio ambiente carpintejado desenvolvam a tendência de perceber um paralelogramo não ortogonal, desenhado em uma superfície plana, como a representação de uma superfície retangular, estendendo-se através do espaço (figura 8a). Esta tendência tem grande valor funcional nos ambientes substancialmente carpintejados. Um habitante da cidade depara diariamente com objetos retangulares. Na sua retina estes objetos aparecem como imagens não retangulares. Para viver neste tipo de mundo, a pessoa precisa aprender a interpretar os ângulos agudos e obtusos das imagens retinianas como derivando-se de superfícies ortogonais; a interpretação é automática e constantemente reforçada. Portanto, podemos esperar que o povo da cidade e do campo interpretem de forma um pouco diferente, o comprimento de linhas retas e o tamanho dos ângulos. Os residentes em um clima frio vivem em um mundo mais carpintejado do que os residentes em um clima quente, por que o tempo frio obriga as pessoas a passar mais tempo em interiores de recintos. O julgamento perceptivo destes dois grupos pode variar da mesma forma que entre o povo da cidade e do campo.

O meio ambiente parece afetar o julgamento de uma pessoa sobre o comprimento de uma linha vertical traçada em um pedaço de papel (figura 8b). Uma linha vertical curta, em um desenho, pode representar uma linha horizontal relativamente longa, estendendo-se a partir do observador. Pode-se exagerar o comprimento da vertical supondo-a representar um escorço da linha horizontal. Vejamos o caso de um homem que vive em uma planície lisa sem destaques, na qual ele arou sulcos. Para ele, a única fonte das verticais, na imagem retiniana, são os sulcos que se estendem a partir dele. Estas linhas, que recuam na mesma direção de sua linha de visão, são muito mais escorçadas do que as horizontais transversais. Tal pessoa pode adquirir o hábito adaptativo de in-



a. A ilusão do paralelogramo de Sander



b. A ilusão vertical-horizontal

Figura 8 Meio ambiente e ilusão.

terpretar as extensões verticais retinianas como linhas muito escorçadas no plano horizontal; ele poderá estar mais sujeito à ilusão horizontal-vertical. Assim raciocinando, podemos ser levados a supor que os habitantes das florestas úmidas e as pessoas que cresceram em pequenos pátios rodeados de altos edifícios são os menos suscetíveis de sofrer ilusões deste tipo.[1] A evidência experimental para todos estes postulados, entretanto é limitada e difícil de avaliar com segurança.

[1] Marshall H. Segall, Donald T. Campbell, e Melville H. Herskovits, "Some Psychological Theory and Predictions of Cultural Differences," in *The Influence of Culture on Visual Perceptions* (Indianápolis: Bobbs-Merrill, 1966), pp. 69-97.

Acuidade perceptiva e o desafio dos meios ambientes severos

As pessoas podem desenvolver uma acuidade perceptiva excepcional no processo de adaptar-se, com sucesso, ao desafio de um meio ambiente severo. No Ártico, por exemplo, há épocas em que nenhum horizonte separa o céu da terra, quando a cena é visualmente indiferenciada. No entanto, o esquimó é capaz de viajar cento e cinqüenta quilômetros, ou mais, através dessas terras desoladas. Seus indícios são menos visuais do que acústicos, olfativos e táteis. Ele é guiado pela direção e cheiro dos ventos e pela sensação do gelo e neve sob os seus pés. Os esquimós Aivilik têm pelo menos doze termos diferentes para os vários ventos e o seu vocabulário para as diferentes condições de neve é igualmente rico. Um habitante urbano, devido ao extraordinário contraste, tem um vocabulário muito limitado, não somente a respeito da neve e gelo, mas também sobre aspectos da natureza que o afetam diariamente, como o tempo e o relevo. Porém, se o homem da cidade se torna um esquiador entusiasta, aprende rapidamente a perceber diferentes qualidades na superfície da neve e adquire um novo vocabulário para designá-las.

Os bosquímanos do deserto do Calaari têm respondido, com sucesso, ao desafio do seu meio ambiente disperso. Embora a necessidade energética diária de um bosquímano ativo seja de aproximadamente 1975 calorias, o alimento disponível, em um dia comum, produz 2140 calorias. Assim, ao contrário da crença popular, o bosquímano não tem uma existência no limite da inanição.[2] Para ter sucesso, um caçador e coletor, no deserto, tem que desenvolver seus sentidos perceptivos em um alto grau de agudeza, especialmente o da visão. Existem relatos notáveis de sua acuidade visual. Segundo Elizabeth Thomas, os bosquímanos Gikwe podem dizer prontamente há quanto tempo um cervo, leão, leopardo, pássaro, réptil ou inseto passou por um lugar. Eles podem reconhecer um conjunto de rastros entre cinqüenta e deduzir corretamente o tamanho, sexo, compleição e humor do grande antílope que acaba de deixá-los. Eles conhecem os animais tanto por sua escrita sutil na areia, como por sua presença física. Quando eles deparam com uma pessoa desconhecida, suas mentes, instintivamente, registram não somente a feição, mas também sua pegada.[3]

[2] Richard B. Lee, "What Hunters Do for a Living, or How to Make Out on Scarce Resources", in Richard B. Lee e Irven DeVore, *Man the Hunter* (Chicago: Aldine-Atherton, 1968), p. 39.

[3] Elizabeth M. Thomas, *The Harmless People* (Nova York: Knopf, Vintage edition, 1965), p. 13.

Como coletores de plantas, os bosquímanos são igualmente espertos na leitura da evidência ecológica e botânica das frutas e raizes comestíveis. Laurens van der Post observa: "Uma folha pequenina, invisível no capim e espinhos, apenas aparecendo na superfície de areia vermelha e para mim indistingüível de muitas outras, faz com que eles se ajoelhem e arranquem-na habilmente, cavocando com seus gravetos e obtendo o que, em minha ignorância da botânica do Calaari, chamei de cenouras selvagens, batatas, alhos-porros, rabanetes, batatas-doce e alcachofras".[4]

A porção do deserto do Calaari em que vivem os bosquímanos Gikwe não apenas é árida como desprovida de marcos visuais, exceto pelos baobás, e mesmo estes crescem um longe do outro; algumas áreas não têm nenhum. Para os bosquímanos o deserto não é sem atrativo e vazio. Eles têm um conhecimento extraordinariamente detalhado de sua área de andanças, que para cada grupo de cerca de vinte pessoas pode atingir uma extensão de várias centenas de quilômetros quadrados. Dentro de seu próprio território os bosquímanos "conhecem cada arbusto e pedra, cada ondulação do terreno e geralmente dão um nome para cada lugar em seu território, onde certos tipos de alimentos da savana podem crescer, mesmo que esse lugar tenha apenas alguns metros de diâmetro, ou onde há somente uma mancha de altos juncos ou uma árvore oca com enxame de abelhas e deste modo cada grupo de pessoas conhece várias centenas de lugares pelo nome".[5]

A comida principal na dieta dos bosquímanos, durante a estação quente, quando os melões (*tsama*) já acabaram, é uma raiz fibrosa sugosa conhecida como o *bi*. Os Gikwe podem lembrar a localização de cada *bi* apesar de sua inconspicuidade, após uma ausência de vários meses da área.

A acuidade visual é altamente desenvolvida entre os bosquímanos Gikwe. Na parte norte do Calaari, ao sul do rio Okovango, vivem os bosquímanos Kung. Seu meio ambiente ainda é árido, porém, ao contrário da morada dos Gikwe, tem uma superfície ondulada marcada por moitas de pequenas árvores, por pequenas colinas e baixios de argila que se tornam, após a chuva, lagoas rasas. Em uma região menos severa, os Kung vivem de uma maneira mais folgada. Eles não são tão pressionados por alimento e água; e apesar de conhecerem em detalhe vastas porções do seu território, estando seguros das andanças da caça e do

[4] Laurens van der Post, *The Lost World of the Kalahari* (Baltimore: Penguin, 1962), p. 217.

[5] Thomas, *The Harmless People*, p. 10.

alimento da savana, não necessitam aprender os indícios para reconhecer a localização de cada raiz, como têm que fazer os Gikwe.

Meio ambiente e visão do mundo

O meio ambiente natural e a visão do mundo estão estreitamente ligadas: a visão do mundo, se não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é construída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo. Nas sociedades não tecnológica, o ambiente físico é o teto protetor da natureza e sua miríade de conteúdos. Como meio de vida, a visão do mundo reflete os ritmos e as limitações do meio ambiente natural. Para ilustrar esta relação podemos começar com a floresta equatorial do Congo e o planalto semi-árido do sudoeste americano: aquele é um ambiente global, no qual um povo pode viver imerso, enquanto que este é famoso pela pujança arquitetônica de seus marcos visuais. Agora vamos considerar como as sociedades dualistas estendem suas polaridades aos meios ambientes nitidamente dicotomizados que elas ocupam (montanha-mar, floresta-pastagem); finalmente, vamos ressaltar até onde as cosmologias, dos povos antigos do Oriente Próximo, possuem a marca de seus meios ambientes.

O AMBIENTE DA FLORESTA

Como um *habitat* humano, a principal diferença do meio ambiente da floresta equatorial está em sua natureza completamente envolvente. Não está diferenciado em céu e terra; não há horizonte; carece de marcos visuais; não tem nenhuma colina importante que possa ser reconhecida e não há árvore nitidamente isolada, como o baobá na planície do Calaari; não há vistas longínquas. Os pigmeus BaMbuti da floresta equatorial do Congo, vivem em elemento completamente abrangente e não tanto em uma terra com céu em cima e inferno embaixo. As estrelas não desempenham nenhum papel na sua cosmografia. O próprio sol não é um disco brilhante com uma trajetória do céu, mas antes, manchas de luz tremulantes no chão da floresta. Das aproximadamente duzentas lendas reunidas, dos pigmeus, apenas três estão relacionadas com a criação do mundo, com as estrelas e céu e parece que estas têm sido influenciadas pelas lendas dos negros.[6]

O sentido do tempo é restrito. As lendas revelam falta de interesse pelo passado e é curta a sua memória sobre a genealogia.

[6] Colin M. Turnbull, "Legends of the BaMbuti", *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 89 (1959), 45.

A variação sazonaria é mínima na floresta equatorial; o mundo exuberante das plantas transcorre por seus complexos séculos de vida sem nenhuma evidência visual notória de mudança. Apesar dos pigmeus conhecerem detalhadamente a fauna e a flora útil para eles, este conhecimento não inclui atividades cíclicas. Eles desconhecem, por exemplo, que as larvas aquáticas que comem se transformam em mosquitos, nem tampouco sabem que a taturana se transforma em borboleta. [7]

Um efeito do meio ambiente da floresta equatorial na percepção é a diminuição da perspectiva. Tudo que é visto, é visto à curta distância. Na caça de animais, a sua presença é sentida muito mais pelo ruído que provocam, até que aparecem subitamente a poucos metros do caçador. Fora da floresta equatorial o pigmeu fica perplexo com a distância, a falta de árvore e a pujança do relevo; parece incapaz de interpretar os sinais da perspectiva. Colin Turnbull descreve a perplexidade do pigmeu Kenge, quando ele foi levado para pastagens abertas, perto do lago Eduardo. Uma manada de búfalos pastava a vários quilômetros de distância, bem abaixo de onde eles estavam. Kenge perguntou a Turnbull, "Que insetos são aqueles?"

> Quando eu disse a Kenge que os insetos eram búfalos, ele deu uma gargalhada estrepitosa e disse-me que não dissesse mentiras tão estúpidas. Nesse momento, Henri, que estavam completamente perplexo, lhe disse a mesma coisa e lhe explicou que os visitantes do parque precisavam estar sempre acompanhados de um guia, porque havia muitos animais perigosos, Kenge que ainda permanecia incrédulo, forçou seus olhos para ver mais claramente e perguntou que tipo de búfalos eram esses, que eram tão pequenos. Eu lhe disse que às vezes tinham quase o dobro do tamanho do búfalo da floresta e ele encolheu os ombros e disse que não estaria ali, se fossem tão grandes. Eu procurei dizer-lhe que os búfalos estavam possivelmente tão longe como de Epulu até a aldeia de Kopu, além de Eboyo. Ele começou a tirar o barro de seus braços e pernas, não mais interessado em tais fantasias [8].

Em outra ocasião, Turnbull mostrou-lhe uma barca no meio do lago. Era uma barca grande de pesca com várias pessoas dentro. Kenge pensou que era um pedaço de madeira flutuando.

[7] Colin M. Turnbull, "The Mbuti Pygmies: An Ethnographic Survey", *Anthropological Papers*, The American Museum of Natural History, 50, Part 3 (1965), 164.

[8] Colin Turnbull, *The Forest People* (Londres: Chatto and Windus, 1961), p. 228.

Aos pigmeus BaMbuti faltam estrelas, estações, céu e terra, que têm um lugar de destaque nas visões cósmicas da maioria dos outros povos. Em lugar disso, eles têm a floresta, que atende todas as suas necessidades e com a qual mantêm uma estreita identificação. A intimidade com a floresta é expressada de muitas maneiras. As relações sexuais, por exemplo, têm lugar em uma clareira, em lugar de uma choça. Um pigmeu pode dançar sozinho na floresta — *com* a floresta. O recém nascido é banhado com água misturada com sumo de cipó. O cipó é amarrado na cintura e argolas decoradas com pedacinhos de madeira são usadas nos punhos. Na época da puberdade, a menina renova o seu contato com os cipós e folhas da floresta; as usa como decoração, vestuário e leito. Durante uma crise, como o fracasoo de uma caçada, doença ou morte, os homens se reúnem para cantar canções que despertarão o espírito benigno da floresta. A trombeta *molimo*, um instrumento ritual, é levada a diferentes partes da floresta, um jovem repete nela as canções que os homens cantam. O som da trombeta também serve para atrair a atenção da floresta para a pessoa em desgraça. Em um meio ambiente difuso sem marcos visuais, não é surpreendente que os pigmeus atribuam uma importância especial ao som indistinto. No canto, o que importa é o som, mais do que as palavras. A idéia mais clara que os pigmeus têm à respeito do sobrenatural, como um estado além da morte, além dos homens e animais e além dos homens que podem se transformar em animais, é a Bela Canção de um Pássaro. [9]

O COSMO ESTRUTURADO DOS INDIOS PUEBLO

A visão do mundo dos índios Pueblo do sudoeste americano é, sob muitos aspectos, a antítese da dos pigmeus do Congo. É, também, menos característica, no sentido que seus traços principais são compartilhados por outros povos. Para um índio Pueblo, de Santa Ana, deve ser mais fácil aceitar a cosmografia organizada dos egípcios e chineses, do que o homogêneo ambiente dos pigmeus. Talvez nos inclinemos a supor que, onde existe o maior contraste em estilos de vida, é entre uma tribo de analfabetos e os cidadãos de uma sociedade urbanizada, quando de fato o contraste pode ser igualmente grande entre os "prmitivos" que vivem em meios ambientes naturais completamente diferentes.

[9] Colin M. Turnbull, *Wayward Servants* (Londres: Eyre and Sottiswode, 1965), p. 255.

O cosmo dos índios Pueblo é bem definido espacialmente, estratificado e rotatório. Seu meio ambiente natural é o platô semi-árido, onde aparecem diante dos olhos amplas vistas e proeminentes marcos visuais como mesas, morros testemunhos e escarpas nitidamente esculpidas. O terreno é estratificado: as escarpas mostram as chamadas multicores de arenito e xisto, capeadas de vez em quando por lavas pretas basálticas. A cor, quando o sol está baixo no horizonte, é brilhante. O azul do céu, os solos amarelo claro e avermelhados, o verde escuro das coníferas dispersas e o azul dos mananciais e pequenos lagos estão justapostos, mas não fundidos na paleta brilhante do Sudoeste. Para sobreviver, os índios cultivavam produtos agrícolas. Antes da conquista, os principais produtos eram milho, feijão, abóbora e provavelmente algodão. Os espanhóis introduziram trigo, aveia, cevada, pêssegos, damascos, maçãs, uvas, melões, pimenta e outros vegetais. A variedade de alimentos aumentou bastante, mas os ritmos agrícolas e os rituais que os acompanham, permanecem essencialmente iguais.

Na visão do mundo dos índios Pueblo o lugar, localização e direção desempenham um papel importante. Os índios de Santa Ana concebem a terra como um quadrado e estratificada. Em cada canto há uma casa, na qual vive um espírito ou um deus. Outras quatro casas, que talvez correspondam aos espíritos, estão distribuídas nos pontos cardeais. Em geral, a idéia de "casa" parece ser importante aos índios Pueblo. Todas as criaturas naturais e sobrenaturais estão distribuídas em casas: estas existem para os vivos e para os mortos, para as nuvens, o sol, borboletas e cachorros. As direções cardeais são conhecidas como "meio oeste", "meio leste", "meio norte", e "meio sul". Zênite e nadir definem o eixo vertical. Cada uma das seis direções tem sua própria cor e animal — um conjunto de correspondências que se assemelha com as idéias cosmográficas dos chineses. O caráter geométrico e a orientação dos cosmo é igual e um pouco menos o arranjo das casas. Por exemplo, nos povoados de Acoma, São Domingos, Santa Ana e São João as casas estão em filas paralelas; e em outros, ao redor de um ou mais terreiros. As ruas dificilmente têm nomes, mas ocasionalmente algumas partes da cidade recebem nomes indicando direção. No povoado de Santa Ana há três terreiros: o maior, onde se realizam as principais danças é chamado "praça central", e os outros dois são conhecidos como as praças do "canto norte" e "leste". [10]

[10] Leslie A. White, *The Pueblo of Santa Ana, New Mexico*, American Anthropological Association, Memoir 60, 44, n.º 4 (1942), 35-42, 80-84.

A dimensão vertical do cosmo dos Pueblos é enfatizada pelas direções zênite e nadir, pela estratificação da terra em camadas coloridas (do branco, no nível inferior, passando pelo vermelho e azul, até a camada amarela da superfície) e no mito da criação. Este mito comumente fala de como os primeiros habitantes viviam no interior da terra e como eles escalaram através das sucessivas camadas para emergir na superfície, no norte, em Shipap. O lugar onde emergiram era tão sagrado, que precisaram se mudar para o sul. Na lenda de Santa Ana, a mudança foi para a Casa Branca; aí viveram com os deuses, que lhes ensinaram tradições, rituais e canções que promoviam a fertilidade. A mudança seguinte, novamente para o sul, os levou para o lugar central. [11] O mito Zuni é um pouco diferente. Seu mundo é circular, mais que quadrado e eles se auto-denominam os "filhos na escala descendente dos Chefes do Milho", sugerindo, assim, uma origem superior em lugar de uma inferior.

Entre os objetos, o sol, o céu, a terra, e o milho desempenham proeminentes papéis na mitologia dos índios Pueblo. O sol é muito poderoso e é comumente chamado como "pai" ou "velho". É invocado para obter longevidade, é uma deidade da casa e seu calor fertiliza os campos. Faz sua jornada diária através do céu chegando à sua casa, no oeste, ao final do dia. Nos tempos antigos os índios salpicavam fubá ou pólen e rezavam ao nascer do sol. O céu é outro importante ser espiritual. A terra é chamada de "mãe" e "mãe terra". E o mesmo ocorre com o milho — o corpo e o espírito da vida dos Pueblo. As nuvens albergam os espíritos da água, também são identificadas com os mortos. As montanhas e as mesas têm poder; albergam os sobrenaturais e as quatro montanhas sagradas das direções, em si mesmas, são sobrenaturais. As fontes são centros para os rituais.

A trajetória do sol marca o calendário agrícola e cerimonial. Entre os Hopi, as datas do plantio são estabelecidas pelo avanço do sol em direção ao solstício de verão; o próprio avanço é regulado pelas sucessivas posições do sol nascente em relação aos marcos visuais no horizonte. Pode ser que o plantio não continue depois do solstício. Os índios Zuni não têm organizado um tempo especial para o plantio, mas eles observam o solstício de verão que determina o começo das séries de danças para a chuva de verão. A colheita inicia outro ciclo de atividades com cerimônias

[11] Leslie A. White, "The World of the Keresan Pueblo Indians", in Stanley Diamond (ed.), *Primitive Views of the World* (Nova York: Columbia University Press, 1964), pp. 83-94.

próprias. O outono e o começo do inverno é o tempo para caçar, construir ou consertar as casas; o inverno é o tempo de contar estórias, jogar e casar-se. [12]

Do mesmo modo que o espaço bem diferenciado dos índios Pueblo é diferente do homogêneo meio ambiente visual dos pigmeus BaMbuti, também a seqüência do calendário cheia de celebrações dos índios é diferente da monotonia temporal dos habitantes da floresta. O meio ambiente da floresta equatorial não carece de variedades; longe disso. Sua monotonia se deve a que o ano não está diferenciado por mudanças sazonárias. Mesmo nas sociedades pequenas e harmoniosas, os membros que vivem na mais íntima associação, necessitam de certo tipo de alívio das tensões que certamente vão aumentando com o tempo. Ao contrário dos índios Pueblo, os pigmeus não podem encontrar alívio nas mudanças de atividades sazonárias claramente fixadas e nos cerimoniais sazonários; eles, no entanto, têm uma interrupção — a estação do mel, que dura dois meses, ao redor de junho. Esta é uma época fácil de obter alimento. O grupo de caçadores se separa em unidades menores, caminhando por sua conta pela floresta, buscando mel e reagrupando-se de maneira diferente, ao final da estação. A mudança permite que velhas inimizades se apaguem e que novas amizades surjam.

MEIO AMBIENTE DICOTOMIZADO E ATITUDES DUALISTAS

Chamamos, anteriormente, a atenção para a tendência da mente humana em organizar os fenômenos em polos opostos como vida e morte, claridade e escuridão, céu e terra, sagrado e profano. Em algumas sociedades esta estrutura dualista permeia vários níveis do pensamento: afeta a organização social de um povo assim como a sua cosmologia, arte e religião. O próprio meio ambiente pode prestar-se a esta visão dualista: pode reforçar uma tendência, servindo como índice claramente visível de polaridade. Já vimos no capítulo três, como as polaridades permeiam o pensamento e padrões sociais do arquipélago indonésio e como o dicotômico meio ambiente natural de montanha e água simbolizava (em especial para os balinenses) os opostos da existência. Vejamos outro exemplo, os Lele de Kasai. [13] Esta tribo africana tem-se

[12] Elsie Clews Parsons, *Pueblo Indian Religion* (Chicago: University of Chicago Press, 1939), vol. I.

[13] Mary Douglas, "The Lele of Kasai", in Daryll Forde (ed.), *African Worlds: Studies in the Cosmological Ideas and Social Values of African Peoples* (Londres: Oxford University Press, 1954), pp. 1-26.

adaptado bem a um meio ambiente nitidamente diferenciado. A organização dualista da sua vida econômica, social e religiosa parece inextrincavelmente ligada à dicotomia da natureza.

Os Lele vivem na parte sudoeste da floresta equatorial do Congo ao sul e oeste do rio Kasai, em uma zona onde a densa floresta equatorial cede lugar às pastagens. Seu meio ambiente está dividido entre vales densamente arborizados e colinas coroadas de pastos. Os Lele são caçadores e agricultores. Vivem em aldeias construídas nas pastagens. Cada aldeia está rodeada por um cinturão de palmeiras de ráfia; além dele está o pasto e o cerrado que leva à floresta. Seu principal alimento é o milho, cultivado na floresta com a técnica de derrubada e queimada. Tanto os homens como as mulheres participam desta atividade, mas outras atividades econômicas estão separadas pelo sexo. A caça e a coleta de plantas medicinais são trabalhos exclusivos dos homens; o trabalho das mulheres consiste em cultivar os viveiros de peixes em córregos pantanosos e cultivar amendoim nas pastagens. Os valores rituais e as atividades econômicas parecem não estar relacionados. A religião dos Lele não está centralizada na palmeira ráfia, apesar dela desempenhar um importante papel em sua economia. Todos os produtos da palmeira são utilizados: na construção das choças e fabricação de cestas, nas hastes das flechas, para produzir fibras com as quais tecem suas roupas de ráfia. Além disso, a palmeira produz um vinho não fermentado, que constitui o segundo alimento principal de sua dieta. O cultivo do milho, tampouco tem importância nos rituais. Por outro lado, a caca é imensamente importante na visão religiosa e social dos Lele, embora eles sejam caçadores medíocres e a carne não é, de um ponto de vista nutritivo, indispensável em sua dieta.

A floresta tem uma mística que não têm as pastagens e as aldeias. Mary Douglas escreve:

> Os Lele falam de [a floresta] quase com entusiasmo poético. Foi dada por Deus a eles como fonte de todas as coisas boas. Eles muitas vezes contrastam a floresta com as aldeias. No calor do dia, quando a aldeia poeirenta está desagradavelmente quente, eles preferem escapar para a floresta fresca e escura... Os homens se gabam de que na floresta podem trabalhar o dia inteiro sem sentir fome, mas na aldeia só pensam em comida. Para ir à floresta eles usam o verbo *nyingena*, entrar, como se falaria ao entrar na choça ou entrar na água, dando a impressão que eles consideram a floresta como elemento separado [14].

[14] Douglas, "The Lele of Kasai", p. 4.

Como a floresta é o domínio dos homens, a pastagem fica para as mulheres. Esta, no entanto, não tem prestígio; é seca e árida e o único produto que cresce no solo lixiviado é o amendoim. E este é o único produto que as mulheres cultivam do começo até o fim. Apesar das mulheres ajudarem os homens no cultivo do milho, na floresta e na fabricaçãode vários produtos de ráfia, os homens não apenas não ajudam as mulheres no seu trabalho nas roças de amendoim, como também até evitam olhar quando estão trabalhando. As mulheres Lele conhecem muito melhor as pastagens do que os homens. Nos dias em que a floresta é tabu para as mulheres, elas conseguem encontrar alguns substitutos na pastagem, como gafanhotos na estação seca e taturanas na úmida. A floresta, uma fonte de conforto para os homens, é para as mulheres escura e vagamente ameaçadora.

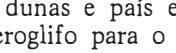
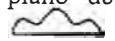
Meios ambientes de beira rio, cosmologia e arquitetura

Duas civilizações antigas, Egito e Mesopotâmia, se desenvolveram em meios ambientes de beira rio, do Oriente Próximo. Suas visões do mundo diferem, refletindo experiências desiguais de uma natureza que governava praticamente todos os aspectos da vida das pessoas: com ordem no Egito e algo caprichosamente na Mesopotâmia.

EGITO

Os fatos geográficos dominantes do Egito são o deserto e o rio Nilo. Não pode haver agricultura no deserto sem algum tipo de irrigação: o rio Nilo abre um corte meridional de grande fertilidade através do pardacento deserto arenoso. As águas da inundação do Nilo são extraordinariamente certas, proporcionando anualmente, às bacias do vale, não apenas água, como rico sedimento. O sol, brilhante em um céu sem nuvens, é outro fato de excepcional importância para o egípcio. Ele odeia a escuridão e o frio. Uma oração antiga pede o triunfo do sol sobre a nuvem e a tempestade.[15] A nuvem pode provocar chuva, mas o Egito não depende da chuva. A nuvem tapa o sol e no inverno produz uma queda sensível da temperatura. Quando o sol está alto, o ar limpo e seco permite que a temperatura se eleve rapidamente; quando está coberto e, mais ainda, quando se esconde no horizonte à oeste, o frio se instala rapidamente. O egípcio que usa uma roupa leve, sente o frio, que junto com a escuridão é um presságio da morte. Outros aspectos da natureza, comparados ao sol e ao Nilo, são pouco importantes.

[15] J. H. Breasted, *Development of Religion and Thought in Ancient Egypt*, introdução por John A. Wilson, (Nova York: Harper and Row, 1959), p. 11.

Os valores ambientais dos antigos egípcios eram venerados na língua. Como era de esperar, o verde era uma cor favorita e identificava-se com "abençoado", enquanto o marrom avermelhado era associado às dunas e país estrangeiro, também significava "desprezado". O hieroglifo para o Egito era  um pedaço plano de fértil solo negro; enquanto um sinal de três cumes  significava "deserto", "planalto" e "país estrangeiro". As cartas preservadas indicam que os egípcios antigos achavam pouco atraentes as cenas desconhecidas, além de seu fértil vale: eram muito acidentadas ou tinham inundações imprevisíveis; tinham árvores em demasia e o céu era "escuro durante o dia". Os egípcios também diferenciavam a água pluvial, conhecida como "o Nilo no céu", do verdadeiro Nilo, que procedia do mundo inferior. A chuva era destinada para o uso dos estrangeiros e dos animais no planalto, enquanto o Nilo servia ao povo do Egito. A chuva não era certa, o Nilo era.[16]

O curso do Nilo exerceu uma forte influência no sentido de direção dos egípcios. A palavra "ir para o norte" também significava "ir rio abaixo" e a palavra "ir para o sul" significava "ir rio acima" ou contra a corrente. Quando um egípcio visitasse o Eufrates teria que descrever o seu curso com uma circunlocução como "a água circulando indo rio abaixo vai indo rio acima". Quando estava se formando a língua egípcia, a direção sul dominava o mundo dos habitantes do Nilo. Eles olhavam para o sul, a origem das crescentes águas da inundação e da vida. A palavra para sul também designava o rosto e a palavra comum para norte estava relacionada com uma que significava "a parte posterior da cabeça". Olhando para o sul, o leste chegou a ser identificado com a esquerda e o oeste com a direita.[17]

A principal tendência na história religiosa dos egípcios pode ser traçada como uma rivalidade entre dois grandes fenômenos da natureza, o sol e o Nilo.[18] Na época proto-histórica após a conquista do Alto Egito, o sol desafiou a supremacia do Nilo. Na região do delta do Baixo Egito, os canais anastomosantes do Nilo

[16] Heródoto, *The History of Herodotus*, trans. George Rawlinson (Chicago: Encyclopaedia Britannica, Inc., 1952), Livro II, capítulos 13-14.

[17] Henri Frankford, H. A. Frankford, John A. Wilson e Thorkild Jacobsen, *Before Philosophy* (Baltimore: Penguin, 1951), pp. 45-46.

[18] Breasted, *Ancient Egypt*, pp. 8-9.

se espalham como varetas de um leque; eles não mais constituiam um único e notável marco visual e não podem mais servir como um guia para a direção. Nada chama a atenção, no delta amplo e na superfície plana. O aspecto dominante em tal ambiente era o sol em sua trajetória diária através do céu. Não é de surpreender que os primeiros habitantes do delta tenham olhado para o sol para orientarem-se e desenvolvido uma teologia solar. A teologia do sol do Baixo Egito foi superposta à teologia do Nilo, do Alto Egito; um eixo leste-oeste se estendeu sobre o eixo norte-sul. Foi necessário fazer ajustamentos na mitologia. Em uma visão do mundo dominada pelo Nilo, a região das estrelas circumpolares era o anseio dos mortos, por ser a única que não se movia abaixo do horizonte. Com a ascendência da mitologia do sol, o lugar de entrada para o reino dos mortos mudou-se para o oeste, para o lugar onde o próprio sol morria todos os dias.

O meio ambiente egípcio é simetricamente arranjado ao redor do rio Nilo. De cada lado do rio se estendem férteis campos de cultivo; a margem oeste espelha a margem leste, os irregulares rochedos de um lado do vale são compensados pelos do outro lado; e além deles, os desertos são iguais na sua desolação. Pode esta simetria da natureza ter influenciado o desenvolvimento da visão do cosmo dos egípcios? A civilização do Nilo destaca-se na grandeza simples, na qual o ideal de equilíbrio está expresso na cosmologia, arte e arquitetura. As simetrias geográficas de leste e oeste são reiteradas pelas simetrias ao longo do eixo vertical. No centro do cosmo está a terra (*Geb*), que tem a forma do vale do Nilo — uma travessa com bordas altas — e flutua nas águas primordiais (*Nun*) de onde se originou a vida. Acima da terra está a panela emborcada do céu, a deusa céu (*Nut*) e abaixo está o oposto do céu (*Naunet*) circundando o inferno.[19]

As crenças cósmicas estão expressas na arquitetura monumental do Egito. Consideremos a pirâmide. É constituída de quatro triângulos isósceles iguais convergindo em um só ponto. A base é um quadrado exato e está precisamente orientado para as direções cardeais. A grande pirâmide de Queops está desviada não mais que três minutos e seis segundos do norte verdadeiro. A interação entre pirâmides e cosmo é ressaltada pela precisão na orientação. A base quadrada e os triângulos isósceles enfatizam a ânsia pela simetria, que também aparece em outras áreas importantes da vida egípcia. O próprio triângulo apontado para cima está associado à chama ascendente; é provavelmente um

[19] Frankford *et al.*, *Before Philosophy*, pp. 52-57.

símbolo da fertilidade masculina, o polo oposto é o triângulo apontado para baixo que aparece freqüentemente nas estatuetas egípcias e mesopotâmicas das deusas da terra, durante o quarto milênio antes de Cristo.

A pirâmide existia como parte de um grande complexo arquitetônico, cujo propósito era proporcionar um ambiente adequado para a realização de um importante ritual, especialmente, a transformação do rei morto, de um ser terreno, transitório, em uma divindade eterna. Assim como o sol se movia de leste para oeste, percorrendo seu ciclo diário de nascimento, vida e morte, também as etapas da deificação final do rei, acarretavam movimento para o oeste do vale da vida terrena para o platô do deserto. No templo do vale, nos limites da vegetação, o cadáver era levado e mumificado. Uma galeria de cerca de trinta metros unia o templo do vale ao templo mortuário no lado leste da pirâmide. A atmosfera, tenuemente iluminada, do templo do vale, era misteriosa e o extenso vestíbulo da passagem era escuro. Por aí a múmia do rei era trazida para um grande pátio aberto e depois para o templo da pirâmide, onde o rei era ritualmente transformado em um deus. A etapa final era a descida do sarcófago, pela entrada norte, para o centro da pirâmide. A projeção da inclinação da entrada, para o céu, coincidia com a estrela Polar. A região da estrela Polar era a morada dos mortos, assim como a região oeste onde o sol se põe; na pirâmide, as duas idéias encontraram expressão. A pirâmide era uma tumba; no entanto, também simbolizava — como a colina primeira, a chama repentina e o solo — a vida eterna.[20]

O rei egípcio era um deus e seu governo divino. Os outros poderes não contestavam a sua autoridade. A religião egípcia promovia a centralização em um alto grau, culminando na pessoa do rei. O Egito era uno e indivisível. Quase não teve guerra civil e invasão armada, por estrangeiros, foi ainda mais rara. Por isso a maioria das cidades não tinha muralhas; nem tampouco tinha grande importância social e política. A única cidade que importava era a capital, a morada do rei, mas mesmo ela era totalmente subserviente ao rei; mudava de um lugar para o outro de acordo com o gosto de cada nova dinastia. A capital podia ter tido riqueza e magnificiência, mas possuía pouca função cívica e personalidade. De fato, não se conhece muito sobre nenhuma capital egípcia, a não ser Akhetaton (Tell el Amarna) uma cidade sem muralhas, estendendo-se por cerca de oito quilômetros às

[20] S. Giedion, *The Eternal Present; The Beginnings of Architecture* (Nova York: Pantheon, 1964), pp. 264-348.

margens leste do Nilo. Akhetaton não tinha uma cidadela central nem *temenos* sagrados. Os templos, palácios reais e edifícios públicos estavam localizados quase ao acaso. A aparência casual da cidade contradiz a ânsia pela simetria e equilíbrio, que encontrou uma expressão tão exata nas pirâmides e em outros aspectos da visão do mundo dos egípcios.[21] Os povoados egípcios, ao contrário daqueles em vários outros centros de civilização antiga, não estavam cosmolizados: o próprio Egito, em um extremo da escala e as estruturas rituais no outro extremo, estavam de acordo com o paradigma cósmico.

MESOPOTÂMIA

Os meios ambientes naturais do Egito e Mesopotâmia são semelhantes, no sentido de que ambos carecem de chuvas e que a agricultura depende da água dos grandes rios perenes que os atravessam. Porém, há diferenças importantes. O clima do Egito é completamente árido; o da Mesopotâmia não é tão rigoroso do ponto de vista dos agricultores. A parte baixa da planície mesopotâmica recebe em média dez a vinte centímetros por ano e na parte alta a chuva é suficiente para uma agricultura sem irrigação. Para o Egito, a dádiva especial do Nilo é a sua confiabilidade. O Tigre e o Eufrates, ao contrário, têm regimes muito menos previsíveis. O débito máximo destes rios ocorre, comumente, durante a primavera, com o derretimento da neve e com a chuva. Mas, a chuva nas cabeceiras dos rios é muito variável. Na bacia superior do Tigre tem-se registrado até vinte e cinco centímetros de chuva em uma semana; quando a água da chuva é aumentada pelo derretimento da neve o resultado é uma desastrosa inundação. As águas das grandes inundações, que levam meses para baixar, têm repetidamente coberto as baixas planícies da Mesopotâmia. A paisagem egípcia é nitidamente definida e simetricamente disposta ao longo do rio Nilo. Em comparação à paisagem mesopotâmica, é indiferenciada: areia, planície aluvial, brejo com juncos e lagoas misturam-se uns com os outros. Os próprios cursos dos rios não estão claramente diferenciados nas terras inundadas ao seu redor: eles não são indicadores de direção, como é o Nilo.

Nos fins do terceiro milênio antes de Cristo, os meopotâmicos iniciaram uma civilização urbana e desenvolveram uma visão do mundo *sui generis*, que refletia certas características de seu meio ambiente. Em um dos mitos sobre a origem do mundo, o começo

[21] Leonard Woolley, *The Beginnings of Civilization* (Nova York: Mentor, 1965), pp. 127-31.

foi representado como um caos aquoso constituído por três elementos: águas doces *(Apsu)*, o mar *(Ti'amat)* e névoa *(Mummu)*. Do casamento de *Apsu* e *Ti'amat* nasceram dois deuses que representavam o sedimento. Pareceria então, que o mito transformou um fenômeno claramente observável na natureza, a saber, quando a água doce encontra-se com o mar, depositando barro e aparece terra. O cosmo final consistiu na terra, que era um disco plano sobre o qual descansa um vasto espaço vazio, circundado por uma superfície sólida sob a forma de uma abóbada. Entre o céu e a terra estava *Lil* — ar, vida e espírito — cuja expansão separava o céu da terra. Por todos os lados, tanto no topo como no fundo, o mar infinito rodeava o céu-terra (*an-ki*).[22]

O panteão de centenas de deuses supervisionava o universo. Eles eram muito diferentes em função e importância. As quatro deidades mais importantes eram o deus-céu (*An*), o deus-ar (*Enlil*), o deus-água (*Enki*) e a grande deusa-mãe (*Ninhursag*). Geralmente encabeçavam as listas de deuses e muitas vezes eram apresentadas como agindo juntas, em um grupo.[23] Os meopotâmicos, ao contrário dos egípcios, não consideravam a ordem cósmica como uma dádiva, era algo que tinha que ser constantemente mantido e administrado, tal como um estado, por um conselho de deuses. A natureza mesopotâmica, comparada com a egípcia, não era submissa.

> *Águas subindo, angustiosas aos olhos do homem*
> *Inundação todo poderosa que destroi os diques*
> *E derruba as frondosas árvores mesu,*
> *(Frenética) tempestade, arrasando em sua passagem, todas as coisas*
> *Em uma grande confusão (com uma velocidade lacerante)*[24].

Em uma época, *An* o deus-céu era supremo, mas ao redor do ano 2.500 antes de Cristo, *Enlil* parece tê-lo substituído como líder. *An* simbolizava a majestade, autoridade e todo o poder da abóbada celestial, mas era um poder inativo. *Enlil*, como ar — o elemento turbulento entre o céu e a terra — sintetizava o poder ativo. Era o executor da vontade dos deuses. Era concebido como a deidade mais benéfica, que influenciava planejamento e criação

[22] Thorkild Jacobsen, "Mesopotamia: The Cosmos as a State", in Frankfort et al., *Before Philosophy*, pp. 184-85; "Early Political Development in Mesopotamia", *Zeitschrift für Assyriologie*, 18 (1957), 91-140.

[23] S. N. Kramer, *The Sumerians* (Chicago: University of Chicago Press, 1964), p. 118.

[24] Jacobsen, *"Mesopotamia"*, p. 139.

dos aspectos mais produtivos do cosmo. Infelizmente, seu trabalho incluia a determinação de castigo e apesar de ser uma figura paternal preocupada com o bem estar de seu povo, podia ser tão violento e imprevisível como a tempestade.

Enki personificava a sabedoria. Criava as águas doces conservadoras da vida — poços, fontes e rios. Enquanto *Enlil* cuidava dos projetos maiores e se ocupava do plano geral, *Enki* usava suas habilidades nos pequenos trabalhos da natureza e da cultura. A deusa *Ninhursag* se transformou, ao redor do segundo milênio antes de Cristo, em uma figura um pouco nebulosa. Talvez seu nome tenha sido *ki*, mãe-terra e era, provavelmente, a esposa do céu, *An*. Era considerada como a mãe de todas as coisas viventes.

Embora as idéias cosmológicas da Mesopotâmia refletissem certos aspectos do seu meio ambiente natural, elas estavam também fortemente influenciadas pela organização sócioeconômica e política da época. É tentador considerar o estado cósmico simplesmente como uma projeção ideativa das realidades dos sistemas de poder da terra. De acordo com esta visão, um padrão precedia o outro e era, como foi, a sua causa. Não há base suficiente para esta crença. Parece mais provável que o sistema político mesopotâmico se desenvolveu *pari passu* com as idéias sobre o governo do cosmo.

Ao contrário do Egito, a civilização mesopotâmica teve um caráter essencialmente urbano. Ao redor do terceiro milênio antes de Cristo, a baixa Mesopotâmia (Suméria) tinha cerca de doze Cidades Estados, cada uma das quais estava em mãos de cidadãos livres e um chefe, que exercia um pouco mais de poder do que seus pares. Como não havia um poder supremo na natureza, nem um deus acima das deidades, tampouco houve, no período inicial, governante ditatorial na Ciddde Estado. Entretanto, à medida que aumentaram as rivalidades e as lutas entre os estados e cada vez mais foram ameaçados por bárbaros do leste e do oeste, a liderança se tornou uma necessidade urgente e foi instituído o "homem forte" ou rei, com amplos poderes.

Arquitetonicamente, o traço mais proeminente dentro da cidade amuralhada era o templo, localizado em um terraço, no interior do conjunto sagrado (*temenos*). Esta proeminência estava bem de acordo com a idéia teológica de que a cidade pertencia ao seu deus principal. No começo do quarto milênio antes de Cristo, o povo ainda tinha livre acesso ao templo. Mais tarde, o templo principal foi colocado em um terraço e o seu complexo foi protegido por uma muralha. A distância entre deus e o povo aumentou continuamente. O terraço cada vez foi se tornando mais alto, até aproximadamente o ano dois mil antes de Cristo, assumindo

a forma de uma pirâmide escalonada ou zigurate, que foi a contribuição arquitetônica mais característica da Mesopotâmia. A proeminência do templo e do zigurate, combinada com a crença de que a cidade era propriedade dos deuses, sugeriria que o Estado estava organizado como uma teocracia. Mas como já assinalamos, não era necessariamente a regra. Os templos da cidade (geralmente havia vários) possuíam apenas uma porção no terreno da Cidade Estado; o resto pertencia aos nobres e aos plebeus. Além disso, os sacerdotes e servidores do templo exerciam pouco poder secular. [25]

A personalidade arquitetônica da cidade da Mesopotâmia refletiu muito mais fielmente as crenças cósmicas do que sua economia política. Os zigurates não podem se comparar com as grandes pirâmides egípcias em monumentalidade, embora tenham grande destaque na paisagem plana. Em Ur, o zigurate da deusa-lua *Nanna*, ao redor de 2250-2100 antes de Cristo, era uma massa sólida de tijolo que com seus três andares irregulares atingia vinte metros de altura. Do seu alto, hoje se pode ver, através da planície desolada, os zigurates de Eridu e Al'Ubaid.

A torre escalonada representava muitos aspectos do pensamento mesopotâmico. Alguns de seus nomes eram — "Casa da Montanha", "Montanha da Tempestade", "Vínculo entre Céu e Terra". Como montanha, simbolizava o centro do mundo; era o trono terrestre dos deuses, uma escada para o céu, uma monumental ara de sacrifícios. A causa direta de sua construção parece ter sido um desastre natural, como uma seca ou em gratidão por uma grande graça, como uma inundação fertilizadora do Tigre. Acredita-se que o povo respondeu com entusiasmo à sua construção — tal como em outra época de fé, camponeses e nobres participaram generosamente na construção das catedrais. O papel desempenhado pelo zigurate, na vida mesopotâmica, foi completamente diferente daquele desempenhado pela pirâmide na vida egípcia. O zigurate estava localizado no coração da cidade, a pirâmide no platô do deserto, na terra dos mortos.

[25] Frank Hole, "Investigating the Origins of Mesopotamian Civilization", *Science*, 153 (Agosto 5, 1966), 605-611.

CAPÍTULO OITO

topofilia e meio ambiente

Devido ao profundo interesse em atitudes e valores ambientais, procurei (nos capítulos seis e sete) esclarecer seus significados utilizando o esquema simples de dicotomizar cultura-meio ambiente. Este procedimento permitiu-me examinar a díade de duas perspectivas, primeiro da cultura e depois do meio ambiente. Nos capítulos oito e nove seguirei uma estratégia semelhante, mas restringirei o enfoque a manifestações específicas do amor humano por lugar ou topofilia. Os principais tópicos deste capítulo são: 1. os meios pelos quais os seres humanos respondem ao meio ambiente e que podem variar, desde a apreciação visual e estética até o contato corporal; 2. as relações de saúde, familiaridade e conhecimento do passado para com a topofilia; 3. o impacto da urbanização na apreciação do campo e do selvagem. Este conglomerado de temas reflete a complexidade da idéia de topofilia. Os tópicos do capítulo oito realmente compartilham de uma ênfase comum, que é a amplitude, variedade e intensidade do sentimento topofílico. O tema do capítulo nove versa sobre os elementos do meio ambiente: como permeiam o conteúdo da topofilia. Novamente, recordaremos que o sentimento e seu objeto são, muitas vezes, inseparáveis. A separação de topofilia e meio ambiente tem um propósito, se isto facilita a exposição.

Topofilia

A palavra "topofilia" é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida.

A topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo. Para o trágico grego Eurípedes, a ordem de prioridades da afeição humana é provavelmente amplamente compartilhada por todos os homens: "Esposa querida nesta luz do sol e adorável para a vista, é a placidez da maré oceânica, e a terra no despertar da primavera, e as águas se espalhando, e as muitas coisas lindas que eu poderia elogiar. Mas, para os que não têm filhos e aqueles consumidos pela saudade, nada é tão justo ou digno de contemplar como ver nas suas casas a luz que os recém-nascido trazem". [1]

Apreciação estética

Sir Kenneth Clark, o historiador de arte, chamou a atenção para o efêmero do prazer visual, quando diz, "Eu imagino que ninguém pode desfrutar de uma sensação estética pura (assim chamada) por mais tempo do que se pode desfrutar do cheiro de uma laranja, que no meu caso é menos de dois minutos". [2] Para admirar uma grande obra de arte por mais tempo do que este, é importante o conhecimento da história crítica, porque man-

[1] Citado em H. Rushton Fairclough, *The Attitude of the Greek Tragedians toward Nature* (Toronto: Roswell and Hutchinson, 1897), p. 9.

[2] Kenneth Clark, *Looking at Pictures* (Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1960), pp. 16-17.

têm presa nossa atenção na obra, enquanto os sentidos têm tempo de se recuperarem. Clark acredita que, à medida que lembra os fatos da vida do pintor e procura situar o quadro à sua frente, na carreira do artista, os seus poderes receptivos vão gradualmente se auto renovando; eles, repentinamente, fazem-no ver um lindo detalhe da pintura ou cor, que ele não teria reparado se um pretexto intelectual não mantivesse seus olhos inconscientemente ocupados.

O que Kenneth Clark diz sobre apreciação da arte é igualmente certo para a apreciação do cenário. Esta, não importa quão intensa, é efêmera, a não ser que nossos olhos fiquem presos ao cenário por alguma outra razão, quer pela lembrança de fatos históricos que santificaram a cena, quer pela lembrança de sua subjacente realidade geológica e estrutural. Sobre a importância da associação histórica F. L. Lucas escreveu:

> A primeira vez que, do Adriático vi os cumes das montanhas de Acroceraunia, coroados de nuvens, ou o promontório leucadiano branco de sol e tempestade, ou do mar Sarônico vi o Hymettus purpúreo com o crepúsculo, foi algo ainda mais intenso do que a poesia. Mas, as mesmas formas e cores não pareceriam iguais na Nova Zelândia ou nas Rochosas. Metade de seu esplendor transfigurado era dado pela poesia de dois mil anos atrás, ou a lembrança daquele outro crepúsculo no Hymettus, quando trouxeram a Sócrates a cicuta [3].

As mais intensas experiências estéticas da natureza possivelmente nos apanham de surpresa. A beleza é sentida, como o contato repentino com um aspecto da realidade até então desconhecido; é a antítese do gosto desenvolvido por certas paisagens ou o sentimento afetivo por lugares que se conhece bem. Alguns exemplos esclarecerão a natureza desta experiência.

Um exemplo, é a percepção dramática que Wordsworth teve do monte Helvellym, no Lake District. Uma noite, Wordsworth e De Quincey saíram da vila de Grasmere para esperar o estafeta, que comumente lhes trazia notícias da guerra no continente. Eles estavam ansiosos pelas notícias e na beira do caminho esperavam em vão, por mais de uma hora. Nada se ouvia no caminho tortuoso. A todo instante Wordsworth se esticava na estrada e punha a sua orelha no chão, esperando captar o som das rodas rangendo na distância. Depois disse à De Quincey,

[3] F. L. Lucas, *The Greatest Problem and Other Essays* (Londres: Cassell, 1960), p. 176.

> No mesmo instante que levantei minha cabeça do chão, quando esta noite havia perdido todas as esperanças, no mesmo instante que os órgãos da atenção, subitamente relaxaram a tensão, uma estrela brilhava acima dos contornos negros e maciços do Helvellyn e repentinamente atingiram meus olhos e penetraram minha capacidade de apreensão, com um *phatos* e um sentido do Infinito que em outra circunstância não me haveriam atraído [4].

Os diários dos exploradores abundam destas repentinas revelações de beleza natural: por exemplo, a descrição de Clarence King, do vale de Yosemite durante um momento de calma em uma tempestade de neve e a descrição de Sir Francis Younghusband, de seu encontro com o monte Kinchinjunga — de intensidade quase mística — quando a névoa que geralmente encobre o pico Himalaio, inesperadamente se dissipou, revelou o seu longínquo esplendor etéreo. Este tipo de experiência ocorre mesmo com pessoas que não sentem nenhum amor pela natureza. O erudito William McGovern pensou (e não é o único a pensar assim) que paisagem em demasia, tanto na literatura como na vida, pode se tornar fatigante ou sonolenta. Na década de1920, McGovern era professor da Faculdade de Estudos Orientais, em Londres. Queria visitar o Tibet e estudar os manuscritos budistas, em Lasa. Ao chegar na Índia lhe foi negada a permissão para prosseguir a viagem para Lasa. O explorador-erudito não desanimou e continuou a viagem disfarçado — e quase perdeu a vida nesta aventura. Para ele, enfrentar o desafio físico significou muito mais do que o desfrutar do cenário. No entanto, um dia, na sua jornada perigosa, quando finalmente o sol saiu de trás das nuvens e iluminou os picos do Himalaia, McGovern declarou que "foi de longe a visão mais linda que já tinha visto e mesmo para uma pessoa impassível e fria como ele, tinha motivo suficiente para se embriagar com a sua grandeza". [5]

O prazer visual da natureza varia em tipo e intensidade. Pode ser um pouco mais do que a aceitação de uma convenção social. Muitos dos atuais circuitos turísticos parecem estar motivados pelo desejo de colecionar o máximo possível de etiquetas sobre Parques Nacionais. Para o turista é indispensável a máquina fotográfica, porque com ela pode provar a si mesmo e aos seus

[4] Thomas De Quincey, "William Wordsworth", *Literary Reminiscenses* (Boston, 1874), pp. 312-17. Citado em Newton P. Stallknecht, *Strange Seas of Thougth* (Bloomington: Indiana University Press, 1958), p. 60.

[5] Willian McGovern, *To Lhasa in Disguise* (Londres: Grosset and Dunlap, 1924), p. 145.

vizinhos que realmente esteve no lago Crater. O fracasso do instantâneo é lamentado como se o próprio lago tivesse deixado de existir. Tais contatos superficiais com a natureza, certamente pouco têm de autênticos. O turismo tem uma utilidade e beneficia a economia, porém não une o homem à natureza.[6] A apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos. Também perdura além do efêmero, quando se combinam o prazer estético com a curiosidade científica. O despertar profundo para a beleza ambiental, normalmente acontece como uma revelação repentina. Este despertar não depende muito de opiniões alheias e também em grande parte independe do caráter do meio ambiente. As cenas simples e mesmo as pouco atrativas podem revelar aspectos que antes passavam desapercebidos e este novo *insight* na realidade é, às vezes, experienciado como beleza.[7]

Contato físico

Na vida moderna, o contato físico com o próprio meio ambiente natural é cada vez mais indireto e limitado a ocasiões especiais. Fora da decrescente população rural, o envolvimento do homem tecnológico com a natureza é mais recreacional do que vocacional. O circuito turístico, atrás das janelas de vidro raiban, separa o homem da natureza. De outro lado, em certos esportes como o esqui aquático e alpinismo, o homem entra em contato violento com a natureza. O que falta às pessoas nas sociedades avançadas (e os grupos hipies parecem procurar) é o envolvimento suave, inconsciente com o mundo físico, que prevaleceu no passado, quando o ritmo da vida era mais lento e do qual as crianças ainda desfrutam. Em Chaucer, a simplicidade de uma resposta é expressa nas linhas seguintes:

> *E coloquei-me de joelhos,*
> *E como pude, esta florzinha saudei,*
> *Fiquei ajoelhado até que ela fosse rodeada pela pequenina e suave perfumada grama.*
>
> (Prólogo, da *Lenda das Boas Mulheres)*

[6] Paul Shepard, "The Itinerant Eye", in *Man in the Landscape* (Nova York: Knopf, 1967), pp. 119-56; Daniel J. Boorstin, "From Traveller to Tourist", *The Image* (Nova York: Harper Colophon edition, 1964), 77-117.

[7] Vaughn, Cornish, *Scenery and the Sense of Sight* (Cambridge: Cambridge University Press, 1935).

O divertimento infantil com a natureza atribui pouca importância ao pitoresco. Sabe-se relativamente pouco, como uma criança pequena percebe o *playground*, parque ou praia. O que importa para a criança, mais do que a vista sossegada do lugar, são certos objetos e as sensações físicas. A. A. Milne, criador das populares estórias *Pooh*, tem o dom de sugerir o tipo de mundo imediato, aconchegante, que a criança pequena conhece. Apreciação visual, discernimento e reflexão criam distância estética. Para uma criança pequena a distância estética é mínima. Quando Christopher Robin cai no "mar barulhento", ele sente a areia em seu cabelo e em seus pés. A felicidade é vestir uma capa nova e ficar na chuva.

A natureza produz sensações deleitáveis à criança, que tem mente aberta, indiferença por si mesma e falta de preocupação pelas regras de beleza definidas. O adulto deve aprender a ser complacente e descuidado como uma criança, se quiser desfrutar polimorficamente da natureza. Ele necessita vestir uma roupa velha que lhe permita esticar-se no feno ao lado do riacho e embeber-se em uma mistura de sensações físicas: o cheiro de feno e de estrume de cavalo; o calor do chão, seus contornos duros e suaves; o calor do sol temperado pela brisa; a cócega produzida por uma formiga subindo pela barriga da perna; o movimento das sombras das folhas brincando em seu rosto; o ruído da água sobre os seixos e matacões, o canto das cigarras e do tráfego distante. Um meio ambiente como este pode romper todas as regras formais de eufonia e estética, substituindo a confusão pela ordem e no entanto, ser completamente desfrutável.

O apego à terra do pequeno agricultor ou camponês é profundo. Conhecem a natureza porque ganham a vida com ela. Os trabalhadores franceses, quando seus corpos doem de cansaço, dizem que "seus ofícios formar parte deles". Para o trabalhador rural a natureza forma parte deles — e a beleza, como substância e processo da natureza pode-se dizer que a personifica.[8] Este sentimento de fusão com a natureza não é simples metáfora. Os músculos e as cicatrizes testemunham a intimidade física do contato. A topofilia do agricultor está formada desta intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém a esperança. A apreciação estética está presente, mas raramente é expressada.

Um pequeno proprietário rural, da região do sul dos Estados Unidos diz a Robert Coles: "Para mim, minha terra está sempre

[8] Simone Weil, *Waiting for God*, trans. Emma Crafurd (Nova York: Capricorn Books, 1959), pp. 131-32.

aí, esperando-me e é parte de mim, bem no fundo do meu ser; é tão minha como meus braços e pernas". E "A terra é amiga e inimiga; é as duas coisas. A terra dirige meu tempo e meus estados de ânimo; se a colheia vai bem, eu me sinto bem, se há problemas com ela, há problemas comigo." O trabalhador rural não emoldura a natureza em lindos quadros, mas pode estar profundamente consciente da sua beleza. Um meeiro jovem, entrevistado por Robert Coles, não demonstrou nenhum desejo de migrar para o norte, apesar da vida dura no sítio. Ele diz que sentiria saudades do sítio. Na cidade sentiria falta de ver o sol se pondo, "extinguir-se, como uma vela que acabou o pavio e se acaba, desaparecendo". [9]

O sentimento topofílico entre os agricultores difere enormemente de acordo com seu *status* sócio-econômico. O trabalhador rural trabalha junto à terra; sua relação com a natureza é um misto de amor e ódio. Ronald Blythe nos lembra que, ainda na década de 1900, o assalariado rural na Inglaterra tinha poucas recompensas, a não ser uma casinha e uma vida miserável. Sua maior fonte de orgulho é sua própria força física e a habilidade de arar um sulco reto — sua efêmera assinatura nesta terra. O pequeno agricultor, dono de sua terra, estava um pouco melhor; ele podia nutrir uma atitude devota para com a terra que o mantinha e que era sua única segurança. O agricultor de uma fazenda próspera revelava um orgulho de ser o dono de sua propriedade e pela transformação da natureza, por sua própria vontade, em um mundo produtivo. O apego a um lugar também pode, paradoxalmente, aparecer da experiência com a intransigência da natureza. Nos Estados Unidos, os fazendeiros das propriedades situadas nas fríngias das Grandes Planícies, constantemente têm que lutar contra a ameaça de seca e das tempestades de poeira. Os que podem suportar as privações, deixam a região; os que ficam, parecem desenvolver um estranho orgulho em sua habilidade de levar a vida. Quando Saarinen, em seu estudo sobre a seca nas Grandes Planícies, mostrou a alguns plantadores de trigo uma fotografia de uma fazenda assediada pelo vento e poeira, suas respostas típicas foram que o fazendeiro do *Dust Bowl*, na fotografia, sabe que pode ser melhor em outras partes, mas fica aí porque ama a terra e o desafio de fazê-la produzir. [10]

[9] Robert Coles, *Migrants, Sharecroppers, Mountaineers* (Boston: Little, Brown, 1971), pp. 411-527.

[10] Thomas F. Saarinen, *Perception of the Drought Hazard on the Great Plains*, University of Chicago Department of Geography Research Paper N.º 106 (1966), pp. 110-11.

Para viver, o homem deve ver algum valor em seu mundo. O agricultor não é exceção. Sua vida está atrelada aos grandes ciclos da natureza; está enraizada no nascimento, crescimento e morte das coisas vivas; apesar de dura, ostenta uma seriedade que poucas outras ocupações podem igualar. De fato, pouco se sabe sobre as atitudes dos agricultores para com a natureza. O que existe é uma vasta literatura, em grande parte sentimental, sobre a vida rural, escrita por pessoas com mãos sem calosidade.

Saúde e topofilia

De tempos em tempos nos sentimos impregnados com tão forte sensação de bem estar físico, que transborda e nos envolve como se fora uma parte do mundo: nos dá vontade de cantar: "Ó! Que manhã tão linda. ●! Que lindo dia", como os heróis do musical popular de fins da década de 1940, *Oklahoma*. As pessoas jovens e saudáveis experimentam esta disposição, mais freqüentemente do que as de mais idade, ainda que, somente aquelas podem descrever a sensação com a exuberância de seus corpos. William James assim a descreveu: "Fora de qualquer coisa, nitidamente religiosa, todos nós temos momentos em que a vida universal parece nos envolver com amizade. Na juventude e com saúde, no verão, nos bosques ou nas montanhas, há dias quando o tempo parece sussurrar paz, horas quando a felicidade e beleza da existência nos rodeia, tal como em um clima ameno e seco, ou em nós ecoa, como se os nossos ouvidos iternos, repentinamente estivessem vibrando com a seguridade do mundo. [11] O poeta do século dezessete Thomas Traherne, escreveu: "Nunca se pode desfrutar bem do mundo, até que o próprio mar corra por nossas veias, até que nos cubramos com os céus e nos coroemos com as estrelas". Hipérbole poética — e no entanto, em certo sentido o mar corre por nossas veias: a composição química de nosso sangue é uma reminiscência de nosso ancestral remoto nos oceanos primitivos.

Pode parecer forçado detetar qualquer relação entre a sensação de bem estar e, digamos, um bom desjejum e o santo fervor de um poeta cristão como Traherne. Mas, o fato de que as palavras "saúde", "totalidade" e "integridade" estejam etimologicamente ligadas, sugere um significado comum. Uma pessoa qualquer entra no mundo do golfe, em um momento de extraordinário bem estar, a pessoa integral (total) o próprio mundo. Caracteris-

[11] William James, *Varieties of Religious Experience* (Nova York: Modern Library, 1902), p. 269.

ticamente, este sentimento depende menos de circunstâncias externas do que da condição interna do sujeito, isto é, se tomou um bom café da manhã, ou em um nível mais elevado, se ele desfruta da "paz que permeia toda a compreensão". Evelyn Underhill, uma autoridade em misticismo, relata: "eu ainda me lembro de ter observado a paisagem (extremamente sórdida) com alegria e assombro, quando descia a rua principal de Notting Hill, mesmo o movimento do tráfego tinha algo de universal e sublime".

Familiaridade e afeição

A familiaridade engendra afeição ou desprezo. Todos sabemos que uma pessoa pode ter muita afeição por uns chinelos velhos, que para um estranho parecem bolorentos. Há várias razões para esta afeição. Os pertences de uma pessoa são uma extensão de sua personalidade; ser privado deles é diminuir seu valor como ser humano, na sua própria estimação. A roupa é o pertence mais pessoal. São poucos os adultos, cujos sentidos de *"self"* não sofram quando está nu, ou que não sente ameaçada a sua identidade quando tem que usar as roupas de outra pessoa. Além da roupa, uma pessoa no transcurso do tempo, investe parte de sua vida emocional em seu lar e além do lar, em seu bairro. Ser despejado, pela força, da própria casa e do bairro é ser despido de um invólucro, que devido à sua familiaridade protege o ser humano das perplexidades do mundo exterior. Assim como algumas pessoas são relutantes em abandonar um velho casaco por um novo, algumas pessoas — especialmente idosas — relutam em abandonar seu velho bairro por outro com casas novas.

A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar. A retórica patriótica sempre tem dado ênfase às raízes de um povo. Para intensificar a lealdade se torna a história visível com monumentos na paisagem e as batalhas passadas são lembradas, na crença de que o sangue dos heróis santificou o solo. Os povos analfabetos podem estar profundamente afeiçoados ao seu lugar de origem. Eles podem não ter o senso ocidental moderno, mas quando procuram explicar a sua lealdade para com o lugar, ou apontam os laços com a natureza (o tema mãe-terra), ou recorrem à história. Strehlow, um etnólogo que conhece de perto os aborígenes australianos, disse o seguinte de Aranda: ele "se apega ao seu chão nativo com cada fibra do seu ser... Atualmente aparecerão lágrimas em seus olhos, quando se referir ao lugar do lar ancestral que algumas vezes foi involuntariamente profanado por usurpadores brancos do território de seu grupo. O amor pelo lar, a saudade do lar são motivos

dominantes, que reaparecem constantemente, mesmo nos mitos dos ancestrais totêmicos." A história é responsável pelo amor à terra natal. Para o Aranda, as montanhas, riachos, fontes e poços não são apenas aspectos cênicos interessantes ou bonitos; são a obra de antepassados dos quais eles descendem. "Ele vê gravada na paisagem circundante a história antiga das vidas e as realizações dos seres imortais que ele venera: seres que por um curto tempo podem, uma vez mais, assumir forma humana; ele conheceu muitos deles, como seus pais, avós e irmãos e como suas mães e irmãs. O campo todo é uma milenar árvore genealógica viva."[12]

Patriotismo

Desde o nascimento do Estado moderno, na Europa, o patriotismo, como uma emoção, poucas vezes está ligado a uma localidade específica: por um lado é evocado por categorias abstratas de orgulho e poder e por outro, por certos símbolos, como a bandeira. O Estado moderno é muito grande, suas fronteiras muito arbitrárias, sua área muito heterogênea para infundir o tipo de afeição que surge da experiência e do conhecimento íntimo. O homem moderno conquistou a distância, mas não o tempo. Durante a sua vida, o homem agora — como no passado — somente pode estabelecer raízes profundas em uma pequena parte do mundo.

O patriotismo significa amor pela *terra pátria* ou terra natal. Nos tempos antigos era estritamente um sentimento local. Os gregos não usavam patriotismo indiscriminadamente para todas as terras de língua grega, mas para pequenas áreas como Atenas, Esparta, Corinto e Esmirna. O patriotismo dos fenícios se reduzia a Tiro, Sidon ou Cartago; não à Fenícia em geral. A cidade despertava emoções profundas, especialmente quando era atacada. Quando os romanos procuraram punir os cartagineses pela desobediência, arrasando a sua cidade, os cidadãos de Cartago suplicaram aos seus conquistadores que poupassem a cidade física, suas pedras e templos, que não tinham nenhuma culpa e em lugar disso, se necessário, exterminassem toda a população. Na Idade Média a lealdade era para com o senhor ou a cidade, ou ambos e por extensão ao território. Mas, o sentimento cobria extensões variáveis de território, não a uma terra de limites precisos, além da qual ele se transformava em indiferença ou ódio. Não é possível experienciar de maneira direta a nação moderna, um grande

[12] T. G. H. Strehlow, *Aranda Traditions* (Carlton: Melbourne University Press, 1947), pp. 30-31.

espaço com fronteiras; para o indivíduo, a sua realidade depende da aquisição de certos tipos de conhecimento. Após décadas ou mesmo séculos, que os *literati* tenham aceitado a idéia de "nação", pode permanecer uma porção substancial do povo que nunca ouviu falar disso. Por exemplo, a grande maioria dos camponeses da Rússia czarista, no século dezenove, estava completamente ignorante do suposto fato, de que eles pertenciam à sociedade russa unida por uma cultura comum.

Há dois tipos de patriotismo: local e imperial. O patriotismo local reside na experiência íntima do lugar e no sentido da fragilidade do que é bom: não há garantia de que dure, aquilo que amamos. O patriotismo imperial se nutre no egotismo coletivo e orgulho. Este sentimento é fortemente exaltado quando aparecem ambições imperiais: por exemplo, Roma, no primeiro século depois de Cristo; Inglaterra, no século dezenove; Alemanha no século vinte. O sentimento, em si mesmo, não se prende a nada concretamente geográfico. A frase de Kipling, "Eu não amo os inimigos de meu Império", soa falsa, porque ninguém pode sentir afeto por um vasto sistema de poder impessoal, como o Império: nenhuma mente esclarecida pode conceber o Império como vítima — uma imagem frágil do que é bom, que pode ser destruída e necessita nossa compaixão. [13]

A Inglaterra é um exemplo de uma nação moderna suficientemente pequena para ser vulnerável e para despertar em seus cidadãos uma preocupação visceral, quando ameaçada. Shakespeare expressou esplendidamente este tipo de patriotismo local, nas seguintes linhas de *Ricardo II* (ato 2, cena 1). Observe as palavras simples "estirpe de homens", "pequeno mundo", "lugar bendito".

> *Esta afortunada estirpe de homens, este pequeno mundo, esta pedra preciosa engastada em um mar de prata, que lhe serve de muro ou de fosso de defesa, ao redor de um castelo, contra a inveja de nações menos afortunadas, este lugar bendito, esta terra, este reino, esta Inglaterra...*

Tal como o pretenso "amor pela humanidade" levanta nossas suspeitas, também a topofilia soa falsa quando é manifestada por um extenso território. Parece que a topofilia necessita um tamanho compacto, reduzido às necessidades biológicas do homem e às capacidades limitadas dos sentidos. Além disso, uma pessoa pode se identificar mais facilmente com uma área, se ela

[13] C. J. H. Hayes, *Essays on Nationalism* (Nova York: MacMillan, 1928); Simone Weil, *The Need for Roots*, trans. Arthur Wills (Boston: Beacon Press, 1955), pp. 103-84; Leonard Doob, *Patriotism and Nationalism: Their Psychological Foundations* (New Haven: Yale University Press, 1964).

parece ser uma unidade natural. A afeição não pode se estender a todo um Império, porque freqüentemente, este é um conglomerado de partes heterogêneas, mantidas unidas pela força. Ao contrário, a região natal (*pays*) tem continuidade histórica e pode ser uma unidade fisiográfica (um vale, litoral, ou afloramento calcáreo) pequena o suficiente para ser conhecida pessoalmente. No meio está o Estado moderno; tem certa continuidade histórica; o poder é mais difuso que no Império e não é o seu elo mais conspícuo. Por outro lado, o Estado moderno é muito grande para ser conhecido pessoalmente; sua forma, evidentemente artificial para ser percebida como uma unidade natural. Não somente por razões de defesa, mas também para reforçar a ilusão de unidade orgânica, os líderes políticos têm procurado estender as fronteiras dos seus países até o rio, montanha ou mar. Se tanto o Império como o Estado são muito grandes para se praticar a verdadeira topofilia, é paradoxal refletir que a própria terra possa eventualmente provocar tal afeição: esta possibilidade existe, porque a terra é indubitavelmente uma unidade natural e tem uma história comum. As palavras de Shakespeare este lugar bendito, "esta pedra preciosa engastada em um mar de prata", podem ser apropriadamente aplicadas ao próprio planeta. Possivelmente, em algum futuro ideal, nossa lealdade será dada somente à região natal, plena de lembranças íntimas e, no outro extremo da escala, à terra toda.

Urbanização e atitude para com o campo

A lealdade para com o lar, cidade e nação é um sentimento poderoso. Sangue é derramado em sua defesa. Em contraste, o campo evoca uma resposta sentimental mais difusa. Para compreender esta forma particular de topofilia é preciso estar consciente de que um valor ambiental requer sua antítese para definí-lo. "Água é ensinada pela sede, Terra — pelos oceanos atravessados" (Emily Dickinson). "Lar" é uma palavra sem significado, separada de "viagem" e "país estrangeiro"; claustrofobia implica a agorafilia; as virtudes do campo requerem sua antiimagem, a cidade, para acentuar a diferença e vice-versa. A seguir, um exemplo de sentimento rural extraído de obras de três poetas:

> (1) Esta era uma das minhas orações: um pequeno pedaço de terra com jardim, perto da casa, uma fonte de água corrente e ao lado, um pequeno bosque. O céu me concedeu isto e muito mais do que eu esperava. É bom. O único que peço agora... é: que isto seja meu para sempre.

(2) *No começo do verão os bosques e as relvas estão verdejantes.*
Ao redor do meu chalé se inclinam espessos ramos e sombras.
Inúmeros pássaros se deleitam em seus santuários,
e eu também amo meu chalé. Após ter arado e semeado,
volto a ler meus livros.

(3) E no verão, provavelmente você me encontrará sentado sob uma árvore, com um livro em minha mão, ou andando pensativamente em uma agradável solidão.

O primeiro trecho expressou o sentimento de Horácio (65-8 a. C.); o segundo é de Tao Yuan-ming, um poeta chinês do quarto século depois de Cristo e o terceiro, do inglês Henry Needler, que escreveu no começo do século dezoito. A harmonia de sentimentos entre os três poetas, que pertenceram a mundos e épocas diferentes, é instrutiva. Eles tinham uma experiência em comum: os três conheciam as tentações e distrações da vida citadina e procuraram a tranqüilidade no campo.

Quando uma sociedade alcança um certo nível de desenvolvimento e complexidade, as pessoas começam a observar e apreciar a relativa simplicidade da natureza. A separação mais remota, entre os valores da cidade e os da natureza apareceram pela primeira vez na epopéia de Gilgamesh, que foi escrita na Suméria, nos fins do terceiro milênio antes de Cristo. Gilgamesh era o senhor da rica e poderosa cidade de Uruk. Ele desfrutava das amenidades refinadas, apesar delas não lhe trazerem uma felicidade completa. Em lugar de procurar consolo entre os nobres, ele procurou a amizade de Enkidu, um homem selvagem que comia capim com as gazelas, se acotovelava com as feras selvagens na cacimbas e nada sabia do cultivo da terra. Na epopéia de Gilgamesh não há uma descrição real da paisagem. As virtudes da natureza selvagem estavam personificadas em Enkidu. O tipo de sentimento pelo campo, sugerido nos trechos anteriormente citados, pôde somente aparecer quando foram construídas grandes cidades, quando as pressões da política e da vida burocrática tornaram atrativa a paz rural. O sentimento é romântico, no sentido de que nada tem a ver com qualquer compreensão real da natureza. Está também envolto em melancolia: os *literati* vão ao campo por uma temporada e vivem em uma indolência tranqüila, pensando muito no trabalho, mas sem pensar em como sobreviver.

Esta apreciação romântica da natureza é privilégio e riqueza da cidade. Nos tempos arcaicos o prazer do homem pela natureza era mais forte e direto. A evidência do *Shih Ching* sugere que a China antiga estava consciente da beleza da terra, mas não do campo como uma cena separada e antitética da cidade. O que mais encontramos nesta antologia de canções e poemas são relatos de atividades rurais, como limpar as relvas e árvores, arar a terra e construir diques. Provavelmente estes são bons esboços do sistema agrícola na metade do período Chou (ao redor dos anos 800-500 a. C.). Posteriormente, nos séculos quarto e terceiro antes de Cristo foram construídas cidades de grande tamanho. As muralhas de um povoado cervacam uma área de aproximadamente vinte e seis quilômetros quadrados, enquanto em outros, Lin-tzu, provavelmente viviam 70.000 famílias. Esta também foi uma época de guerras recorrentes. Poderia parecer que as condições eram tais que funcionários da corte não se importavam em retirar-se da luta e isolar-se no campo. O banimento da capital não deveria ser um grande sofrimento. No entanto, era percebido como um sofrimento, talvez porque na China, mesmo na bacia do Yangtze, ainda haviam grandes extensões de natureza selvagem, que proporcionavam pouca segurança e nenhuma alegria. Chu Yuan, que foi banido no ano 303 antes de Cristo, por opor-se às táticas de guerra do rei Huai, vagueou pela região do lago Tung-t'ing ao norte de Ho-nan. Aí ele encontrou "intermináveis florestas escuras, moradia de símios e macacos. E montanhas úmidas, com garoa, tão altas que ocultavam o sol". [14]

Quase ao final da última dinastia Han (25-220 depois de Cristo), apareceu um tipo de apreciação pelo campo que eventualmente se transformou, entre a pequena fidalguia, em um sentimento clichê pela natureza. T'ung Chung-chang (189-220 d. C.) viveu em uma época de grandes revoltas políticas e rebeliões, que terminaram com a queda da dinastia. Ele escreveu com anelo:

> Tudo o que quero são terras boas e uma casa espaçosa, com colinas atrás e um córrego na frente, rodeada de pequenos lagos ou piscinas; plantar primeiro bambus e árvores, uma horta no lado sul, um pomar no lado norte... Depois, com dois ou três acompanhantes com tendências filosóficas, discutir o Caminho ou estudar algum livro... E assim divagar em calma durante a vida e de vez em quando olhar para o Céu e a Terra e tudo o que fica no meio, livre da censura dos homens [15].

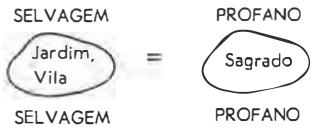
Os funcionários eruditos, que administraram o Império Chinês durante aproximadamente dois mil anos oscilavam entre a fascinação da cidade e do rural. Na cidade, o erudito podia satisfazer sua ambição política, mas o preço era a submissão às

[14] Robert Payne (ed.), *The White Pony: An Anthology of Chinese Poetry* (Nova York: Mentor Books, 1960), p. 89.

[15] Arthur Waley, "Life Under the Han Dynasty: Notes on Chinese Civilization in the First and Second Centuries A. D.", *History Today*, 3 (1953), 94.

1. Ideal edênico

NEOLÍTICO



EXEMPLOS HISTÓRICOS

a. Éden e o selvagem
b. Mosteiro e o selvagem
c. A cidade da Nova Inglaterra e o selvagem
d. O seminário ou a universidade americana e o selvagem
e. As comunidades utópicas americanas (primeira metade do século XIX)

2. Revolução urbana e ideal cósmico

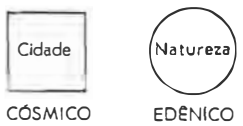
O SELVAGEM (profano)

O SELVAGEM (profano)

UTOPIA

a. A República de Platão
b. Nova Jerusalém

3. Os dois ideais justapostos



PASTORAL (bucólico)
a. Grécia alexandrina
b. Roma de Augusto

JARDIM
c. China de T'ang-Sung

CAMPO
d. Europa renascentista
e. Inglaterra dos séculos XVIII e XIX

4. O ideal da "Paisagem Interméddia" (ideal jeffersoniano: fins do século XVIII até meados do século XIX)

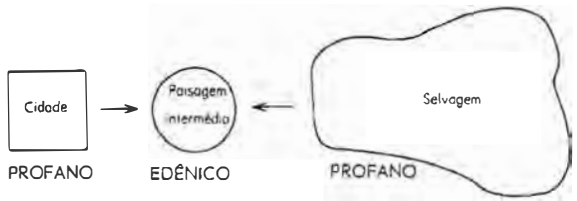
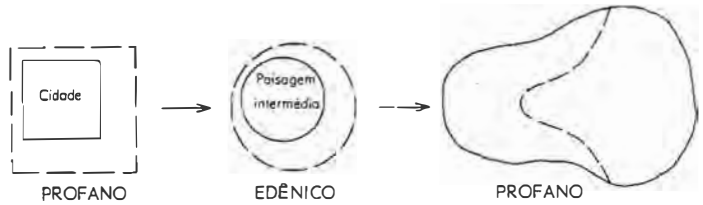
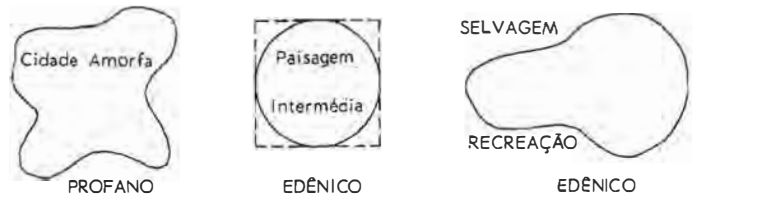


Figura 9 O selvagem, o jardim, a cidade.

A "Paisagem Intermédia" dos pequenos proprietários rurais é vista como ameaçada, de um lado pela cidade e do outro pelo selvagem. Esta foi uma época em que, de fato, a cidade e a paisagem intermédia estavam se expandindo em detrimento do selvagem; assim:



5. Valores dos fins do século XIX



(adquirindo a "ordem" da cidade) (movimento conservacionista)

6. Valores dos meados e fins do século XX

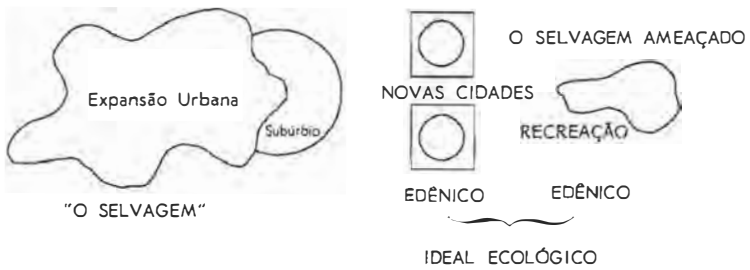


Figura 9 continuação.

exigências confucianas e o risco de censura. No campo, o erudito perdia as vestes do cargo, mas em compensação ganhava as delícias de aprender, os tranqüilos prazeres de uma vida dedicada à compreensão do Caminho (*Tao*). A classe da pequena fidalguia chinesa tinha sólidas raízes no campo. Os membros mais inteligentes e prósperos se mudavam para a cidade, onde, como funcionários levavam uma vida compensadora, mas um pouco incerta. Segundo Wolfram Ebehard, eles às vezes preferiam viver fora da cidade, em uma casa luxuosa, que poeticamente era chamada "choça". Aí se tornavam taoístas como reação psicológica contra a vida confuciana dentro de uma camisa de força. Muitas vezes, eles se isolavam temporariamente "quando a situação política na cidade se tornava desfavorável ou perigosa. Quando a situação mudava, os nossos 'taoistas' comumente regressavam à cidade e voltavam a ser 'confucionistas' outra vez". [16]

Na Europa, a preferência pelo campo, em oposição à cidade, foi eloqüentemente expressa na literatura de três períodos: na época da Grécia Helenistíca ou Alexandrina, na época da Roma de Augusto e no período do romantismo moderno, que se iniciou no século dezoito. Antes da época de Alexandre já existia um sentimento saudosista pelo campo. Os atenienses, por exemplo, sentiam nostalgia da sua vida rural simples, depois que foram arrancados de suas fazendas durante a prolongada guerra do Peloponeso (431-404 a.C.). De qualquer modo, na literatura helênica os idílios rurais foram discretos. Foi preciso o aparecimento das grandes cidades da época alexandrina para que se produzisse uma forte reação contra a sofisticação urbana e o anseio pela rusticidade. Os poemas pastorais de Teócrito têm a fragrância da paz do campo. Um poema que registra uma experiência pessoal de um festival da colheita, descreve uma cena na ilha de Cos, em pleno verão. Observe como são enaltecidos os sons rurais:

> Muitos álamos e olmos murmuravam sobre as nossas cabeças e bem perto a água sagrada da caverna das Ninfas caia borrifando. Nos ramos sombrios das árvores as cigarras pardas estavam ocupadas com seu canto e a perereca coaxava no denso estramônio. As cotovias e os tentilhões cantavam, o pombo arrulhava e as abelhas voavam zumbindo em cima dos córregos. Todas as abundantes colheitas e frutas da estação estavam perfumadas. Havia abundância de peras e maçãs ao nosso redor e os ramos carregados pendiam até o chão [17].

[16] Wolfram Ebehard, *Conquerors and Rulers: Social Forces in Medieval China*, 2.ª ed. (Leiden: E. J. Brill, 1965), p. 45.

[17] Teócrito, "The Harvest Song", trans. A. S. F. Gow, *The Greek Bucolic Poets* (Cambridge: Cambridge University Press, 1953).

A poesia de Virgílio e Horácio descrevem eloqüentemente os idílios rurais, que contrastam com os esplendores da Roma de Augusto. O campo de Virgílio era a fértil planície do Pó, perto de Mântua. Seus poemas evocam imagens de velhas faias e escuros carvalhos entremeados de relva e pequenos rebanhos de ovelhas c cabras movendo-se entre elas. Suas bucólicas retratam uma vida idealmente feliz e em uma terra linda, mas cada uma delas têm tristeza misturada com seu encanto. A Arcádia de Virgílio foi ameaçada de um lado, pela sombra da Roma Imperial e por outro lado pelos pântanos inóspitos e rochas nuas. Horácio encontrou consolo e inspiração em sua fazenda, que estava fora de Roma, não longe de Tivoli. Ele aí se isolava, em parte devido a problemas de saúde e em parte porque, à medida que envelhecia, aumentava sua preferência pela reclusão e vida simples. Ele elogiava o campo em detrimento da cidade; ele contrastava a vida tranqüila em seu vale recluso, não somente com o ar poluído de Roma, mas também com a sua riqueza ostentosa, negócios agressivos e prazeres violentos. [18]

Durante o século dezoito o erudito europeu deificava a natureza. Para os filósofos e poetas, em particular, a natureza chegou a representar sabedoria, conforto espiritual e santidade; supunha-se que as pessoas podiam derivar dela entusiasmo religioso, retidão moral e uma compreensão mística do homem e de Deus. No começo do século, o elogio do campo foi mais uma pose néo-augustiana do que um real florescimento do interesse pela natureza. Como Samuel Johnson disse em 1751, "Em verdade, quase não há escritor que não tenha elogiado a felicidade da privacidade rural". Os *literati* da época eram urbanizados, porque era na cidade (em especial Londres) que estavam todas as oportunidades políticas e pecuniárias. Mas, pareceria que eles reagiram contra as suas condições de citadinos. Os poemas neoclássicos escritos na primeira metade do século dezoito estavam plenos de temas de reclusão. Eles falavam do desejo de abandonar a "alegre cidade onde reinavam os prazeres" pelos "campos humildes". Os cavalheiros se isolavam no campo, por sua solidão, que estimulava o estudo e a contemplação. William Shenstone procurou "perseguir esta sombra pacífica" onde estaria livre do acicate da ambição. [19] Henry Needler, como dissemos anteriormente, foi para o campo ler livros em lugar de ler a natureza. Na medida em que os sentimentos rurais eram genuínos, eram mais melancólicos. Os poetas

[18] Gilbert Highet, *Poets in a Landscape* (Nova York: Knopf, 1957).

[19] George G. Williams, "The Beginnings of Nature Poetry in the Eighteenth Century", *Studies in Philology*, 27 (1930), 583-608.

descreveram como uma pessoa é arrastada "da solidão para a melancolia; para encontrar um prazer mórbido nas cores suaves do entardecer, na escuridão e mistério da noite, na igreja às escuras, nas ruínas desoladas... na insignificância do homem e na inevitabilidade da morte".[20] Em meados do século dezoito, no entanto, apareceram sinais claros de uma apreciação mais profunda da natureza que se estendeu além do campo, para as montanhas, o deserto e o oceano.

Na América do Norte o tema da corrupção da cidade e a virtude rural é suficientemente popular para ser classificado como folclore. Repetidamente se diz: primeiro a Europa decadente e a América *prelapsarian* forneceram uma antítese satisfatória; depois à medida que os Estados Unidos se dedicaram à manufatura, rapidamente começaram a aparecer cidades grandes, o contraste foi percebido entre a costa leste industrializada e monetizada e o virtuoso interior agrário. Thomas Jefferson exerceu grande influência na propagação do que Leo Marx chama de "ideal pastoral". Ele, sem dúvida, conhecia bem a literatura pastoral. Podia citar Teócrito em grego; é bem conhecida a sua predileção pelos poetas latinos; e quando jovem ele leu diligentemente a poesia de James Thomson, que foi um dos primeiros a mostrar, na poesia, o dedo de Deus em todas as plácidas e sublimes ações da natureza. Para Jefferson, "Aquele que trabalha com a terra é o povo escolhido de Deus, se é que Ele alguma vez teve um povo eleito, em cujos seios depositou importantes e genuínas virtudes". Em contraste, "As multidões das grandes cidades apoiam um bom governo da mesma maneira que as feridas ajudam o fortalecimento do corpo".[21]

Na Europa o sentimento pelo campo, em grande parte, permaneceu como uma convenção literária, transformada, de tempos em tempos em substância através da divulgação e das plantas de propriedades rurais. Nos Estados Unidos o sonho das virtudes humanas, florescentes na Arcádia, alcançou o nível de programa político. O terceiro presidente da República estava disposto a subordinar a riqueza nacional e o poder a um ideal agrário; e o povo americano respondeu favoravelmente à idéia. Durante o

[20] Cornelis Engelbertus de Haas, *Nature and the Country in English Poetry* (Amsterdã: H. J. Paris, 1928), p. 150.

[21] Thomas Jefferson, *Notes on Virginia*... Questão 19. Como uma fonte de comportamento rural, abrangendo a história do pensamento rural-urbano, ver Pitirim A. Sorokin, Carle C. Zimmerman, e Charles J. Gilpin, *Systematic Source Book in Rural Sociology*, 3 vols. (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1932).

século dezenove, a imagem das pessoas rurais, contentes e virtuosas, tornou-se um emblema dominante das aspirações nacionais. O ideal não parou nem obstaculizou a acumulação de riqueza e a devoção ao progresso tecnológico, que se combinaram para transformar os Estados Unidos em uma grande nação manufatureira. No entanto, estava longe de ser uma retórica vazia. O sentimento permeia a cultura americana. Encontra-se no abandono das cidades e na corrida para os subúrbios, no êxodo para o campo nos fins de semana e nos movimentos preservacionistas. Politicamente está evidente 'no localismo' invocado para se opor à um adequado sistema nacional de educação, no poder do bloco de fazendeiros no Congresso, nos favores especiais demonstrados à 'agricultura' através de subsídios governamentais e nos sistemas estaduais de eleição que permitem à população rural manter uma parte de poder político, completamente desproporcional a seu tamanho".[22]

O selvagem

É amplamente aceito que o campo é a antítese da cidade, independente das verdadeiras condições de vida destes dois meios ambientes. Escritores, moralistas, políticos e mesmo os cientistas sociais tendem a ver o espectro urbano-rural como uma dicotomia fundamental. No entanto, de outra perspectiva é claro que a natureza virgem ou o selvagem, e não o campo, é o polo oposto da cidade, inteiramente feita pelo homem. O campo é a "paisagem itermédia" (termo de Leo Marx). O ideal mundo intermédio do homem está colocado, no mito agrário, entre as polaridades da cidade e do selvagem. A estruturação do meio ambiente em oposição binária é análoga à estruturação do mundo que vimos em outras tradições: a paisagem intermédia americana é a *madiapa* indonésica. Mas no mundo indonésio a montanha e o mar são polaridades eternas, enquanto a cidade e o selvagem são antinomias mutáveis na dinâmica história do Ocidente: no tempo, o significado destes dois termos podem se inverter e, no processo de inversão, tanto a cidade como as fazendas em expansão (a paisagem intermédia) são percebidas como inimigas de uma natureza intacta. A seguir, revisaremos o significado do selvagem deste ponto de vista.

Na Bíblia o termo "selvagem" nos traz à mente duas imagens contraditórias. De um lado, é um lugar de desolação, uma terra

[22] Leo Marx, *The Machine in the Garden* (Nova York: Oxford University Press, 1964), p. 5.

inculta freqüentada pelos demônios; é condenada por Deus. "Suas terras tornaram-se selvagens... pela ira de [Jeová]. (*Jeremias* 25:38)". Adão e Eva foram expulsos do Jardim para a "terra maldita" cheia de espinhos e de cardos. Cristo foi tentado pelo demônio no deserto. Tudo isso enfatiza o significado negativo — e dominante — do selvagem na Bíblia. Por outro lado o selvagem pode servir, tanto como (*a*) um lugar de refúgio e contemplação, ou mais comumente (*b*) qualquer lugar onde os Escolhidos são espalhados durante uma temporada de disciplina ou purgação. Oséias (2:14) lembra o período nupcial no deserto do Sinai. "Por isso a atrairei, conduzi-la-ei ao deserto e falar-lhe-ei ao coração... E aí ela se tornará como no tempo de sua juventude, como nos dias em que subiu da terra do Egito". Nas *Revelações* (1:9; 17:3), o Profeta sugere que o deserto permite ao cristão contemplativo ver o Divino mais claramente, livre do peso do mundo.

No cristianismo, a tradição ascética manteve o significado duplo e oposto do selvagem. João Cassiano (falecido em 435) asseverou, por um lado, que os eremitas foram para as terras de perdição para travar um combate aberto com os demônios; por outro lado, que na "liberdade do imenso selvagem" eles procuraram desfrutar "aquela vida que somente pode ser comparada com a glória dos anjos." Para os ascéticos, o deserto, de fato, era ao mesmo tempo o lugar dos demônios e o domínio da bem-aventurança em harmonia com o mundo das criaturas. A atitude para com os animais era também ambivalente. Tanto eram vistos como apaniguados de Satã como cidadãos do paraíso, precariamene reintegrados aos meios ambientes do eremita ou monge. No começo da história do cristianismo, a cela do monge no deserto e a igreja no mundo eram consideradas como pequenos modelos do paraíso. A sua existência dava uma aura de santidade aos seus arredores, de maneira que algo da inocência paradisíaca podia ser vista ao redor deles. [23]

Nos Estados Unidos foi mantida a ambigüidade do selvagem. Os puritanos da Nova Inglaterra acreditavam que eles estavam inaugurando uma nova era da Igreja no Novo Mundo e que esta Igreja reformada ia florescer como um jardim, no selvagem protetor. Por outro lado, segundo John Eliot (falecido em 1960) o selvagem era o lugar "onde nada aparecia, a não ser trabalho duro, desejos e tentações". Os escritos de Cotton Mather (1663-1728)

[23] George H. Williams, *Paradise and Wilderness in Christian Thought* (Nova York: Harper and Row, 1962).

mostraram a mesma ambivalência em relação às terras de perdição que se encontram no Velho e Novo Testamento. Mather imaginava o selvagem como o império do Anti-Cristo, cheio de azares assustadores, demônios, dragões e ferozes serpentes voadoras. Em outro estado de ânimo, ele afirmou que o selvagem norte-americano foi mandado pela Providência para ser o refúgio protetor da Igreja reformada.

Mather, que falou seriamente de demônios e dragões nas florestas, morreu em 1728. Neste ano, William Bird, um fidalgo da Virgínia viu pela primeira vez as montanhas Apalaches. Ele descreveu as montanhas com fervor romântico. Quando a neblina impedia a visão, Bird lamentava "a perda deste Panorama selvagem". E quando tinha que partir manifestava relutância em separar-se de uma cena que "era tão selvagem e muito agradável". Enquanto Mather viu o selvagem através de lentes teológicas lúgubres, Bird o via através de lentes coloridas de romantismo, que nessa época começava a ser popular. Os pioneiros não apreciavam o selvagem; era um obstáculo a ser vencido para se ganhar a vida e era uma ameaça constante na sobrevivência. Os pregadores do início do período colonial viram o selvagem como o lugar dos demônios e raramente como o meio ambiente protetor da Igreja. Durante o século dezoito, no entanto, o hiato aumentou entre os pioneiros, que continuavam a ver a natureza selvagem como um obstáculo e os cavalheiros cultos, que o viam através dos olhos do turista, conhecedores das obras dos europeus filósofos deístas e poetas naturalistas.

À medida que a população aumentava e os campos eram cultivados e o povoamento se expandia rapidamente para o oeste, no selvagem, os literatos e artistas da costa leste se alarmavam cada vez mais com o rápido desaparecimento da natureza selvagem. John James Audubon, em suas viagens, na década de 1820 pelo vale do Ohio, em busca de espécies de pássaros, teve muitas oportunidades para observar a destruição da floresta. Thomas Cole, o paisagista, lamentou o destino da natureza porque "cada colina e cada vale está se transformando em um altar ao dinheiro". Ele pensava que o selvagem desapareceria em poucos anos; e William Cullen Bryant era igualmente pessimista. Após ter percorrido a região dos Grandes Lagos, em 1846, ele tristemente antecipou um futuro em que os bosques selvagens e solitários estariam repletos de chalés e casas de pensão. Indivíduos sensíveis e eloqüentes, especialmente Henry David Thoreau, exigiram a preservação. Esta exigência surtiu efeito. O Parque Nacional Yellowstone (1872) e a Reserva Florestal de Adirondack (1885)

foram os primeiros exemplos no mundo, em que grandes áreas do selvagem foram preservadas no interesse público.[24]

Ao final do século dezenove, nos Estados Unidos, uma série de virtudes confusas foram atribuídas ao selvagem. Representava o sublime e convidava o homem à contemplação; na sua solidão, os pensamentos se elevavam e se afastavam das tentações do dinheiro; passou a ser associado com a fronteira e o passado pioneiro e portanto, com qualidades que se acreditavam ser tipicamente americanas; era um meio ambiente que desenvolvia a dureza e a virilidade. A crescente apreciação do selvagem, como a do campo, foi uma resposta aos fracassos reais e imaginários da vida da cidade. Mas, o interesse pelo selvagem não foi uma extensão do ideal agrário. Os dois ideais, em alguns aspectos, são antitéticos, porque é a expansão do campo, mais do que a das cidades, que apresenta um perigo imediato ao selvagem. Os valores da região central podem ser apreendidos em três diferentes imagens: pastores em uma paisagem bucólica; o fidalgo em sua propriedade campestre lendo um livro sob um olmo; e o pequeno proprietário em sua fazenda. Nenhuma destas imagens se superpõem com os valores associados com o selvagem. O pequeno proprietário estabelecido em suas terras pouco tem em comum com o pioneiro sem compromisso e o ar de indolência, que é a pose característica do erudito aposentando-se, é a antítese rooseveltiana do culto da virilidade no selvagem.

As pessoas raramente percebem a ironia inerente na idéia de *preservar* o selvagem. O "selvagem" não pode ser definido objetivamente: tanto é um estado de espírito como uma descrição da natureza. No momento que podemos falar de preservação e proteção do selvagem, ele já perdeu muito de seu significado: por exemplo, o significado bíblico de assombro e medo e o sentido de uma sublimidade muito maior que o mundo do homem e inabrangível por ele. Atualmente, o "selvagem" é um símbolo dos processos ordenados da natureza. Como um estado de espírito, o verdadeiro selvagem somente existe nas grandes cidades tentaculares (Ver Figura 10d, p. 163).

[24] Roderick Nash, *Wilderness and the American Mind* (New Haven: Yale University Press, 1957; David Lowenthal, "The American Scene", *Geographical Review*, 58 (1968), 61-88; Robert C. Lucas "Wilderness Perception and Use: The Example of the Boundary Waters Canoe Area", *Natural Resources Journal*, 3, n.º 3 (1964), 394-411.

CAPÍTULO NOVE

meio ambiente e topofilia

O termo topofilia associa sentimento com lugar. Como já examinamos a natureza do sentimento, vamos agora examinar o papel do lugar ou meio ambiente como produtor de imagens para a topofilia, pois esta é mais do que um sentimento difuso, sem nenhuma ligação emocional. O fato das imagens serem extraídas do meio ambiente não significa que o mesmo as tenha determinado, nem necessitamos acreditar (de acordo com a evidência dada no capítulo 8) que certos meios ambientes possuem o irresistível poder de despertar sentimentos topofílicos. O meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais. Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo a que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determiada época.

Meio Ambiente e Eliseu

Qual é o meio ambiente ideal das pessoas? Não podemos responder integralmente esta pergunta simplesmente olhando o local onde elas vivem. Uma maneira de se aproximar deste ideal é examinar a idéia que as pessoas têm do mundo além da morte. Na verdade, nem todos os grupos humanos têm noções sobre a vida do além ou concebem um lugar — um Eliseu — para onde vão os espíritos favorecidos. O Nivarna do budismo é a clara rejeição de tal lugar. Apesar de, na prática, os templos budistas serem freqüentemente construídos em locais de beleza excepcional, a topofilia não tem lugar nessa doutrina. Além do budismo e de outras religiões ascéticas dominadas por misticismo, muitas pessoas, em diferentes partes do mundo, têm certas crenças de como será a vida após a morte em um lugar acima do céu, além do horizonte ou abaixo da terra. Não chama a atenção que os móveis desse lugar sejam bem parecidos aos daqui da terra. Eles variam de acordo com a geografia local, porém, em todos os casos, os aspectos desagradáveis e constrangedores do meio ambiente terrestre estão ausentes. Portantto, os paraísos tendem a ser mais parecidos do que seus similares terrenos. Para os aborígenes australianos, a *gum-tree country* — a terra além da grande água ou no céu — parece-se com a Austrália, mas é mais fértil, melhor irrigada e com caça abundante. Para os Comanches, a terra onde o Sol se põe é um "vale dez mil vezes mais comprido e mais largo" do que seu próprio vale em Arkansas. Nesse mundo bem-aventurado não há escuridão, nem vento ou chuva e abundam os búfalos e os alces. Para os esquimós da Groenlândia a vida dos eleitos, após a morte, é uma região subterrânea, um lugar aprazível, com um eterno e ensolarado verão, onde não faltam água, peixes e abundam as aves; onde as focas e as renas são facilmente caçadas ou são encontradas vivas em grandes caldeirões com água fervendo.

Os meios ambientes de atração permanente

As pessoas sonham com lugares ideais. A Terra, devido aos seus vários efeitos, não é vista em todas as partes como a morada final da humanidade. Por outro lado, a nenhum meio ambiente falta poder para inspirar a devoção, pelo menos de algumas pessoas. Em qualquer lugar onde haja seres humanos, haverá o *lar* de alguém — como todo o significado afetivo da palavra. O Sudão é monótono e miserável para o estrangeiro, mas Evans-Pritchard afirma que é difícil poder persuadir o Nuer que aí vive

de que existem outros lugares melhores.[1] Na complexa sociedade moderna, os gostos individuais por ambientes naturais podem variar enormemente. Algumas pessoas preferem viver no deserto e nas planícies varridas pelo vento, do que simplesmente visitar esses lugares. Os alasquianos chegam a gostar de suas paisagens geladas. A maioria das pessoas, entretanto, prefere um meio ambiente mais hospitaleiro para viver, embora ocasionalmente deseje estimular seu gosto estético com uma visita ao deserto. A vasta estepe, o deserto e as terras geladas desencorajam o povoamento não somente devido à sua escassa possibilidade de vida, mas pela sua ridícula geometria e dureza, que parecem negar a idéia de refúgio. Em uma planície fértil, a idéia de refúgio pode ser criada artificialmente com arvoredos e casas agrupadas em um espaço aberto. O próprio meio ambiente natural pode produzir uma sensação de abrigo, desde que seja penetrável como a floresta tropical, isolada e luxuriante como as ilhas tropicais, como um vale de forma côncava e com diversos recursos, ou ao longo de um litoral protegido. No capítulo sete mostramos como, para os pigmeus BaMbuti e os Lele de Kasai, a floresta tropical é um mundo envolvente que provê tanto as necessidades materiais como as espirituais. Os hominídeos também emergiram deste meio ambiente florestal, que atuou como um ventre materno, morno e nutritivo. Na atualidade uma cabana na clareira da floresta continua atraindo o homem moderno, que sonha com um retiro. Três outros ambientes naturais têm, em diferentes tempos e lugares, atraído fortemente a imaginação humana: a praia, o vale e a ilha.

A PRAIA

Não é difícil entender a atração que exercem as orlas marinhas sobre os seres humanos. Para começar, sua forma tem dupla atração: por um lado, as reentrâncias das praias e dos vales sugerem segurança; por outro lado, o horizonte aberto para o mar sugere aventura. Além disso, o corpo humano, que normalmente desfruta apenas do ar e da terra, entra em contato com a água e a areia. A floresta envolve o homem em seu recesso fresco e sombrio; o homem no deserto está totalmente exposto e sofre escoriações pelo sol brilhante e é repelido pela dureza da terra. A praia também é banhada pelo brilho direto e refletido da luz do sol, porém a areia cede à pressão, penetrando entre os dedos do pé e a água recebe e ampara o corpo.

[1] E. Evans-Pritchard, *The Nuer* (Oxford: Clarendon Press, 1940), p. 51.

Nas eras do Paleolítico Inferior e Médio, as praias marinhas ou lacustres abrigadas talvez tenham sido das primeiras moradas da humanidade na África. Se o meio ambiente florestal foi necessário para a evolução dos órgãos perceptivos e locomotores dos primatas ancestrais do homem, o *habitat* da praia pode ter contribuído para que o homem não tenha a pele toda recoberta por pêlo, um traço que o distingue dos macacos e de outros primatas. São incertas as teorias sobre as causas da evolução dos traços no passado remoto. A agilidade do homem na água é um fato. Este talento, não o possuem todos os primatas. Além dos seres humanos, somente certos macacos da Ásia procuram alimentos nas praias e podem nadar. Nosso primeiro lar não foi talvez como um Éden, localizado perto de um lago ou do mar? De acordo com Carl Sauer, a praia apresenta as seguintes vantagens: "nenhum outro ambiente é tão atrativo para o aparecimento do homem. O mar, especialmente a parte da praia que sofre a maré, apresentou a melhor oportunidade para comer, fixar, reproduzir e aprender. Permitiu provisões abundantes e diversas, contínuas e inesgotáveis. Foi um convite para o desenvolvimento das habilidades manuais. Deu-lhe um nicho ecológico apropriado para que a etologia animal pudesse se transfo mar em cultura humana".[2]

Os povos primitivos, que vivem próximos aos litorais tropicais e temperados, são geralmente excelentes nadadores e mergulhadores. Pode-se salientar que na água ambos os sexos têm habilidade similar, o que significa que os dois realizam trabalhos iguais e desfrutam dos esportes aquáticos. Carl Sauer sugeriu que a fusão da atividade recreativa e econômica poderia ter atraído os homens primitivos a unirem-se na busca de provisões no mar, muito antes de tornarem-se caçadores em terra; e também que esta participação facilitou o estabelecimento da família bilateral. No passado pré-histórico, a evidência de sambaquis sugere que as praias marinhas e lacustres foram muitas vezes capazes de suportar densidades populacionais maiores que as das terras interiores, onde as pessoas dependiam da caça e da coleta. Talvez, somente à medida que a agricultura se tornou mais sofisticada, no final do período Neolítico, as pessoas começaram a se concentrar em grande número terra adentro, mas mesmo assim a pesca nos rios ainda contribuia para a alimentação.

No mundo moderno as comunidades pesqueiras, de modo geral, são pobres quando comparadas com comunidades agrícolas

[2] Carl O. Sauer, "Seashore — Primitive Home of Man?" in John Leighly (ed.), *Land and Life* (Berkeley: University of California Press, 1963), p. 309.

no interior; e se elas suportam este modo de viver, não é tanto pela recompensa econômica, senão pelas satisfações obtidas deste estilo de vida ancestral e tradicional. Durante o último século, as praias tornaram-se muito populares, mas saúde e prazer, que não são produtos do mar, foram as maiores atrações. Em cada verão, hordas de pessoas na Europa e Estados Unidos migram para as praias. Tomemos como exemplo a Grã-Bretanha. Em 1937, cerca de quinze milhões de pessoas desfrutaram de uma semana ou mais de férias longe de casa. Em 1962, trinta e um milhões, ou 60% da população britânica, fez o mesmo; e das férias passadas dentro do país, a grande maioria preferiu o mar. Em 1962, 72% dos britânicos em férias foi para o litoral. A natação foi e é, de longe, o esporte mais praticado, tanto pelos jovens como pelos velhos. Em 1965, nenhum outro esporte alcançou nem a metade dos praticantes de natação.[3] Mas, tal como E. W. Gilbert assinalou, a popularidade da natação e das praias é um acontecimento relativamente recente: a insularidade britânica por si só não encorajou nem antecipou o desenvolvimento dos prazeres do litoral. Foi a crescente reputação de que a água do mar e o banho de mar contribuem para a saúde, que desviou a atenção dos cultivadores da saúde das tradicionais estâncias hidrominerais para as praias. O poder da água do mar deve muito de sua credibilidade ao Dr. Richard Russel, de Lewes e Brighton. Em 1750, ele publicou um livro sobre o uso da água do mar no tratamento das doenças glandulares, que foi bem recebido, durante um século, pelos hipocondríacos e hedonistas europeus. O crescimento rápido dos balneários, principalmente a partir de 1850, deu-se graças à construção das ferrovias. Os fluxos para o mar, quer de um dia, de fim de semana ou de temporada foram um fenômeno pós segunda guerra mundial e refletem a crescente afluência das classes média e média-inferior e o rápido aumento do uso do automóvel.[4] Fatores econômicos e tecnológicos explicam o aumento de volume do movimento para o mar, porém não explicam porque em primeiro lugar as pessoas acham o mar atrativo. A origem do movimento para o mar deve-se a uma nova avaliação da natureza.

Nos Estados Unidos, as estâncias hidrominerais precederam aos balneários como centros de diversão e saúde.[5] Apesar do

[3] J. Allan Patmore, *Land and Leisure in England and Wales* (Newton Abbot, Devon: David & Charles, 1970), p. 60.

[4] E. W. Gilbert, "The Holiday Industry and Seaside Towns in England and Wales", *Festschrift Leopold G. Scheidl zum 60 Geburgstag* (Viena, 1965), pp. 235-47.

[5] Foster R. Dulles, *A History of Recreation: America Learns to Play* 2.ª ed. (Nova York: Appleton-Century-Crofts, 1965), pp. 152-53, 335-56.

banho de mar aparecer no final do século dezoito, foi muito mais tarde que se tornou popular. De início, o banho de mar teve que vencer o recato das pessoas. Os fabricantes anunciavam máquinas com uma "construção peculiar", que permitiam aos banhistas entrar e sair da água sem serem vistos. A natação também levantou suspeitas, porque era um esporte para ambos os sexos. Os banhistas dos fins do século dezenove entravam no mar completamente vestidos. Os costumes sociais no entanto mudam: o senso comum eventualmente vence o recato. Desde os primeiros anos do século vinte, a natação tem sido contínua, sendo a maior recreação ao ar livre entre os americanos. Desde 1920 as praias da costa Leste ficam repletas em cada temporada. A natação, ao contrário do que aconteceu com muitos esportes competitivos, minimiza as diferenças físicas e sociais dos seres humanos. Este esporte é apropriado para toda a família. Não requer equipamento dispendioso. As crianças, os velhos e mesmo os aleijados podem desfrutar do mundo benevolente da praia. A popularidade da natação é um bom indicador da força do sentimento democrático de um país.

O VALE

O vale ou bacia fluvial de tamanho modesto atrai os seres humanos por razões óbvias. Ele promete uma subsistência fácil por ser um nicho ecológico altamente diversificado: há uma grande variedade de alimentos nos rios, nas planícies de inundação e nas encostas do vale. O ser humano depende muito do acesso fácil à água: não dispõe de mecanismos para retê-la por longos períodos, em seu organismo. O vale acumula água em seus cursos, em poças e em fontes. Se o curso de água é suficientementte grande, também serve como um meio de comunicação natural. Os agricultores valorizam os solos ricos dos fundos dos vales. É claro que houve desvantagens, especialmente para o homem primitivo, que dispunha de ferramentas rústicas. A vegetação intrincada da planície de inudação, além de abrigar animais selvagens, pode ser difícil de limpar. A planície pode ser mal drenada e ser foco de malária; está sujeita à inundação e às flutuações maiores de temperatura, em relação às que ocorrem nas partes altas das encostas. Os solos, ainda que ricos, são pesados. Algumas destas dificuldades poderiam ter sido evitadas ou mitigadas. As amplas planícies pantanosas sujeitas a violentas inundações foram evitadas como lugar de fixação e sempre que possível, os povoados apareceram nos terraços secos e no sopé das vertentes do vale. Foi nos vales e nas bacias de tamanho médio que a

humanidade deu os primeiros passos para a agricultura e para a vida sedentária em grandes vilas comunitárias.

O vale é identificado simbolicamente com útero e com refúgio. A sua concavidade protege e nutre a vida. Quando os antepassados primatas do homem saíram da floresta e foram para as planícies, procuraram a segurança física e (pode-se imaginar) psicológica da caverna. Os refúgios artificiais são concavidades nas quais os processos da vida podem operar, afastados dos perigos do ambiente natural e da exposição à luz. As primeiras moradias construídas, freqüentemente, foram semisubterrâneas: a escavação do buraco minimizou a necessidade de uma superestrutura e ao mesmo tempo colocou seus habitantes em contato quase direto com a terra. O vale é ctônico e feminino, os *mégaras* do homem biológico. Os cumes das montanhas e outras saliências são escadas para o céu, o lar dos deuses. Ali o homem poderia construir templos e altares, exceto suas próprias moradas, a não ser para escapar de ataques.

A ILHA

A ilha parece ter um lugar especial na imaginação do homem. Ao contrário da floresta tropical ou da praia, ela não pode reivindicar abundância ecológica nem — como meio ambiente — teve uma grande significância na evolução do homem. A sua importância reside no reino da imaginação. No mundo, muitas das cosmogonias começam com o caos aquático: quando a terra emerge, necessariamente é uma ilha. A primeira colina também foi uma ilha e nela a vida começou. Em inúmeras lendas a ilha aparece como a residência dos mortos ou dos imortais. Além de tudo, ela simboliza um estado de inocência religiosa e de beatitude, isolado dos infortúnios do continente pelo mar. A cosmologia budista reconhece quatro ilhas de "terra excelente", situadas no "mar exterior". A doutrina hindú fala de uma "ilha essencial", formada de pó de pedras preciosas, na qual crescem árvores que expelem doces aromas; ela alberga a *magna mater*. Na China, há a lenda das Ilhas Bem-Aventuradas ou as Três Ilhas do Genii, que se acreditava estivessem localizadas no Mar Oriental, do outro lado da costa de Chiang-su. Os Semang e Sakai da Malásia, habitantes da floresta, imaginavam o paraíso como uma "ilha de frutas" da qual foram eliminados todos os males que afligem o homem na terra; está localizada no céu e deve-se entrar nela pelo Oeste. Alguns povos da Polinésia percebem o seu Eliseu como uma ilha, o que não é de surpreender. Porém, é na imaginação do mundo Ocidental que a ilha adquiriu maior força. A seguir, um breve esboço.

A lenda da Ilha dos Bem-Aventurados apareceu primeiro na Grécia Arcaica: foi descrita como um lugar que propiciava aos heróis uma colheita extraordinária, três vezes ao ano. O mundo celta, longe da Grécia, tinha uma lenda similar: Plutarco conta a história de uma ilha céltica na qual ninguém trabalhava, seu clima era excelente, seu ar profundamente perfumado. Na Irlanda católica, certos romances pagãos foram convertidos em histórias exemplares, com intenções santificantes. Na Europa Medieval a lenda de São Brendan gozou de muita popularidade, nela o abade de Clonford (morto em 576) tornou-se herói marinheiro, que descobriu ilhas paradisíacas onde tudo era alegria e abundância. Na versão anglo-normanda do século doze, deste conto, Brendan foi obrigado a procurar por uma ilha descrita brilhantemente como uma morada para os piedosos que jazem além do mar, "onde não medram tempestades, onde o perfume das flores do paraíso constitui o alimento das pessoas".

A imaginação da Idade Média povoou o Atlântico com um grande número de ilhas, muitas das quais persistiam até depois da época das grandes explorações e por certo uma, Brasil (termo gaélico para abençoado), persistiu na mente do almirantado britânioc até a segunda metade do século dezenove.[6] Ao redor de 1300, as clássicas Ilhas da Fortuna vieram a ser identificadas com as ilhas de São Brendan. O cardeal Pierre d'Ailly, que Colombo considerava como uma autoridade em Geografia, pensava seriamente que o Paraíso Terrestre estava localizado nas ou perto das Ilhas da Fortuna, devido à fertilidade de seus solos e à excelência de seu clima. Ponce de Leon é conhecido como aquele que procurou a fonte da Juventude da Flórida e ao imaginá-la como uma ilha, ele seguiu a tradição de identificar encantamento com insularidade. Em 1493 a imaginação européia começou a ver o Novo Mundo como um conjunto maravilhoso de pequenas ilhas-jardins. No século dezessete o Novo Mundo havia-se convertido em um continente interminável; e a visão original de ilhas inocentes e plenas de sol, passou a ser de incredulidade, à medida que os colonizadores enfrentaram o imensurável e o horripilante.[7]

A fantasia de ilhas edênicas foi reavivada no século dezoito, como uma conseqüência irônica das expedições aos Mares do Sul.

[6] Carl O. Sauer, *Northern Mists* (Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1968), pp. 167-68; W. H. Babcock, *Legendary Islands of the Atlantic: A Study in Medieval Geography* (Nova York: American Geographical Society, 1922).

[7] Howard Mumford Jone, *O Strange New World* (Nova York: Viking, 1964), p. 61.

Ao contrário dos primeiros exploradores, Louis de Bouganville não acreditava em nenhum Éden, mas sua descrição maravilhosa de Taiti converteu a ilha em um substituto similar. As viagens do capitão Cook em grande parte confirmaram esta visão da ilha dos Mares do Sul. George Forster, um naturalista que acompanhou Cook em sua segunda viagem, acreditou que este encantamento com as ilhas se devia mais ao contraste que elas apresentavam com a experiência anterior de tédio diante da imensidão do oceano. No século dezenove os missionários rebateram a imagem edênica das ilhas tropicais. Por outro lado, escritores eminentes que as visitaram — incluindo Herman Melville, Mark Twain, Robert Louis Stevenson e Henry Adams — preservaram a imagem idílica das ilhas. As ilhas triunfaram sobre a propaganda negativa: a afluência dos turistas continuou. Elas adquiriram outro significado, local de fuga temporária. Os Jardins do Éden e as Ilhas Utópicas nem sempre foram levados a sério, menos ainda no século vinte. Mas a vida moderna no continente lhes garantiu um lugar para onde escapar das pressões do cotidiano.[8]

O meio ambiente grego e a topofilia

As imagens da topofilia são derivadas da realidade circundante. As pessoas atentam para aqueles aspectos do meio ambiente que lhes inspiram respeito ou lhes prometem sustento e satisfação no contexto das finalidades de suas vidas. As imagens mudam à medida que as pessoas adquirem novos interesses e poder, mas continuam a surgir do meio ambiente: as facetas do meio ambiente, previamente negligenciadas são vistas agora com toda claridade. Consideremos o papel do meio ambiente na topofilia primitiva da Grécia, Europa e China.

O mar, a terra fértil e as ilhas figuraram proeminentemente na imaginação dos gregos antigos.[9] Isto não surpreende, pois os gregos dependiam do mar e dos pequenos espaços de solo fértil para sua subsistência; e as ilhas eram âncoras de segurança ou oásis de vida nas águas do oceano.

A atitude em relação ao mar era ambivalente. O mar tinha beleza e utilidade, mas era também uma força escura e assusta-

[8] Henri Jacquier, "Le mirage et l'exotisme Tahitien dans la littérature", *Bulletin de la Societé des Oceaniennes*, 12, N.°s 146-147 (1964), 357-69.

[9] H. Rushton Fairclough, *Love of Nature Among the Greeks and Romans* (Nova York: Logmans, Green & Co., 1930).

dora. O mar figurou freqüentemente nas epopéias Homéricas. [10] Foi também descrito, muitas vezes, como uma estrada. Quando calmo aparecia com a beleza de um "vinho escuro", quando bravo engolia navios e marinheiros. No século sexto antes de Cristo, os gregos dominavam as técnicas de nagevação, de modo que o mar Egeu lhes era inteiramente familiar. Os atenienses o olhavam com confiança e alegria. Segundo Ésquilo, os antigos persas lhe confessaram que foi dos gregos que "aprenderam a desprezar o oceano, quando esbranquiçado pela tempestade". No *Prometeu,* ele se refere à "gargalhada estrondosa" do oceano. Nas obras de Eurípedes, como nas de seus predecessores, o mar, quer calmo quer bravio, serviu para comparar as variações do oceano com as condições da vida humana. [11] A poesia alexandrina continua a cantar o fascínio do mar. Teócrito fez com que Dafne cantasse embaixo dos rochedos, "cuide-se das águas siciliana". Pelo lado negativo, o mar representou a indiferença cruel da natureza em relação ao homem; serviu de imagem para tudo que era difícil e insensível. Na *Ilíada,* Pátroclo acusou Aquiles de não ter nascido de pais humanos, mas do mar cinzento e das falésias escarpadas, por isso seu espírito era indomável. Outras obras recolhidas mas tarde na *Antologia Grega* ilustram amplamente os lamentos sobre as tumbas desconhecidas dos marinheiros desaparecidos nos naufrágios. [12]

A imagem cinzenta do mar serviu para destacar as vantagens da terra — dos "campos frutíferos da Frígia" e "as terras verdes de Dirce com abundantes colheitas" — como foi dito por Eurípedes. Na *Odisséia* (Livro 5) de Homero, o herói, cansado de lutar com o mar e do cimo de uma onda enorme, avistou a terra firme muito próxima. O bardo explicou:

> Ulisses ficou arrebatado ao contemplar a terra e a floresta. Foi como a alegria que sentem os filhos, ao verem reviver o pai, de há muito prostrado no leito e consumido por sofrimentos atrozes provocados por um gênio malígno. Nem cabem em si de contentes, quando os deuses livraram seu pai do mal. Assim Ulisses nadou contente até alcançar a praia.

[10] F. E. Wallace, "Color in Homer and in Ancient Art", *Smith College Classical Studies,* n.° 9 (Dezembro 1927), p. 4; Paolo Vivante, "On the Representation of Nature and Reality in Homer", *Arion,* 5, n.° 2 (Verão de 1966), 149-90.

[11] H. Rushton Fairclough, *The Attitude of the Greek Tragedians toward Nature* (Toronto: Roswell & Hutchinson, 1897), pp. 18-19, 42.

[12] Samuel H. Butcher, "Daw of Romanticism in Greek Poetry", in *Some Aspects of the Greek Genius* (Londres e Nova York: MacMillan, 1916), p. 267.

Na *Antologia Grega,* uma expressão característica de apego à terra e medo ao mar foi colocada nas palavras de um lavrador moribundo:

> Eu recomendo, queridos filhos, que amem a enxada e a vida de um lavrador. Não invejem o trabalho exaustivo daqueles que navegam as ondas traiçoeiras e labutam no mar perigoso. Assim como a mãe é mais doce que a madrasta, também a terra é mais aprazível do que o mar cinzento [13].

Tanto a atitude em relação ao mar quanto a relativa à ilha é ambivalente. Nas epopéias homéricas poucas ilhas tinham pastagens abundantes e quando uma ilha produzia fruto abundante, também existia o perigo dos cíclopes. Por outro lado, na Grécia Antiga surgiu a lenda da Ilha dos Bem-aventurados, onde os heróis desfrutavam de uma vida fácil. E Ítaca, ilha sem nada de especial, recebeu elogios não só de Ulisses, como também de Telêmaco e Atena, na *Odisséia.* Ítaca era descrita como uma ilha montanhosa emergindo do mar, um lugar mais para cabras do que para cavalos e também como uma terra fértil, irrigada por fontes e abençoada com bons solos.

Paisagem e pintura de paisagem na Europa

Os sentimentos topofílicos do passado estão irremediavelmente perdidos. Podemos agora conhecer alguma coisa sobre eles somente através da literatura, através das obras de arte e dos artefatos que perduraram. No capítulo doze tentaremos evocar as atitudes e valores sobre o meio ambiente no passado, mediante a evidência do ambiente — ruas e casas — em que as pessoas viveram. No momento, preocupamo-nos com a evidência da arte visual. Em uma primeira impressão pareceria que as antigas pinturas, que incluem paisagens em sua composição, nos dariam uma clara compreensão do meio ambiente e dos gostos paisagísticos dos tempos antigos. No entanto, é difícil interpretar a evidência das pinturas, porque o artista adquire suas habilidades de uma escola: o que ele pinta revela mais o que aprendeu do que a sua própria experiência do mundo do homem e da natureza. As pinturas de paisagens dizem muito pouco sobre a realidade externa. Nós não podemos esperar que as artes visuais nos revelem como eram no passado certos lugares; nem podemos esperar entender porque

[13] *The Greek Anthology,* trans. W. R. Paton (Nova York: Putman's, 1917), III, 15.

os artistas as escolheram, mas podemos tomar as paisagens pintadas como estruturações particulares da realidade que, durante um tempo, desfrutaram da apreciação popular.

A paisagem é um arranjo de aspectos naturais e humanos em uma perspectiva grosseira; os elementos naturais são organizados de tal fórma que proporcionam um ambiente apropriado para a atividade humana. A pintura paisagística, assim definida, apareceu relativamente tarde na história da arte européia. Um exemplo precoce é o trabalho de Ambrogio Lorenzetti, realizado no século catorze e intitulado "Bom Governo no País". De acordo com Richard Turner, pela primeira vez um pintor italiano revestiu a rocha nua com solo e pintou árvores e colheita. O quadro também sugere, pela primeira vez, grandes distâncias.[14] No entanto, o quadro não tem uma finalidade pictórica mas didática, para mostrar os benefícios de um bom governo. Um dos benefícios foi a prosperidade da região e se olharmos atentamente o quadro de Lorenzetti, podemos detetar nele elementos da paisagem toscana. Quando, na verdade, apareceu pela primeira vez na pintura européia uma paisagem propriamente dita? Pode-se dizer que foi no ano de 1444, quando o artista suiço Konrad Witz pintou a "Pesca Milagrosa", em que mostra o acontecimento dramático traçando como fundo da cena a orla do lago de Genebra, de forma detalhada.

Por que o artista decide pintar certos aspectos da realidade e não outros? A resposta não pode ser simples porque entre as influências que sofre o artista, está seu treinamento acadêmico, as habilidades técnicas disponíveis, a simbologia da natureza em seu tempo e os cenários que o rodeiam. Nas primeiras etapas da arte das paisagens, o "rio-em-um-vale" é um tema popular, talvez porque ele permite ao artista mostrar uma perspectiva rudimentar sem grandes dificuldades. As montanhas servem para dar a dimensão vertical. Também simbolizam as ameaças do selvagem. Desde a era Helênica até quase o final do Medievo as montanhas aparecem desnudas, escarpadas e grotescas; distantes, proibidas e envoltas em mistério. Entretanto, não é fácil separar os elementos simbólicos dos representativos. Vejamos as paisagens de Leonardo da Vinci. Muitas delas mostram cumes e escarpas de montanhas nuas, que são quase tão amedrontadoras como as pintadas pelos artistas medievais. Sem dúvida certo tipo de montanhas atraiu a imaginação de Leonardo da Vinci. Mas, ao contrário dos artistas medievais e da maioria dos seus contemporâneos, Leonardo foi um observador profundo da natureza. Para ele a pintura era uma

[14] A. Richard Turner, *The Vision of Landscape in Renaissance Italy* (Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1966), p. 11.

ciencia, isto é, um meio rigoroso de conhecer a realidade em vez de um prazer estético.[15] O primeiro croqui a ele atribuído foi uma representação do vale do Arno (1473). Depois, Leonardo fez muitos croquis dos Alpes, selecionando deliberadamente aqueles aspectos exclusivos da realidade geológica que coincidiam com a sua natureza interior. Algumas montanhas dolomíticas de arenito na bacia mediterrânea de fato são tão desnudas e escarpadas como aparecem nas paisagens de Leonardo.

Além das montanhas e dos vales fluviais, as florestas também produziram impacto na sensibilidade dos artistas europeus. Apesar das extensas derrubadas das matas durante a Idade Média, as florestas ainda cobriam grandes extensões do continente. A caça, popularizada nas cortes da França e da Normandia, começando ao redor de 1400, ofereceu um novo meio ambiente para o prazer dos nobres. Foi através deste instinto de matar que as classes altas aprenderam a apreciar a beleza silvestre. Foram os manuscritos sobre este esporte que primeiro ilustraram com desenhos a exuberante natureza biológica. Os afrescos de Avinhão retratam a caça, a pesca e a falcoaria. O manuscrito ilustrado, *Très Riches Heures* (1409-1415), mostra episódios da caça. As florestas "primevas" persistiram por mais tempo na Europa Setentrional e Central que na Meridional. Enquanto os mestres italianos trabalhavam em grandes retratos, o artista alemão Albrecht Altdorfer (1480-1538) pintava uma cena denominada "Paisagem com São Jorge e o Dragão", na qual São Jorge quase desaparece na luxuriante floresta. Esta pintura demonstra o conhecimento do artista da complexidade enorme da natureza biológica. O quadro sugere um sentimento da "grandeza da floresta primitiva, com sua solidão e quietude, interrompida somente pela luta entre São Jorge e o Dragão".[16] A escolha de uma imensa floresta como ambiente para a luta reflete a influência da concepção bíblica do selvagem como o reino do perigo e do mal; por outro lado, a atenção do artista voltada para o interior da floresta — a apresentação delicada das copas das árvores recebendo o sol e o vento — indica uma sensibilidade para as qualidades estéticas da floresta, mesmo quando ela domina o homem.

Nas artes visuais como na literatura, o gosto pela natureza selvagem apareceu muito mais tarde que o gosto pelos jardins, terras cultiváveis e cenas bucólicas. Antes que a caça fosse popu-

[15] Ver André Chastel (ed.), *The Genius of Leonardo da Vinci: Leonardo da Vinci on Art and the Artist* (Nova York: Orion Press, 1961).

[16] Benjamin Rowland, Jr., *Art in East and West* (Boston: Beacon Press, 1964), p. 74.

lar e levasse os nobres e as damas aos bosques, o jardim foi o lugar seguro e desejado. O jardim, no entanto, foi um simples artifício: seus desenhos e imagens deviam mais ao simbolismo religioso que às verdadeiras configurações da natureza. Na representação de terras de cultivo e cenas rurais transparece algo da realidade do meio ambiente. A paisagem de Lorenzetti, de colinas arredondadas, cobertas com manchas de arvoredos e de campos cultivados, é uma cena toscana reconhecível. Na obra *Très Riches Heures*, mais da metade dos meses representam em detalhe e realisticamente o trabalho no campo, contrastando com o fundo de montanhas bizarras. O quadro de São Francisco, de Giovanni Bellini (ao redor de 1427-1516), nos dá um exemplo radiante de topofilia. Não foi feito nenhum esforço para transcrever um cenário real: ao contrário, o artista transferiu São Francisco do terreno áspero da estigmatização em La Verna para uma paisagem mais condigna com o santo, um cenário dos verdes campos de Veneza com árvores clássicas, tendo ao fundo os contrafortes dolomíticos. [17]

O academicismo inibe a percepção da realidade. Os clássicos britânicos viram o campo através dos olhos de Virgílio e Horácio. Os pintores ingleses de paisagens raramente pintaram o que agora consideramos como paisagens inglesas típicas: Chilterns, Cotswolds, Kent. Eles fizeram o Grand Tour e quando regressaram, pintaram cenas rigidamente simétricas, que lembravam Claude Lorrain (1600-1682) e Salvador Rosa (1617-1673), com ruínas clássicas, pinheiros e ciprestes em substituição da natureza inglesa. Mesmo Gainsborough (1727-1788), que provou ser um bom observador das cenas nativas e o demonstrou com o fundo do seu quadro "O Senhor e a Senhora Andrews", paulatinamente abandonou a paisagem natural e preferiu a artificialidade, que transformou Suffolk em Cítera. [18] Os holandeses influenciaram muito os pintores ingleses levando-os a observar de mais perto a natureza e a distanciar-se do romanticismo sonhador das paisagens literárias. Tanto Crome como Constable, de acordo com Nikolaus Pevsner, inspiraram-se nos "paisagistas holandeses do século dezessete, que combinavam probidade com sensibilidade, em ambientes estimulados pelo clima do seu país". Pevsner acrescenta:

> O clima da Inglaterra é similar, a proximidade do mar também se percebe no ar. Assim Girtin e Turner, como também Crome e Cosntable, voltaram-se para o estudo da atmosfera, permitiram-no animar o cenário inglês cotidiano e desenvolveram uma técnica aberta e com poucos detalhes para interpretar uma natureza em contínua mudança [19].

A topofilia é enriquecida através da realidade do meio ambiente quando este se combina com o amor religioso ou com a curiosida científica. Bellini viu a natureza através dos olhos de *caritas*. Nenhum objeto foi desprezado; em suas paisagens todos os objetos, desde as orelhas do burro até como se unem as pedras para formar o leito rochoso, são representados nítida e fielmente. Suas cenas têm a claridade e a frescura do campo após a chuva. Se elas parecem arcaicas se deve a que, ao contrário das modernas paisagens, elas comumente estão banhadas pela luz de outro mundo, que não tem nenhuma relação com as mudanças do tempo ou hora do dia. Leonardo, por outro lado, pintou a natureza com objetividade científica: seus quadros de animais e montanhas se baseiam em seus sólidos conhecimentos de anatomia e geologia. [20]

A natureza não despertou muito interesse entre os europeus ricos até fins do século dezoito e começo do século dezenove, quando grande número de gente rica se interessou pelas paisagens. Observar a natureza passou a ser um passatempo de moda. Damas e cavalheiros, enquanto passeavam na praia, recolhiam seixos e fósseis, faziam anotações sobre a flora e as condições do céu. A atitude científica de observação imparcial era admirada e imitada por artistas e homens de letras. Consideremos a influência de Luke Howard no florescimento do gênero de paisagens com nuvens. Em 1803 ele formulou uma classificação de vapores condensados. Este trabalho teve um impacto não somente sobre a incipiente ciência da meteorologia, mas também na sensibilidade estética da sua época. Goethe, na Alemanha, também sofreu esta influência e escreveu poemas sobre esta família de nuvens recentemente identificada — estratos, cirros e cúmulos. Carl Gustavus Carus (1789-1869), naturalista e artista amador, em seu tratado "*Nine Letters on Landscape Painting* (1831)" instou seus contemporâneos a considerar as leis do tempo e da geologia, tratado este que Goethe honrou com uma introdução. As idéias de Carus influenciaram Clausen Dahl (1788-1857) e Karl Ferdinand Blechen (1798-1840), artistas alemães. Blechen, por exemplo, abandonou o Romantismo artificial — onde as paisagens mostravam monges

[17] Turner, *Vision of Landscape*, p. 60.
[18] Kenneth Clark, "On the Painting of the English Landscape", *Proceedings of the British Academy*, 21 (1935), 185-200.
[19] Nikolaus Pevsner, *The Englishness of the English Art*. (Nova York: Praeger, 1956), pp. 149-50.
[20] Kenneth Clark, *Landscape in Art* (Londres: Jon Murray, 1949).

e cavalheiros errantes — para estudar a natureza. [21] Na Inglaterra, a classificação de Luke Howard conseguiu a atenção de John Constable para o céu e as nuvens. Este desenhou nuvens em todas as suas nuanças. Em um desenho ele escreveu: "5 de setembro de 1822, 10 horas da manhã, olhando para sudeste, vento forte para oeste. Nuvens cinzentas e brilhantes corriam rápidas sobre um leito amarelo, a meio caminho do céu. Bem de acordo com o litoral de Osmington". Constable, em 1835, escreveu em uma carta: "Devo declarar que após trinta anos as artes irmãs me interessam menos... que as ciências, em especial o estudo da geologia". [22] Estas observações sugerem um grau de imparcialidade que é enganoso, porque um profundo sentimento religioso levou Constable a conhecer intimamente a natureza. A natureza, tanto para Constable como para Wordsworth, revelava a vontade de Deus: o desenho de uma paisagem, concebido com um espírito humilde, era um meio de transmitir a verdade e as idéias morais.

O meio ambiente chinês e a topofilia

O aspecto fisiográfico da China pouco se assemelha ao da Europa. Os campos de cultura da Europa Ocidental e Setentrional geralmente apresentam uma topografia ondulada. As ondulações suaves correspondem a diferentes tipos de depósitos glaciais e as cristas mais altas correspondem às escarpas rochosas. As ricas fazendas dos grandes vales se fundem com as ondulações do terreno recobertas de pastagens e nas áreas de solos espessos permanecem manchas densas de florestas decíduas. Em contraste, a China não tem uma topografia ondulada, e exceto nas bordas do país, não há cenários de *parklands* com pastagens naturais manchados com bosques. São raras as cenas bucólicas e relevo mamelonar. A maioria da população chinesa vive em uma terra de grandes contrastes: por um lado, planícies aluviais e por outro, montes e montanhas escarpadas. As montanhas parecem mais altas e escarpadas do que na realidade são, pela falta de uma zona de piemonte: o aluvião avança lentamente sobre os flancos das montanhas. A bacia do Ssu-ch'uan é a única região da China densamente povoada e que não é uma planície aluvial. A sua topografia, onde a movimentação atinge até 300 metros é mais enrugada do que as escarpas da Europa Norte-Ocidental.

[21] Kurt Badt, *John Constable's Clouds*, trans. Stanley Godman (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1950).

[22] L. C. W. Bonacina, "John Constable's Centenary: His Position as a Painter of Weather", *Quarterly Journal of the Royal Metereological Society*, 63 (1937), 483-90.

Tal como na Europa, os sentimentos para com os lugares e a natureza apareceram primeiro na poesia do que nas artes visuais. Pelo menos, desde a dinastia de Han a poesia evocava as nuanças de certos lugares. Alguns títulos de poemas eram "Desde a cidade-fortaleza de Liu-chou" ou "Uma mensagem do lago Tung-t'ing." Eram concisos e precisos, ao contrário do gênero de poesia topográfica inglesa, onde Jonathan Swift intitulara muitas de suas obras "Descrições tediosas, chatas e secas/ E introdução do que só Deus sabe." Na China, a poesia teve amplitude muito maior de sentimento pela natureza do que a pintura paisagística. Os poetas se preocuparam, às vezes, com cenas evanescentes que os pintores ignoraram: por exemplo, uma nesga de lugar sobre o assoalho do quarto foi confundida com geada e as falésias tornaram-se escarlates momentos antes do pôr do sol. Os poetas também se preocuparam com a descrição do campo e registraram acontecimentos comuns em uma fazenda, enquanto os pintores não os consideraram. Tao Yuan-ming (372-427 d.C.), em um poema clássico, descreve a volta para sua casa no campo, com suas três trilhas (quase encobertas com ervas daninhas), seus pinheiros e seus crisântemos. Ele vagueia em seu jardim e se detém para olhar as nuvens que vão subindo pelos vales e os passarinhos regressando para seus ninhos. "Anoitece; mas ainda permaneço nos campos acariciando um pinheiro solitário". [23]

Na verdade, o poema de Tao é pictorial. As imagens que ele evoca — as nuvens galgando o vale, o chalé e o sábio sozinho acariciando o pinheiro solitário — pode ser a descrição verbal de uma típica pintura de paisagem. Essa imagem somente apareceu na pintura quinhentos anos mais tarde. A paisagem ganhou importância, como um tema pictorial, na época de Tao Yuan-ming, mas os cenários pintados estão longe de ser naturais. Mesmo no período de T'ang (618-907 d.C.), as nuvens parecem desajeitadas e formais e as montanhas, cumes simbólicos. Os palácios e as atividades humanas tendem a ocupar o primeiro plano. No início da dinastia Sung (século dez), começam a aparecer as paisagens puras. Estes esforços eram uma tentativa de captar a essência do lugar. O artista não ia para o ar livre com cavalete e tintas, tentar copiar uma determinada cena. Ao contrário, ele penetrava em um mundo, lá vagueava durante horas ou dias para absorver uma atmosfera. Ele então retornava ao seu estúdio para pintar. [24] A natureza era

[23] Tao Yuan-ming, "The Return", ver Robert Payne (ed.), *The White Pony: An Anthology of Chinese Poetry* (Nova York: Mentor, 1960), p. 144.

[24] Michael Sullivan, *The Birth of Landscape Painting in China* (Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1962).

experienciada na penumbra do misticismo taoísta, mas isto não evitava que o artista observasse a natureza cuidadosa e analiticamente. Kuo Hsi, que viveu no século onze, dizia que os artistas não deveriam simplesmente copiar a natureza. Ele criticou os pintores oriundos das províncias de Chê-chiang e Chiang-su por tenderem a mostrar as paisagens estéreis altas do sudeste e os que habitavam a província de Shen-hsi, por serem propensos a desenhar os magníficos cumes salientes do Kuang Lung. Por outro lado, ele elogiou a observação acurada deles, dizendo (como um geógrafo):

> Algumas montanhas estão recobertas com terra, enquanto outras com pedras. Se as montanhas terrosas têm pedras em seus topos, então árvores e florestas serão escassas e raquíticas; mas se as montanhas pedregosas têm terra em seus topos, a vegetação florescerá. Algumas árvores crescem em montanhas, outras ao lado de água. Nas montanhas onde o solo é rico, pode crescer um pinheiro muito frondoso. Ao lado de água, onde o solo é reduzido, pode crescer um arbusto não muito alto.
>
> A posada e a cabana estão em uma ravina e não em um delta. Elas se situam em uma ravina para estar próximas de água; elas não se situam em um delta, devido ao perigo da inundação. Mesmo se algumas estão no delta, sempre se localizam onde não há perigo de inundação. As vilas se situam na planície e não na montanha, porque aquela oferece terras de cultivo. Ainda que algumas vilas sejam construídas nas montanhas, ficam próximas de terras aráveis, entre as colina [25].

O termo chinês para o gênero artístico "paisagem" é *shan shui* (montanha e água). Os dois grandes eixos da pintura paisagística, vertical e horizontal, são abstraídos da justaposição de montes íngremes e de planícies aluviais que são características da topografia chinesa. Os elementos montanha e água não têm o mesmo valor em religião e estética: a montanha tem precedência, a despeito da ênfase dada pelos taoístas à superioridade da água. As montanhas têm uma individualidade que falta aos rios e às terras planas. O chinês fala das Cinco Montanhas Sagradas, mas (ao contrário da Índia) os grandes rios não adquiriram a mesma aura de santidade. O realismo dos pintores paisagísticos chineses repousa primariamente na fé devotada às montanhas, particularmente a de Hua Shan, do sudeste de Shen-hsi, Huang Shan, do Sul de An-hui, Lu Shan, ao norte de Hu-nan no médio Yangtze, as montanhas de Chê-chiang, e muitos lugares em todo o Sul da

[25] Kuo Hsi, *An Essay on Landscape Painting*, trans. Shio Sakanishi (Londres: John Murray, 1935), pp. 54-55.

China. Estas montanhas podem ser fotografadas de tal maneira que se assemelham às pinturas dos famosos paisagistas. [26] Os artistas chineses, sem almejar a veracidade geológica ou pictórica, mostraram em seus trabalhos, suas sensibilidades aos fatos da natureza. Joseph Needham acredita que é possível encontrar uma ampla variedade de aspectos geológicos entre as pinturas chinesas, incluindo mergulho de camadas, anticlinais, vales rejuvenescidos, plataformas marinhas, vales glaciais em forma de U (por exemplo, Chi-chü Shan, ao norte da província de Ssu-ch'uan) e topografia cárstica. [27]

O paisagismo de jardim é uma arte intimamente ligada à pintura e à poesia. Em todas as três formas de arte, podem ser descobertas as influências do Xamanismo, Taoismo e Budismo. Os elementos do relevo do jardim, como os da pintura, acentuam a verticalidade das montanhas contra a horizontalidade da planície aluvial e da água. Para os observadores ocidentais, os blocos intemperizados de calcário usados para representar montanhas e talvez toda a composição, podem parecer irreais e remotos, do ponto de vista de suas experiências de paisagens reais na Europa e Estados Unidos. Todavia, é irônico e de interesse histórico notar que o geógrafo dinamarquês Malte-Brun (1775-1826) criticou os chineses precisamente pela falta de imaginação, pelo hábito de imitar a natureza.

> Se eles descobriram um tipo de beleza no arranjo de seus jardins e na distribuição de suas terras, é porque copiaram com exatidão a natureza, de uma forma estranha, embora pitoresca. Pedras salientes, como se ameaçassem cair a qualquer momento, pontes penduradas sobre abismos, abetos suspensos espalhados nas encostas íngremes de montanhas, lagos extensos, torrente rápidas, cascatas espumando e pagodes elevando suas formas piramidais em meio a esta confusão; assim são as paisagens chinesas em grande escala e seus jardins em pequena escala [28].

[26] Arthur de Carle Sowerby, *Nature in Chinese Art* (Nova York: John Day Company, 1940), pp. 153-68.

[27] Joseph Needham, *Science and Civilization in China* (Cambridge: Cambridge University Press, 1959), III, 592-98.

[28] Conrad Malte-Brun, *A System of Universal Geography*, trans. J. G. Percival (Boston: Samuel Walker, 1834), I, 413.

CAPÍTULO DEZ

do cosmo à paisagem

Na Europa, entre 1500 e 1700 depois de Cristo, a concepção medieval de um cosmo vertical foi lentamente suplantada por uma forma nova e cada vez mais secular de representar o mundo. A dimensão vertical vinha sendo substituída pela horizontal; o cosmo estava perdendo o seu lugar para um segmento plano, estático, da natureza, denominado paisagem. Aqui, "vertical" significa algo mais do que uma dimensão no espaço. Está carregada de significado. Representa transcendência e tem afinidade com uma noção especial de tempo. Um modelo mundial que se apoia fundamentalmente em seu eixo vertical, com freqüência coincide com uma concepção cíclica de tempo; uma cultura cujo calendário reflete uma articulação precisa de suas festividades, possivelmente concebe, também, um cosmo altamente estratificado. O correspondente à preferência da forma geométrica vertical e à preferência temporal do cíclico (e eterno) é uma concepção especial da natureza humana, que distingue uma dimensão vertical em um sentido metafórico. A natureza humana é polarizada. O homem desempenha dois papéis: o social-profano e o mítico-sagrado, aquele preso ao tempo

e este transcendendo ao tempo. Estes papéis podem ser representados por membros de diferentes classes ou castas, resultando uma estratificação social. Ou podem ser desempenhados por uma mesma pessoa em ocasiões diferentes.

Embora a idéia de cosmo vertical começasse a se enfraquecer na Europa durante a era das grandes explorações, esta tendência secularizante ainda não havia se difundido muito para o resto do mundo, e para aquelas partes da Europa distantes da cultura letrada das cidades e dos valores comerciais. A maior parte da humanidade, os camponeses em particular, vivia em um mundo estratificado e experienciava um tempo cíclico e isto continuou até a primeira metade do século vinte.

Cosmo estratificado

As idéias primitivas sobre o cosmo têm certos traços em comum. Consideremos, primeiro, o boxímano e seu mundo. Este é um povo com uma cultura material muito simples, vivendo desapercebido no deserto de Calaari. Uma unidade sócio-econômica típica é um grupo de cerca de vinte pessoas. Este grupo pode sobreviver em uma área de algumas centenas de quilômetros quadrados. O espaço horizontal, o espaço vivencial do boxímano, é pobre em recursos e limitado em tamanho. Estas limitações geográficas, no entanto, são compensadas pela espaciosidade vertical do mundo do boxímano. Ele olha para o céu. Embora tenha que procurar quase diariamente por alimentos e obrigado a olhar o chão em busca de raízes comestíveis e de pegadas de animais feridos, os corpos celestes continuam sendo uma parte de seu mundo. As estrelas participam no drama humano. Os movimentos das estrelas são, às vezes, interpretados com poesia. Os boxímanos Gikwe dizem que a Estrela Dalva é perseguida pelo sol através do céu, para ser eventualmente fundida pelo calor ardente do mesmo. As estrelas também são usadas como elementos do tempo. Elizabeth Thomas relata que, uma noite em que estava no acampamento Gikwe, deparou com um homem assando um pássaro depenado. Ela lhe perguntou se já estava pronto. O homem olhou-a primeiro e em seguida para o pássaro e então para o céu e sacudiu a cabeça. Não, o pássaro não estava pronto porque a estrela não estava suficientemente alta. [1]

O eixo vertical do mundo do boxímano, tem portanto, uma interpretação geométrica simples. Pode, também, ser interpretado

[1] Elizabeth M. Thomas, *The Harmless People* (Nova York: Vintage Books, 1955), p. 220.

metaforicamente para significar que transcende as exigencias da vida social e biológica. Os boxímanos, para sobreviver, desenvolveram uma rede de interdependência que requer a supressão do individualismo, da posse e de sentimentos agressivos. O bom comportamento e o espírito cooperativo são essenciais para a sobrevivência. O plano horizontal ou o biossocial da existência governa o padrão de vida do boxímano. Mas as atividades mundanas são periodicamente interrompidas por outros tipos de atos não ligados às necessidades físicas e fora da cadência normal dos ritmos das relações humanas. A dança, por exemplo: a dança, que sempre se executa à noite e ao redor do fogo, chega a ser muito animada e serve para esquecer momentaneamente as obrigações e restrições diárias. Em tal ocasião. num momento, a mãe pode estar tranqüilamente sentada com o filho no colo e no instante seguinte, colocar a criança no chão e correr para incorporar-se à dança e dançar como uma possuída.

Horizontes amplos e paisagens planas e abertas caracterizam a Sibéria e a Ásia Central; também aqui, entre os nômades, encontramos inúmeras concepções do cosmo estratificado. A estrutura dos mundos siberanos e centro-asiáticos está cheia de lendas, com os três níveis básicos — céu, terra e inferno — unidos através de um eixo central. A poesia folclórica altáica fala que o céu pode ser feito de vários hemisférios — três, sete, nove e até doze — superpostos uns em cima dos outros embaixo da estrela Polar. Os céus são comumente descritos de uma forma concreta. Para os iacutes, os céus são uma sucessão de peles firmemente esticadas. Para os buriates, o céu se assemelha a um caldeirão emborcado, subindo e descendo; quando sobe aparece uma abertura entre o céu e a borda da terra. através da qual sopra o vento. Os turcos-tártaros imaginam o céu como uma tenda ou um telhado, protegendo a terra e a vida terrestre. As estrelas são buracos através dos quais penetra a luz do céu. A luz das estrelas cadentes é uma "fenda no céu" ou "a porta do céu", e quando aparece é uma oportunidade auspiciosa para se fazer um pedido. O telhado do céu está apoiado em um pilar, que é também o eixo das estrelas que giram ao redor da estrela Polar. O mundo dos nômades da Ásia Central é tanto vertical como vertiginoso. O pilar celeste às vezes se assemelha a um posto de amarração, onde os deuses amarram suas estrelas giratórias.

O refúgio é um microcosmo. A tenda redonda ou *yurt* * representa a abóbada celeste. A abertura no telhado que permite

* N.T. *Yurt* vocábulo siberiano que significa casa ou cabana dos nativos da Ásia Setentrional e Sibéria.

a saída da fumaça aponta para a estrela Polar que, no nível cósmico, é interpretada como a estaca que sustenta a tenda celestial, ou como buracos do céu na lendária abóbada celeste. Para os altaianos, um eixo central passa através dos buracos e das três regiões: céu, terra e inferno. Por meio deste, os deuses descem à terra e os mortos descem às regiões subterrâneas. Por este mesmo eixo a alma arrebatada do xamã pode subir ou descer. O xamã constroi uma tenda especial preparada para os rituais. Uma bétula é colocada no centro da tenda deixando que a copa da árvore saia pela abertura, no meio do teto. Na bétula são feitos nove cortes simbolizando os nove céus, por onde se espera que o xamã suba. [2]

Fundamentalmente, não diferem muito as crenças cosmográficas entre os agricultores de subsistência das latitudes médias. Suas vidas são governadas pelos ritmos sazonários da natureza. As estações estão diretamente relacionadas às mutáveis alturas do sol e às posições das estrelas. A vida na terra depende dos acontecimentos no céu. O desaparecimento do sol e das estrelas, abaixo do horizonte, sugere a existência de um inferno, o oposto do céu. Anteriormente, descrevi os mundos estratificados desses povos agrícolas, como os índios Pueblo, os egípcios e os sumérios. É necessário multiplicar os exemplos. Os campônios vivem em espaços confinados. Poucos conhecem o mundo além de suas aldeias, de suas comunidades vizinhas e de sua cidade-mercado, que podem estar localizadas em uma área de cinqüenta quilômetros quadrados. A limitação no espaço horizontal é compensado pelo conhecimento íntimo e pela altura do teto. Este mundo do campônio é tremendamente resistente à influência das idéias modernas. Na China, por exemplo, a modernização introduzida pelo governo comunista, até início da década de sessenta, não havia destruído o cosmo vertical dos aldeões, nem seu ciclo de festividades. O cosmo dos aldeões somente desmoronará quando eles estiverem completamente conscientes de que os movimentos do Sol e da Lua não governam tanto as suas vidas quanto os acontecimentos (reflexos das leis da oferta e da demanda ou da política governamental) em outras partes do país, no mesmo plano horizontal. As festividades sazonárias também acabarão e serão substituídas por festas tão planejadas quanto as que celebram os habitantes das cidades do mundo ocidental.

[2] Uno Holmberg, *Siberian Mythology,* IV, in J.A. MacCulloch (ed.) *Mythology of all Races* (Boston: Marshall Jones Co., 1927); Schuyler Camman, *The Land of the Camel: Tents and Temples of Inner* (Nova York: Ronald Press, 1951); Mircea Eliade, *Shamanism: Archaic Techniques of Ecstasy,* trans. W. R. Trask (Nova York: Pantheon, 1964).

Natureza, paisagem e cenário

A trasformação axial na visão do mundo, de cosmo para paisagem pode ser rastreada na mudança do significado das palavras "natureza", "paisagem" e "cenário". No uso moderno, as três palavras compartilham de um núcleo comum de significado: cenário e paisagem são muitas vezes usados como sinônimos e ambos implicam natureza. No entanto, a união não foi sem sacrifício. A palavra natureza aparece junto com cenário e paisagem porque perdeu muito de seu domínio semântico e as palavras cenário e paisagem são quase sinônimas devido à perda de precisão em seus significados.

Destas três palavras, o termo natureza foi o que mais perdeu significado no uso popular. Na medida em que o termo adquiriu o significado de *physis* dos gregos pré-socráticos, designava a Totalidade ou o Todo. Ainda quando se fala filosoficamente de natureza "Fala-se de muitas coisas; De sapatos e navios e cola, De repolhos e reis"- Natureza é "Os céus acima, a terra abaixo, e as águas sobre a terra". Na Idade Média, a natureza dos eruditos e poetas (adaptando o cosmo aristotélico) sofreu uma constrição para não mais significar o Todo, mas simplesmente a mutabilidade das regiões sublunares. Embora os céus acima da órbita da lua fossem excluídos, a natureza permaneceu estratificada. A vertical continuou sendo o seu principal eixo e se estendia para baixo desde a região do fogo, passando pelo ar e pela água até a terra. Nos últimos séculos, o termo natureza tem perdido mais terreno.[3] Hoje em dia falar da natureza é falar do campo e do selvagem; e selvagem, como já dissemos anteriormente, é uma palavra que entregou quase todo o seu poder para evocar assombro. A natureza perdeu as dimensões de altura e profundidade; ganhou qualidades menos pretenciosas de charme e de beleza natural. Neste sentido diminutivo, natureza evoca imagens semelhantes àquelas de campo, paisagem e cenário.

O significado de cena ou cenário é o que sofreu menos mudança. A cena é o palco, originalmente do teatro grego ou romano. Um segundo significado, agora o mais amplamente aceito, é o de paisagem ou vista, uma cena pitoresca, ou a representação pictórica de uma paisagem. Um significado de cenário, atualmente obsoleto é "uma comovente demonstração de sentimento", e isto nos lembra a associação primitiva da palavra com palco e drama. Daí a expressão: "não faça cena!" Mas o termo cenário na atualidade raramente transmite muita emoção. Ao viajar por uma rodovia podemos ver, durante a viagem, lugares de grande beleza, mas que geralmente produzem, como reação, a tirada de uma fotografia.

Cenário e paisagem agora são quase sinônimos. A pequena diferença existente entre eles reflete suas origens diferentes. Tradicionalmente, a palavra cenário tem estado associada com o mundo de ilusão, que é o teatro. A expressão "atrás dos bastidores" revela a irrealidade das cenas. Nós não podemos proferir "atrás da paisagem", apesar de que um jardim paisagístico pode ser tão planejado quanto um cenário de teatro e ter tão pouco a ver com a vida de seu proprietário como a parafernália do palco com a vida do ator. A diferença está em que a palavra paisagem, em seu sentido original, se referia ao mundo real e não ao mundo da arte e do faz-de-conta. A palavra *landschap*, originária do holandês, designava alguns lugares comuns como "um conjunto de fazendas ou campos cercados, às vezes uma pequena propriedade ou uma unidade administrativa". Somente quando foi transplantada para a Inglaterra, em fins do século dezesseis, é que a palavra perdeu suas raízes terrenas e adquiriu o significado valioso de arte. Paisagem chegou a significar um panorama visto de um determinado ponto. Depois, foi a representação artística desse panorama. Paisagem também foi o pano de fundo de retratos oficiais; o "cenário" de uma "pose". Com esse significado a palavra se integrou inteiramente no mundo do faz-de-conta.[4]

A transformação axial da visão européia do mundo

Para o homem da Idade Média, o acima e o abaixo absolutos tinham sentido. A Terra ocupa o lugar mais baixo na hierarquia celeste: o seu movimento é um movimento baixo. Na concepção moderna as estrelas estão muito distantes. Como disse um erudito, olhar a noite com olhos modernos é examinar um mar que desaparece gradualmente na névoa. Para o homem medieval, as estrelas não estavam tão distantes, mas sim a grandes alturas. Olhar para o imenso universo medieval é como olhar para um grande edifício. O cosmo medieval é imenso, porém finito. Sua poesia

[3] C. S. Lewis, "Nature", in *Studies in Words* (Cambridge University Press, 1961), pp. 24-74.

[4] J. B. Jackson, "The Meanings of 'Landscape'" *Saetryk af Kulturgeografi*, N.º 88 (1964), pp. 47-50; M.W. Mikesell, "Landscape", in *Internacional Encyclopaedia of the Social Sciences*, 8 (MacMillan and Free Press, 1968), 575-80.

não reconhece agorafobia. O medo de Pascal, diante do eterno silêncio do espaço infinito, é desconhecido para o homem da Idade Média. [5]

EVIDÊNCIA DA CIÊNCIA FÍSICA

A mudança axial na visão européia do mundo manifesta-se nas diferentes esferas da cultura e da erudição da Europa. Vejamos o ciclo hidrológico. Era e é um sistema de grande aceitação para ordenar os fatos físicos da Terra. Agora o entendemos, principalmente, como o intercâmbio de vapores e água entre o mar e o continente. Este conceito, que dá ênfase aos padrões geográficos e ao componente horizontal do movimento, data dos fins do século dezessete. Anteriormente, o ciclo hidrológico era concebido como tendo essencialmente uma única dimensão, a vertical. A *Metereológica* de Aristóteles e o cosmo lendário da Idade Média lhe atribuíram este viés. "Para o ar extenuado a água se levanta; Para o ar, que se refina novamente, Do elemento fogo extraiu brilho. Esta ordem repete-se continuamente..." (Ovídio, *Metamorfoses*). Este antigo tema da transmutação das substâncias seguindo o eixo vertical gerou a idéia do ciclo hidrológico, que se limitava a reconhecer as transmutações da água ao longo de um segmento do eixo. O processo físico transformou-se na imagem popular das relações transcendentes entre a alma humana e Deus. A alma, como uma gota de orvalho ou como a água, procura ser alçada e absorvida no céu; e Deus nas alturas fornece apoio espiritual para a alma sedenta, como a chuva para a terra ressequida. Quando o ciclo hidrológico ganhou sua dimensão horizontal perdeu seu poder metafórico. Tornou-se um processo puramente físico, vazio de implicações transcendentais e simbólicas. [6]

EVIDÊNCIA DA LITERATURA

É sobejamente conhecido que a pintura medieval era deficiente em perspectiva. Também na literatura os poetas mostraram pouco interesse no ilusionismo puro dos últimos períodos. Para Chaucer a natureza sempre esteve em primeiro plano; ele não descreve paisagens. C. S. Lewis diz que a imaginação medieval e mesmo a elisabeteana, era tão brilhante quanto à cor e à ação,

[5] C. S. Lewis, *The Discarded Image* (Cambridge University Press, 1964), pp. 98-100.

[6] Yi-Fu Tuan, *The Hydrologic Cycle and the Wisdom of God*, Department of Geography Research Publication N.º 1, University of Toronto Press, 1968.

quando lidavam com objetos em primeiro plano, mas não consideravam a escala. Havia gigantes e anães, mas seus tamanhos não guardavam proporção. O respeito cuidadoso da escala em *Gulliver* foi uma grande novidade. [7] Os artistas medievais conheciam bem o princípio de que os objetivos parecem menores à medida que aumenta a distância do observador; mas pouco usaram a perspectiva. Marshall McLuhan acredita que o uso da perspectiva tridimensional na apresentação literária da paisagem apareceu mais tarde, talvez não antes da época de Shakespeare. No *Rei Lear* temos um dos primeiros exemplos. [8] Na peça, Edgar procura persuadir o cego Gloster de que eles estão no alto da falésia de Dover. Ele assim descreve a ameaçadora vista:

> *Vamos, senhor: eis o lugar: ficai quieto. Como causa medo e vertigens olhar lá para baixo!*
>
> *Os pescadores que andam pela praia parecem camundongos; e aquele grande veleiro ancorado está reduzido como seu próprio escaler; seu escaler como uma bóia, pequenina demais para ser vista: o murmúrio das ondas, que se atritam nos inumeráveis e indolentes seixos, não pode ser ouvido de tanta altura. Não olharei mais; temo que meu cérebro gire e que minha frágil visão me faça cair de cabeça para baixo. (Ato 4, cena 6).*

EVIDÊNCIA DA PINTURA PAISAGÍSTICA

É na história da pintura paisagista européia que encontramos a evidência mais convincente da mudança para a visão horizontal. Uma tapeçaria em uma parede decora a mesma, não destruindo o plano vertical. Uma paisagem pintada na parede, no entanto, tem o efeito de abrir uma janela, através da qual uma pessoa pode penetrar no plano vertical e contemplar o horizonte lá fora. As paredes das *villas* italianas na Renascença eram pintadas com paisagens e serviram tanto para alardear as riquezas de seus proprietários como para desfrutar da ilusão de perspectiva panorâmica.

Durante o século catorze, na Inglaterra e na França, começaram a aparecer, de forma incipiente, a representação da profundidade espacial. Estas foram as primeiras tentativas de desenhar pessoas como seres sensíveis, colocadas em seus limitados espaços horizontais. Mais tarde, à medida que as figuras humanas foram modeladas em personalidades tridimensionais, os ambientes foram

[7] Lewis, *The Discarded Image*, pp. 101-2.

[8] Marshall McLuhan e Harley Parker, *Through the Vanishing Point: Space in Poetry and Painting* (Nova York: Harper Colophon Books), p. 14.

desenhados para dar a ilusão de profundidade espacial.[9] No século quinze começaram a adquirir certa popularidade os panoramas e as vistas. Aparece uma nova maneira de observar o espaço e a luz, que era científica na medida em que dava ênfase à perspectiva geométrica e usava de uma escala consistente para traçar o tamanho dos objetos. Os artistas holandeses do século quinze conseguiram transmitir a impressão de espaciosidade mesmo nas miniaturas. Eles conseguiram este efeito, em parte aplicando as regras da perspectiva e em parte pela introdução da luz e da sombra. O quadro de Hubert van Eyck "Landing of Duke William" é um exemplo de como se pode dar a sensação de espaciosidade em um pequeno quadro. O duque Guilherme e seu cavalo branco ocupam o primeiro plano. O recuo para o horizonte distante, onde o mar se junta com o céu, está salientado pela curvatura da praia e pelo tamanho diminuto dos barcos.

Para o máximo efeito, a perspectiva depende de linhas retas convergentes. A natureza oferece poucas linhas retas. Duas soluções foram muito usadas pelos artistas europeus em seus esforços para explorar a geometria. Uma era organizar os objetos ao longo de ortogonais convergentes. Por exemplo, no quadro de Paolo Ucello da caçada no bosque, as árvores e os cães foram colocados ao longo de ortogonais que convergiam em um ponto central evanescente. A outra técnica era usar como pano de fundo um vale fluvial para as figuras humanas. As condições artificiais da perspectiva de um ponto de vista, onde melhor são encontradas na natureza, é num vale fluvial com suas vertentes convergentes e com a diminuição da largura da corrente em direção da nascente.

A luz e a cor podem ser exploradas para aumentar o efeito espacial de recuo. Consideremos a posição do sol. Na arte medieval o sol é representado como um disco dourado no alto do céu. Não produz sombra nem desempenha papel unificador no quadro. O sol, no século quinze, foi colocado no horizonte e brilhava na paisagem. Segundo Kenneth Clark, foi Gentile da Fabriano que pintou o primeiro quadro onde o sol é mais do que um símbolo na composição. A "Fuga para o Egito" (1423) mostra o sol no horizonte. Nesta pequena paisagem a luz e a sombra estão unificadas e focalizadas no sol como fonte de luz.[10] O pano de fundo está iluminado e dá uma sensação de profundidade à

[9] D. W. Robertson, Jr., *A Preface to Chaucer: Studies in Medieval Perspectives* (Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1962), p. 208.

[10] Kenneth Clark, *Landscape into Art* (Londres: John Murray, 1947), pp. 14-15.

cena. Nos séculos dezessete e dezoito, o disco dourado é substituído por pinceladas de azul pálido no horizonte e deste fundo brilhante a luz vai perdendo intensidade até os marrons claros e os verdes escuros do primeiro plano. Supõe-se que as cores quentes "sobressaem" enquanto as frias "recuam".

Comparação com as atitudes chinesas

Ao contrário da tradição européia, a pintura paisagística chinesa, que floresceu nos séculos onze e doze, não deu muita ênfase ao horizontal ou ao recuo da superfície para um horizonte plano. Como se sabe, as paisagens chinesas foram freqüentemente pintadas em pergaminhos verticais, do mesmo modo que os caracteres escritos — parte integrante do trabalho artístico — sobem e descem no pergaminho, por isso, os elementos da paisagem são arrumados em fileiras. Vale a pena chamar a atenção para várias diferenças importantes na organização da natureza. Em uma pintura paisagística chinesa, as figuras humanas são muito pequenas. Os cumes das montanhas proporcionam a dimensão vertical. Para os chineses as montanhas são o elemento principal da natureza. A pintura de uma cena não é tanto uma *paisagem,* uma parte da terra, como uma *shan shui* — um arranjo de montanhas (*shan*) e água (*shui*). Em contraste, nos primeiros estágios da pintura paisagística européia, a figura humana, a torre da catedral ou a cruz, dominvam o plano vertical: o significado recaía sobre elas. A paisagem no fundo proporciona a dimensão horizontal. Outra diferença é que os chineses nunca desenvolveram a perspectiva linear com a rigidez matemática que em uma época mereceu acolhida na pintura européia. A perspectiva existiu, mas de pontos de observação não fixos. Não há só um horizonte. Os elementos na paisagem são desenhados como se o olho estivesse livre para mudar a direção horizontal, ao longo da qual ele olha na profundidade do quadro. Convém notar, também, quão difícil é decifrar a hora do dia em uma pintura paisagística chinesa. Não há nada que chame a nossa atenção para o horizonte: o sol não nasce nem se põe, não há aurora nem crepúsculo.

Arquitetura e o jardim paisagístico: para a extensão espacial e a resposta visual

A CATEDRAL MEDIEVAL

A arquitetura e os jardins paisagísticos refletem, tanto como a pintura, certas atitudes básicas religioso-estéticas para o mundo. Na Europa, os ideais medievais encontraram na catedral a mais

elevada expressão arquitetônica. O cosmo vertical do homem medieval está dramaticamente simbolizado por arcos pontiagudos, torres e espirais ascendentes. A catedral gótica desconcerta o homem moderno. Um turista com sua máquina fotográfica pode ficar impressionado com a beleza da nave central e das laterais, com os transeptos, as capelas radiantes e a extensão das abóbodas. Se ele quiser procurar um lugar especial, de onde possa bater uma fotografia, descobrirá que não há nenhuma posição privilegiada, de onde se vejam todos esses aspectos. Para poder ver bem o interior gótico a pessoa terá que caminhar e virar a cabeça. Fora da catedral, o turista moderno pode obter uma boa fotografia da estrutura total, somente à distância. Porém, na época medieval isto seria raramente possível. Outras construções amontoavam-se ao redor do edifício e bloqueavam a visão à distância. Além disso, ver a catedral de uma distância diminui o impacto de sua grandeza e verticalidade. Os detalhes de sua fachada não são vistos. A catedral medieval foi destinada a ser experienciada; era um texto denso para ser lido com devoção e não uma forma arquitetônica para simplesmente ser vista. De fato, algumas figuras e decorações não eram visíveis. Eram feitas para os olhos de Deus. Por outro lado, consideremos a catedral de Washington, na cidade de Washington. O eixo da nave parte do eixo do coro a 1° 11' 38". O arquiteto deliberadamente introduziu este desvio para aumentar a visão do visitante que entra pela porta oeste. [11]

JARDINS ISOMÉTRICOS

Os jardins espelham certos valores cósmicos e atitudes ambientais. O jardim chinês desenvolveu-se em antítese à cidade. Contrabalanceando a geometria retilínea da cidade, estão as linhas naturais e os espaços do jardim. Na cidade do homem encontra-se uma ordem hierárquica e no jardim a informalidade complexa da natureza. As diferenças sociais não existem no jardim, onde o homem está livre para contemplar e comungar com a natureza, negligenciando outros seres humanos. [12] O jardim não está desenhado para proporcionar ao visitante um certo número de vistas privilegiadas; ver é uma atividade estética e intelectual que coloca uma distância entre o objeto e o observador. O jardim

[11] Richard T. Feller, "Esthetics of Asymetry", *Science*, 167, n.° 3926 (Março 1970), 1669.

[12] Nelson I. Wu, *Chinese and Indian Architecture: The City of Man, the Mountain of God, and the Realm of the Immortals* (Nova York: Braziller, 1963).

está desenhado para envolver, para rodear o visitante, que à medida que percorre as trilhas tortuosas descobre constantemente cenas diferentes.

A história do jardim paisagístico no Oriente Próximo e na Europa é complexa. A tendência que apoia a tese da transformação axial, do vertical para o horizontal, repousa na ênfase progressiva em vistas excepcionais, no aumento da linha de mirada para o horizonte distante utilizando sendas retas, fileiras de árvores e pequenos lagos lineares. Os antigos jardins do Oriente Próximo e na bacia oriental mediterrânea não tinham dimensões excepcionais. Eles tinham uma forma grosseiramente quadrada: o muro era mais ou menos quadrado, assim como as subdivisões dos pomares, dos bosques e dos pequenos lagos. Os lendários jardins suspensos da Babilônia, de Nabucodonosor (mais ou menos 605 a.C.), assemelhavam-se a uma montanha verde quando vistos de longe. Este tipo de jardim provavelmente se desenvolveu sob a dupla influência: dos jardins terraceados nas encostas das montanhas e do zigurate. Simbolicamente, o zigurate unia a terra ao céu.

Os claustros e os jardins dos mosteiros eram lugares de contemplação. O termo técnico para os jardins fechados ou claustros era "paraíso". A fonte no meio do jardim, com seus jatos de água, simbolizava a geografia do Éden. Os jardins monásticos também forneciam frutas, verduras e ervas para a comunidade monástica. Estes não eram lugares onde a pessoa procurava vistas aprazíveis nem foram desenhados como um lugar para lisongear o ego humano. A sua forma característica era quadrada. Segundo Petrus Crescentius, que escreveu em fins do século treze, o jardim ideal deveria ser criado em um terreno plano e deveria ser quadrado e ter canteiros tanto para ervas aromáticas como paras as flores. E uma fonte devia ser colocada no centro. Neste modelo básico, Crescentius não distinguiu entre jardins para os humildes e aqueles para os nobres e reis. A diferença essencial estava no tamanho. Um jardim senhorial, por exemplo, podia se estender por oito hectares e conter fontes naturais. [13]

JARDINS EM PERSPECTIVA

Pouco se conhece sobre os jardins dos antigos gregos e romanos. No início do século quinto antes de Cristo, os atenienses eram muito gregários e gostavam muito da vida pública para re-

[13] Citado em Julia S. Bertal, *The Garden*, (Nova York: Viking, 1966), p. 96.

colherem-se no refúgio de jardins privados. No entanto, a existência de árvores nos lugares públicos de reunião provavelmente fez com que alguns deles se transformassem em parques. O culto religioso muitas vezes se celebrava em um bosque sagrado, em um manacial ou gruta, no campo. Com referência aos romanos, a filosofia austera da República desencorajava o florescimento de qualquer coisa que fosse tão frívola, como os jardins para prazer. Estes apareceram em fins do segundo século antes de Cristo, quando as influências helenísticas começaram a penetrar na sociedade romana. As vilas dos imperadores e nobres, no primeiro século depois de Cristo, eram propriedades imensas. Incluíam jardins simétricos em um estilo pseudo-grego, assim como paisagens com pequenas modificações. Não se conhece muitos detalhes sobre estes jardins.

Os jardins de Pompéia eram pequenos, pois eram artefatos da cidade e não suburbanos. Eles tinham provavelmente dois traços em comum com os jardins suntuosos das vilas suburbanas: a interpenetração da casa e do jardim e o planejamento axial. Uma característica das casas de Pompéia era que a sala principal se abria para a parte central do pórtico do jardim e da casa podia-se ver toda a extensão do jardim. Às vezes o efeito da extensão era aumentado com uma cena em perspectiva, completada com árvores e fontes pintadas no muro mais distante. As vilas e os jardins da Renascença foram desenhados segundo o protótipo romano: ambos enfatizavam vistas.[14] As paisagens pintadas nas paredes das vilas renascentistas desempenharam um papel muito maior na produção da ilusão de distância e espaço. A topografia mediterrânea enrugada, no entanto, dificultou a criação, pelo homem, de amplos panoramas. Os jardins eram arranjados em fileiras. O desenhista podia orientar as fileiras de modo a abranger aspectos naturais distantes como partes do panorama. Uma sensação de grandiosidade espacial foi alcançada adaptando o jardim aos alimentos do ambiente natural.

Foi nas paisagens mais planas da Europa de Noroeste, em um período posterior, que a ânsia pela extensão horizontal do espaço e vistas encontrou sua expressão mais extravagante. A arte de André le Nôtre caricaturizou a crença de que o homem poderia impor seu gosto estético à natureza. O jardim era para ser exibido: glorificava o Homem. Em Versalhes, o Rei-Sol da França podia, do seu dormitório real, contemplar uma grande extensão do jardim, que parecia ainda maior devido às lâminas de água e às aléias de árvores. Esta demonstração da vontade humana no desenho simétrico não dá sensação de natureza ou de divino. Em Versalhes não faltam estátuas de deuses e deusas, mas elas permanecem submissas, como lacaios, em servidão pétrea à concepção humana. Quando os ministros de Luiz XIV o aconselharam para não empreender um projeto que poderia exaurir seu tesouro e, ainda mais, teria que vencer grandes barreiras da configuração do terreno, o rei não deu ouvidos. "É vencendo dificuldades", o rei complacentemente observou, "que nossos poderes são manifestados". A Inglaterra também pode ostentar paisagens grandiosas semelhantes às de Versalhes. Um dos jardins mais ambiciosos, em concepção, foi a propriedade do duque de Beaufort, em Badminton, que possuia vinte avenidas radiais que se alongavam até o campo. Foi relatado que certos cavalheiros, que queriam cortejar o favor do duque, plantavam árvores em suas propriedades com a finalidade de aumentar as vistas do duque.[15]

Na Inglaterra, no século dezoito, a assim chamada paisagem natural, tornou-se popular. A paisagem natural tanto era um trabalho de arte e de realização de engenheiros, quanto paisagem simétrica. Evitou as linhas retas, as grandes avenidas e os pequenos lagos lineares, porém a finalidade de agradar e de ter vistas imponentes não mudou; somente os meios para atingí-la foram mais sutis. Por exemplo, Lancelot Brown projetou jardins que permitiam, da casa, ter vistas esplêndidas e ininterruptas, usando moitas de árvores como cortinas laterais para salientar o recuo da perspectiva. Ele também considerou a vista inversa e de diversas direções, de maneira que os jardins naturais tinham muito mais lugares privilegiados de observação do que os jardins simétricos.

Neste levantamento condensado sobre a paisagem,[16] a ênfase está colocada na tendência crescente de considerar o jardim como um meio ambiente para a casa, o jardim como lugar de um número limitado de pontos de observação da experiência estética. O jardim agrada primeiramente à vista. Dos sentidos humanos, a visão é a mais discriminante espacialmente: o uso habitual dos

[14] Georgina Masson, *Italian Gardens* (Nova York: H. N. Abrams, 1961), pp. 15-16.

[15] Edward Malins, *English Landscaping and Literature* 1660-1840 (Londres: Oxford University Press, 1966), p. 8.

[16] Dois livros bastante conhecidos sobre a história dos jardins e das paisagens do Ocidente são: Richard Wright, *The Story of Gardening* (Nova York: Dover, 1963), e Derek Clifford, *A History of Garden Design* (Londres: Faber & Faber, 1966).

olhos nos leva a apreciar o mundo como uma entidade espacial de linhas bem definidas, de superfícies e de sólidos. Os demais sentidos nos ensinam a perceber o mundo como uma ambiência rica, porém embaçada. Nem os jardins simétricos do século dezessete, nem as paisagens "naturais" do século dezoito fizeram muito apelo aos sentidos da audição, olfato e tato. São necessários espaços confinados para transmitir os efeitos sutis do som, fragrância e textura: nesses espaços confinados a única visão é para cima, para o céu.

Simbolismo e o sagrado: respostas pré-modernas

A atitude estética para com a natureza ganha importância à medida que a mesma perde sua aura luminosa. As paisagens servem como pano de fundo para as atividades humanas diárias, quando não mais abrigavam os espíritos da terra. O cosmo do homem pré-moderno era lendário; a natureza era rica em símbolos, seus objetos podiam ser interpretados em diversos níveis e evocar respostas plenas de emoção. Estamos conscientes da ambigüidade na linguagem. A linguagem do discurso ordinário e *a fortiori* da poesia, é rica em símbolos e metáforas. Ao contrário, a ciência procura evitar a possibilidade de múltiplas interpretações. O mundo tradicional tem a riqueza e a ambigüidade da linguagem ordinária e ritual. O mundo moderno, por outro lado, aspira a ser transparente e literal.

PROFUNDIDADE SIMBÓLICA

Na época pré-científica, a interpretação simbólica e a atribuição do sagrado aos lugares e às paisagens são duas maneiras características e estreitamente relacionadas de responder ao mundo. Como um exemplo de interpretação simbólica, consideremos os artistas medievais que, ao contrário dos artistas dos tempos posteriores, eram mais rigorosos, não viam contradição na representação de acontecimentos e circunstâncias, recorrendo aos objetos materiais mais vulgares. Em um mesmo quadro as figuras humanas, as vestes e os artefatos podiam aparecer como fatos pedestres e como epifanias de um mundo espiritual. Quase todos os afrescos do Último Julgamento mostram Elias sendo transportado para o céu em uma carroça, em lugar de em uma carruagem flamejante.[17].

[17] Owen Barfield, "Medieval Environment", in *Saving the Appearances* (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich), pp. 71-78.

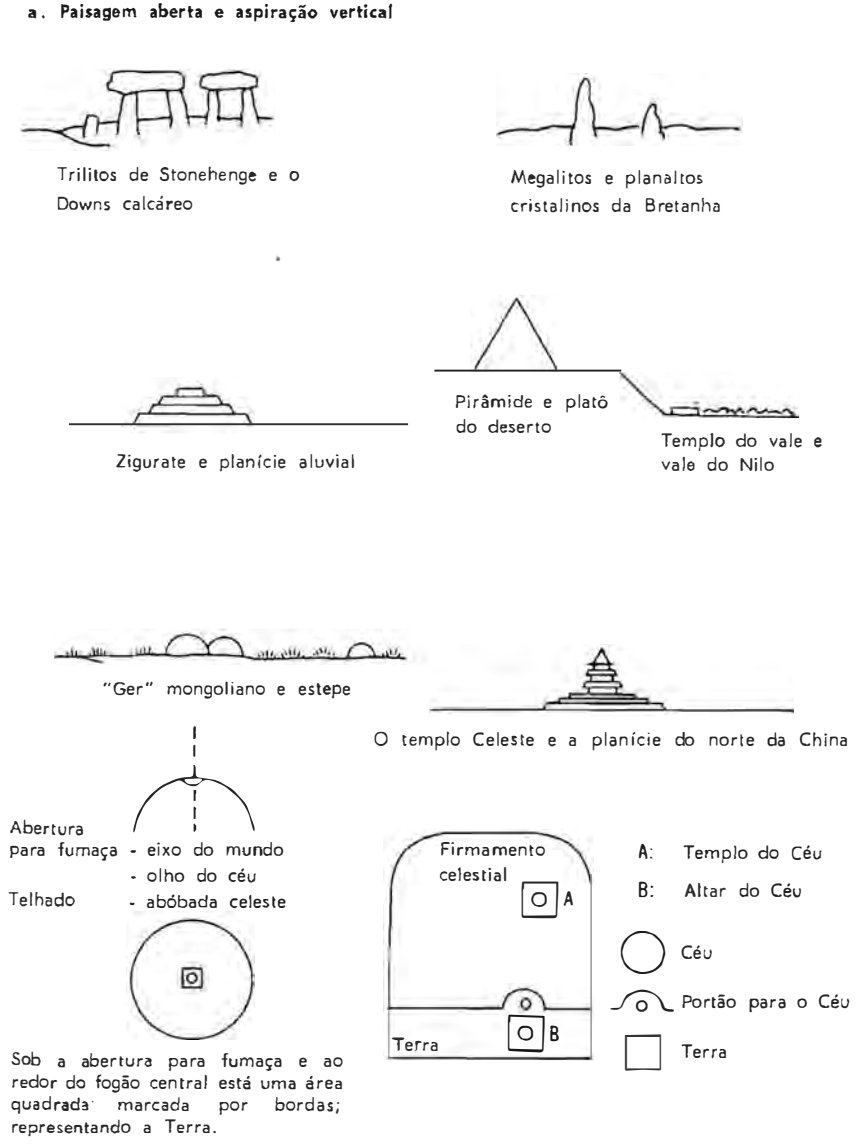
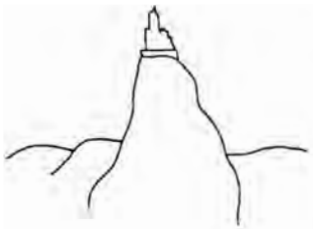

a. Paisagem aberta e aspiração vertical
Trilitos de Stonehenge e o Downs calcáreo
Megalitos e planaltos cristalinos da Bretanha
Zigurate e planície aluvial
Pirâmide e platô do deserto
Templo do vale e vale do Nilo
"Ger" mongoliano e estepe
O templo Celeste e a planície do norte da China
Abertura para fumaça - eixo do mundo
- olho do céu
Telhado - abóbada celeste
Sob a abertura para fumaça e ao redor do fogão central está uma área quadrada marcada por bordas; representando a Terra.
Firmamento celestial
A
B
Terra
A: Templo do Céu
B: Altar do Céu
Céu
Portão para o Céu
Terra

Figura 10 Paisagens simbólicas

b. Triunfo sobre as forças terrenas

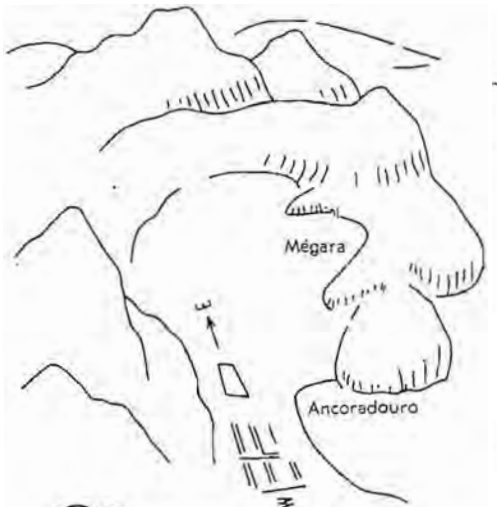
Partenon. De Pynx "Atenas... transladou para o lugar mais alto e aumentou seu poder como um escudo sobre a cidade e uma advertência aos seus inimigos, humanos e divinos."



Saint Michel, no topo de um **neck** vulcânico, Le Puy, França

c. Paisagens sagradas

"Mégara natural"



Deusa - paisagem da Grécia esculpida
Hera Akraia de Perachora

Deusa de terracota, em Perachora (por Scully)

"Montanha e Água" 山水

Por Wu Chen (1280-1354)

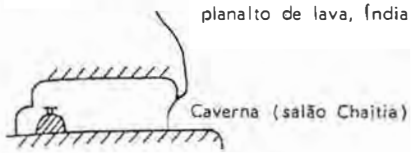
"Rochedo Saliente"

Um **sieide** em um lago. Lapônia (Poder da paisagem concentrado em uma saliência rochosa — **sieide**)

Figura 10 Continuação.

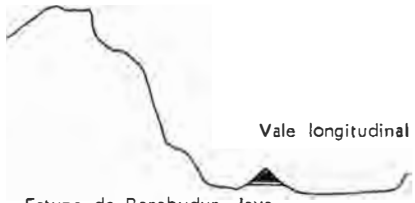
"Caverna"

Cavernas de Ajanta em planalto de lava, Índia



Estupa

"Chaitia Natural"



Estupa de Barabudur, Java.
Nove níveis de estupa simbolizam nove níveis da montanha cósmica, monte Meru

d. Motivos selvagem-paraíso

Deserto selvagem caos (domínio dos maus espíritos)

Oásis - Cidade-jardim

Paraíso: Os adros das basílicas e claustros monásticos com as fontes fluindo em quatro correntes e rodeados por árvores em vasos

Floresta selvagem

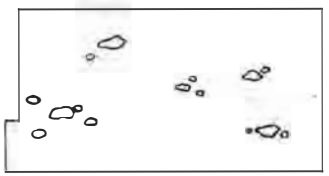
Paraíso
Mosteiro
Universidade
Seminário
Nova Sião

幽通徑竹

Paraíso "taoísta"
Inscrição sobre o portão da Lua (dinastia Ming) onde se lê: "o bambú e a senda nos conduzem ao mistério".

"Paraíso" selvagem protegido

"Selvagem" Metrópole moderna



Jardim de pedra e de areia
Jardim Zen de contemplação
(Kioto, cerca de 1500)

Figura 10 Continuação.

O pensamento metafórico ignora os limites bem definidos da classificação científica. Como termos científicos, "montanha" e "vale" são tipos de uma categoria topográfica. No pensamento metafórico estas palavras têm ao mesmo tempo dois significados, carregados de valor: "alto" e "baixo", os quais, por sua vez, implicam a idéia de polaridade masculino-feminino e características temperamentais antitéticas. No capítulo três chamamos a atenção para como as pessoas ordenam seus mundos como sistemas coordenados. Para um estranho, os elementos de um sistema podem parecer não ter relações com os de outros sistemas. Para os nativos, eles têm uma afinidade natural. Os chineses, os indonésios e os índios Pueblo dos Estados Unidos têm muitas maneiras diferentes de coordenar um conjunto de fenômenos com outros: no entanto, eles compartilham o costume de relacionar as substâncias elementares do mundo como terra, água e fogo, com cores, direções, estações, e com alguma personalidade ou traços culturais. Assim, os chineses associam metal com outono, com direção oeste, com cor branca e com tristeza. No mundo moderno a associação de fenômenos discretos, através de sentimento, ainda é usada. Os cientistas, nos momentos de intimidade, associam outono e pôr do sol com melancolia e primavera com esperança.

Um símbolo é um repositório de significados. Os significados emergem das experiências mais profundas que se acumularam através do tempo. As experiências profundas têm muitas vezes um caráter sagrado, extra-terreno, mesmo quando elas se originam na biologia humana. Quando os símbolos dependem de acontecimentos singulares, eles devem variar de um indivíduo para outro e de uma cultura para outra. Quando se originam em experiências comuns da maior parte da humanidade, eles têm um caráter mundial. Os fenômenos naturais como céu, terra, água, pedra e vegetação são interpretados de maneiras semelhantes por povos diferentes. Lugares e objetos específicos como pinheiro, rosa, fonte ou moita, provavelmente têm interpretações diferentes.

Consideremos a significância simbólica do jardim. No nível mais profundo pode simbolizar a vulva da terra, expressando o anseio da humanidade por tranqüilidade e a certeza de fertilidade.[18] No entanto, os desenhos e conteúdos específicos têm um significado atribuído culturalmente. Por exemplo, o jardim monástico da Europa medieval foi desenhado como um modelo do paraíso. Sua concretização ideal foi mais comumente alcançada na pintura do que na paisagem e está plena de símbolos que lembram acontecimentos sagrados da tradição cristã: os lírios brancos sugerem pureza, as rosas vermelhas amor divino, os frutos dos morangos retidão e suas folhas trifólicas simbolizam a trindade; e em uma mesa no jardim estão maçãs, lembrando ao homem sua queda e sua redenção por Cristo.

Na China, o parque imperial dos imperadores Han, construído nos arredores de Ch'angan, ao redor do segundo século antes de Cristo, é um dos primeiros jardins paisagísticos fechados de que temos notícia. Era muito grande. Havia montanhas, florestas e pântanos dentro da muralha circular, mas também havia paisagens artificiais e palácios construídos para refletir as crenças taoístas mágicas. Por exemplo, foram construídas ilhas piramidais no centro de lagos artificiais, imitando as três lendárias ilhas de Blest. O parque inteiro pode ser percebido como uma idealização do microcosmo taoísta e xamanístico. Nele, o imperador desfrutava tanto das atividades seculares como das religiosas. Ele caçava vigorosamente. Após a matança, o imperador e sua corte festejavam e eram distraídos por dançarinos, palhaços e prestidigitadores. Ao final das celebrações, ele podia subir a uma das grandes torres de onde dominava a paisagem e aí, em solidão, comungar com a natureza.[19]

A partir do século quarto depois de Cristo, os jardins e a poesia naturalista encontraram aceitação entre os fidalgos chineses. O budismo contribuiu para aumentar o interesse pela natureza e pelo paisagismo, enriquecendo seus conteúdos simbólicos. Ao contrário dos jardins ocidentais, os da China permaneceram altamente semióticos até a segunda metade do século dezenove, quando os valores tradicionais sofreram uma rápida deterioração. Um jardim construído no período da República pode reter muitos dos antigos símbolos, porém eles pouco dizem, exceto às pessoas mais cultas. Nestes jardins, o portão com a forma de lua cheia invoca a idéia de perfeição. Os desenhos de animais, dragão (*lung*), ave do paraíso (*feng huang*), cervo, garça e morcego tinham todos um significado. Pedras e água simbolizam o antigo conceito de dualidade na natureza, em um equilíbrio harmonioso. As flores que mudam com as estações transmitem suas próprias mensagens. Algumas são emblemas de verdade, pureza, graça e virtude, outras falam de boa sorte, longevidade e boa amizade. Salgueiros e pinheiros, pessegueiros e ameixeiras estão entre as

[18] Paul Shepard, "The Image of the Garden", in *Man in the Landscape* (Nova York: Knopf, 1967), pp. 65-118.

[19] Michael Sullivan, *The Birth of Landscape Painting in China* (Berkeley e Los Angeles University Press, 1962), pp. 29-30.

árvores mais encontradas nos jardins: cada uma possui um forte significado como, por exemplo, o salgueiro representa graça e sentimento de amizade. Caminhar por um jardim chinês e conhecer, nem que seja uma fração de todo o seu significado, é penetrar em um mundo gratificante para os sentidos, mente e espírito. Os inúmeros símbolos se completam e se enriquecem mutuamente: na paisagem idealizada, a mensagem global é paz e harmonia.

LUGARES SAGRADOS

O jardim é um tipo de lugar sagrado. Em geral, os lugares sagrados são locais de hierofania. A moita, a fonte, a pedra ou a montanha adquire caráter sagrado onde quer que seja identificado com alguma forma de manifestação divina ou com um acontecimento de significado extraordinário. Se Mircea Eliade está certa, a primeira e fundamental idéia na santidade de lugar é que ele representa o centro, o eixo ou o umbigo do mundo. Todo o esforço para definir espaço é uma tentativa para criar ordem onde houver desordem: ele compartilha, em parte, da significância do ato primordial da criação e, portanto, o caráter sagrado de tal ato. [20] Não somente a construção de um santuário, como também a construção de uma casa e de uma cidade, tradicionalmente, pedem a transformação ritual do espaço profano. Em todos estes casos, o lugar foi santificado por um poder exterior, quer seja uma pessoa semi-divina, uma deslumbrante hierofania, ou forças cósmicas que amarram a astrologia e a geomância. O sinal da ocasião memorável pode ser muito simples: por exemplo, o aparecimento de formigas ou camundongos pode ser interpretado como evidência da ação divina. Os lugares onde nasceram ou morreram líderes carismáticos dotados de atributos divinos adquiriram algo de suas santidades. A santidade estava centralizada no santuário ou na tumba, porém a aura sagrada se difundia sobre todo o espço circundante e tudo nele contido — árvores e animais — eram enaltecidos por esta associação. Na China, era um velho costume considerar como parques naturais o terreno ao redor dos túmulos dos imperadores sagrados, nos quais todos os seres vivos partilhavam do caráter sagrado do espírito do morto. Estes lugares atendiam a necessidade humana de religião e de recreação. [21]

[20] Mircea Eliade, "Sacred Space and Making the World Sacred", in *The Sacred and the Profane* (Nova York: Harper Torchbook, 1961), pp. 20-65.

[21] E. H. Schafer, "The Conservation of Nature under the T'ang dynasty", *Journal of the Economic and Social History of the Orient*, 5 (1962), 280-81.

Para os antigos gregos os elementos formais de qualquer santuário eram, em primeiro lugar, a região especificamente sagrada na qual estava situado e em segundo lugar os edifícios nele localizados. "Este é em verdade um lugar sagrado" (Sófocles, *Édipo em Colonus*). A terra não era um quadro. Para o olho moderno, os lugares dos santuários gregos parecem ter sido selecionados por suas qualidades pictóricas, mas para os gregos anteriores ao século quarto antes de Cristo, a terra era uma força que personificava os poderes que governavam o mundo.

Vincent Scully relata que a percepção da terra como uma força sofreu mudança gradual entre a era de Bronze Cretense e Micênica e o final do período Arcaico. Os palácios cretenses eram construídos para que se adaptassem às forças da terra. O sítio ideal, no qual se construía o palácio, era um vale fechado, que tinha uma colina cônica ao norte ou ao sul do palácio e uma montanha mais alta com dois cumes, localizada mais adiante da colina. O vale fechado era as mégaras naturais, o útero protetor. O cone simbolizava a forma maternal da terra; a montanha de dois cumes sugeria chifres ou mamas. Os gregos Micênicos do continente compartilhavam desta atitude para com a paisagem. Eles também procuravam as formas protetoras da deusa Terra. A localização de Micenas sugere uma mudança: esta sede de orgulho e de poder jaz num outeiro no vale. Os micenos foram derrotados por seus primos, os dórios, que estavam impacientes com a deusa Terra. Os dórios chegaram até destruir a união entre homem e terra. Lutaram para substituir a deusa pelo seu próprio deus do Trovão. Em Creta, as fortalezas dóricas foram construídas nas montanhas e não nas vertentes dos vales. Os templos dóricos desenvolveram monumental qualidade escultural e eram construídos em qualquer tipo de terreno, embora os santuários dedicados às deusas mantivessem suas localizações tradicionais em depressões topográficas. Os templos dedicados a Apolo e a Zeus desafiavam as forças ctônicas. Delfos, o maior templo de Apolo, está nas encostas baixas de uma montanha, no coração do maciço de Parnasso. Zeus foi o verdadeiro sucessor da mãe Terra. Seus templos ocupavam os cumes das mais altas montanhas. O próprio monte Olimpo era a encarnação norte de Zeus. Os templos dedicados a Zeus estavam situados nas maiores mégaras. Muitas vezes parecem dominar, mais do que se adaptar, às paisagens nas quais foram construídos.

Nas tradições da China taoísta e da Grécia pré-dórica, a natureza transmite virtude ou poder. Na tradição cristã o poder santificante está investido no homem, vice-regente de Deus, mais do que na natureza. A igreja não se adapta ao espírito da terra: ela

transmite espírito para os seus arredores. A localização da capela do santíssimo no extremo leste da igreja, não é uma tentativa de harmonizar com a ordem natural, porém utiliza o fato (o sol nasce no leste) como um símbolo da doutrina de Cristo ressuscitado. A cristandade tem parte de seus lugares sagrados em grutas e perto de fontes. Estes lugares possuem divindade, não devido à presença de qualquer espírito da natureza, mas sim ao aparecimento milagroso de santos mártires ou da Virgem Maria.[23] A comunidade monástica no campo era um modelo do paraíso, situado em um mundo não redimido. Muitas vezes o campo era percebido como um lugar dos demônios, mas o campo e os animais da vizinhança do mosteiro adquiriram parte da harmonia da natureza redimida e viviam em paz com seus suzeranos no mosteiro.

Tempo cíclico e tempo linear

Os antigos acreditavam que o movimento na natureza seguia um trajeto circular. O círculo simbolizava perfeição. Os modernos, seguindo o pensamento revolucionário de Newton, postularam a linha reta como o trajeto natural de toda matéria em movimento. O cosmo cedeu lugar à Geografia e à paisagem. O tema tem muitas variações. Ainda falta acrescentar um comentário na relação desta mudança com a noção de tempo.

O tempo é geralmente modelado de acordo com as fases recorrentes da natureza: das estrelas ou da terra em rotação e revolução. O homem moderno reconhece estas fases recorrentes, mas para ele pouco mais são do que ondas na direção da corrente do tempo. O tempo, para ele, tem direção, a mudança é progressiva. Acredita-se que a visão escatológica do cristianismo promoveu o sentido de mudança progressiva. Entretanto, o sentido de tempo do homem medieval, refletindo o seu cosmo vertical e rotatório era essencialmente cíclico. Foi somente no século dezoito que o conceito linear e direcional de tempo tornou-se importante. Nessa época o conceito isométrico de espaço cedera lugar ao eixo longitudinal e ao conceito de 'espaço aberto" do plano radial em arquitetura e paisagismo. Também foi o período das grandes explorações, quando o espaço geográfico conhecido pelos europeus compreendia quase o mundo todo.

As longas viagens e as migrações podem ter influenciado a ruptura do tempo cíclico e do cosmo vertical e tê-lo substituído pelo tempo linear e pelo espaço horizontal. O viajante depende

[23] Ernest Benz, "Die heilige Hohle in der alten Christenheit un in den ostlichorthdoxen Kirche", *Eranos-Jahrbuch* (1953), pp. 365-432.

das estrelas, mas não tanto para medir o tempo como a distância. A diferença de tempo é importante para o navegante, porque pode ser convertida em unidade de distância. Para vários povos do hemisfério norte, a Estrela Polar simbolizava o eixo do mundo e da eternidade. Os antigos egípcios acreditavam que a Estrela Polar era o destino final dos mortos, porque apesar de estar longe da morada celestial, a região ao redor dela não se esconde abaixo do horizonte. Mas, para os exploradores, comerciantes e emigrantes que se dirigiam para o sul cruzando o Equador, a Estrela Polar era mortal. Os povos sedentários das latitudes médias aceitam o curso das estações como um fato inexorável da natureza: como o movimento das estrelas é uma boa imagem da eternidade. Mas, os viajantes e os colonizadores que se moviam ao longo dos meridianos experienciavam não só o fluxo das estações, mas também o ritmo sazonário, de maneira que no Equador desapareciam as sucessões da natureza aparentemente universais e, além disso, no hemisfério Sul elas se invertiam.

CAPÍTULO ONZE

a cidade ideal e os símbolos de transcendência

A cidade libera os seus cidadãos da necessidade de trabalhar incessantemente para manter seus corpos e do sentimento de impotência diante dos caprichos da natureza. É uma realização que agora tendemos a denegrir ou esquecer. Como ideal, a cidade parece em grande parte perdida para nós, enquanto os seus defeitos, como meio ambiente físico, tornam-se cada vez piores, especialmente após a Revolução Industrial. No passado, a cidade era procurada por várias razões. Povoamentos antigos que apareceram como centros rituais prometiam a continuidade e a ordem do cosmo para os frágeis seres humanos. A *Pólis* grega propiciava aos homens livres a oportunidade de alcançar a imortalidade de pensamento e de ação e deste modo acender acima da servidão biológica. "O ar da cidade faz o homem livre" é um provérbio alemão da Idade Média: os homens livres viviam dentro dos muros das cidades e os servos fora, nos campos. A supremacia da cidade como ideal sobre a vida rural está entrelaçada com os significados das palavras. Desde o tempo de Aristóteles "cidade", para os filósofos e poetas, representou a comunidade perfeita. Os cidadãos

viviam na cidade; os servos e os vilões viviam no campo. A cidade do homem, onde o bispo tinha a sua sede, era uma imagem da Cidade de Deus: no campo longínquo ou sertão estavam os sertanejos; e no distrito rural ou vila (*pagus*) estavam os campônios ou pagãos.

Emergência da cidade ideal

Neste livro, estamos interessados na cidade, tanto por representar um ideal humano e ambiental (capítulo 11), como por ser um meio ambiente (capítulo 12). A origem da cidade é um assunto complexo que aqui não podemos explorar. Mas, o assunto não pode ser totalmente deixado de lado, porque o que considerarmos a natureza primitiva da cidade vai influenciar a nossa avaliação da sua importância como um ideal. Por exemplo, se a interpretação econômica é aceita sem restrições, ficaremos sem argumentos para explicar o poder da cidade em inspirar respeito e lealdade. A interpretação econômica vê a cidade como uma conseqüência do *superavit* econômico: os produtos que as aldeias não podem consumir são trocados em um lugar apropriado, que eventualmente se transforma em vila-mercado e cidade. Obviamente, as cidades têm que ser mantidas pelos campos que as circundam. Porém, uma área pode chegar a ter uma próspera agricultura e uma alta densidade populacional sem gerar urbanismo. Nas terras altas da Nova Guiné, a agricultura pode manter densidades populacionais até de 500 habitantes por 2,50 quilômetros quadrados, mas isto não significa que a vida urbana está por se desenvolver. O urbanismo incipiente pode, de fato, aparecer em áreas de produtividade relativamente baixa por acre. O requisito essencial é a existência de uma burocracia central que tenha o poder de administrar alimentos e serviços das pessoas do campo. Como Paul Wheatley assinalou, "o ser humano [é] quase infinitamente extensível e conseqüentemente [é] quase sempre possível arrancar, mesmo do mais miserável camponês, uma outra exigência para manter a burocracia".[1] Mesmo no mundo animal, o poder é raras vezes expresso diretamente como uma força física. No mundo humano é exercido através do reconhecimento e aceitação dos símbolos de legitimidade. O sacerdote-rei é este símbolo poderoso. É um ser semidivino, um intermediário entre o céu e a terra, o co-criador do cosmo e o fiador da ordem.

[1] Paul Wheatley, "Proleptic Observations on the Origins of Urbanism", in *Liverpool Essays in Geography*, R. W. Steel and R. Lawton, eds. (Londres: Longmans, Green, 1967), p. 324.

Quando o estudo de urbanismo retrocede até os seus centros primitivos e em um passado distante, não encontramos o mercado ou a fortaleza, mas sim a idéia da criação sobrenatural do mundo.[2] O agente é um deus, um sacerdote-rei ou herói: o *locus* da criação é o centro do mundo. Esse centro, geralmente é assinalado de alguma maneira. Talvez começando como um santuário tribal, transforma-se em um compacto e amplo conjunto cerimonial que inclui diferentes combinações de elementos arquitetônicos, como plataformas, terraços, templos, palácios, pátios, escadas e pirâmides. A cidade transcende as incertezas da vida; ela reflete a precisão, a ordem e a predição dos céus. Antes da escrita ser bem difundida, a visão do mundo era mantida pela tradição oral, ritual e (não menos importante) pela força semiótica da arquitetura. A vida pode ser mais exigente em uma antiga cidade do que em uma aldeia neolítica; mas entre os ritos e o esplendor arquitetônico, um homem, na cidade, mesmo um humilde, tem algo que não tem o aldeão — a participação nas pompas de um mundo muito maior.

Os centros cerimoniais nem sempre atraíram povoadores permanentes para as suas periferias. Por exemplo, alguns dos santuários maias e os do planalto Dieng, em Java, estavam localizados ou em lugares muito remotos ou agricolamente muito improdutivos, que provavelmente nunca atraíram grandes populações estáveis. Além dos sacerdotes, dos guardas e dos artesãos, estes conjuntos cerimoniais estavam vazios a maior parte do ano. Eles se animavam somente durante os festivais das temporadas. Da perspectiva secular dos tempos modernos, surpreende-nos ver até onde foram capazes estes povos, no passado, de construir cidades com imponentes edifícios, principalmente por razões cerimoniais e simbólicas. Consideremos Persépolis, construída ao redor de 520-460 antes de Cristo. Em geral, é aceito que Persépolis foi planejada como a residência real dos reis Acamênides, a capital de um Império, onde a magnificência dos palácios proclamava poder e orgulho real. Mas, as inscrições e documentos encontrados entre as ruínas eram de natureza mais religiosa do que política ou econômica. Declaravam em linguagem solene que a cidade foi erguida pela graça de Deus; que os prédios alcançaram perfeição e beleza suprema; e que sob a inspiração de Ahura Mazda, os reis persas eram mediadores entre os mundos divino e humano. Os povos antigos do Oriente Próximo estavam claramente conscientes da

[2] Paul Wheatley, *The Pivot of the Four Quarters: A Preliminary Enquiry into the Origins and Character of the Ancient Chinese City* (Chicago: Aldine-Atherton, 1971).

fragilidade da vida. Procuravam obter um sentido de ordem e permanência mediante a participação nos acontecimentos cósmicos, nos ritos sazonários realizados por um mediador governante em um ambiente resplandecente. Persépolis não era uma capital política, nem mesmo uma residência luxuosa do monarca, porque raramente era ocupada. Era uma cidade ritual, uma *Civitas Dei* na terra.[3]

No subcontinente indiano, Palitana é o exemplo notável da cidade que foi construída somente para os deuses. Seus santuários em praças e muros grandiosos — meio palácio, meio fortaleza — cobrem os dois cumes das colinas sagradas de Shetrunja, em Kathiawar. Um visitante assim descreve Palitana:

> em verdade uma cidade de templos, porque, exceto por alguns tanques, não há nada além dos portões e tudo está limpo, cada praça e caminho, varanda e salão, que em si mesmo não é uma fonte medíocre de prazer. O silêncio, também, é surpreendente... O topo da colina consiste em duas cumeeiras, cada uma de cerca de 230 metros de comprimento com um vale no meio. Cada uma destas cumeeiras e os dois grandes muros que fecham o vale estavam rodeadas por uma imponente muralha ameada adequada para a defesa. Os edifícios nas duas cumeeiras também estão divididos em cercados separados, denominados *tuks*, geralmente contendo um templo principal, com vários outros menores. Cada um destes cercados está protegido por pesados portões e muros, e todos os portões são cuidadosamente fechados ao pôr do sol[4].

Palitana é um monumento à religiosidade dos jainistas de todas as partes da Índia. É construída em esplendoroso mármore, nas majestosas e solitárias colinas Shetrunja; como as mansões de um outro mundo, está afastada do caminhar ordinário dos mortais.

Símbolos do cosmo e formas urbanas

Como um símbolo do cosmo, a cidade adota uma forma geométrica regular, do círculo, do quadrado, do retângulo ou de qualquer outro polígono. Um indicador arquitetônico vertical, como o zigurate, o pilar e o domo, também serve para realçar o significado transcendental da cidade. O círculo dividido em quatro setores, por dois eixos, simboliza o céu. A cidade circular quadripartida, um ideal etrusco, foi um *templum* celestial transcrito para a terra; o planejamento dentro dos quatro setores estava ligado à

[3] Arthur Upham Pope, "Persepolis as a Ritual City", *Archaeology* 10, n.º 2, (1957), 123-30.

[4] *Imperial Gazeteer of India,* XIX (Oxford: Claredon Press, 1908), p. 363.

arte de ler os presságios. Alguns eruditos usam o termo *Roma quadrata* para indicar a quadripartida e que Roma, quando foi fundada, era uma cidade circular com o *mundus* (o lugar das almas que já partiram) no centro. As antigas noções de centro, de intersecção de eixos e os quatro quartos da abóbada celeste estavam misturados na era cristã com imagens da cruz e da Jerusalém Celestial. Werner Müller acredita que alguns destes elementos podem ser discernidos nos planos de certas cidades da Baixa Idade Média e do Renascimento.[5]

O círculo é uma figura com número infinito de lados. Na prática, as pessoas em diferentes partes do mundo acharam conveniente reduzir o infinito a quatro, aos quatro lados de um retângulo, os quatro quartos do céu e da terra, as quatro estações e as direções cardeais. Matematicamente, é mais fácil representar o cosmo por um quadrado do que por um círculo. Os significados do círculo e do quadrado se superpõem, mas não coincidem. Na China, por exemplo, onde aparecem juntos como um complexo arquitetônico, o círculo representa o céu ou a natureza, o quadrado a terra ou o mundo artificial do homem (Figura 11).

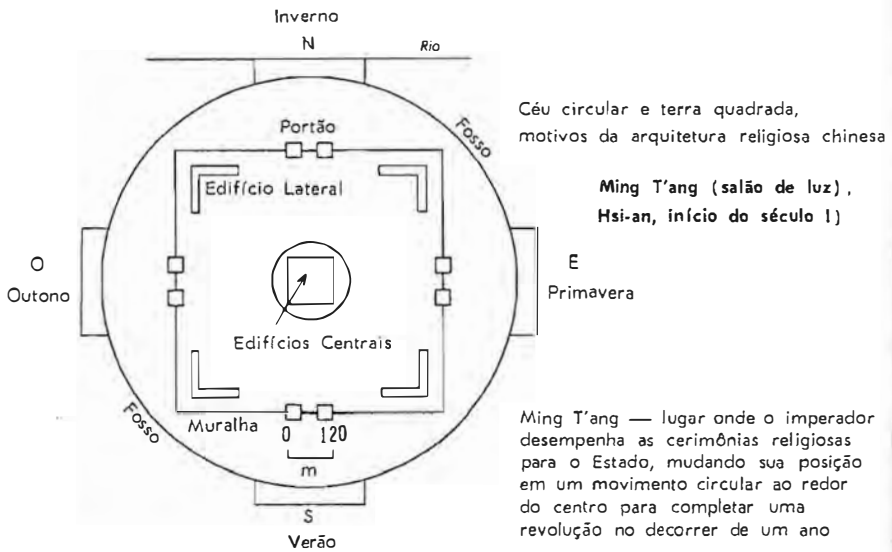


Figura 11 O simbolismo do círculo e do quadrado na arquitetura.

[5] Werner Müller, *Die heilige Stadt: Roma Quadrata, himmlisches Jerusalem und die Mythe vom Weltnabel* (Stutgart: Kolhammer, 1961).

Os planos e os diagramas das cidades ideais freqüentemente mostram-nas como circulares — na realidade, poucas vezes elas o são (veja a Figura 12, página 184). O que podemos dizer sobre as cidades circulares da antiguidade? Talvez, as primeiras das quais temos alguma evidência são os povoamentos circulares amuralhados, do Egito pré-dinástico. O hieroglifo determinativo de "cidade" é um cercado circular dividido em quatro partes pela intersecção de dois eixos. Era a cidade egípcia, como a cidade ideal etrusca, um modelo da abóbada celestial? Parece que não e não temos meios de saber. No mundo antigo, as cidades hititas da Anatólia parecem ter sido planejadas principalmente tendo em vista a defesa. Foram construídas em pontos estratégicos. Suas muralhas, de forma oval ou poligonal, aproveitaram sabiamente a topografia. Os bairros residenciais cresceram sem nenhum controle, por aglomeração "natural". Entretanto, alguns povoamentos neo-hititas foram planejados com grande regularidade, o que faz supor que o seu desenho refletiu propósitos simbólicos. Um exemplo importante é Sam'al (Cincirli), fundada no começo do primeiro milênio antes de Cristo e incorporada ao império assírio mais ou menos duzentos anos depois. Era fechada por duas muralhas circulares concêntricas quase perfeitas, cada uma com cem torres retangulares. Estas muralhas circulares, ao contrário daquelas primeiras cidades hititas, parecem ter sido construídas sem considerar muito a topografia do terreno. Tinham como entrada três portões, sendo iguais as distâncias entre eles, estando o mais pesado no sul. O portão sul levava à cidadela, que estava em uma elevação ligeiramente fora do centro da cidade. Estava protegido por uma parede de pedra com torres redondas. A cidadela estava dividia em quatro zonas por paredes secundárias: quatro palácios com suas dependências e um conjunto de quartéis ocupavam os andares superiores.[6]

Heródoto descreveu Ecbatana, capital dos medas iranianos, como uma cidade de círculos concêntricos. A história de sua fundação resume certos passos na transição de vilas para cidades ideais: é um modelo da interpretação não econômica da origem da cidade. Segundo Heródoto, na época em que os medas se

[6] P. Lavedan, "Les Hittites et la cité circulaire", in *Histoire de l'Urbanisme*, I (Paris: Henri Laurens, 1926), pp. 56-63.

libertavam dos assírios, eles viviam em vilas dispersas sem uma autoridade central. Eram comuns as brigas entre os habitantes das vilas. Por falta de um sistema judiciário, aquele homem que se distinguisse pela justeza de suas opiniões era procurado para arbitrar sobre os diferentes interesses dos habitantes. Seu nome era Deioces. No entanto, Deioces acabou se cansando de gastar tanto tempo acertando os assuntos de outras pessoas, em detrimentos dos seus. Como conseqüência de sua retirada, a desordem prevaleceu na terra. Os habitantes da vila, na sua desgraça, resolveram nomear um rei e Deioces foi escolhido para este cargo. Como rei, Deioces solicitou a construção de um palácio e de uma cidade para ele. Como nenhum dos povoados existentes estava à altura da dignidade de reino, os medas construíram Ecbatana, que se tornou o centro do seu mundo. As muralhas da nova capital, como foram descritas por Heródoto, eram colossais e fortes, levantando-se em círculos, um dentro do outro, aumentando em altura para o centro. A natureza do terreno que era uma colina suave, favoreceu este tipo de arranjo, mas foi em grande parte alcançado pela arte. O número das muralhas circulares era sete e suas fortificações eram coloridas: branca a mais externa, depois preta, escarlate, azul, laranja, prateada e finalmente dourada a mais interna, que rodeava o palácio de Deioces. É provável que as zonas concêntricas das cidades fossem ocupadas por diferentes castas da sociedade. O rei e seus nobres viviam no centro. As ordens sucessivas descendentes, que eram mais numerosas, ocupavam zonas gradativamente maiores e topograficamente mais baixas até atingir a muralha mais externa: além desta vivia o povo. Um cosmo ordenado e hierarquizado, simbolizado pelas fileiras ascendentes de sete círculos, deslocou o mundo terreno dos habitantes das vilas. [7]

A cidade ideal de Platão combinava o círculo com o quadrado. A lendária ilha-continente de Atlântida foi construída de anéis concêntricos de terra e de água. A cidadela estava na elevação secreta mais interna, que era rodeada por uma sucessão de muralhas redondas. A muralha mais externa era coberta de bronze, a seguinte de estanho e a terceira, que rodeava a cidadela, cintilava com o brilho avermelhado do cobre. No centro da cidadela estavam o templo sagrado dedicado a Posseidon e Cleiton, inacessível devido a seu muro de ouro. Platão, em outra descrição do mundo ideal, disse que a cidade deveria estar situada no centro do país. A princípio os templos eram construídos em um lugar chamado Acrópole e rodeados por uma muralha circular. Todas as divisões da cidade e do país partiam deste ponto. A cidade estava dividida em doze porções, o tamanho de cada uma variava com a qualidade da terra. [8] Que influências exerceram os planos de cidades ideais de Platão? Pouco se sabe. Em primeiro lugar, Platão descreveu vagamente o arranjo físico. Seu protótipo para a cidadela na Atlântida pode ter sido influenciado pelas fortificações pré-helênicas da Grécia ou o anel de muralhas rodeando Mantanéia, construída mais ou menos no ano 460 antes de Cristo. Os edifícios centrais isolados, como o de Tolos de Epidaurus, eram circulares por razões religioso-estéticas. E é possível que ele conhecesse os planos concêntricos da capital da Pérsia. É mais provável que o sistema de Platão de círculos, quadrados, cores e números refletissem as doutrinas cosmológicas dos pitagóricos, mais do que ele pôde observar no meio ambiente de sua época. Os diagramas cosmológicos dificilmente poderiam ser traduzidos, sem grandes cortes, para o desordenado mundo terrestre do homem. Aristófanes conhecia o conceito das cidades circulares e geométricas: em os *Pássaros* satirizou Platão, seus discípulos e os planejadores rígidos.

Uma notável cidade redonda, do mundo islâmico, foi Medinat-as-Salam (antiga Bagdá), a capital dos califas abassides (ver figura 12). Como a forma circular não era característica na tradição islâmica, o plano da capital abasside provavelmente revelava a influência das cidades circulares dos persas sassianos: por exemplo, o plano circular de Ctesifon, a sudeste de Bagdá e a cidade concêntrica de Firuzabad, onde as principais encruzilhadas dos caminhos estavam orientadas de acordo com os pontos da bússola e os doze setores tinham os nomes dos signos do Zodíaco. A construção de Medinat-as-Salam começou no ano 762 depois de Cristo. Cem mil trabalhadores construíram-na com tal velocidade que o califa al-Mansur pôde aí no ano seguinte instalar seu governo. A cidade de al-Mansur tinha três muralhas circulares perfeitas: os portões estavam colocados nos quatro pontos colaterais. No centro da cidade redonda estava o grande palácio. Sua área compreendia 167 metros quadrados e sua estrutura central estava coroada

[7] Heródoto, *History*, Livro I, pp. 96-99.

[8] Platão, *Critias*, pp. 113-116; *Laws*, Livro V, p. 745.

por um grande domo verde e na sua cúpula uma estátua de um cavaleiro, atingindo 37 metros de altura podia ser vista de todos os lugares de Bagdá. Perto do palácio ficava a Grande Mesquita. Outros edifícios na Cidade Redonda incluíam várias repartições públicas, como o tesouro, o arsenal, a chancelaria, o cadastro do imposto territorial, a mordomia e os palácios dos filhos menores do califa. Os distritos residenciais estavam dentro das muralhas, mas os mercadores não eram encorajados a se estabeleceram na ordem astronômica perfeita. Tinham seus próprios distritos ao longo do cais do rio. Como todas cidades circulares, Medinat-as-Salam não sobreviveu muito em sua forma original. Nos cem primeiros anos de sua fundação, começaram aparecer e expandir-se os subúrbios fora dos portões e a Cidade Redonda não teve forças para enfrentar o problema e começou a decair. [9]

Poder-se-ia esperar que a visão teocêntrica do mundo dos europeus da Idade Média favorecia a fundação de cidades radiais-concêntricas. A Cidade de Deus de Santo Agostinho era circular. Inúmeras descrições gráficas de Jerusalém no período medieval mostravam o templo localizado no centro da cidade circular amuralhada. De fato, a idéia teve pouco impacto na forma urbana. A maior parte das cidades medievais era de comunidades-mercado que tinham certos privilégios para auto-governar-se. Seus núcleos pré-urbanos poderiam não ser econômicos: um forte secular ou eclesiástico ao redor do qual os comerciantes e agricultores se congregavam em busca de proteção. O crescimento não planejado bem que poderia ter sido a causa do padrão radial-concêntrico das lojas, das residências e caminhos focalizado no castelo ou na abadia e circundado pela muralha redonda. O edifício de pedra elevava-se sobre uma ampla base de material menos importante e quando o ponto central era a igreja, a orientação litúrgica chegava a impor certas regularidades no arranjo das casas e das ruas. Segundo Gutkind, "é comum a forma circular em uma cidade medieval". Bergues, Aix-la-Chapelle, Braum, perto de Carcassone, Malines, Middleburg, Nördlingen e Aranda de Duero são exemplos bem conhecidos. O plano do terreno de alguns povoados tinham, no entanto, a ordem geométrica da cidade ideal. Vejamos a cidade francesa de Brive: no seu centro estava a abadia e sua praça espaçosa. A abadia, o *axis mundi* da cidade, estava orientada para o leste. A muralha que circundava Brive era mais ou menos

[9] Guy Le Strange, *Baghdad during the Abbasid Caliphate from Contemporary Arabic and Persian Sources* (Oxford: Claredon Press, 1924); Jacob Lassner, *The Topography of Baghdad in the Early Middle Ages* (Detroit: Wayne University Press, 1970).

circular e possuía sete portões. A cidade tinha caminhos concêntricos e sete ruas principais saindo do centro eclesiástico. Mas, Brive se afastou da genuina cidade ideal, porque cresceu do centro para fora e não da periferia (as muralhas delimitadoras) para dentro. [10]

Entre 1150 e 1350 foram construídas inúmeras cidades fortificadas (*bastides*), particularmente no sul da França, como resposta à necessidade de defesa durante as guerras albigenenses e as guerras prolongadas entre os ingleses e os franceses. As leis liberais, assim como a segurança, atraíram as pessoas do campo para esses centros. As bastilhas foram as cidades planejadas da Europa Medieval. Suas formas eram variadas. A maioria tinha padrão reticular, algumas não tinham forma regular e outras eram radial-concêntricas. As cidades deste último padrão agrupavam-se comumente ao redor de um elemento central, fosse ele a igreja ou um espaço aberto. As novas cidades (*villes neuves*) careciam de simbolismo cosmológico, apesar de se terem iniciado com asilos protegidos pela Trégua de Deus. Havia, entretanto, o costume de marcar os limites da cidade com quatro cruzes, nos quatro pontos cardeais e dentro deles era demarcado no terreno o futuro povoado. [11]

Mais do que a Idade Média, a Renascença e o Barroco foram períodos de planejamento de cidades ideais. [12] O movimento começou na Itália com os trabalhos de pessoas como Alberti (1452-60), Filarete (1460-64), Cataneo (1554-67) e continuou mais tarde na França e na Alemanha. O círculo e o quadrado representavam a perfeição: combinações destas figuras eram realçadas no planejamento idealizado. Por exemplo, o desenho básico de Filarete da cidade ideal Sforzinda consistia em um círculo e dois quadrados. Dentro da muralha circular mais externa havia uma estrela de oito pontas feita de dois quadrados, um orientado para as direções cardeais e o outro para os pontos colaterais. A igreja, o paço municipal e outros prédios públicos ficavam no centro. As ruas saíam do conjunto de edifícios centrais para os pontos de infleção da estrela. As cidades ideais de Giorgio Martini (meados do século quinze), Girolamo Maggi (1564) e do arquiteto alemão Daniel

[10] E. A. Gutkind, *Urban Development in Western Europe: France and Belgium* (Nova York: Free Press, 1970), p. 41.

[11] Joan Evans, *Life in Medieval France* (Londres: Phaidon Press, 1962) p. 43.

[12] Helen Rosenau, *The Ideal City: In Its Architectural Revolution* (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1959), pp. 33-68; R. E. Dickinson, *The West European City* (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1961), pp. 417-45.

Specklin (1589) tinham o mesmo desenho de oito pontas e radial-concêntricas. A cidade ideal de Vincenzo Scamozzi, de 1615, tinha doze pontas, era redonda no seu plano geral, mas o padrão das ruas dentro das fortificações seguia o padrão reticulado.

Poucos desenhos circulares da Renascença foram realmente construídos. Um exemplo da tradução do ideal para a realidade foi Palmanova, cidade-fortaleza sob o domínio de Veneza. Sua construção se iniciou em 1593. A forma básica de um polígono de nove lados se transformou em um plano complicado de uma estrela devido ao acréscimo de saliências triangulares fortificadas. O mercado central, com sua torre proeminente, era um hexágono. As ruas eram concêntricas e radiais. O desenho de Palmanova foi inspirado em Sforzinda, de Filarete. Scamozzi provavelmente foi o seu arquiteto. A partir de Alberti, os planejadores renascentistas preferiram as fortificações redondas e cidades ideais com aparência arredondada, com polígonos aninhados no interior. Esta preferência foi reforçada pelo novo interesse em Vitruvius e Platão. Na construção, no entanto, o paradigma radial e circular muitas vezes teve que ser mudado para um desenho mais simples de um modelo de ruas reticuladas e de cidades com plano retangular e irregular.

O círculo fechado sugere inteireza e totalidade; o setor aberto do círculo sugere a possibilidade de extensão para o infinito. No século dezessete e na primeira parte do dezoito, os planejadores introduziram dois elementos de desenho que chegaram a ser identificados com o estilo barroco: os setores radiados e os pontos focais. Ambos eram apropriados para expressar a predileção do período pela ostentação, sua ideologia de energia desinibida e o movimento para a centralização política.[13] O desenho em forma de leque permitiu a penetração ilimitada no campo. Somente poderia ser usado fora das cidades desordenadas. Versalhes e Kralsruhe são exemplos notáveis de cidades residenciais e de mansões suntuosas que expressaram o sentido de poder e de grandeza do período barroco. Em Versalhes três avenidas retas convergem para a Place d'Armes, defronte ao palácio. Em Kralsruhe trinta e dois eixos radiais confluem diante do Castelo do Margrave. Somente nove, no entanto, funcionavam como ruas; as restantes vinte e três se abriam como leque na grande floresta circundante. No centro da cidade ficava o palácio. Os edifícios públicos ficavam ao redor da praça em frente da residência do Margrave. Os sobrados da

[13] Lewis Mumford, *The City in History* (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1961), pp. 386-409.

nobreza se congregavam no Innere Zirkerl, além do qual se extendiam as casas de um andar, do populacho.

O núcleo medieval de Paris tinha um modelo concêntrico no qual a catedral de Notre Dame, na ilha da Cidade, ocupava o centro. Quando Luis XV procurou ostentar o seu prestígio real no distrito congestionado da capital, não pode pensar em impor, no padrão medieval existente, um desenho radial concêntrico centralizado nele mesmo. O que ele desejava fazer, como o plano de M. Patte premiado em 1746 mostrava, era impor em Paris dezenove *places royales*. Deveriam ser círculos e quadrados com ruas radiais, e no centro de cada estrela ficaria uma estátua do divino monarca. Mas mesmo no plano estava claro que os raios das estrelas não podiam se estender muito: ao contrário das avenidas, como leques, das cidades residenciais de mansões suntuosas no subúrbio, as de Paris tinham que terminar abruptamente em ruas comuns.[14]

A cidade capital é um símbolo nacional de orgulho e aspiração. Quando é construída uma capital ou cidade importante, os desenhistas preferem o plano barroco com círculos, praças e avenidas radiais porque são apropriadas para ostentação estética: Washington DC e Camberra, na Austrália, são dois exemplos bem conhecidos. Em escala menor e refletindo um ideal social diferente estão as novas cidades do século vinte: estas, também podem adotar o padrão circular. Algumas delas inspiraram-se no desenho de 1898, de Ebenezer Howard. O diagrama da cidade-jardim de Howard é radial concêntrico (Figura 12). Ele colocou o jardim circular e o seu anel de edifícios públicos no centro e mais adiante as residências e os parques. Este desenho moderno para a vida comunal está longe da pompa da capital barroca e ainda mais do simbolismo mágico e cosmológico de Ecbatana, a antiga capital meda. Embora todas elas sigam o módulo circular, aspiram projetar a imagem de uma ordem social e espacial que é copiada, no sentido mais profundo, da abóboda celeste.

IDEAIS RETANGULARES

O quadrado, juntamente com o círculo, simboliza a perfeição e o cosmo: isolado, seu significado não é tão claro (Ver Figuras 13 e 14). O quadrado, como foi sugerido anteriormente, é um índice

[14] Pierre Lavedan, *Histoire de l'urbanisme: Renaissance et temps modernes*, II (Paris: Henri Laurens, 1941), pp. 358-63; Sibyl Moholy-Nagy, *Matrix of Man: An Illustrated History of Urban Environment* (Nova York: Praeger, 1968), pp. 72-73.

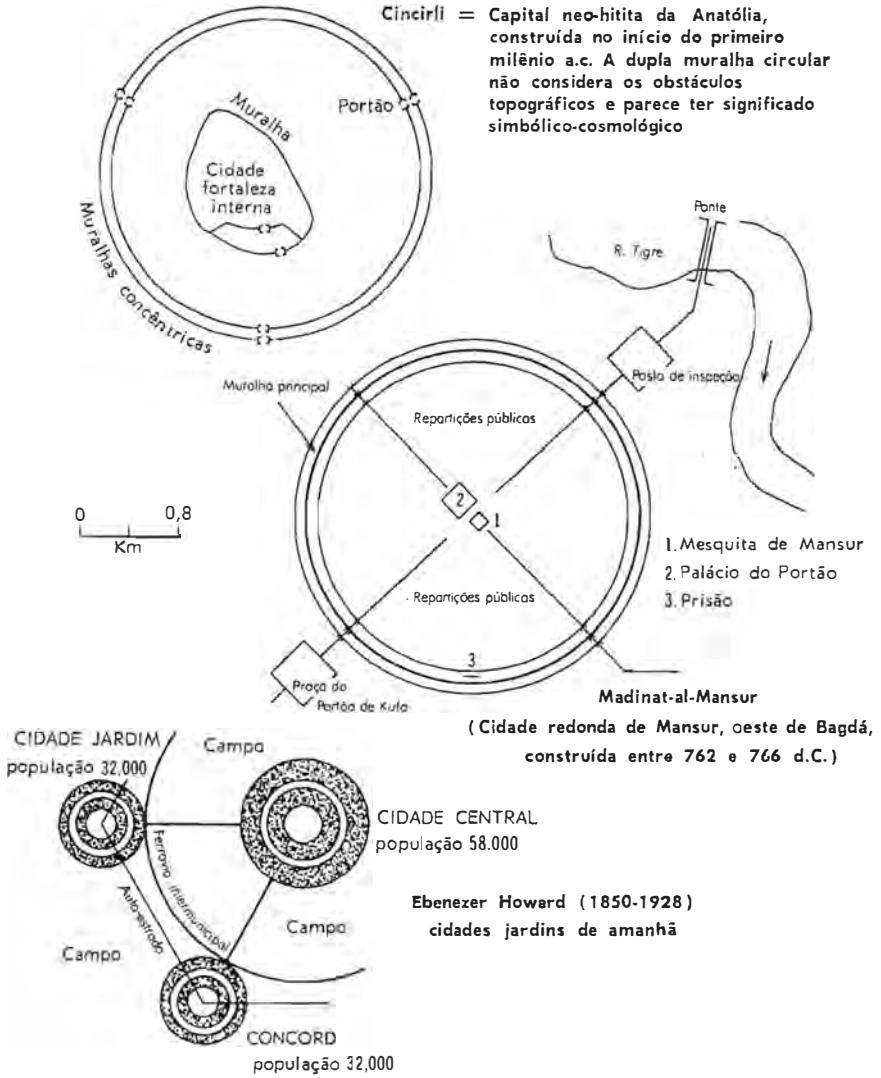


Figura 12 Estruturando o espaço: cidades circulares ideais.

esquemático do cosmo idealmente representado pelo círculo. Quando a ordem circular do céu é trazida para a terra, assume a forma de um retângulo com os lados orientados para as direções cardeais. No entanto, para fazer levantamento, sabemos que a maneira mais simples de dividir a terra é usar o sistema reticular. Por esta razão, novas cidades e novas glebas de terra doadas por uma autoridade central muitas vezes adotam uma rede retangular. Sua existência em si mesma não justifica a interpretação de que tem importância cosmológica, mesmo no mundo antigo, quando o simbolismo mais profundamente permeava os padrões do pensamento humano. As vilas de forma quadrada dos trabalhadores, as cidades fortalezas do antigo Egito, o plano retangular das cidades hipodâmicas da Grécia, as propriedades rurais de Roma dividida em centúrias e as cidades medievais que adotaram o padrão reticular (bastilhas) parecem não necessitar de outra explicação a não ser a conveniência e a economia.

No entanto, temos evidência que no passado, em diferentes culturas e em diferentes épocas, o retângulo representou o cosmo; pelo menos foi aceito como a moldura apropriada da sociedade idealmente organizada. No Velho Testamento, por exemplo, encontramos o Senhor dizendo ao profeta Ezequiel, "Você guardará a reserva toda, de vinte cinco mil côvados quadrados, como sagrada, como propriedade da cidade". Os quatro lados da cidade — norte, leste, sul e oeste — cada um deles foi denominado segundo as tribos de Israel e cada lado tinha três portões. "O perímetro da cidade terá dezoito mil côvados; e o nome da cidade para toda eternidade será Jehavahshammah". Nas *Revelações* foi enfatizado o caráter isométrico e ortogonal da Jerusalém Celestial. "Foi construída como um quadrado, tão larga quanto comprida. Media com sua vara doze mil estádios e eram iguais, largura, comprimento e altura". Assim como a Jerusalém revelada a Ezequiel, São João viu que a muralha da cidade tinha doze portões.

O Egito pré-dinástico tinha povoados fortificados com muralhas circulares. Ao contrário da Suméria, a antiga unificação do Vale do Nilo, sob uma autoridade incontestável não deixou lugar para o desenvolvimento de cidades-estado autônomas. Temos pouca evidência dos planos das antigas cidades egípcias porque foram construídas principalmente com material perecível. A pedra foi usada nos monumentos funerários, enquanto as moradas, mesmo os palácios, foram construídos com adobe e madeira. O traçadode Akhetaton, uma capital do Novo Império, é agora razoavelmente conhecida. Algumas de suas partes reconstruídas *ex novo* entre 1396-1354 antes de Cristo são, retangulares. O palácio, na cidade central, está orientado na direção norte-sul, paralelo ao

Caminho Real e mostra sinais de planejamento; exceto isso, Akhetaton não mostra evidência de um plano. Pareceria que primeiro as pessoas importantes se instalaram em grandes lotes nas ruas principais, em seguida os outros com meios mais modestos perto deles, enquanto os pobres construíram suas casas nos intervalos. [15]

No Egito, o planejamento ortogonal baseado nos princípios cosmológicos figurou entre os complexos arquitetônicos desenhados para servir os mortos, mais do que os vivos. O primeiro grande conjunto funerário de desenho retangular e piramidal foi realizado magistralmente na cidade templo do faraó Zoser, em Sakkara, ao redor de 270 anos antes de Cristo. Durante o Antigo e Médio Impérios, as cidades vizinhas ao conjunto de pirâmides e templos rituais foram criadas por uma carta real para alojar os inúmeros trabalhadores e pedreiros, que construíam as pirâmides. Após a construção das pirâmides, a cidade continuou alojando os sacerdotes que celebravam os serviços funerários reais, assim como os agricultores e os camponeses que trabalhavam a terra destinada a produzir renda para a manutenção do monumento e celebração dos ritos. Segundo a ortogonalidade e a orientação cardeal das pirâmides, o traçado da cidade vizinha foi estritamente ortogonal e alinhado de norte para sul. Lahun, a maior cidade pirâmide conhecida até o momento, foi construída pelos sacerdotes e operários servindo e trabalhando na pirâmide de Senusert II (1897-1879 a.C.). Entretanto, as vilas dos operários vinculadas às cidades dos vivos também tinham forma retangular e eram amuralhadas, como, por exemplo, a vila de operários a leste de Akhetaton, construída cerca de quinhentos anos depois de Lahun. Como as ruas de Lahun, as da vila de Akhetaton tinham a direção norte-sul. Novamente, deparamos com o problema de interpretar o desenho retangular, que responde tanto à necessidades simbólicas como práticas. [16]

O planejamento da cidade dos assírios no primeiro milênio antes de Cristo era caracteristicamente ortogonal (Figura 13). Este, provavelmente, revela mais a influência do Egito do que da Suméria, porque as antigas cidades sumerianas tendiam a ser irregulares ou de formas ovais, e o padrão interno de suas casas e ruas pouco evidenciam um planejamento. Nemrod, a segunda capital Assíria, foi construída em grande escala, na primeira do século

[15] H. W. Fairman, "Town Planning in Pharaonic Egypt", *Town Planning Review*, 20 (1949), 33-51.

[16] Alexander Badawy, *A History of Egyptian Architecture* (Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1968).

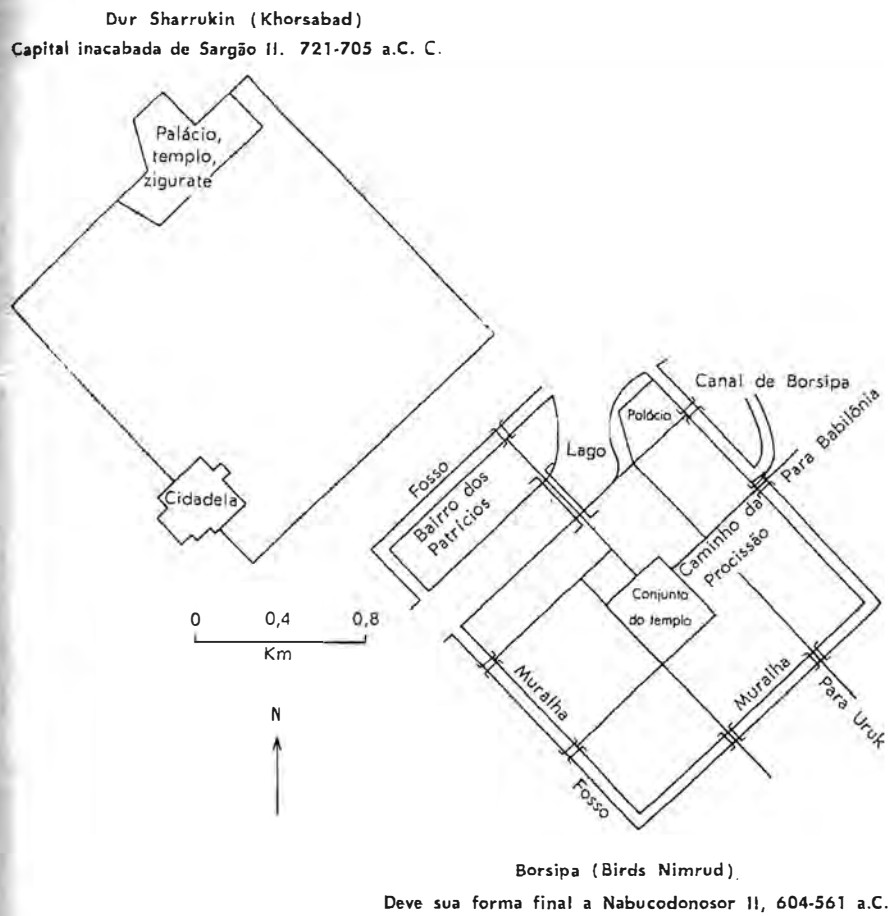


Figura 13 Estruturando o espaço: cidades ideais retangulares com os cantos apontados para as direções cardeais.

nono antes de Cristo. Uma muralha de adobe rodeava um recinto retangular de cerca de 360 hectares. Uma cidade interna fortificada ficava perto do rio Tigre: dentro dela havia palácios, templos, edifícios públicos e residências dos ricos. O recinto externo propiciava espaço para a maioria da população, assim como campos, parques e jardins zoológicos. O que aqui vemos é uma divisão clara do espaço retangular amuralhado em um distrito interno

sagrado-oficial e um recinto externo para o populacho. Khorasabad, a capital inacabada de Sargão II (721-705 a.C.), era um quadrado quase perfeito, orientado de tal modo que os cantos do quadrado apontavam para as direções cardeais. Sua espessa muralha cercava quase trezentos hectares. Um aspecto inexplicado do plano era a posição da cidade fortificada com os seus complementos, zigurate, templos e palácios: ficava encostada na parede noroeste — e sobressaia além do alinhamento — em lugar de estar no centro.

No sul da Mesopotâmia, Babilônia e Borsippa mostram as mesmas características de forma, orientação e organização espacial, como as cidades mais antigas do norte da Assíria. O croqui da Babilônia, de Heródoto, apesar de inexato nos detalhes, é em essência nítido e correto. Ele disse que a Babilônia:

> fica em ampla planície e é um quadrado exato. Em magnificência nenhuma outra cidade se lhe compara. Está cercada, em primeiro lugar, por um largo e profundo fosso, cheio de água, atrás do qual ergue-se a muralha. Ao longo da muralha há uma centena de portões [torres?], todos de bronze. A cidade está dividida em duas partes por um rio largo e rápido, o Eufrates. A maioria das casas tem três e quatro andares, enquanto as ruas correm em linhas retas [17].

De fato, Babilônia, criação de Nabucodonossor II (604-561 a.C.), era um retângulo mais do que um exato quadrado. Seus cantos, no entanto, estavam grosseiramente dirigidos para os pontos cardeais. Uma dupla muralha fortificada com muitas torres a rodeava, cercando uma área de 405 hectares. Um sistema de ruas principais coduz para os oito maiores portões. No centro do recinto amuralhado e à leste do Eufrates ficava o distrito sagrado de Esaglia: aí se erguia o templo de Marduc, o principal santuário da Babilônia e a "Torre de Babel" ou o "Fundamento de Céu e Terra". Borsippa deve também sua construção final e seu desenho a Nabucodonossor II. Comparada com Babilônia, a forma de Borsippa era mais regular, quase um quadrado. Igual a Babilônia, seus cantos estavam dirigidos para os pontos cardeais; e novamente, o templo, um conjunto quadrado, estava no centro da cidade cercada por muralhas.[18]

[17] Heródoto, *History*, Livro I, pp. 178-80.

[18] Paul Lampl, *Cities and Planning in the Ancient Near East* (Nova York: Braziller, 1968).

A importância cosmológica das cidades antigas e medievais, no Oriente Próximo, na sua maior parte, é inferida da sua forma e da sua orientação, da estrutura hierárquica do espaço dentro do conjunto amuralhado, dos tipos de arquitetura e do que conhecemos da organização social e crenças religiosas desses tempos. As fontes literárias contemporâneas que lançam luz sobre o significado do desenho da cidade, são escassas. Na China, o apoio documental está mais facilmente disponível e podemos interpretar com maior confiança os ideais sócio-cosmológicos da cidade tradicional.

A forma tradicional e o traçado da cidade chinesa é uma imagem do cosmo chinês, um mundo ordenado e consagrado, guardado por um sólido cinturão terreno do mundo contingente do além (Figura 14). Nos tempos de Shang (cerca de 1200 a.C.), a consagração do sítio da cidade e dos edifícios requeria o sacrifício

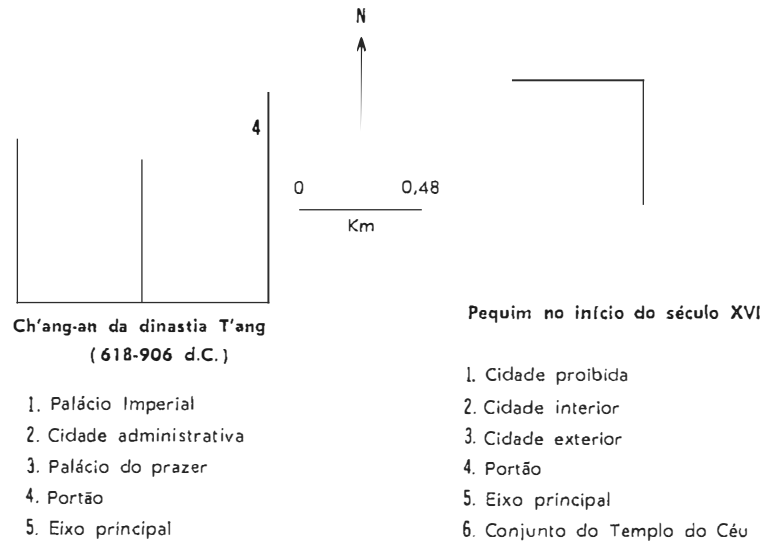


Figura 14 Estruturando o espaço: cidades ideais retangulares, orientadas para as direções cardeais.

ritual de animais e homens. No começo do período Chou (cerca de 1000-500 a.C.), o fundador de uma cidade, usando mantos especiais e jóias, estudava as propriedades geomânticas do terreno e consultava cascos de tartarugas. O centro e a circunferência devem ser definidos e consagrados. Entre as primeiras partes da cidade a serem construídas estavam as muralhas, o altar da terra e o templo ancestral. A forma do altar era quadrada como a da terra.

Até a época das grandes mudanças sócio-econômicas, nos séculos dez e onze, o desenho da cidade chinesa manteve em grande parte o seu antigo simbolismo. O prolongado período de desunião política, do século terceiro ao sexto e as sucessivas invasões da China do Norte por povos não chineses, parecem não ter abalado os ritos básicos na construção de cidades. A construção de Ch'ang-an, capital do Império reunificado, primeiro dos governantes Sui e depois dos T'ang, refletiu a influência das necessidades funcionais e simbólicas.

Quais eram as necessidades simbólicas? [19] Como prescreviam os livros rituais, absorvida pela tradição, uma cidade real devia ter as seguintes características: orientação para os pontos cardeais; uma forma quadrada cercada por muralhas; doze portões nas muralhas, representando os doze meses; um recinto interior para abrigar residências reais e os prédios de audiências; um mercado público ao norte do recinto interno; uma rua principal ligando o portão sul, do recinto do palácio, ao portão central, do Sul da muralha da cidade; dois lugares sagrados, o templo real ancestral e o altar da terra, em qualquer lado da rua principal. O significado do desenho é claro. O palácio real no centro domina a cidade e, simbolicamente, o mundo. O mercado, centro de atividade profana, está separado dos centros religiosos. O governante olha para o sul no seu prédio de audiência, onde recebe funcionários e conduz os negócios públicos. Literalmente, ele está de costas para o mercado. Este plano ideal nunca encontrou uma expressão arquitetônica completa. Alguns elementos são muito antigos: por exemplo, a orientação adequada. Outros são relativamente recentes: por exemplo, espaços nitidamente marcados. Uma cidade palaciana interna, separada do mercado e das residências

[19] A. F. Wright, "Symbolism and Function: Reflections on Ch'ang-an and Other Great Cities", *Journal of Asian Studies*, 24, (1965), 667-79.

não reais, parece que surgiu primeiro com a construção de Lo-yang como capital da dinastia Wei do Norte (495-534 d.C.). [20]

A suntuosa cidade de Ch'ang-an não obedecia estritamente ao padrão ideal. Durante o período T'ang, a cidade era um vasto retângulo fechado medindo dez quilômetros no lado leste-oeste e oito no lado norte-sul. A orientação era apropriada e tinha três portões em cada um dos três lados da cidade murada; o seu altar de terra e o templo real ancestral estavam corretamente localizados em relação ao eixo central norte-sul. Porém, o distrito do palácio estava junto à muralha norte em lugar de estar situado no centro; e esta mudança ocupou o espaço dedicado ao mercado oficial, que em T'ang Chang-an estava dividido em duas seções e funcionava nas partes leste e oeste da cidade.

Kublai Khan, capital de Cambaluc (antepassada da moderna Pequim), foi construída sob a supervisão de um arquiteto árabe. Mas seu plano aproximava-se muito dos cânones da cidade tradicional chinesa. Quando Marco Polo visitou Cambaluc, em 1273, pareceu-lhe que a cidade era quadrada, com o conjunto dos três portões obrigatórios ao longo de cada um dos lados das muralhas. As ruas eram retas e largas e dispostas em quadrados, como tabuleiro de xadrez. Dentro do cercado externo havia dois distritos amuralhados e no mais interno estava o palácio de Khan. Sob o domínio dos imperadores Ming, as muralhas de Pequim foram ligeiramente mudadas para o sul. A mudança alterou a forma da muralha, de quadrada para retangular, mas também aproximou os distritos mais internos para mais perto de centro. Os cercados dos subúrbios que se desenvolveram na parte externa da muralha do sul contribuíram ainda mais para perturbar a simplicidade da forma original. A despeito destas alterações, Pequim ainda é um exemplo impressionante do planejamento tradicional de uma cidade chinesa.

A simbolização cósmica no desenho das cidades encontrou na China sua expressão mais categórica, mais do que talvez em nenhuma outra civilização. A capital imperial chinesa era um diagrama do universo. O palácio e o eixo principal norte-sul representavam a Estrela Polar e o Meridiano Celeste. O imperador, no interior de sua mansão suntuosa, controlava o mundo meridional

[20] Ho Ping-ti, "Lo yang, A. D. 495-534: A Study of Physical and Socio-Economic Planning of a Metropolitan Area", *Harvard Journal of Asiatic Studies*, 26 (1966), 52-101.

dos homens. Na Cidade Proibida de Pequim o Wu ou Portão Meridiano dava para a muralha sul. O Imperador era introduzido pelo Portão Meridiano na Cidade Proibida, ao passo que os funcionários civis e militares entravam pelos portões do leste e do oeste. Os Quatro Quadrantes da abóboda celeste transformaram-se nas Quatro Direções ou nas Quatro Estações da rede terrestre. Cada lado do quadrado pode ser identificado com a posição diária do sol ou com cada uma das quatro estações. O lado leste, com seu símbolo do dragão azul, era o lugar do sol levante e da primavera. O lado sul correspondia ao zênite do sol e ao verão, simbolizado pela fênix vermelha da ascendência de *yang*. No lado oeste o tigre branco representava o outono, o crepúsculo, a arma, a guerra. A fria região do norte, que ficava às costas do homem, era simbolizada pelos répteis hibernando, a cor preta, e o elemento *yin* da água. [21].

Este tipo de modelo terrestre do cosmo abrangeu a aristocracia e os agricultores. Este modelo tinha significado para os agricultores persuadidos a depender de certa autoridade central para a regulação do calendário e instalação de sistemas de irrigação. Porém, pouco significava para os artesãos, cujo trabalho não estava regido pelos ciclos da natureza e menos ainda para os comerciantes. Estas profissões ocupavam um lugar inferior na hierarquia social. As cidades ideais, ajustadas a algum modelo celestial, não tendiam a simpatizar com a idéia de comércio. Estes modelos representavam a estabilidade, enquanto o comércio representava crescimento e mudança. Reiteradamente a estrutura da cidade ideal cedeu à pressão da expansão econômica e populacional: adotou novas formas que refletiam mais as leis do mercado do que as leis celestiais. Na China, no passado, o modelo ideal foi repetidamente abalado. No entanto, um fato característico do urbanismo chinês foi a persistência da cidade "cosmolizada" como um paradigma de desenho.

No subcontinente indiano, na época pré-histórica, floresceu a construção de cidades na planície do Indus. Os monumentos arquitetônicos e as cidades da cultura Harapan igualavam em tamanho

[21] F. Ayscough, "Notes on the Symbolism of the Purple Forbidden City", *Journal of the Royal Asiatic Society*, North China Branch. 52 (1921), 51-78; R. Heidenreich, "Beobachtungen zum Stadtplan von Peking", *Nachrichten der Gesellschaft für Natur und Volkerkunde Ostasiens*, 81 (1957), 32-37; T. C. P'eng, "Chinesischer Stadtbau, unter besonderer Berücksichtigung der Stadt Peking", *Nachrichten der Gesellschaft*, n.º 89/90 (1961), 42-61.

e avanço tecnológico àquelas da baixa Mesopotâmia. Talvez como resultado da exploração excessiva do meio ambiente natural, a tradição urbana do Indus declinou e foi finalmente destruída pelos invasores arianos, cuja cultura material era menos sofisticada que a civilização que deslocaram. Os recém chegados eram principalmente lavradores e pastores, sem nenhuma herança arquitetônica da qual orgulhar-se. Nos sistemas de castas brâmanes, os arquitetos e os construtores ocupavam lugares relativamente inferiores na escala social. Os últimos arianos, no entanto, se ocuparam do planejamento e construção de cidades, talvez como resultado de terem absorvido os valores urbanos dos povos que os precederam. Nas *Shilpashastras,* a tradição sagrada tinha em alta consideração a profissão de arquiteto. No começo do período Gupta (320-480 d.C. e provavelmente muito antes, os maiores artífices hindús reivindicavam igualdade espiritual com os brâmanes. [22]

O planejamento de cidades na Índia era investido de autoridade sagrada e escrita. "O lugar apropriado para cada tipo de prédio era exatamente determinado, assim como as medidas dos prédios, até as menores molduras. O conjunto todo era modelado de acordo com o plano de uma cidade no céu; quando o rei desejava construir, chamava o seu arquiteto e dizia: Vá para a cidade dos deuses e procure para mim o plano de seu palácio e construa um igual.'"[23] Os planos idealísticos de cidades que começaram a aparecer na era pós-Mauryan requeriam cidades de forma retangular ou quadradas, orientadas para os pontos cardeis. Cada cidade tinha quatro portões e quatro caminhos principais que convergiam para o palácio no centro. Segundo o *Manasara,* as ruas eram planejadas de modo a dividir o povoado em quadrados apropriados para as diferentes castas e grupos ocupacionais. Assim, os ideais indianos de planejamento de cidades assemelhavam-se aos outros, de civilizações antigas. [24] Por outro lado, até onde se pode afirmar, de acordo com as ruínas arquitetônicas, as concepções indianas sobre o cosmo encontraram maior expressão explícita no desenho de santuários e templos do que no desenho de conjunto de cidades. A idéia de que os povoados humanos representavam um microcosmo existiu certamente no período Mauryan, porém ficou mais na literatura que na argamassa e no tijolo.

[22] Amita Ray, *Villages, Towns and Secular Buildings in Ancient India* (Calcutá: Firma Mukhopadhyay, 1964).

[23] A. K. Coomaraswamy, *The Arts and Crafts of India and Ceylon* (Nova York: Noonday Press, 1964), p. 106.

[24] E. B. Havell, *The Ancient and Medieval Architecture of India: A Study of Indo-Aryan Civilization* (Londres: John Murray, 1915), p. 1-18.

Símbolos arquitetônicos de transcendência

Embora o plano da cidade fosse um modelo bidimensional do cosmo, seu elo com o céu necessitava reforço na forma de símbolos arquitetônicos verticais como terraços, torres, pilares, zigurates, arcos e domos. As cidades sumerianas mostravam muito pouco das simplicidades geométricas do plano ideal. Não eram círculos nem quadrados. Certos edifícios importantes revelavam a preocupação do arquiteto com a simetria e o equilíbrio, mas não pareciam formar parte de um conjunto maior. Os pontos cardeais não tiveram nenhum impacto aparente no desenho. Os palácios e as cidadelas comumente estavam localizados na parte noroeste da cidade, mas aparentemente isto foi em resposta à direção de ventos agradáveis. A simbolização cósmica da cidade estava menos no plano do que na elevação progressiva e isolamento da parte mais sagrada: o conjunto do templo. No quarto milênio antes de Cristo, o conjunto do templo permanecia aberto para os crentes: múltiplas entradas levavam ao santuário. Lentamente, nos períodos proto-letrado e formativo da Suméria, a distância entre o templo e o povo aumentou. No começo, uns poucos degraus foram colocados e depois uma plataforma elevada, como em Al'Uquiar e Uruk no começo do terceiro milênio antes de Cristo. A culminação desta tendência foi o zigurate que apareceu ao redor do ano 2000 antes de Cristo. Em Ur, os três terraços do zigurate chegaram a ter vinte metros de altura. Os templos foram construídos no topo, mas nem sempre: alguns tinham somente um par de chifres e serviam como altares para o sacrifício. O zigurate tinha inúmeros significados simbólicos. Era a rocha sólida que emergia do caos; a montanha que representava o centro do universo; o trono terreno dos deuses; o lugar monumental para a realização dos sacrifícios; e a escada para o céu [25]

A grande idade das pirâmides egípcias durou somente uns poucos séculos. Os zigurates, ao contrário, continuaram a ser uma forma arquitetônica dominante na Mesopotâmia até o colapso do império Neo-Babilônico, no ano 538 antes de Cristo. As cidades da Mesopotâmia, do primeiro milênio antes de Cristo, como Khorsabad (Dur-Sharrukin) e Babilônia, tinham forma mais ou menos quadrada e os cantos apontavam norte-sul, leste-oeste. A sua organização espacial interna também era mais diferenciada e estruturada do que a das cidades sumerianas no terceiro milênio antes de Cristo. Além disso, as cidades Neo-Babilônicas tinham partes

[25] S. Giedion, *The Eternal Present: The Beginnings of Architecture* (Nova York: Pantheon, 1964), pp. 215-41.

arquitetônicas verticais que serviam como lembrança da sua natureza transcendental. A famosa "Torre de Babel", na Babilônia, era um enorme zigurate que se elevava a uma altura de sessenta metros e se chamava *E-temen-an-ki*, "o Templo Fundamental do Céu e Terra". Khorsabad tinha dois monumentos verticais, o zigurate e o palácio, que estava em cima de uma plataforma de quinze metros, de onde se dominava a muralha.

Na China, a capital da antiga dinastia Hang, Ch'ang-an, não tinha forma retangular. Embora ligeiramente orientada para os pontos cardeais, a sua muralha, especialmente no canto noroeste, tinha várias curvas. Estas têm suscitado especulações eruditas de que se ajustam ao padrão das "Inclinações" do norte e do sul. Uma interpretação mais provável é que as curvas se adaptaram às irregularidades do terreno. Dentro do conjunto amuralhado, elevação, mais do que localização central, concedia importância ao palácio Wei-yang. Este tinha sido construído no topo de um terraço quíntuplo de terra socada de quinze metros acima dos campos vizinhos. [26] O uso de plataformas múltiplas e terraços elevados para acentuar a altura e a ligação com o céu desapareceu nos períodos posteriores. A localização central simbolizava altura. Em Pequim, os palácios imperiais e os edifícios públicos estavam localizados no centro de uma série de conjuntos amuralhados. O imperador no seu trono, no prédio das Audiências, olhava com "desprezo" para o sul; ao contrário, a extensa avenida do sul que levava ao palácio através de uma sucessão de portões significava não somente direção para dentro, mas também ascendente.

Os símbolos verticais adotavam diferentes formas (ver Figura 10a, p. 163). Estruturas pontiagudas como os obeliscos, a espiral e o domo acentuam uma direção. O círculo é uma transferência bidimensional do céu para a terra. O domo é um símbolo tridimensional do céu. Pode ser uma tenda dos nômades nas estepes da Ásia Central, o Templo de Deus em Pequim (com o seu telhado de telhas azuis), Santa Sofia em Constantinopla ou a Catedral de São Paulo em Londres. Todas são imagens da abóboda celestial. Devido a razões técnicas, os domos construídos de madeira ou pedra não podiam ultrapassar certo tamanho. No futuro, talvez poderão os domos geodésicos transparentes se estenderem sobre cidades inteiras, mas o seu propósito não será tanto para orientar a atenção para o céu, senão para impedí-la. [27]

[26] C. W. Bishop, "An Ancient Chinese Capital: Earthworks at Old Ch'ang-an", *Annual Report, Smithsonian Institution*, 12 (1938), 68-78.

[27] E. Baldwin Smith, *The Dome: A Study in the History of Ideas* (Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1950).

A crença de que o refúgio ancestral representava a casa cósmica existiu em todo o mundo. Várias civilizações antigas associavam os céus com os tetos de seus refúgios mais reverenciados. Daí os tetos azuis com estrelas se tornarem tradicionais nos túmulos egípcios e palácios babilônicos e arcas crivadas de estrelas continuarem a ser usadas nos templos gregos e romanos. Na tradição da Ásia Central a tenda, especialmente a do xamã, era uma casa cósmica. Os reis Acamínedes da Pérsia celebravam audiências e festivais em uma tenda cósmica, embora vivessem a maior parte do tempo em palácios construídos de madeira, tijolo e pedra. Da Pérsia helenística os reis adquiriram a idéia da tenda divina. Os árabes pré-islâmicos e talvez todos os semitas acreditavam na santidade do refúgio com forma de domo, feito de couro. O domo teve grande importância simbólica para os cristãos. Durante os primeiros séculos, os sacerdotes sírios adotaram o domo para os seus martírios e seus batistérios, imitando em parte os domos helênicos e romanos construídos sobre os seus mausoléus, monumentos comemorativos e termas; nos séculos quinto e sexto, cada vez mais o domo foi usado nas igrejas comuns. A tradição dômica na arquitetura bizantina e a interpretação da igreja como uma réplica do céu na terra refletiram a influência da Síria e esta recebeu influências do Irã, Índia, Palestina e do mundo clássico pagão. Durante todo o período bizantino até fins do século quinze, os teólogos consideraram a igreja como a imagem do universo: a abóboda era o céu e o chão a terra paradisíaca. Os arquitetos renascentistas perpetuaram a importância do domo em consideração à arquitetura dos romanos e pelo conhecimento do seu complexo simbolismo cósmico. As cidades bizantinas e renascentistas poderiam rejeitar outra interpretação mundana, mas não suas igrejas com seus domos apontando para o céu. [28]

Brasília — uma cidade ideal moderna

Neste esboço de cidade ideal (sua base religiosa e simbolismo cósmico) pareceria estarmos examinando um mundo de valores totalmente estranho aos valores e às preocupações modernas. Mas, não é este o caso. As cidades modernas, quando são estabelecidas *ex nihilo,* retêm algo das antigas concepções sobre o lugar do homem no cosmo. Como Meira Penna recentemente assinalou, não somente a Pequim tradicional, mas a Brasília futurística está plena de símbolos expressivos de um desejo comum e profundo de ordenar a terra e estabelecer um elo entre o espaço terrestre e a abóboda celeste [29].

Politicamente, Brasília está construída no interior para romper o domínio do mar na civilização brasileira, para dar *status* à agricultura e à população rural, para explorar os solos relativamente pobres do interior e as possíveis riquezas minerais e infundir na cidadania o sentido de Brasil como uma nação continental, de vasta extensão e potencialidade. A capital representa o Ego coletivo do país. Esta nova consciência do Ego vai desabrochar na compacta floresta verde do Brasil. O local da capital já foi tocado pelo mito. No último quarto do século dezenove, Dom João Bosco, enquanto viajava pelo Brasil foi abençoado com uma visão profética. Ele relatou ter visto "uma grande civilização aparecendo em um planalto nas margens de um lago entre os paralelos 15 e 20". João Bosco foi um educador italiano canonizado pela Igreja Católica. Parece, agora, que o santo não somente profetizou corretamente a localização geral da cidade, como também o seu sítio próximo de um lago. Na verdade, aí não existia um lago. Foi criado artificialmente para propiciar um ambiente agradável e também para abastecimento de água para a capital. O lago foi planejado antes da própria cidade. [30]

Os fundadores das antigas cidades consultavam astrólogos e geomantes; eles pouco se preocupavam com o econômico das suas aventuras "cosmolizadoras". De acordo com esta tradição, a contabilidade racional das realidades financeiras e econômicas não desempenhou nenhum papel importante na criação da moderna Brasília. O presidente Kubitschek deixou de lado custos e orçamentos na busca de sua visão. Como o presidente não era um rei-deus, seu ato precipitado provocou muita controvérsia. O arquiteto Lúcio Costa também foi criticado por rejeitar a opinião de que uma nova capital só poderia ser construída após um estudo cuidadoso da região e pelo menos depois do desenvolvimento de alguns meios de comunicação. Para ele, a capital artificial não é um organismo que cresce lentamente do chão, mas um mundo completamente concebido para ser colocado no terreno. Ele escreve que fundar uma cidade "é um ato deliberado de possessão, um gesto na tradição colonial dos pioneiros, a domesticação do selvagem".

O plano de Costa para Brasília é uma simples cruz. Lembra, de um lado, a tradição dos primeiros colonizadores portugueses que levantaram uma cruz para selar a sua posse da descoberta de um

[28] Karl Lehmann, "The Dome of Heaven", *The Art Bulletin* (Março 1945), pp. 1-27.

[29] J. O. de Meira Penna, *Psychology and City-Planning: Peking and Brasília* (Zuric, 1961), pp. 20-47.

[30] Philippe Pinchemel, "Brasília —ville symbole ou le mythe devenu réalité", *La Vie Urbaine,* 3 (1967), 201-34.

novo país: Cristo, o Kosmokrator venceu o caos. Por outro lado, lembra a antiga e sagrada tradição de dividir a terra por duas linhas que se cruzam apontando para as direções cardeais.

Um dos eixos de Brasília é curvo. O plano tem sido muitas vezes comparado com a forma de um pássaro ou de um avião. As asas norte e sul são zonas residenciais e o eixo monumental leste-oeste é o corpo. Brasília é um pássaro que pousou na terra, uma nova Jerusalém descendo do céu de Deus. Na psicologia de Jung, o pássaro é também um símbolo de salvação, um sinal de espiritualização. Da potencialidade verde do interior selvagem do Brasil o espírito do homem se eleva para o céu. Se esta interpretação do plano da cidade parece forçada, podemos observar a catedral de Niemeyer — um símbolo mais explícito de transcendência. A catedral é uma estrutura que se eleva sobre dezesseis botareus paraboloides que sustentam o telhado transparente. Para nela entrar, o devoto precisa primeiro atravessar o interior da terra e passar, simbolicamente, através "do vale sombrio da morte". Dentro, ele é subitamente iluminado de fora: seus olhos são conduzidos pela ondulação para a fonte de luz e de bendição.

CAPÍTULO DOZE

ambiente físico e estilos de vida urbana

A maioria das cidades, senão todas, realiza algum gesto público buscando o transcendental, exibindo um monumento ou uma fonte, uma praça ou um bulevar que é mais espaçoso do que as necessidades do tráfego mundano. No período pós-renascentista do mundo ocidental, estes símbolos tendem a perder significância, no crescimento esparramado da cidade. Aqui e acolá um governante poderoso pode impor uma regularidade geométrica para exibir seu senso de grandeza; mas que tende a ser absorvida pelos "arredores avermelhados" de vielas emaranhadas e de casebres miseráveis.

Meios ambientes e estilos de vida

O estilo de vida de um povo é a soma de suas atividades econômicas, sociais e ultraterrenas. Estas atividades geram padrões espaciais; requerem formas arquitetônicas e ambientes materiais que por sua vez, após terminados influenciam o padrão das atividades. O ideal é um aspecto do estilo de vida total. Conhecemos o ideal porque é freqüentemente verbalizado e ocasionalmente subs-

tanciado em obras que perduram. As forças econômicas e sociais contribuem de forma extraordinária na definição de estilos de vida, mas, ao contrário dos impulsos idealísticos, carecem de auto-consciência. Os estilos de vida dificilmente são verbalizados e desempenhados conscientemente. Na maioria dos casos chegamos a compreender algo do estilo de vida de um povo, incluindo a sua atitude em relação ao mundo somente através da evidência acumulada dos atos diários e do caráter das circunstâncias físicas onde ocorrem. Ao tentar descrever as atitudes dos povos analfabetos, em relação ao meio ambiente, tenho considerado suas lendas e cosmografias, assim como seus ambientes físicos e as atividades aí desenvolvidas. Os valores ambientais dos povos urbanos no passado, não podem ser conhecidos de outra forma. Somente podemos imaginar baseando nossas suposições nos ideais expressados e nos padrões diários de trabalho e recreação das pessoas no meio urbano. Os ideais das comunidades poderosas e integradas podem encontrar expressão material de grande magnitude: este foi o tema do capítulo anterior. Agora vamos tratar das atitudes e estilos de vida dos cidadãos comuns, cuja capacidade é limitada para alterar o mundo que habitam.

Uma cidade grande tem muitos tipos de meios ambientes físicos. Vejamos uma cena de rua. A rua parece ser um tipo de meio ambiente físico bem específico, mas na realidade o seu caráter e uso podem variar enormemente. Em um extremo é uma viela de terra ou calçada de seixos, estreita e tortuosa, apinhada de gente se acotovelando e carroças, um lugar que bombardeia os sentidos com ruído, cheio e cor. No outro extremo é uma avenida ampla e reta, bordejada de árvores e muros inexpressivos, um imponente espaço quase sem vida.

A maneira como as pessoas respondem às cenas de rua depende de muitos fatores. Para os transeúntes os meios de transporte são importantes. Até a recente popularização dos veículos motorizados a maioria das pessoas andava à pé. Na verdade, os ricos sempre puderam se dar ao luxo de se locomover por outros meios e ver a vida urbana de um ponto privilegiado: de cima de um cavalo, da privacidade de uma liteira ou de uma carruagem, mas poucos eram ricos. Na Europa, à partir de meados do século dezenove, mais e mais pessoas das classes médias e operárias começaram a utilizar, primeiro o bonde puxado a burro, depois o bonde elétrico e nos últimos cinqüenta anos, o ônibus e o automóvel. Em geral, pode-se observar a seguinte mudança no equilíbrio entre andar à pé e outros meios de locomoção. Na Idade Média os pedestres ricos e pobres se acotovelavam nas vielas apinhadas de gente. A hierarquia social era rígida, mas não houve manifestação

da ordem espacial quanto ao local onde as pessoas viviam ou como se movimentavam. A partir do século dezessete, com o uso crescente de carruagens pelos ricos, se produziu uma separação, tanto espacial como social entre as pessoas. Nas ruas e mercados, cada vez mais foi diminuindo a mistura das classes sociais. As calçadas, que eram caminhos demarcados pelos postes na via pública central, apareceram na Inglaterra, no século dezoito. Elas foram projetadas para proteger os pedestres contra o desordenado tráfego sobre rodas. No entanto, até o começo da era vitoriana os pedestres, mais do que as carruagens dominavam as cenas de rua. Funcionários, comerciantes e operários comprimiam-se nas calçadas em suas idas e vindas do trabalho, no centro de Londres. Por exemplo, diariamente, sem pagar pedágio, cruzavam o rio Tâmisa, cerca de 100.000 pessoas pela ponte de Londres e 75.000 pela ponte de Blackfriars.[1] Na segunda metade do século dezenove, veículos de todos os tipos freqüentemente produziam congestionamentos nas ruas de Londres, mas ainda os veículos transportavam apenas uma pequena parte do tráfego total de pessoas. O contraste com o moderno bulevar americano é surpreendente. Em Los Angeles as ruas podem estar congestionadas com carros enquanto as calçadas estão relativamente vazias; e mesmo em meados do século vinte havia distritos de Los Angeles sem calçadas. Assim como na viela medieval, também no moderno bulevar, misturam-se livremente as pessoas de diferentes condições de vida, porém na moderna via expressa não há contato, porque cada pessoa (ou cada pequeno grupo de pessoas) está encapsulada em uma caixa de metal motorizada.

As horas do dia em que usamos as ruas da cidade, afetam a nossa percepção e avaliação das mesmas. Muito se tem falado sobre a pobreza estética das modernas áreas urbanizadas comparadas com os esplendores visuais das cidades tradicionais. Mas, como as julgaríamos à noite? Até o aparecimento da iluminação das ruas a gás, o que não era nada comum antes dos fins do século dezenove, as cidades — não importa quão coloridas pelo sol — mergulhavam na escuridão após o crepúsculo. As ruas e os mercados, barulhentos mas amistosos durante o dia, tornavam-se lugares perigosos. Na época medieval era comum o toque de recolher após o escurecer: para garantir a paz, os portões e as portas eram trancados e os logradouros públicos ficavam sem gente. O ritmo da vida urbana era ditado pelo sol. Tantos os agricultores, como a gente da cidade se levantavam cedo e se recolhiam, após o escurecer, para a privacidade de suas casas mal iluminadas. Isso foi tão

[1] G. A. Sekon, *Locomotion in Victorian England* (Londres: Oxford University Press, 1938), p. 9.

verdadeiro na Roma Imperial como em T'ang Ch'ang-an; tão aplicável à Florença renascentista quanto à Londres georgiana. Na Roma Imperial, os espetáculos públicos eram necessariamente durante o dia. As festas particulares se prolongavam durante a noite, mas como Petrônio disse, quando os convidados embriagados regressavam às suas casas corriam o risco de se perderem no labirinto de ruas escuras e sem nomes. Em um evidente contraste, agora a imaginação popular considera vida noturna como vida urbana. O turbilhão social, nas cidades modernas, aumenta após o escurecer. E é após o escurecer que mesmo as ruas pardacentas da cidade, com suas fileiras de indiscritíveis lugares de "comer", postos de gasolina, locais de venda de carros usados, adquirem um eficiente brilhantismo de luz e cor, que com toda certeza teria assombrado os cosmopolitas da era do lampião de gás. A seguir examinaremos algumas cidades, para uma apreciação mais detalhada das variações dos estilos de vida urbana.

Ch'ang-an e Hang-chou

As cidades, na China tradicional, eram principalmente de dois tipos: político e comercial. Os centros políticos apareceram principalmente em resposta à filosofia política da administração centralizada e os centros comerciais em resposta à economia de mercado. As visões antigas sobre o homem e a sociedade no cosmo deixaram sua marca na cidade política. Já vimos como sua geometria e hierarquia espacial se adaptavam às crenças cosmológicas. O princípio fundamental era a ordem. Em comparação, a cidade comercial carecia de ordem social e espacial. O que a distinguia era a vida urbana variada, mais do que o esplendor arquitetônico. As cidades políticas foram construídas rapidamente, segundo um padrão idealizado. Ao contrário, a estrutura física da cidade comercial cresceu lentamente de acordo com o aumento da população. À medida que a atividade econômica e a população aumentavam a cidade política perdeu sua geometria retangular simples. Dentro das muralhas da cidade, as lojas se esparramaram além de seus distritos pré-fixados; além dos portões da cidade surgiram novos mercados e subúrbios que sobrepujaram o núcleo original, de simetria planejada, com seu pujante crescimento desordenado. Conseqüentemente, uma cidade comercial poderia ter sido escolhida como centro administrativo ou até mesmo como capital imperial. No entanto, uma mudança de *status* como esta dificilmente era acompanhada por uma transformação em grande escala da estrutura urbana.

Durante o período Han (202 a.C. — 220 d.C.) a característica da cidade política e idealizada era uma sucessão de retângulos amuralhados. Dentro dos muros da cidade o povoado estava dividido em distritos, seu número variando de acordo com o tamanho da cidade. Ch'ang-an, na dinastia Han, possuía 160 distritos, separados uns dos outros por muralhas e ruas intercaladas. Na época Han, cada distrito se abria para a rua apenas por uma porta e continha até 100 casas-família, cada uma sendo novamente rodeada por um muro. Vielas muito estreitas conduziam até os portões de cada casa-família. Os habitantes para sair da cidade tinham que passar por um conjunto de três portões: o da sua casa, o do seu distrito e o da sua cidade. Mais ainda, todos os portões tinham guardas e à noite eram fechados. A cidade tinha algumas das características de uma enorme prisão. Durante a dinastia T'ang (618-907 d.C.) o rígido código que governava a vida da cidade foi em parte abrandado. Os distritos passaram a ter quatro portões em lugar de um e na segunda metade do oitavo século o bairro do mercado podia permanecer aberto durante a noite. [2]

A Ch'ang-an dos imperadores T'ang era colossal. A muralha da cidade cercava uma área de aproximadamente setenta e oito quilômetros quadrados, dividida por uma rede de amplas avenidas, das quais onze corriam na direção norte-sul e quatorze na direção leste-oeste. Entre os intervalos das avenidas existiam mais de cem distritos amuralhados. Cerca de um milhão de pessoas vivia no conjunto amuralhado. Funcionalmente, a cidade estava dividida em um distrito oficial, localizado na parte central e norte, em dois mercados, instituídos oficialmente que serviam as metades oeste e leste da cidade e em bairros residenciais separados uns dos outros por muros e amplas avenidas. Como na cidade de Han, as muralhas eram ubíquas. Os portões e as portas fechavam ao pôr do sol e abriam ao nascer do sol. A vida privada dos ricos era verdadeiramente privada. Os quartos se abriam para pátios interiores e jardins. A beleza era escondida dos olhos do público, que das vielas e ruas só podia ver muros lisos. Dentro dos limites do domicílio privado podia-se contemplar todas as espécies de deleites sensoriais: a intimidade das relações humanas, a intimidade do jardim privado que se abria para o mundo de fora apenas através do céu e no silêncio geral e na quietude, uma percepção mais intensa para os delicados sons e fragrâncias do interior da casa, mas também para os lá de fora, que se introduziam através do portão e por cima dos muros. Em contraste, os mercados refletiam as necessidades e vitalidade de uma cidade cosmopolita.

[2] Ichisada Miyazaki, "Les villes en Chine à l'époque des Hans", *Toung Pao*, 48 (1960), 378-81.

O mercado da zona oeste, o mais próspero dos dois, era um ativo conglomerado de bazares e armazéns barulhentos e multilíngües. As pessoas vinham não somente para comprar, mas também para encontrar amigos e bisbilhotar; os estudantes discutiam filosofia e política. Além disso, visitantes e clientes se divertiam com os prestidigitadores e ilusionistas de todas as nacionalidades, contadores de estórias, atores e acrobatas.

O mercado borbulhava de vida. As amplas avenidas, apesar de bem mantidas, eram tranqüilas. Trilhas de pedestres, valas de escoamento e árvores frutíferas se alinhavam ao longo dos principais caminhos de carruagens; algumas das avenidas mediam mais de 137 metros de largura (quatro vezes a largura da Quinta Avenida, de Nova Iorque). Porém não tinham grandes empórios nem havia muito tráfego de veículos, apesar da grande quantidade de população. Estas avenidas curiosamente não pareciam "ruas" como as concebemos. Não eram vias de comunicação que ligavam as pessoas de diferentes partes da cidade, mas sim espaços abertos para manter as pessoas separadas. Se durante o dia o tráfego nessas avenidas era pequeno, tornava-se inexistente após o escurecer. Com o fechar dos portões a vida se voltava para a intimidade das casas. [3]

A cidade política de Ch'ang-an refletia os ideais de uma cultura aristocrática. No final da dinastia T'ang, esta cultura declinou, à medida que o poder e os ideais da burguesia ascendiam. Foram abrandados os códigos que regiam o comportamento da sociedade. O ativo mercado da zona oeste se expandiu além de seus limites para as zonas residenciais vizinhas. Os portões permaneciam abertos à noite. Cafés e bares se multiplicaram, bem como as casas públicas de prostituição, para atender as necessidades dos jovens que ascendiam à crescente classe dos comerciantes. O processo de mudança para uma economia mercantil continuou e se acelerou durante a dinastia Sung (960-1279 d.C.). A capital meridional da dinastia Sung foi estabelecida em Hang-chou, uma cidade que adquiriu importância comercial antes que adquirisse um eminente *status* político como sede do imperador. Ch'ang-an e Hang-chou eram grandes centros metropolitanos de numerosa população, porém tinham estilos de vida urbana completamente opostos: uma era austera e imperial e a outra grosseria e extravagante. A diferença é indicada pelo contraste na densidade da população, a média de Ch'ang-an era de 55 pessoas por 4000 metros quadrados e a de Hang-chou era de 200 pessoas.

[3] E. H. Schafer, "The Last Years of Ch'ang-an", *Oriens Extremus,* 10 (1963), 133-79.

O formalismo de capital T'ang quase passa desapercebido nas áreas densamente edificadas da cidade meridional Sung. As muralhas de Hang-chou tinham formas irregulares. Tinha treze portões distribuídos desigualmente, em lugar dos doze exigidos. O centro da cidade estava ocupado com o principal mercado de porcos, ao invés da residência do imperador. O conjunto do palácio estava localizado na extremidade sul. Ao contrário das avenidas de Ch'ang-an, que eram pouco usadas, as de Hang-chou pululavam de gente a pé, a cavalo, em liteiras e em carretas. Além das ruas, a cidade era servida por canais, com um pesado tráfego de barcaças carregadas com arroz, barcos sobrecarregados com carvão, tijolos, telhas e sacos de sal. Dentro dos muros da cidade havia um sistema de canais com mais de cem pontes e quando eram arqueadas e uniam vias com intenso movimento, congestionavam o tráfego com uma massa barulhenta de carruagens, cavalos, burros e carregadores. Enquanto as ruas de Ch'ang-an estavam bordejadas por árvores e pelos muros lisos dos bairros residenciais, as de Hang-chou estavam bordejadas por lojas e moradias que se abriam para a rua. Fora do Caminho Imperial, a densidade da população excedia a 325 pessoas por cada quatro mil metros quadrados. A falta de terra obrigou os edifícios a terem de três a cinco andares. A atividade comercial permeava a cidade e seus subúrbios: um visitante podia ver, em quase todos os lugares, lojas vendendo macarrões, frutas, incensos e velas, óleo, molho de soja, peixe fresco e salgado, porco e arroz. Algumas casas de chá no Caminho Imperial, eram casas barulhentas de má fama, nas quais cantoras divertiam os fregueses. O mercado de porcos mais importante não estava longe da artéria principal. Várias centenas de animais eram abatidos diariamente nos matadouros, que abriam logo após a meia noite e fechavam ao amanhecer. Até que os conquistadores mongóis impuzeram o toque de recolher, a vida da cidade de Sung Hang-chou continuou quase com a mesma animação até bem tarde da noite. Embora a iluminação pública provavelmente não existisse, as lanternas multicoloridas iluminavam as entradas e pátios de restaurantes, tavernas e casas de chá. [4]

Atenas e Roma

Houve uma diferença de 500 anos entre o desenvolvimento máximo da cidade Ch'ang-an da dinastia T'ang e o da cidade Hang-chou da dinastia Sung. Ambas foram grandes capitais; afora

[4] J. Gernet, *Daily Life in China on the Eve of the Mongol Invasion 1250-1276* (Londres: Allen and Unwin, 1962).

isso, os estilos de vida urbana pouco tinham de comum, assim como suas estruturas físicas. A Atenas de Péricles e a Roma de Augusto estavam separadas por meio milênio. Durante este espaço de tempo ocorreram importantes mudanças na sociedade e na economia com efeitos óbvios tanto na percepção como no comportamento das pessoas em seu meio ambiente físico. Uma das razões foi que a população da Roma Imperial provavelmente foi dez vezes maior do que a da Atenas helenística. Embora estas cidades, marcos de uma época, compartilhassem de certos traços comuns, o mais evidente foi o labirinto de ruas tortuosas. A este respeito, Atenas se parecia mais com Roma do que com as cidades helênicas, que adotavam o padrão reticular hipodâmico. Outro traço comum era a importância da ágora ou foro, instituições públicas e mercados onde as pessoas de Atenas e Roma podiam se congregar e experienciar um enriquecimento de suas vidas através da participação nos símbolos e realidades de um mundo maior.

Os gregos se regozijavam com a vida pública. Eles tendiam a denegrir a vida privada por estar ligada aos monótonos, irrelevantes ciclos de natureza orgânica. As atividades pertinentes à esfera privada da família eram naturalmente reconhecidas como essenciais para a sobrevivência e bem estar, mas os gregos entretanto preferiram relegá-las àqueles que, na sua concepção, não alcançavam a plena dignidade humana: crianças, mulheres e escravos. Esta atitude geral para com a vida se refletia na arquitetura das antigas cidades gregas, nas quais era evidente o grande contraste entre a magnificência dos edifícios públicos a modéstia e miséria dos alojamentos privados.[5] As ruas eram estreitas, tortuosas e a maioria sem calçamento. Mesmo as vias retilíneas das novas cidades hipodâmicas, raramente ultrapassavam alguns metros de largura e a maioria das ruas na Atenas do século quinto, eram ainda mais estreitas. A pavimentação era usada provavelmente nas partes das ruas que tinham tráfego pesado e nas declividades sujeitas à erosão. Não havia calçadas. Pode-se imaginar o que deve ter sido andar em ruas sem pavimento, após a chuva. Aristófanes nos conta como os velhos míopes tateavam os seus caminhos ao longo das vielas estreitas, queixando-se do barro e da argila. A questão do saneamento de Atenas é um assunto obscuro. Antes do quarto século provavelmente era mínimo. Os dejetos e lixo das piores espécies eram descuidadamente lançados nas ruas sem outro aviso aos pedestres, que um grito perfunctório, *existo* —

[5] G. Glotz, *The Greek City and Its Institutions* (Londres: Routledge and Kegan Paul, 1965), p. 302.

"fique fora do caminho". Deve ter sido difícil andar com dignidade. Embora fosse dito aos atenienses que não deviam "andar olhando para cima" ou flanar, eles deviam ter suficiente dignidade para não ficar olhando indolentemente na rua.

Pode não ter sido grande a tentação de andar devagar, havia muito pouco para ver. Muitas das ruas eram limitadas por muros lisos de casas voltadas para o interior e em lugar de janelas, somente tinham fendas, quando ostentavam dois andares. Algumas ruas, no entanto, tinham atividades especializadas que poderiam tentar os pedestres a perambular. Marceneiros em uma rua, oleiros em outra e os escultores de hermas em uma terceira, clamavam pela atenção dos transeúntes. A praça do mercado era onde os atenienses desfrutavam o pleno sabor da vida urbana. O próprio povo coloria a cena, pois nem todos se vestiam de branco. A túnica e o manto geralmente eram esbranquiçados, mas os jovens usavam trajes púrpura, vermelho, verde e preto. As mulheres eram as únicas que podiam usar o amarelo. Porém, as mulheres ricas dificilmente apareciam no mercado porque os homens e os escravos faziam as compras e ao mesmo tempo desfrutavam das inúmeras atrações da ágora. Cada produto tinha sua própria banca, o que permitia aos atenienses marcar encontros com seus amigos nas bancas "de peixe" ou "de queijo verde" ou "de figos". Comprar e vender eram atividades barulhentas. As pessoas pechinchavam sobre preços. Os vendedores apregoavam suas mercadorias. Ao redor da área central de comércio havia lojas de barbeiros, perfumistas, sapateiros, seleiros e vendedores de vinho. Em sua vizinhança estavam os peristilos sombreados. Depois das compras, uma ocupação agradável e ociosa era encontrar-se com os amigos para discutir as notícias do dia, política ou questões abstratas. As discussões freqüentemente se realizavam na barbearia, na sala de espera do médico ou em qualquer outra loja, transformando-as assim, em um tipo de clube ou sala de aula. Após o almoço, o cidadão podia visitar um ginásio para fazer exercícios e também conversar. O ateniense, rico ou pobre, se levantava ao amanhecer e se recolhia cedo. A noite era tranqüila e aqueles que desejassem estudar ou ultimar negócios ficavam acordados até tarde e trabalhavam à luz de candeia. Demóstenes preparava quase todos os seus discursos após o escurecer.[6]

A Roma imperial combinava a magnificência dos lugares públicos com as condições de vida da maior miséria e sujeita de sua

[6] T. G. Tucker, *Life in Ancient Athens* (Londres: Macmillan, 1906); A. H. M. Jones, *The Greek City from Alexander to Justinian* (Oxford: Claredon Press, 1940).

enorme massa de populacho, que no segundo século depois de Cristo, excedia a um milhão.[7] Monumentos magníficos estavam colocados como pérolas em uma densa e rudimentar rede de estreitos becos lúgubres e cortiços deteriorados. Os edifícios monumentais, para a mente moderna, implicam visões deslumbrantes ao longo de amplas avenidas. Porém, Roma apesar de sua bem conhecida reputação na construção de estradas, notoriamente carecia de avenidas para atender as necessidades do tráfego e igualar a grandeza de seus monumentos. Dentre a densa rede de ruas romanas, somente duas, no interior da velha muralha republicana, eram largas suficiente para permitir a ultrapassagem de carros e por isso ganharam o nome de *via*.

As estradas que saíam de Roma para a Itália, como a Via Ápia e a Via Latina, variavam de cinco a um pouco mais de seis metros de largura. As ruas comuns da cidade eram muito mais estreitas. Muitas eram simples passagens e trilhas. As ruas pareciam mais estreitas porque as casas altas de ambos os lado interceptavam a luz do sol e transformavam as ruas em túneis escuros. Acrescentavam talvez algo ao pitoresco, mas certamente nada à conveniência, estas vielas constantemente ziguezagueavam e nas Sete Colinas subiam e desciam ladeiras íngremes. Trilhas de pedestres ou calçadas eram raras. Ao contrário de Pompéia, as ruas da Roma imperial, em geral, não eram pavimentadas. Sujeira e dejetos das casas adjacentes diaramente poluíam as ruas. Nas noites sem lua as ruas se submergiam na escuridão e perigo. As pessoas se apressavam em voltar para casa e barricavam as entradas. Mas, ao contrário de Atenas, as ruas de Roma podiam ser muito barulhentas à noite. O motivo remonta ao tempo de César que, para diminuir os graves congestionamentos de tráfego em Roma, decretou que não podiam circular carroças de transporte nas ruas, do amanhecer até quase o escurecer. Isto significava que à medida que a noite se aproximava, todo tipo de veículo com rodas convergia para a cidade, saturando-a com seu barulho. Segundo Juvenal, o incessante alarido do tráfego noturno condenava os sensíveis romanos à uma insônia permanente.

O excessivo apinhamento tornava as ruas estreitas e as casas altas. Os domicílios em Roma eram basicamente de dois tipos: as casas horizontais dos ricos, que foram influenciadas pela arquitetura helenista e os blocos de apartamentos (*insulae*) dos pobres. Enquanto as *insula* abriam para a rua, a casa particular *(domus)*

[7] Este item sobre Roma está baseado em Jérôme Carcopino, *Daily Life in Ancient Rome*, trans. E. O. Lorimer (New Haven: Yale University Press, 1940).

mostrava um muro compacto. A proporção de blocos de apartamentos em relação à casa particular era de vinte seis para uma, de maneira que a cena de rua era em grande parte dominada pelas altas e frágeis estruturas que alcançavam até cinco ou seis andares e comumente desmoronavam-se. O barulho dos edifícios desmoronando-se ou sendo demolidos para construir outros um pouco melhores, acentuava a permanente atividade da cidade. O fogo era uma ameaça constante e preocupava tanto o rico como o pobre.

As casas altas tinham muitas janelas grandes, porém pouco serviam. Esquecemos que as vidraças aumentaram grandemente nosso controle do mundo, permitindo-nos observá-lo com todo conforto. As venezianas, ao mesmo tempo que impediam a entrada do frio e chuva, do calor do verão ou vento do inverno, excluiam também, todo raio de luz: o preço do conforto era, de fato, a exclusão do mundo. Os interiores dos blocos de apartamentos eram pequenos, escuros, inconfortáveis e insalubres: da rua, no entanto, podiam parecer atrativos. Um romano do começo do século vinte, não apenas se sentiria confortável vivendo em uma das amplas ruas ladeadas de *insulae* como poderia até comparar favoravelmente as fachadas, com as que ele via nos distritos mais pobres de sua época. Quase todos os exteriores das *insulae* eram parecidos. Suas janelas e portas eram mais largas do que as dos *casoni* do período moderno. Onde as ruas eram suficientemente largas, as fachadas dos apartamentos eram suavizadas por uma variedade de balcões e *loggias* sobre pórticos, com pilares e balaustradas decoradas com plantas trepadeiras. O andar térreo das melhores casas de apartamento era alugado como uma única unidade, para um inquilino rico, adquirindo assim o *status* de *domus*. Nas *insulae* humildes, o andar térreo podia estar dividido em tendas e lojas (as *tabernae*) que davam para a rua.

Apesar do tamanho de Roma, da estratificação da sociedade, e do abismo que separava o rico do pobre, a cidade carecia de um zoneamento social e ocupacional. Na Roma dos Césares não existia o conceito de "distrito apropriado": patrícios e plebes se acotovelavam em todos os lugares. Mesmo as oficinas e indústrias estavam bem dispersas. Os operários viviam disseminados por quase todos os cantos da cidade. Frágeis casas de apartamentos e suntuosas mansões se alternavam estranhamente com armazéns, moradias de operários e oficiais. O barulho da cidade era aumentado pelo ruído das ferramentas dos trabalhadores, pela atividade de seu trabalho, seus gritos e palavrões. A intensa animação que inundava as ruas romanas, após o amanhecer, quando as *tabernae* abriam para negociar, foi fielmente retratada por Carcopino.

> Aqui barbeiros fazem a barba de seus fregueses no meio da rua. Lá os mascates de Transtiberina passavam trocando seus pacotes de fósforos de enxofre por berloques de vidro. Acolá, o dono de uma casa de pasto, rouco de chamar os ouvidos surdos, exibia suas salsichas, na panela. Professores e seus alunos ficavam roucos de tanto gritar entre eles. Em um lado, um trocador de dinheiro tilintava suas moedas... em uma mesa suja, em outro um moedor de ouro em pó o malhava com seu brilhante macete, na sua pedra desgastada. Nas esquinas se formavam círculos de ociosos boquiabertos, ao redor de um encantador de serpentes; por toda parte ressoavam os martelos dos remendões e as vozes trêmulas dos mendigos invocavam o nome de Bellona ou repetiam suas desventuras e desgraças para comover o coração dos transeuntes [8].

O entardecer não trazia necessariamente a paz, porque com o pôr do sol as carroças começavam a invadir a cidade. Onde, então, os romanos podiam encontrar uma certa privacidade e tranqüilidade? Os ricos podiam se retirar às suas casas e jardins suburbanos, que, ao redor do século dois depois de Cristo, formavam uma espécie de Cinturão Verde ao redor da cidade central. O povo se valia dos lugares relativamente tranqüilos no centro de Roma: por exemplo, os foros e as basílicas, uma vez terminadas as audiências judiciais e os jardins do imperador que eram abertos ao público. No Campo de Marte, as divisões de mármore (*saepta*), os saguões e pórticos sagrados proporcionavam um abrigo do sol, um refúgio da chuva e vento, um lugar onde até o mais desgraçado podia descansar entre obras de arte. Os banhos proporcionavam relaxamento e várias classes de prazer para ricos e pobres. O número de banhos, ao redor do primeiro século depois de Cristo, quase atingia um milhar. As *thermae* mais opulentas ostentavam todo tipo de banho, assim como, lojas, jardins internos, passeios, ginásios e salas de massagem e até bibliotecas e museus. A maioria da população da cidade era miseravelmente pobre: suas moradias e lugares de trabalho eram fétidos. No entanto, comparado ao trabalho sem remuneração e às vidas incolores dos camponeses, os citadinos desfrutavam da variedade, excitação e divertimento únicos de Roma. Mesmo o mais desgraçado plebeu tinha, na cidade, acesso à animação das *palaestra*, o calor dos banhos, a alegria dos banquetes públicos, a esmola dos ricos e a mgnificência dos espetáculos públicos. [9]

[8] Carcopino, *Ancient Rome*, pp. 48-49.
[9] J. P. V. D. Balsdon, *Life and Leisure in Ancient Rome* (Nova York: McGraw-Hill, 1969).

A cidade medieval

A vida na rua, em uma grande e importante cidade medieval, tinha o mesmo tipo de atmosfera da antiga Roma; isto é, o mesmo apinhamento, atividade, barulho, cheiro e cor produzindo uma intensa animação e confusão que nos tempos modernos só são encontrados nos bazares das cidades africanas e orientais. O gosto pela pompa pública foi outro traço compartilhado. As cidades medievais não podiam, é certo, igualar aos grandiosos espetáculos da Roma imperial, mas elas aproveitavam todas as ocasiões sagradas ou seculares, como pretexto para celebrações. Existiam muitas dessas oportunidades. Por exemplo, em Londres, as celebrações realizadas no dia do Prefeito se repetiam na Páscoa, no Pentecostes, no Verão e nos dias dos santos. As visitas reais requeriam espetáculos, mas até a transferência de um preso de uma prisão para outra se transformava em uma ocasião de festa. [10] As catedrais freqüentemente eram centros de desfile e procissões. Além de sua proeminência e tamanho, as catedrais na Idade Média — como os templos gregos na antigüidade — sobressaiam por sua brancura, uma brancura realçada pelo contraste com as decorativas obras de silharia e estatuária pintadas com cores brilhantes. Edifícios e casas comuns, tanto no mobiliário interno como externo, usualmente exibiam nuanças brilhantes, e o mesmo acontecia com os trajes dos homens e mulheres. Durante uma festa, a rua medieval mantinha uma intensidade de vida, um bombardeio dos sentidos, que dificilmente o homem moderno pode imaginar.

Comparadas com Ch'ang-an, Hang-chou, Roma ou Bagdá, no oitavo século, as cidades medievais eram insignificantes. A Alemanha Medieval podia ostentar cerca de 3 000 cidades (isto é, povoados com "direitos urbanos" outorgados por um senhor), mas 2 800 tinham menos de 1 000 habitantes. Apenas quinze tinham população que excedia 10 000 pessoas. Ao redor do ano 1 400, a maior cidade, Colônia, atingia 30 000 e Lubec 25 000. Entre as cidades inglesas, somente Londres ultrapassava 10 000, atingindo uma população de mais de 50 000 na época da Peste Negra. Paris provavelmente era maior, mas nenhuma das cidades medievais da Europa aproximava-se das gigantescas cidades da Antigüidade e do Oriente. O que elas tinham em comum era um estilo de vida barulhento e colorido, que se originava do denso agrupamento de pessoas e ocupações. [11]

[10] Charles Pendrill, *London Life in the 14th Century* (Londres: Allen and Unwin, 1925), pp. 47-48.
[11] Fritz Rörig, *The Medieval Town* (Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1961), p. 112.

Os povoados medievais eram individualmente diferentes. Eles também compartilhavam certos traços morfológicos e arquitetônicos. Por exemplo, as fortificações tendiam a dominar o plano físico das cidades medievais, especialmente na Europa Continental. Quando o visitante se aproximava de uma cidade podia ver à distância uma silhueta de torres e torrinhas; mais perto, ele se defrontaria com um sólido baluarte, um fosso em frente e atalaias salientes em intervalos regulares. Até bem avançado o século doze, mesmo os muros das cidades maiores eram simples. Com o passar do tempo foram se tornando mais elaborados e altos, atingindo alturas entre oito e nove metros. Poucos eram os portões porque necessitavam ser controlados.[12] Nos séculos quinze e dezesseis, os muros e portões tinham perdido muito de seu valor defensivo e adquiriram valor como símbolos. As cidades competiam umas com as outras na elaboração artística de seus portões, para impressionar os dignatários visitantes. Dentro das muralhas, a paisagem urbana estava dominada pelas igrejas, o castelo e (um pouco mais tarde) o paço municipal. Uma floresta de campanários perfurava o céu da Londres de Chaucer: dentro do muro que cercava uma área de menos de dois quilômetros e meio quadrados, havia noventa e nove igrejas matrizes.[13] O paço municipal ganhou importância à medida que suas funções se expandiram. Até o século treze a loja de tecidos era o mais importante edifício público secular. Com o aumento de poder dos burgueses, também aumentou a magnificência arquitetônica dos paços municipais, dos prédios comerciais e outros edifícios públicos, como celeiros, arsenais e pontes.

Na cidade medieval, o excesso de multidão freqüentemente se combinava com campos e espaços abertos. Nas cidades cujas muralhas tinham sido recentemente ampliadas podia-se encontrar junto das mesmas vinhedos, cerejais, hortas e jardins com flores. Na Londres medieval, casas e lojas se comprimiam em ambos os lados das ruas. Alguns prédios tinham somente três a quatro metros de frente por cinco de fundo. Contudo, geralmente havia um jardinzinho no fundo da casa, ou onde as lojas eram construídas em fileiras, um jardim comum podia atender as necessidades de todos os inquilinos. Os grandes espaços abertos no centro das cidades medievais estavam distribuídos ao redor das igrejas. Nestes, além do cemitério, havia terreno disponível para funcionar a feira. O tamanho de muitos dos distritos das igrejas de Londres variava de 8 a 16 mil metros quadrados e incluia áreas abertas razoavelmente grandes. As avenidas eram estreitas, não muito mais largas que as vielas. Mesmo em uma grande cidade como Paris as principais ruas mediam somente cinco a seis metros de largura; outras mediam apenas a metade. Por outro lado, nem todas as ruas do começo da Idade Média eram estreitas. O Cheapside de Londres era suficientemente largo que permitiu a realização de torneios até a época de Henrique VIII. A partir do século treze, as ruas foram se estreitando, cada vez mais à medida que mais e mais comerciantes invadiam-nas.

Em geral, as ruas medievais eram apertadas, tortuosas e fétidas. O calçamento em Londres estava restrito a pequenos trechos. Foi somente no século quinze que importantes cidades como Gloucester, Exeter, Canterbury, Southampton e Bristol, começaram a calçar suas ruas.[14] A chuva transformava certas ruas em canais de lama e para transpô-las muitas pessoas usavam tamancos ou sapatões de madeira sobre argolas de ferro. Não haviam calçadas. A superfície da rua, quando pavimentada, era calçada com seixos. No meio da rua tinha uma vala. Nas ruas mais largas dois canais dividiam-nas em três faixas. Por essas valas escoava todo o tipo de lixo, incluindo (em algumas ruas) o sangue e as sobras dos açougues. Os açougueiros abatiam a maior parte dos animais nas vias públicas. Os matadouros de Londres eram um eterno problema para a cidade. As vísceras e os restos dos animais abatidos eram levados para ser lançados no córrego Fleet. O que pingava dos carros deixava um rastro de fedor ao longo do caminho que ofendia os narizes dos residentes proeminentes. Os protestos surtiam pouco efeito. A confusão e a sujeira das ruas medievais eram agravadas pelos porcos e galinhas que podiam andar soltos e alimentar-se com o lixo.[15]

Sabe-se que anúncios gigantescos, como os dos tempos modernos, empilhavam-se nos lados das ruas, bloqueavam as vistas e punham em perigo a vida das pessoas, desviando do caminho a atenção dos motoristas. Mesmo a Londres medieval teve que enfrentar problemas de uma propaganda ativa. Como nessa época as lojas eram inúmeras, muitos comerciantes usavam letreiros para chamar a atenção para os seus prédios. Os letreiros eram pendurados em varas projetadas, atravessando as ruas. A rivalidade

[12] D. C. Munro e G. C. Sellery, *Medieval Civilization: Selected Studies from European Authors* (Nova York: The Century Co., 1910), pp. 358-61.

[13] D. W. Robertson, Jr., *Chaucer's London* (Nova York: Wiley, 1968), p. 21.

[14] J. J. Bagley, *Life in Medieval England* (Londres: B. T. Batsford, 1960), p. 48.

[15] Robertson, *Chaucer's London*, pp. 23-24.

comercial os estimulava a fazê-los de tamanho enorme e deste modo limitando ainda mais a largura das passagens, que já haviam sido diminuídas pela invasão das lojas. Em 1375 foi decretado que o comprimento dos letreiros não podia exceder dois metros.[16]

O barulho permeava as ruas das cidades medievais do amanhecer até o entardecer. Florença acordava com o repique dos sinos, convidando as pessoas para assistir a primeira missa. Em Londres os sinos tocavam incessantemente. Os pregoeiros estavam em todos os lugares e apregoavam suas mercadorias durante o dia todo. Na Paris do século treze os pregoeiros ao amanhecer "anunciavam que os banhos estavam abertos e a água estava quente; depois apareciam outros apregoando peixe, carne, mel, cebolas, queijo, roupas usadas, flores, pimenta, carvão ou outras mercadorias. Os frades mendicantes e membros de outras ordens andavam por todas as partes procurando esmolas. Os pregoeiros oficiais anunciavam os falecimentos e qualquer notícia."[17] As indústrias contribuiam com sua parte para a cacofonia total. Em Jena foi registrado que "um certo tanoeiro costumava levantar-se à meia-noite e faziam tanto barulho ao colocar os aros nas barricas que punha em perigo a saúde de seus vizinhos, devido à constante perda de sono." Os estudantes que tinham que estudar reclamaram e algumas vezes tiveram êxito em expulsar de suas casas um ferreiro ou tecelão que fazia barulho.[18] Porém, os ruídos aumentavam a animação da cidade. Para os camponeses que visitavam seus primos citadinos a intensidade da vida urbana ao mesmo tempo que os atraía, os repelia.

Cenas de ruas georgianas e vitorianas

A partir dos fins da Idade Média até os fins do século dezoito mudou a qualidade da vida na rua — e no entanto permaneceu essencialmente a mesma, na orgia dos estímulos sensoriais. Dentre as inovações, as mais importantes foram: o uso de placas de vidro nas vitrinas das lojas e a iluminação das ruas. Ambas as inovações aumentaram apreciavelmente o campo visual dos citadinos. Outra grande mudança foi a introdução dos veículos de rodas que levou à colocação de postes para demarcar os caminhos dos pedestres. Na Idade Média as carruagens e mesmo as carroças que traziam

[16] Pendrill, *London Life*, p. 11.
[17] D. C. Munro e R. J. Sontag, *The Middle Ages* (Nova York: The Century Co., 1928), p. 345.
[18] Marjorie Rawling, *Everyday Life in Medieval Times* (Londres: B. T. Batsford, 1968), pp. 68-69.

os produtos agrícolas para o mercado, dificilmente conseguiam chegar ao centro da cidade. Pessoas das diferentes classes sociais se acotovelavam indiscriminadamente nas ruas e praças. A partir do século dezessete no entanto, houve menos oportunidade de mistura: o rico, sempre que podia, viajava em carruagens pelo meio da rua, enquanto a massa dos cidadãos andava a pé. Acreditava-se que andar a pé pelas ruas era insalubre. Como John Verney disse em 1685, "Em Londres a rudeza do comércio, o acotovelamento com a gente e a sua afobação, cansava o corpo e atordoava e aturdia a cabeça".

No século dezoito as ruas de Londres eram calçadas, o que indica um melhoramento em relação à época medieval. Ao redor de 1800, as ruas mais importantes eram calçadas com paralelepípedos lisos, enquanto as ruas estreitas conservavam seu antigo calçamento de seixos. As avenidas mais amplas tinham trilhas para pedestres protegidas por postes, mas as ruas menos importantes não tinham postes e os pedestres estavam sempre correndo o risco de serem atropelados por um carro. Como na Idade Média, uma vala ocupava o centro da rua; às vezes era fétida e estagnada, às vezes uma corrente rápida e ao passar, uma carroça ou carruagem esborrifava, salpicando os trajes dos fidalgos. Animais carniceiros conservavam mais ou menos as avenidas, mas eles ignoravam os montes de poeira e sujeira que se juntavam em todos os espaços abertos, dentro e fora da cidade de Londres. Os porcos fuçavam nesses monturos e o lixo era às vezes vendido aos hortelãos e outros.[19]

Em uma rua movimentada os pedestres não podiam se apressar, nem passear despreocupadamente. Eles tinham que se cuidar porque os degraus das escadas eram salientes; os postes ocupavam uma boa parte da trilha do pedestre; aqui e acolá faltavam seixos no pavimento, deixando poças de lama e sujeira. Arriscavam-se a cairem em um porão, porque praticamente todas as casas tinham porão e as suas portas estavam constantemente levantadas para receber carvão ou mercadoria. Ainda havia os alpendres construídos em frente das lojas, com vasos de flores em cima. Os alpendres davam cor às ruas, mais se projetavam sobre as calçadas, forçando os pedestres a contorná-los. Muitos dos lojistas recorriam ao velho costume de ter um menino na calçada berrando um convite para comprar. Eles tinham que competir com os mascates itinerantes.

[19] Walter Besant, *London in the Eighteenth Century* (Londres: Adams and Charles Black, 1903).

> A vendedora de maçãs ou a mulher das tortas instalavam suas barracas onde queriam, o vendedor de chapéus com várias caixas penduradas em uma vara colocada sobre seus ombros entupia a estreita rua, os consertadores de foles e cadeiras faziam seus consertos na rua. Homens e mulheres mascateavam tortas duras e pó de argila, capachos e agriões, pães de gengibre bem condimentados, peras verdes (as primeiras da estação), apregoando seus produtos à medida que passavam. O tratador de urso com seu infeliz animal artista avançava desajeitadamente pela rua. Fazia freqüentes paradas nas esquinas para oferecer seu espetáculo, bloqueando a rua e assustando os cavalos. O homem do teatro de fantoches também aparecia e se instalava em qualquer lugar que pudesse reunir uma multidão para assistir a representação dos marionetes e as palhaçadas do Sr. Punch [20].

Além da barafunda e da cor das ruas havia os letreiros que anunciavam os nomes dos inquilinos. Ao redor da década de 1750, eles tinham atingido tamanhos monstruosos e eram tão pesados com seus ferros forjados que prolongavam as fachadas dos prédios. O barulho que faziam quando balançavam fortemente com o vento aumentava o ruído geral. [21] A ilegalidade constituía outro perigo e indubitavelmente aumentava o drama da vida urbana. Parece que apesar da incivilidade das ruas, o dr. Johnson gostava de Londres. Ele sempre andava pelas ruas com um forte porrete. Muitos cidadãos andavam armados e poucos homens prudentes se aventuravam a sair sozinhos, após o escurecer.

A iluminação da rua melhorou lentamente durante o século dezoito. Em Londres, em 1716, todo proprietário cuja casa dava para a rua ou beco, era obrigado a pendurar uma vela, grande o suficiente, para queimar das seis até as onze da noite. Depois das onze a cidade ficava imersa na escuridão. As velas eram acesas apenas entre o Dia de São Miguel (29 de setembro) e o Dia da Anunciação (25 de março). O tempo total de iluminação não chegava a mais de 600 horas anuais; de fato, a cidade não era iluminada durante 247 noites por ano. Em 1736, as lamparinas de óleo substituíram as velas e as horas anuais de iluminação aumentaram de 600 para 5 000. A potência das lamparinas de óleo não era muito maior que a das velas A cada trinta metros mais ou menos, uma débil luz vacilante quebrava a escuridão. Eram contratados pagens com tochas para acompanhar os transeúntes noturnos, quer estivessem a pé ou de carruagens. Contudo, para alguns visitantes, Londres estava impressionantemente

[20] Rosamond Bayne-Powell, *Eighteenth Century London Life* (Londres: John Murray, 1937), p. 14.

[21] Besant, *London in the Eighteenth Century*, p. 89.

bem iluminada. William Hutton de Birmingham, ao descrever sua viagem para a capital, em 1780, falou sobre a iluminação brilhante das ruas, onde não somente haviam lamparinas a óleo em intervalos regulares, como também as vitrinas das lojas brilhavam à luz de velas. [22] Em 1775,
brilhantemente a aparência de Cheapside e Fleet Street após o escurecer. Casas altas com janelas envidraçadas se alinhavam nas ruas. "Nos andares térreos havia lojas que pareciam feitas inteiramente de vidro; milhares de velas iluminavam a prataria, gravuras, livros, relógios, cristais, artigos de peltre, pinturas, adornos de mulheres . . ., ouro, pedras preciosas, artigos de aço, e uma infinidade de cafés e casas de loteria. A rua parecia como se estivesse iluminada para uma festa". [23] Sem dúvida estes visitantes ficavam super-entusiasmados ou somente conheciam pequena parte da cidade. A Londres georgiana era um lugar escuro e perigoso depois do pôr do sol. A maioria das lojas talvez tivesse uma ou duas velas perto da vitrina e uma ou duas no balcão. As tavernas, com uma vela em cada mesa eram parcamente iluminadas. O negrume que caía sobre a cidade, no inverno, se devia menos ao frio do que às longas horas de escuridão. No começo da era vitoriana o uso de lampião à gás melhorou muito a iluminação da cidade. Em 1807 foi usada pela primeira vez nas ruas de Londres a iluminação a gás; em 1813 a cidade adquiriu cerca de 3 500 lampiões de gás, iluminando 346 quilômetros de ruas. [24]

No final do século dezoito e na era vitoriana, os observadores das cenas de rua freqüentemente comentaram sobre a densidade do trânsito sobre rodas. As ruas não estavam abarrotadas de veículos da mesma maneira que as ruas modernas; funcionários e operários ainda viviam perto do centro da cidade e iam a pé aos seus trabalhos. Mas as pessoas tendiam a ficar impressionadas com o tráfego de veículos. Em parte porque as carruagens com rodas ainda eram uma novidade no século dezenove, pois quase em todas as décadas, podia aparecer um novo modelo. Os regulamentos de trânsito eram mínimos e eventualmente eram postos em vigor, de modo que em Londres, em certos cruzamentos de ruas, as carruagens criavam um caos fora de proporção para o seu número. O barulho também era excessivo — provavelmente

[22] Conrad Gill, *History of Birmingham*, I (Londres: Oxford University Press, 1952), 156.

[23] Georg Christoph Lichtenberg, *Visits to England* (Janeiro 10, 1775); citado em Hugh e Pauline Massingham, *The London Anthology* (Londres: Phoenix House, 1950), p. 445.

[24] Besant, *London in the Eighteenth Century*, pp. 91-94.

não era inferior ao que o moderno habitante da cidade tem que suportar incluindo a contribuição de decibéis das motocicletas e aviões. Stephen Coleridge, em 1913, com a idade de cinqüenta anos escreveu:

> Londres mudou muito desde que eu era um garoto. Todas as ruas principais eram calçadas com paralelepípedos e como não existissem pneus de borracha da Índia, o ruído era ensurdecedor. No centro de Regent Park ou de Hyde Park podia-se ouvir o rumor do trânsito ao redor de todo o parque, como um círculo de tremendo som; e em qualquer loja de Oxford Street, se a porta estivesse aberta, ninguém conseguia se fazer ouvir, até que a porta fosse novamente fechada [25].

O carro de aluguel puxado por cavalos (táxis da era pré-automóvel) apareceu em Londres no século dezessete. Era impopular entre os comerciantes, porque o veículo impedia que as pessoas olhassem as vitrinas e permitia que os fregueses escapassem dos aprendizes importunos que podiam assediar os pedestres para promover a venda dos produtos do seu patrão. Também provocava bastante ruído nas ruas calçadas com seixos. Os primeiros carros eram pesados e no lugar da janela tinham postigos de ferro perfurado. Mais tarde, quando os postigos foram substituídos por janelas de vidro, o carro tornou-se suficientemente atraente para que fosse chamado de carro de vidro. Ao redor de 1771, Londres alardeava ter cerca de 1.000 destes carros de aluguel puxados a cavalo e em 1862 mais de 6 000 deles tinham licença para rodar pelas ruas da metrópole. Em 1855, 800 ônibus puxados a cavalo, movendo-se a uma velocidade entre oito e nove quilômetros por hora serviam as ruas de Londres. Em julho de 1857, os ônibus operavam em 96 percursos. Ao final da era vitoriana eles transportavam diariamente para o centro de Londres mais de 48 000 pessoas, até aproximadamente 8:30 horas. [26]

Los Angeles: a cidade do automóvel

As ruas nas cidades pré-industriais, a não ser que fossem de tipo residencial ou cerimonal, formigavam de gente. A partir do século dezessete, apareceram cada vez mais os carros com rodas. Mas, foi somente nas primeiras décadas do século vinte que os veículos começaram a substituir o andar a pé como meio de

[25] John Betjeman, *Victorian and Edwardian London* (Londres: B. T. Batsford, 1969), pp. ix-xi.

[26] Sekon, *Locomotion in Victorian England*, pp. 35-37.

locomoção predominante e as cenas de rua foram percebidas cada vez mais do interior dos automóveis movendo-se rapidamente através de semáforos sincronizados.

O automóvel transformou o aspecto da cidade e a relação do homem com o seu meio ambiente urbano. Los Angeles é, por excelência, a metrópole do automóvel. A partir da segunda guerra mundial muitos dos seus traços físicos característicos foram reproduzidos em menor escala por cidades americanas mais antigas. Comparadas com outras comunidades urbanas, as residências de Los Angeles estavam (ao redor de 1 930) muito mais espalhadas, o comércio estava mais descentralizado, os bondes elétricos entraram em bancarrota mais depressa e os carros particulares assumiram uma maior parte do transporte urbano. [27]

Los Angeles mais do que nenhuma outra cidade é identificada com seu sistema de vias expressas. Em 1938 um estudo especial sobre trânsito resultou em uma lei estadual que estabeleceu a criação de vias sem paradas, conhecidas desde então como vias expressas. Muitas delas foram construídas em um plano elevado, oferecendo aos motoristas visões da cidade de pontos mais altos, vistas em velocidades, variando de zero nos engarrafamentos até pouco menos de cem quilômetros por hora, nas pistas livres. Dirigir em uma via expressa pode ser desorientante. Por exemplo, um sinal pode dirigir o motorista para a faixa da extrema esquerda, quando o objetivo está claramente visível à direita da pista. No entanto, é o sinal, mais do que a evidência da percepção direta, que deve ser obedecido. [28]

Uma conseqüência típica da era do automóvel é a rua comercial reta e comprida. O Bulevar Ventura tem uma extensão de 24 quilômetros ao longo do lado sul do vale de San Fernando. O Bulevar Wilshire tem um comprimento similar estendendo-se do centro da cidade para o oeste até o mar. Em 1949 era a principal avenida de onze comunidades e era cruzada por mais de 200 ruas, praças, caminhos, estradas, avenidas e bulevares. Com o advento do automóvel apareceu uma nova concepção de comprimento da rua: as diferentes seções do bulevar, que antes tinham vários nomes, passaram a ter um só nome, implicando uma uniformidade no uso do solo onde não havia. [29]

[27] Robert M. Fogelson, *The Fragmented Metropolis: Los Angeles 1850-1930* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1967), p. 2.

[28] Reyner Banham, *Los Angeles: The Architecture of Four Ecologies* (Londres: Penguin, 1971), p. 219).

[29] Ralph Hancock, *Fabulous Boulevard* (Nova York: Funk and Wagnalls, 1949).

O caráter da rua comercial mudou com o tempo. Um primeiro traço foi a baixa densidade de estabelecimentos comerciais em relação à extensão da rua. Em 1954 o Ventura Bulevar tinha cerca de 1 420 diferentes casas comerciais, de frente para a rua, distribuídas ao longo dos seus 24 quilômetros.[30] Em 1949 o Bulevar Wilshire ainda tinha mais terrenos baldios do que construídos. Outro traço foi a importância relativa de estacionamentos, postos de gasolina, oficinas mecânicas, lojas de auto peças, assim como motéis e diferentes tipos de lugares para comer, que procuravam principalmente atender as necessidades dos fregueses motorizados e de fora. Abundavam os escritórios de todos os tipos e não é de surpreender que as imobiliárias fossem as mais numerosas. Na necessidade de atrair a atenção dos motoristas, muitos dos quais eram de fora e portanto ignorantes do que podiam encontrar, os comerciantes compraziam-se na propaganda excessiva. Eles não apenas usavam cartazes gigantescos, como também uma arquitetura extravagante para anunciar suas mercadorias: por exemplo, as casas de laticínios (*dairy queens*) funcionavam em prédios com a forma de enormes cones de sorvete e as lanchonetes eram construídas para parecerem com salsichas. No Bulevar Wilshire alguns dos lotes vazios e os telhados dos prédios baixos produziam anualmente rendas de trinta e cinqüenta mil dólares como lugares para cartazes. Muitos dos cartazes estavam sobre uma colina gramada bordejada por uma cerca viva e eram estruturas imponentes. Com o tempo, os cartazes foram substituídos por casas comerciais, algumas das quais no entanto cumpriam a mesma função de propaganda de seus produtos. O importante não era realizar vendas no local mas proclamar o *status* do negócio pelo prestígio da localização do Bulevar Wilshire e pela decoração dispendiosa.

O pedestre recebe pouca consideração em uma cidade do automóvel, como Los Angeles. Mesmo na década de 1970, algumas ruas não têm calçadas; muitas outras são extensas artérias adequadas à velocidade dos carros; e em algumas partes os pedestres correm o risco de ser presos como vagabundos. As ruas são barulhentas. Os tímpanos dos pedestres são golpeados pelo ruído surdo do tráfego dos carros, o ribombar das jamantas, o rugido das motocicletas e as sirenas das ambulâncias e da polícia ao atender os acidentes de trânsito. Pouco do barulho é humano. Na realidade não são vistas muitas pessoas. É uma experiência interessante ir e vir por ambas as calçadas da seção comercial

[30] Gerard J. Foster e Howard J. Nelson, *Ventura Boulevard: A String Type Shopping Street* (Los Angeles: Bureau of Businesse and Economics Research, University of California, 1958).

mais movimentada e prestigiada da seção de compras do Bulevar Wilshire, o *Miracle Mile,* e observar que relativamente poucas pessoas entram e saem pelas entradas principais das lojas, embora o movimento seja grande nos seus interiores. A maior atividade porém, situa-se na parte de trás, embora aquela voltada à decoração fique na parte da frente. Lá, os automóveis entram num fluxo grande e constante. Os compradores saem de seus carros e os garagistas se encarregam de estacionar os veículos no grande parque do magazine.

CAPÍTULO TREZE

cidades americanas: simbolismo, imagens, percepção

Nas grandes metrópoles nenhuma pessoa pode conhecer bem, senão um pequeno fragmento da cena urbana total; nem é necessário para ela ter um mapa mental ou imagem da totalidade da cidade para poder prosperar no seu canto do mundo. No entanto, o habitante da cidade parece ter uma necessidade psicológica de possuir uma imagem da totalidade do meio ambiente para localizar o seu próprio bairro. O conhecimento de uma cidade varia muito de uma pessoa para outra. A maioria das pessoas são capazes de indicar pelo nome os dois extremos da escala urbana, a cidade como um todo e a rua onde moram. Ao contrário, as divisões intermediárias são vagamente concebidas a ponto de poucas pessoas poderem rapidamente lembrar o nome do seu distrito ou bairro. Os dois extremos da escala parecem indicar uma tendência humana comum à de descansar em dois níveis de pensamento altamente discrepantes: grandes abstrações e respostas específicas. No nível de grande abstração, a imensa complexidade de uma cidade pode ser resumida ao próprio nome, como no caso de Roma, ou a um monumento (Torre Eifel), ou à silhueta como ocorre

com o famoso *skyline* de Nova York, ou ao lema ou ao cognome, como Rainha das Cidades do Oeste. No nível das respostas específicas estão as numerosas imagens e atitudes que a pessoa adquire de seu meio ambiente próximo, no curso da vida diária. Nos capítulos onze e doze, primeiro discuti a cidade como um ideal e depois como é percebida na atividade diária. Conhecemos o aspecto ideal ou simbólico de uma cidade através de fontes literárias e do que conhecemos sobre a religião e a cosmologia das pessoas, refletidas freqüentemente na organização espacial e na arquitetura da cidade. O que as pessoas vêem nos seus meios ambientes urbanos, como respondem a ele, não pode ser conhecido diretamente no caso das cidades do passado — nem tampouco são conhecidas na maioria das atuais metrópoles do mundo — porque não existem levantamentos, entrevistas nem observações minuciosas. Porém, alguma coisa pode ser coligida das características físicas desse mundo e dos diversos estilos de vida que nele têm evoluído. O último capítulo resume alguns dos resultados. Agora veremos as cidades americanas e a abordagem será semelhante, começaremos com as cidades americanas como conceitos idealizados — símbolos ou metáforas sobre o que uma civilização pode alcançar — e depois as atitudes das pessoas para com certos bairros, adquiridas através da habitação e do hábito.

Símbolos e metáforas

Na América, os mitos dominantes não são urbanos. Freqüentemente são antiurbanos: a imagem paradisíaca do Novo Mundo se opõe à imagem de uma Europa sofisticada e corrupta. Posteriormente surgiram no próprio Novo Mundo valores antinômicos, o Oeste viril, democrático contrastando com o Leste esgotado, autocrático, adorando o dinheiro. As metáforas espaciais predominantes sobre o destino da América, especialmente no século dezenove são o jardim, o oeste, a fronteira, e o selvagem. Ao contrário, a cidade representa as tentações mudanas e as iniqüidades. Desde o tempo de Jefferson, os intelectuais, embora a maioria proceda de ambientes urbanos, têm, persistentemente reforçado o mito agrário em detrimento do meio ambiente que nutriu seus conhecimentos e elegância. Como é de se esperar, os agricultores estão satisfeitos. Para os americanos tornou-se um reflexo irracional ver a cidade como o agricultor e o intelectual a vêem: um antro babilônico de iniqüidade, ateísta e anti-americana, impessoal e destrutiva.

O que aconteceu à imagem da cidade como a da Nova Jerusalém, à idéia de que a cidade com sua monumentalidade e glória

é um símbolo da sociedade mundial e do cosmo? Temos examinado a importância da idéia da cidade no Velho Mundo, como um símbolo transcendental. Nada disto foi transferido para o Novo Mundo? A idéia enraizou na América, mas seu crescimento foi e continua sendo retardado pelo penetrante mito agrário. As cidades americanas adquiriram estatura metropolitana e traços cosmopolitas no século dezenove, em uma época em que não somente o simbolismo transcendental da cidade há muito tinha desaparecido na Europa, mas também alguns personagens do Iluminismo, entusiastas do urbano, como Voltaire, Adam Smith e Fitche. Era comum entre os intelectuais do romantismo mostrar imagens góticas de horror urbano, contrastando-as com paisagens campestres iluminadas pelo sol. De fato, os românticos americanos demonstraram maior respeito pelos valores urbanos que seus colegas europeus.

A visão urbana americana provém de fontes do Velho Mundo, especialmente da Bíblia; também exerceram influência os trabalhos de Agostinho, Dante e Bunyan. Para os puritanos, a cidade servia como metáfora da comunidade ideal, a Nova Jerusalém. Como John Winthrop declarou, "devemos pensar que seremos como uma Cidade sobre uma Colina, para a qual os olhos de todas as pessoas convergem." Não somente ia a cidade ser um modelo de comunidade, para a qual os olhos das pessoas poderiam voltar-se, mas os puritanos pretenderam-na também como uma comunidade de onde os santos poderiam proteger todas as pessoas; foi construída, não somente, para ser um exemplo para o mundo, porém uma perspectiva do mundo.[1] Entretanto, a cidade dos puritanos não aspirava a simbolização cósmica. Não foi feito nenhum esforço para simular a ordem geométrica e a pureza mineral da Nova Jerusalém das Revelações. As cidades cósmicas da antigüidade compartilhavam a fé cósmica do campo, mas nas cidades a fé tornou-se brilhantemente visível na arquitetura monumental e através da execução dos ritos reais sacerdotais. Esta não foi a ambição dos primeiros puritanos, nem a dos descendentes dos fundadores das cidades, no século dezenove. Desde o começo a "Cidade sobre uma Colina", dos puritanos compartilhou os valores dos agricultores e aceitou o seu cosmo; e estava longe das cogitações dos puritanos transferir estes valores para os estilos e desenho da vida urbana.

No entanto, é um erro pensar que na América a imagem da cidade tem sido consistentemente má. No Novo Mundo, não menos que no Velho, a cidade representou as realizações heróicas do homem. Nem todos os intelectuais afirmaram isso. Alguns poetas e

[1] Michael S. Cowan, *City of the West: Emerson, America, and Urban Metaphor* (New Haven: Yale University Press, 1967), pp. 73-74.

eruditos têm elogiado a sua vitalidade e criatividade. Além disso, a cidade americana tem traços de proporção estravagante, especialmente nos meados do século dezenove, quando lugares como Cincinati, São Luís e Chicago competiam entre si pelos colonizadores e cresciam com uma extraordinária rapidez.[2]

Qualquer que seja a imagem, as cidades, de fato, têm desempenhado um papel vital no desenvolvimento dos Estados Unidos desde a fundação da nação. Na verdade, como observou a historiadora Constance Green "Foi o receio de que as rivalidades nos negócios entre os comerciantes das cidades da costa leste destruísse os novos estados que conduziu à formulação da Constituição Federal e à formação da União Federal."[3] Já no século dezessete, começaram a emergir centros urbanos onde os homens trocavam não somente mercadorias como também idéias. A própria Revolução e o aparecimento da Confederação de treze estados independentes foram nutridas nas cidades da América. As cidades então eram muito pequenas e não constituíam mais de três por cento do total da população. Entretanto, no século dezenove os povoados não rurais cresceram rapidamente. Foi somente durante as décadas de 1810 e 1820 que as populações rurais e não rurais tiveram taxas semelhantes de aumento da população. Em 1880-1890 as cidades receberam pessoas a uma taxa quatro vezes maior do que o campo. A supremacia urbana foi especialmente impressionante no Oeste, onde a essência econômica e política das cidades tendeu a ofuscar a personalidade raquítica do estado. Por exemplo, em 1880, Denver tornou-se a metrópole de uma região muito maior que o Colorado. Nenhuma outra cidade de tamanho considerável podia com ela competir dentro de um raio de oitocentos quilômetros. A sua hegemonia demonstrou que a cidade mais do que o estado foi a chave para o desenvolvimento de um novo país.

O estado como objeto de obediência, parece ter perdido importância no período pós-guerra civil. Duas causas importantes foram: a própria Guerra que aumentou consideravelmente a consciência dos homens sobre a América como nação; e o aparecimento do poder urbano nas últimas décadas do século dezenove. Os americanos que eram adultos antes da Guerra Civil se sentiam primeiro cidadãos de um estado — Carolina do Sul, Massachusetts

[2] Frank Freidel, "Boosters, Intellectuals, and the American City", in Oscar Handlin and John Burchard (eds.), *The Historian and the City* (Cambridge: MIT Press, 1966), pp. 115-120; Arthur N. Schlesinger, "The City in American History", *Mississippi Valley Review*, 27 (Junho 1940), 43-66.

[3] Constance M. Green, *American Cities in the Growth of the Nation* (Londres: Athlone Press, 1957), p. 1.

ou Ohio — e em segundo lugar como cidadãos dos Estados Unidos. Nas décadas de 1870 e 1880 passaram a se identificar primeiro como americanos e em segundo lugar como bostonianos, filadelfianos ou cincinatianos. Os charlestonianos e chicagoanos desde o início foram marcados por suas cidades. Até meados do século dezenove, em essência, Charleston era Carolina do Sul e um século mais tarde os funcionários estaduais, ocasionalmente ainda tinham dificuldades em convencer os velhos charlestonianos que seus automóveis necessitavam licenças da Carolina do Sul, tanto quanto as placas de Charleston. [4]

Escritores famosos têm freqüentemente desdenhado as cidades. É fácil selecionar comentários semelhantes ao de Hawthorne: "Todas as cidades a cada meio século deveriam ser capazes de purificar-se pelo fogo ou pela decadência." Ou a denúncia de Walt Whitman em relação a Nova York e Brooklyn como "uma espécie de seco e plano Saara". Na verdade, a atitude dos poetas foi tipicamente ambivalente. Por exemplo, Whitman tratou, às vezes, as cidades com o estilo de um jornalista de diário oficial, mas seus melhores poemas transformaram-nas em visões etéreas, "maravilhas deslizantes." Quase sempre Manhattan, era para ele, surpreendentemente evanescente ("...nuvens celestiais protegem minha cidade como uma delicada bruma..."). Suas denúncias foram compensadas com elogios. Em um lugar, Nova York e Brooklyn se parecem ao Saara e no entanto, em outro lugar, o poeta cantaria o "Explendor, o pinturesco e a amplidão oceânica e a pressa destas grandes cidades", que prometiam uma "vida sã e heróica" (*Perspectivas Democráticas*). Ao contrário dos poetas bucólicos, Whitman freqüentemente alcançou sublimidade lírica, quando declarou as vinculações do homem tanto com a natureza como com a cidade. Nova York e a sua miríade de gente estavam na escala dos oceanos e das marés *(Jornadas da América)*. Hawthorne, também viu uma analogia entre a cidade e a natureza. "A vida selvagem das ruas tem, talvez, um charme tão inesquecível para aqueles que alguma vez mergulharam completamente nela, quanto a vida da floresta ou da pradaria." Mesmo Thoreau observou, algo misteriosamente que "...Embora para mim, a cidade não seja mais atraente que antes, vejo menos diferença entre ela e um pântano sombrio." [5]

O sonho americano se compõe de elementos profundamente ambivalentes e, quase contraditórios. Em nenhum lugar é mais evi-

[4] Green, *American Cities*, pp. 19, 142.

[5] Ver David R. Weimer, *The City as Metaphor* (Nova York: Random House, 1966).

dente a dicotomia do sonho do que no desejo de combinar, no século dezenove, as imagens antitéticas de um império urbano e uma nação agrária. O lamento de Emerson, em 1844, resumiu um traço de profundo malestar no pensamento americano. "Quero" ele escreveu, "ter a fortaleza e a religião rural para meus filhos... e quero as facilidades e polimento da cidade. É com decepção que descobri que não posso ter ambas". No entanto, Emerson procurou persistentemente reconciliar a idéia de civilização superior com a de natureza virgem, império com jardim. Sua utopia pretendia amalgamar os melhores elementos de mundos diversos. Porém, a cidade mais que a natureza assumiu em sua utopia mais ampla, uma posição simbólica central. Mesmo em sua juventude, Emerson reconheceu que a gente boa que vivia nas florestas de Connecticut não as apreciava. Muitos anos depois argumentava que o "menino da cidade" geralmente possuía uma "percepção mais atilada" do que "o dono de glebas de mato". O impulso para a reconciliação dos mundos urbanos e rurais viria do Oeste Cosmopolita mais do que do Selvagem Nobre. Para Emerson, sua principal metáfora, foi a cidade do Oeste, que combinava referenciais urbanos e do Oeste. Ao contrário da Cidade sobre a Colina dos puritanos exclusivistas, a cidade de Emerson era aberta — um lugar de completa igualdade e de espaciosidade divina. "Ó Cidade de Deus! vossas portas permanecem sempre abertas, livres para todos os que chegam..."

Tanto para os puritanos como para Emerson o termo "cidade" representou principalmente a qualidade da comunidade humana; o referencial físico somente tinha importância secundária. A visão de Emerson do referencial físico era vasto de acordo com a espaciosidade do próprio Oeste. A imensa hinterlândia proporcionava à cidade oportunidade para expandir não somente os seus limites como o equilíbrio de seus componentes internos. Circuitos de conferências permitiram a Emerson visitar muitas das novas e pujantes cidades do interior. Ficou impressionado com "as praças espaçosas e grandes extensões para crescer", de São Luís. Também elogiou os "magníficos" hotéis de Cinncinati e Filadélfia e observou com prazer os nobres edifícios e amplas perspectivas de Washington. A ampla escala urbana agradava Emerson pelo que podia dizer sobre a América. Quando se queixava dos "quilômetros de praças sem fim", não protestava tanto contra a escala espacial, quanto do fracasso do homem para estar à altura delas. [6] Whitman também podia se glorificar no trabalho do homem e no entanto achar que o

[6] Cowan, *City of the West*, p. 215.

mesmo era deficiente. Seu conhecimento de Nova York o fez compreender "que não só a natureza é grande em seus campos de liberdade e espaço aberto... mas, também, no artificial, o trabalho do homem é igualmente grandioso." Assim ele sentia e no entanto, permaneceu a incômoda pergunta: "Há, em verdade, aqui, *homens* dignos desse nome?".

Símbolos urbanos específicos

A própria cidade pode ser um monumento: Persépolis, a Cidade Redonda de Bagdá, Palitana e Pequim são monumentos. Seus arranjos físicos, suas geometrias e a ordem hierárquica das formas, são meios arquitetônicos para expressar um ideal do cosmo e da sociedade. Nos Estados Unidos, Washington DC foi concebida para simbolizar um ideal. Não foi o cosmo, mas uma imagem de grandiosidade nacional que inspirou sua fundação e desenho. O planejador Pierre l'Enfant procurou criar uma cidade de beleza e magnificiência. O seu plano de 1791 salientou o monumental e o simbólico, permitindo cinco fontes grandiosas e três monumentos principais. Destes, um deveria ser uma estátua eqüestre de Washington na intersecção dos eixos do Capitólio e da casa do Presidente; outro, uma Coluna do Itinerário Naval, estaria em um espaço aberto de frente ao Potomac e o terceiro seria uma Coluna histórica de onde todas as distâncias dos lugares do continente seriam calculadas. [7] Estes grandiosos motivos do plano foram concebidos para aumentar a glória de reis despóticos. Os historiadores, muitas vezes, têm referido a ironia de usá-los em uma nação fundada em princípios democráticos, porém a ironia aparentemente escapou aos líderes da jovem nação que estavam intoxicados com sentimentos de grandeza republicana. Mesmo Jefferson não se opôs. Suas crenças agrárias e democráticas parecem não conflitar com suas ambições para a capital. A escala urbana de Washington DC muito deve a Jefferson. "Foi ele que nomeou Benjamin Henry Latrobe, um dos primeiros maiores arquitetos, para supervisionar os edifícios públicos; foi ele que contratou os serviços de Giuseppi Franzoni, um escultor italiano, para trabalhar no Capitólio; foi ele que persuadiu o Congresso a liberar verbas para o melhoramento da cidade e gastou um terço delas na construção da Avenida Pennsylvania, como se fosse um bulevar de Paris." [8]

[7] John W. Reps, *Monumental Washington* (Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1967), pp. 18-20.

[8] Christopher Tunnard e H. H. Reed, *American Skyline* (Nova York: New American Library, 1956), p. 28.

Washington é a exceção. A maioria das cidades nos Estados Unidos deve sua morfologia à conveniência do traçado reticulado e à economia do crescimento ao longo das rotas de transportes. As aspirações religiosas e cívicas se materializaram na cena urbana como elementos arquitetônicos discretos. Até o último quarto do século dezenove as torres das igrejas eram traços proeminentes senão dominantes mesmo no *skyline* das grandes cidades. A torre da Trinity Church sobressaía no baixo Manhattan e foi somente na década de 1890 que os arranha-céus emergindo em Wall Street ameaçaram a notoriedade da Igreja. As Casas de Deus eram tão numerosas na Cidade de Nova York, que um bairro inteiro, Brooklyn, era conhecido como o "Distrito das Igrejas." Na década de 1830, Cincinnati tinha vinte e quatro igrejas, Filadélfia noventa e seis e Nova York cem; em cada cidade, uma casa de Deus para cada mil habitantes. Sobre as igrejas de Nova York, James Fenimore Cooper escreveu: "Vi mais de uma dúzia no processo de construção e quase não há uma rua importante que não tenha uma". [9] Até a década de 1940, as torres das igrejas dominavam o *skyline* de Charleston e ainda na segunda metade do século vinte elas são muitas vezes o elemento arquitetônico mais destacado nas pequenas comunidades em toda a América.

Além das igrejas, as cidades americanas possuem outro proeminente símbolo arquitetônico das aspirações não econômicas do país: este é o "templo do governo". Os edifícios públicos têm a forma de palácios públicos, freqüentemente construídos no grandioso estilo americano-romano. É claro que Washington DC tem os palácios públicos mais magníficos, contudo encontram-se exemplos imponentes nas capitais estaduais e mesmo em algumas pequenas sedes de município. Dois historiadores da arquitetura disseram:

> É, em grande parte, através destes palácios públicos que os americanos têm expressado os seus desejos de esplendor e o visitante de nossas cidades deve ir aos palácios do governo, aos correios e aos Foruns para encontrar os murais, as esculturas e os ornamentos que não existem em nenhuma outra parte. Se não fosse pelo patrocínio governamental das artes, reconhecidamente intermitente e casual, nossas comunidades estariam mais distantes de satisfazer as necessidades por símbolos de orgulho cívico e nacional que a população de uma república requer — e a nossa tem requerido — não menos que os reis e os papas [10].

[9] Citado em Christopher Tunnard, *The City of Man* (Nova York: Scribner's, 1953), p. 13.

[10] Tunnard e Reed, *American Skyline*, p. 29.

Um símbolo urbano pode ser uma estrutura funcional como uma ponte, uma construção não utilitária como o arco de São Luís ou um pedaço de terra como o Boston Common. A ponte é ao mesmo tempo um fato utilitário e um símbolo de conexão ou de transição de um lugar para outro, de um mundo para outro. *Pons* é a raiz latina comum para ponte e padre. Das pontes americanas, talvez a melhor conhecida seja a ponte de Brooklyn. Desde o começo teve certo grau de interesse público que excedeu sua função como um meio de transporte. As suas dimensões físicas contribuíram para a lenda da ponte. Seus quinhentos metros de extensão, suspensa por uma graciosa rede de cabos que parecem desafiar o peso da terra. Até o aparecimento dos arranha-céus, em Manhattan, na década de 1890, as torres góticas da ponte dominavam o *skyline*. O fato dela ter sido, desde o início, muito usada, ajudou a impor sua imagem na consciência pública. Quando a ponte foi oficialmente inaugurada em 1883, cada uma das duas cidades que ela uniu, já tinha aproximadamente um milhão de pessoas. Lendas cercaram o arquiteto John Roebling, que era um filósofo-engenheiro e hegeliano. Ele via em seu trabalho a corporificação do ideal americano da marcha para o Oeste e a ligação do Leste com o Oeste. Não é de surpreender que a Union Pacific Railroad tenha sido saudada como o último elo na marcha ocidental para a Índia, que começou com a visão de Colombo; mas a ponte de Brooklyn recebeu uma aclamação semelhante. A cerimônia inaugural foi uma solenidade pública à qual compareceu o presidente dos Estados Unidos, e foi planejada para simbolizar a união do povo com seus líderes, em seu orgulho mútuo pelo empreendimento. Para muitos americanos em 1883, a ponte de Brooklyn também demonstrou à nação que as feridas da guerra civil haviam cicatrizado e outra vez estava em seu curso verdadeiro, que era o domínio pacífico da natureza. As demonstrações sobre a estrutura não terminaram com o encerramento das cerimônias. A transformação da ponte de Brooklyn de fato para símbolo, continuou nas experiências do povo que a usava ou que circulava em seus arredores, na resposta de jornalistas e de historiadores da arquitetura e nas obras dos fabricantes de mitos — pintores e poetas. Em 1964 a ponte de Brooklyn foi declarada monumento nacional. [11]

A ponte é um fato que pode ou não se converter em um símbolo. Um monumento como o arco de São Luís é expressamente planejado como um símbolo — o sinal externo de uma graça interna, que neste caso é o papel histórico da cidade como portal para o Oeste. Em 1933 já existiam planos para converter em um parque o sítio original da vila de São Luís, comemorando a compra da Luisiana que estendeu a visão da fronteira da América do rio Mississipi para o oeste, até o Pacífico. O presidente Truman inaugurou o sítio em 1950, mas somente foi completada em 1965 a obra central do monumento, o Gateway Arch. Esta curva fulgurante de lâminas de aço inoxidável se eleva com graça catenária até uma altura de cento e noventa metros, isto é, vinte e três metros mais alto que o monumento a Washington, como os guias de turismo e os moradores locais têm orgulho em proclamar. O significado do arco provém de uma antiga tradição: como o domo, simboliza o céu, os lados conduzem o olho para cima, para a curva no ápice; e por analogia, o portal monumental que se abre para a cidade ou palácio, suntuosamente convida o viajante a entrar na terra prometida. Historicamente, viajar para as novas fronteiras começava em São Luís. O comércio da cidade se iniciou com o fornecimento de armas, selas, carroças, ferramentas, material de construção, medicamentos e comida para os viajantes para o oeste e o comércio de peles enviadas pelos homens das montanhas. Hoje, os funcionários do centro gentilmente sugerem aos turistas avançar mais para o oeste acompanhando os caminhos de Santa Fé e de Oregon e sentir o meio ambiente, senão os sofrimentos de seus antepassados. O monumento é administrado pelo Serviço Nacional de Parques que considera conveniente lembrar o público que "sendo o Gateway Arch, Monumento Nacional, com a mesma dignidade e grandeza de outros grandes monumentos e estar-se transformando em um símbolo de São Luís, deve ser usado com moderação na propaganda, nas exposições, nas matrizes para reprodução, etc.". Ao usar o arco deve-se perguntar, "O uso proposto é frívolo ou ostentoso?... A escala usada para mostrar o Gateway Arch mantém proporção com a de outras estruturas? Não deve aparecer inferior em relação às outras estruturas porque não somente é o aspecto físico dominante do Monumento como também o é da cidade de São Luís". [12] Sem dúvida, se não é para os cidadãos locais é para todo o país o principal símbolo de São Luís, que não é nenhum dos antigos referenciais como a Ponte Eads ou o Velho Forum, mas sim o grande arco construído sem fins utilitários.

O Gateway Arch foi desenhado especificamente para captar um sentimento histórico amplamente compartilhado. Seu sucesso depende não somente da aptidão do símbolo mas também, em

[11] Alan Trachtenberg *Brooklyn Bridge: Fact and Symbol* (Nova York: Oxford University Press, 1965), pp. 8-9.

[12] De uma folha mimeografada do United States Department of Interior, National Park Service, Jefferson National Expansion Memorial, maio 25, 1970.

alto grau da sua habilidade para captar a imaginação pública através da novidade e simplesmente o tamanho. Nas áreas verdes de Washington DC se encontram alguns dos maiores monumentos da nação: foram deliberadamente criados como lugares sagrados. Ao contrário destes símbolos auto-conscientes que até certo ponto dependem de ousadia para ter êxito, o Boston Common deve seu *status* não a algum atributo físico intrínseco, mas à sua eficácia para articular e simbolizar os genuínos sentimentos históricos de uma parte importante da comunidade. Walter Firey mostrou claramente como o simbolismo espacial do Boston Common tem exercido grande influência na organização ecológica do resto da cidade. O Common é uma extensão de terra de vinte hectares que penetra diretamente no coração do distrito comercial, limitando-o grandemente.

> Ao contrário das grandes lojas da maioria das cidades, as de Boston comumente estão comprimidas em espaços estreitos e expandiram-se de maneira tortuosa, utilizando prédios do fundo e do lado. O tráfego no centro da cidade literalmente alcançou o ponto de saturação... A Associação Americana de Construtores de Estradas estimaram que em Boston há uma perda diária de 81 000 dólares devido a demoras no tráfego [13].

Muitas sugestões têm sido feitas para aliviar a congestão estendendo uma artéria através do Common; porém, as razões econômicas não podem competir com os valores sentimentais que influentes bostonianos e pessoas de todo o estado têm colocado nesse pedaço de terra. O Common se transformou em um objeto "sagrado". A sua integridade tem inúmeras garantias legais. A constituição Municipal perpetuamente proibe Boston de desfazer-se do Common ou de qualquer porção dele. Além disso, a legislação estadual proíbe que a Prefeitura construa no Common, exceto dentro de estreitos limites.

Cognomes de cidades — promoção de imagem

O orgulho cívico e a concorrência econômica freqüentemente associam-se para atribuir rótulos às cidades (cognomes ou epítetos) que visam captar o que têm de incomparável. O cognome pode complementar o símbolo visual: por exemplo, Florença é o Duomo ou a Piazza della Signoria mas também é *la Fiorente*. Nova York é o seu famoso *skyline* mas também é o *Empire City* e várias dúzias de epítetos competitivos.

[13] Walter Firey, *Land Use in Central Boston* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1947), p. 151.

As cidades dos Estados Unidos são excepcionalmente ricas em cognomes. A exuberância é o resultado da concorrência entre povoados relativamente recentes, que sentem a necessidade de propalar suas individualidades e virtudes únicas, em oposição às reivindicações dos rivais. As Câmaras de Comércio, líderes cívicos e homens de negócios, jornalistas e artistas, todos têm procurado favorecer a reputação de suas cidades natais com alguma imagem notável. As louvações ocasionalmente se combinam com as vozes críticas de artistas desiludidos e visitantes de cidades rivais. O resultado é uma grande mistura de imagens incompatíveis. Mesmo quando todas se originam de uma fonte favorável, contradições imprevistas e ironias podem ocorrer. Por exemplo, Fort Worth é a Cidade Boi, a Cidade Pantera assim como o Arsenal da Democracia. Nova York é uma mixórdia de rótulos conflitantes: é a Grande Maçã, o Escritório Principal dos Negócios Americanos, a Cidade das Férias, a Confusão Babilônica, a Capital do Mundo e muitos outros. Os cognomes também mudam quando muda o caráter da cidade: assim Chicago já foi a Cidade Jardim, oferecendo uma imagem de elegância silvestre que não estava longe da verdade, antes do grande incêndio. O crescimento e a prosperidade subseqüentes transformaram Chicago na Cidade dos Grandes Espadaúdos e a Capital do Crime.

A confusão de cognomes que uma cidade acumula no decorrer do tempo é uma poderosa lembrança da complexidade metropolitana. Em qualquer grande centro urbano existem interesses multifários e cada um deles fará pressão para um rótulo que sirva o seu interesse. Os epítetos rudes têm muito pouco em comum com as refinadas metáforas dos poetas, porém, eles podem estar mais perto da retórica do homem da rua. Joseph Kane e Gerard Alexander compilaram uma lista de cidades americanas e seus cognomes. Embora a lista não possa reivindicar ser exaustiva ou sistemática, ela provê informação suficiente para mostrar uma geografia de rótulos urbanos usados na promoção. [14]

Não obstante o fato de que todas as grandes cidades têm muitos cognomes e que com uma monótona regularidade aparecem outros similares, as diferenças regionais são claramente discerníveis. Por exemplo, das quatro cidades com o maior número de cognomes, Nova York vangloria-se de seu *status* no mundo, Washington DC, sua supremacia política; Chicago sobressai por

[14] Esta seção sobre cognomes de cidades está baseada nos dados de J. N. Kane e G. L. Alexander, *Nicknames of Cities and States of the United States* (Nova York: Scarecrow Press, 1965).

sua virilidade e São Francisco por sua elegância. As imagens de São Francisco e Chicago revelam similaridades e diferenças notáveis. Ambas reivindicam a localização geográfica "Oeste". Chicago é a Metrópole do Oeste; São Francisco a Rainha do Oeste. Ambas reconhecem as características dos seus cenários metropolitanos. Chicago é a cidade nas Margens do Lago, a Jóia das Pradarias; São Francisco é a Cidade Baía, a Cidade das Cem Colinas. São Francisco afirma seu cosmopolitismo e elegância: é a Rainha das Cidades, a Paris da América, a Cidade Cosmopolita. Chicago, ao contrário, enfatiza suas ligações com a riqueza da região e sua centralidade dentro da nação: é a Hogópolis, a Cornópolis, o Ponto Central do Comércio Americano e o Maior Centro Ferroviário do País. Embora Chicago tenha sido conhecida como a Cidade Jardim e a Jóia das Pradarias, refletindo uma antiga pretensão de fidalguia, sua imagem como um lugar agressivo onde os homens trabalham duro e onde as coisas são feitas, chegou a ser muito mais proeminente. Chicago não pretende ser elegante; em verdade a Cidade dos Grandes Espadaúdos tampouco pode aspirar a ser Rainha das Cidades.

Os ambientes geográficos são reconhecidos sob o rótulo de urbano se são muito característicos e atrativos. Para um lugar pequeno como Carlsbad no Novo México as cavernas calcáreas são o seu único título para a fama: é a Cidade Caverna. Para os lugares grandes, o atributo topográfico tem pouca importância. Algumas cidades reconhecem a presença de "colina", "lago", "escarpa" ou "montanha". São Francisco é evidentemente a *Bay City* e Houston a *Bayou City*. Se, porém, o ambiente geográfico parece indesejável, é ignorado. Na lista de cognomes de cidades americanas de Kane e Alexander a palavra deserto aparece somente seis vezes. Palm Springs e Indio na Califórnia são exceções no sentido que elas realmente exploram seus cenários de deserto. Indio autodenomina-se *Desert Wonderland* ou *Southern California's Desert Playground*. Palm Springs alega ser o Melhor Lugar de Férias do Deserto americano ou o Oásis no Deserto. Nevada e Arizona não têm nenhum problema de água se acreditamos nas imagens auto-construídas de suas cidades. Cada estado (na lista de Kane-Alexander) tem somente uma cidade onde a palavra "deserto" aparece — rodeada e quase perdida na confusão de epítetos efusivos. Las Vegas é a Broadway do Deserto. Mas não está implícita a escassez de nada, porque Las Vegas também é a Cidade que tem Tudo para Todos — o Tempo Todo, e a Cidade Abençoada com Um Clima Ideal o Ano Todo.

Os cognomes das cidades refletem e exageram os valores básicos e mitos da América. Em uma nação que se orgulha de sua

façanha industrial, não é de surpreender que numerosos lugares procurem identificação com suas indústrias e produtos. Encontramos Cidade do Automável, Cidade da Cerveja, Cidade da Caixa Registradora, Cidade do *Pretzel*, Cidade do Seguro e Cidade do Sapato, entre outros. Por outro lado existe (se bem que em números muito menores do que no primeiro grupo) epítetos botânicos e pastorais como camélia, gramado, carvalho, caramanchão, palma e sicômoro. A grande epopéia da história americana é a migração para o oeste. Na lista de Kane e Alexander, não menos de 183 cidades se ufanam com o título de "Porta" ou "Portal". Poucas não usam a palavra específica "porta" não obstante enfatizem sua característica como vias ou rotas. Por exemplo, Modesto na Califórnia é anunciada como a "Cidade que está somente a duas horas das serras ou do mar". Algumas cidades menores usam a palavra "porta" simplesmente para chamar a atenção para uma atração turística local ou uma área paisagística: assim *Grand Portage*, Minnesota, é a Passagem para o Parque Nacional Ilha Real. Há nove "Entradas para o Oeste", quatro "Entradas para o Sul", mas nenhuma para o norte ou para leste. Naturalmente, se a pessoa caminhar bastante na direção oeste chegará no leste. Por isso São Francisco é o Portal para o Extremo Leste. Além do Golden Gate encontra-se o Paraíso, como o Hawai se auto-denomina. Mas a rota do império não aponta mais para o oeste. Um lugar como Titusville (Flórida) espera no futuro tirar vantagem, alegando ser o Portal para as Galáxias.

Normalmente pensamos nas cidades como centros de convergências. Porém, para os motoristas viajando através do continente, as cidades não são necessariamente o ponto final; simplesmente podem ser lugares para reabastecer-se de combustível, comer ou ter uma noite de descanso. Até os residentes locais orgulhosamente declaram que a sua cidade natal é um "portal", mesmo que seja unicamente um lugar de passagem. Mas esta aparente demonstração de modéstia está em contradição com o desejo dos cidadãos de anunciar a cidade, em certo sentido, como o centro do mundo. Assim, se há 183 "portais" há pelo menos 240 variações de cognomes onde a palavra "capital" aparece; e o número se eleva várias vezes se incluímos também "Ponto central", "Lar", "Centro", "Coração", "Berço", "Encruzilhada" e "Lugar de Nascimento". Muitas cidades acentuam tanto sua centralidade — posição que é derivada possivelmente de suas realizações e vantagens geográficas — como sua posição de portal que promete o futuro. São Luís é o Ponto Central da Navegação Interna ao mesmo tempo que é o Portal para o Oeste.

Imaginabilidade

O promocionismo pretende criar uma imagem favorável e pouco respeita a complexidade da verdade. Mas a imagem, para ser eficaz, deve ter algum fundamento nos fatos. Um traço forte representa a personalidade toda. O que isto é, já vimos, varia não somente com as diferenças reais entre e dentro das cidades, mas com as preocupações especializadas dos grupos que desejam chamar a atenção do público para uma característica em particular. Um epíteto ou uma frase atraente fornece a imagem. Entretanto, não pode projetar uma imagem visual nítida ainda quando procura ser descritivo como uma denominação a Cidade Jardim, a Cidade das Pontes, a Cidade do Vento, a "Broadway do Deserto" e assim por diante. Freqüentemente, as denominações são mais abstratas como, por exemplo, a Rainha das Cidades do Oeste. Diferentes em abordagem mas não em propósito, são as tentativas para captar o caráter de um lugar através de uma cena específica ou de uma fotografia. Novamente podemos assinalar a eficácia do *skyline* de Manhattan como o emblema de Nova York. Anselm Strauss diz que para um filme indicar que o local é Nova York, o famoso perfil dos arranha-céus necessita aparecer somente por um segundo na tela. [15] Os emblemas visuais de muitas cidades européias têm igual poder. Londres é facilmente reconhecida por uma cena de Picadilly Circus ou pelo Parlamento visto do rio Tâmisa, Paris pelas bancas de revistas ao longo do Sena, Moscou pela Praça Vermelha no inverno. As cidades americanas carecem de identidade visual. Notórias exceções como Nova York, São Francisco ou Nova Orleans, nos lembram ainda mais a visão cinzenta da maioria das outras metrópoles. No entanto, mesmo as cidades pequenas vendem cartões postais, divulgando uma crença no valor de suas ruas principais, parques e monumentos. Os cartões postais descrevem aspectos da cidade que são aceitos como favorecendo-a. Ocasionalmente uma cena típica de rua é mostrada, mas na maioria das vezes os cartões acentuam os pontos de interesse — as partes que captam a atenção, que têm muita imaginabilidade.

Os cartões postais nos dizem algo sobre a imaginabilidade. Eles provavelmente refletem os valores do comércio local. Até a publicação, em 1960, do livro de Kevin Lynch *A Imagem da Cidade* pouco se sabia sobre os mapas mentais dos moradores urbanos. Lynch nos mostra a imagem pública de distritos centrais

[15] Anselm L. Strauss, *Images of the American City* (Nova York: Free Press, 1961), p. 9.

de três cidades, Boston, Jersey City e Los Angeles. [16] Para realizar este estudo, Lynch utilizou, como público, membros da classe profissional e gerencial. Em Boston e Jersey City os sujeitos da amostra que foram testados e entrevistados residiam no centro; no centro de Los Angeles vivem tão poucas pessoas da classe média que a amostra teve que ser integrada por pessoas que trabalham no centro, mas que vivem em outros lugares. Qualquer pessoa que conheça superficialmente estas cidades, provavelmente dirá que Boston tem uma personalidade visual bem marcante; que o centro de Los Angeles tem menos personalidade e que Jersey City é indefinível. Estas impressões são confirmadas pelos residentes locais. As suas percepções naturalmente são mais específicas: mesmo Jersey City tem mais forma e configuração do que um visitante casual poderia pensar, como necessariamente precisa ser para ser habitável.

Para a maioria das pessoas entrevistadas por Lynch, Boston é uma cidade histórica, relativamente suja, com lugares característicos, prédios de tijolo vermelho e travessas tortuosas e confusas. As cenas preferidas geralmente são as paisagens distantes que dão uma sensação de água e espaço. Os residentes conhecem bem a estrutura espacial ampla de Boston graças às margens bem definidas do rio Charles e as ruas paralelas da área adjacente de Back Bay que têm direção leste e chegam até o Common e o distrito comercial. Além das margens do rio, a cidade parece perder a nitidez. A rede regular de Back Bay, um padrão muito comum das cidades americanas, adquire maior visibilidade em Boston pelo contraste com a rede irregular de outras partes da cidade. Os lugares que impressionam a maioria das pessoas como especialmente nítidos são: o Common, Beacon Hill, o rio Charles e a Commonwealth Avenue. Para muitos eles constituem a *core* da sua imagem do centro de Boston.

Jersey City fica entre Newark e a cidade de Nova York e é atravessada por ferrovias e auto-estradas elevadas. A concorrência estiolou suas funções centrais. Mais parece um lugar de trânsito que de residência. "A confusão total de um sistema de ruas sem coordenação se acrescenta a esses vícios habituais nas zonas deterioradas de qualquer cidade americana que são o espaço informe e a heterogeneidade da estrutura". [17] Os residenes podem pensar em alguns marcos; seus mapas mentais de Jersy City são fragmentados e têm grandes áreas vazias. A resposta mais comum

[16] Kevin Lynch, *The Image of the City* (Cambridge: M.I.T. Press, 1964).
[17] Lynch, *Image of the City*, p. 25.

para a questão sobre os símbolos efetivos é apontar o *skyline* de Nova York, do outro lado do rio, antes do que qualquer outra coisa na cidade. Uma avaliação característica é que Jersey City é simplesmente um lugar na periferia de qualquer outra coisa. Um residente afirma que seus dois símbolos são o *skyline* de Nova York, de um lado e o *Pulaski Skyway,* representando Newark, do outro lado. Os cidadãos dc Jersey City parecem indiferentes ao seu ambiente físico. As ruas são tão parecidas que a escolha de qual usar é arbitrária, quando não interessa economizar tempo.

O centro de Los Angeles, como o *core* de uma metrópole, está impregnado de significado e de atividade. Tem edifícios grandes imponentes e o padrão das ruas é bastante regular. A orientação regional na metrópole não parece muito difícil graças às montanhas e colinas de um lado e ao oceano de outro, às regiões bem conhecidas como o Vale de São Fernando e Beverly Hills, às grandes auto-estradas e bulevares, e finalmente, às diferenças reconhecíveis nos estilos arquitetônicos e nas condições das estruturas que marcam os sucessivos anéis de crescimento. A vegetação típica também caracteriza o centro de Los Angeles. Contudo, sua imagem não é tão bem definida como a de Boston. Uma razão é que o título de "centro da cidade" é usado para a parte central de Los Angeles mais como um hábito e cortezia, porque vários outros *cores* concorrem com ele em intensidade de comércio e em volume de negócio. Outra razão é que as atividades centrais ocupam uma grande extensão e modificam-se, diluindo assim seu impacto. Mas o centro de Los Angeles está longe de ser outra Jersey City. Os mapas mentais de Los Angeles são muito mais preciosos e detalhados. Sua imagem global revela uma estrutura centrada em Pershing Square situada no vértice do L formado por duas avenidas comerciais, a Broadway e a 7th Street. Outros aspectos que se destacam são o Centro Cívico, no final da Broadway e o nó histórico de Plaza-Olvera Street. Pode-se reconhecer vários referenciais arquitetôticos, mas somente dois com algum detalhe: o negro e o dourado de Richfield Buidling e o topo piramidal do Paço Municipal. O grau de afetividade com as velhas partes de Los Angeles, especialmente com o pequenino nó Plaza-Olvera Street é inesperadamente forte. A julgar pelas poucas entrevistas é ainda mais forte do que a afetividade dos bostonianos conservadores para com o que é velho na sua cidade. As pessoas de classe média que Lynch entrevistou em Los Angeles pertencem à população pendular. Elas têm uma impressão marcante de seus próprios distritos residenciais e continuam conscientes das ruas, das casas mais finas, dos jardins floridos à medida que se afastam de suas áreas natais; mas a sensibilidade para com o ambiente

urbano declina à medida que se aproximam do centro, sendo que os mapas mentais do centro de Los Angeles dessa população pendular é um tipo de ilha visual, rodeada de espaços cinzentos. Uma conclusão instrutiva deste tipo de estudo é que a experiência necessariamente não aumenta o armazenamento das imagens dos motorista.[18] O passageiro pendular habitual e o ocasional reacionam mais ou menos de igual maneira ao mesmo conjunto de indícios visuais.

Imagem, experiência e classe

O rio Charles, um elemento visual tão importante para os bostonianos da classe alta, é raramente mencionado pelos residentes da classe baixa do distrito de West End, embora façam maior uso de suas margens. Portanto, é importante reiterar que as imagens de cidade, apontadas no trabalho de Lynch, são as de uma classe social; e que foram extraídas do grupo de idade de adultos ativos. Os membros desta classe possivelmente exercem influência na vida urbana muito além de sua relativa força numérica. Parece também provável que eles experienciam uma maior variedade de ambientes na sua cidade do que os muitos pobres, os muito ricos e as pessoas de rendas médias, mas com pouca educação. E como adultos ativos seu mundo é naturalmente muito mais espaçoso do que o das crianças pequenas ou dos velhos frágeis. Para apreciar a variedade de imagem urbana e atitudes em uma grande cidade, precisamos consultar trabalhos que não agem dentro dos cânones rígidos da ciência social. Um trabalho deste tipo é *Division Street: America,* de Studs Terkel.[19] Ele entrevistou informalmente, pessoas de várias posições sociais, em diferentes partes de Chicago, incluindo motorista de táxi, policial, garçonete, professor, senhoria, freira, doméstica, lavador de vidraça, vice-presidente de sociedade anônima, senhora rica, — em sua grande maioria pessoas que não têm o hábito de expressar suas opiniões por escrito. Professores universitários e outros membros da classe de escritores não foram abordados, uma vez que suas visões são relativamente abundantes e acessíveis. As pessoas entrevistadas por Terkel pareciam desejar desabafar livremente diante dele e de seu gravador. O resultado é um registro imensamente rico de percepções, atitudes e aspirações humanas em uma metrópole do

[18] Stephen Carr e Dale Schissler, "The City as a Trip", *Environment and Behavior,* n.º 1 (1969), 24.

[19] Studs Terkel, *Division Street: America* (Nova York: Avon Books-Random House, 1968).

Meio-Oeste. Deste registro podemos extrair uma riqueza de imagens urbanas que, na sua fragmentariedade, dificulta uma fácil classificação.

Em qualquer grande metrópole, as pessoas com rendas e *status* social diferentes vivem em partes separadas da cidade. Os ricos raramente visitam os distritos mais pobres, exceto, talvez nas excursões pelas favelas dentro de ônibus com ar condicionado. Eles podem ter um claro mapa mental da cidade, mas é um conhecimento abstrato. Eles conhecem intimamente as suas próprias áreas residenciais: os ricos estão tão isolados pela sua riqueza, em suas mansões exclusivas, quanto os pobres em suas favelas e guetos étnicos. Os pobres pouco conhecem da metrópole além de seu próprio distrito. Eles são aldeões urbanos, sofrendo muitos dos defeitos da cidade, mas desfrutando de algumas de suas compensadoras amenidades. Os pobres, porém, têm uma experiência "indireta" do mundo exterior. Quando ficam doentes podem ser levados a um hospital distante para atendimento gratuito ou de baixo custo e quando têm choque com a lei passam um tempo em um reformatório ou uma prisão distante. Os pobres, assim, ficam a par de lugares estranhos que parecem ameaçadores, mesmo quando o propósito da instituição, como o hospital, é benéfico. Um resultado destas viagens alarmantes, involuntárias, para o mundo exterior pode ser o aumento das suas percepções da identidade de seus próprios bairros. No dia a dia, as mulheres pobres conhecem, como empregadas, áreas residenciais abastadas e adquirem uma perspectiva do mundo da riqueza bem diferente daquela de seus padrões. A frente e o fundo das residências da classe média são nitidamente diferentes quando comparadas com as casas da classe pobre. A frente tende a ser ordenada e formal, o fundo pouco atraente. Algumas pessoas entram na casa pela frente, enquanto outras pelo fundo — as empregadas, entregadores e crianças. No mundo dos negócios da classe média e alta, zeladores e faxineiras percebem e trabalham em meios ambientes bem diferentes daqueles dos executivos e de sua equipe de assistentes engravatados. Os trabalhadores uniformizados percebem as pequenas portas que dão para os fundos dos edifícios comerciais; vêem e cheiram as "entranhas" do edifício expostas no porão e nos compartimentos das caldeiras; estão bem cientes do sistema de transporte aviltante que movimenta o equipamento de limpeza sujo, os suportes de plataforma e eles mesmos. [20]

[20] Erving Goffman, *The Presentation of Self in Everyday Life* (Garden City, N. Y.: Doubleday, 1959), pp. 123-24.

Os homens brancos americanos da classe alta e média alta vivem em subúrbios arborizados e trabalham no centro da cidade em torres de aço e vidro. A rota que eles percorrem diariamente é uma auto-pista ou estrada que cruza os melhores distritos residenciais e comerciais. O caráter social das partes da cidade — pontos focais e rotas de conexão — que ele experiencia pessoalmente é essencialmente homogêneo. As viagens de negócios o levam a outras cidades, mas os lugares que ele visita em geral têm as mesmas características físicas e sociais. As férias na Europa o levam a meios urbanos que são diferentes só superficialmente se ele continua circulando no mesmo nível socioeconômico. A verdadeira novidade é dissonante, até dolorosa; as férias agradáveis combinam a segurança do familiar com pequenas aventuras. O que é válido para os ricos, provavelmente também é válido para as classes menos abastadas, a média e a média-baixa: as suas experiências da cidade estão ligadas a lugares que embora sejam fisicamente diferentes, tendem a uma posição social similar. A descida para os bairros de nível mais baixo ocorre como visitas esporádicas — para comprar especialidades alimentares e para comer em restaurantes típicos. O importante aqui é a pouca variação da experiência urbana para a maioria dos habitantes da cidade. Quando uma família muda-se para uma nova cidade, comumente há um breve período de exploração para orientar-se em um ambiente maior, para localizar as áreas de compras e decidir os caminhos mais curtos e mais agradáveis entre a casa e lugares de trabalho. Logo porém se estabelece uma rotina que pouco varia de uma semana para outra.

Talvez um membro profissional da classe média — médico, advogado ou jornalista — tenha maior oportunidade de experienciar uma ampla variedade de meios ambientes e culturas, quer seja do muito rico ou pobre. William Stringfellow observou com surpresa este inesperado benefício da liberdade quando, como recém graduado da Escola de Direito de Harvard, foi a Harlem para viver, para trabalhar como advogado, para participar da política do bairro e para ser um leigo na igreja local. Viveu no cortiço, mas como um branco culto não estava atado ao meio ambiente. No subúrbio ele teria se submetido aos seus costumes, mas no Harlem ele era livre e capaz de transcender as barreiras que separam as pessoas. No decorrer de um dia, Stringfellow pode passar a manhã no forum com um drogado, depois almoçar com um professor de direito da Columbia, "entrevistar clientes no final da 100th Street durante a tarde, tomar um aperitivo com líderes da comunidade do Harlem em Frank's Chop House na 125th Street, jantar com clérigos ou paroquianos amigos em um restaurante de

midtown, * parar para um bate papo com alguns estudantes de direito ou seminaristas, ou passar a noite conversando com amigos do Harlem". Ou ele poderia "voltar para o prédio para ler ou escrever; ou mais freqüente que o esperado trabalhar um pouco mais na reabilitação do lugar, sair tarde para comprar o *Times* e conversar com pessoas na rua". [21]

O estudo de St. Clair Drake e Horace Cayton sobre o gueto negro de Chicago sugere que os *upper shadies* também experienciam um espectro excepcionalmente amplo de estilos de vida. Os *upper shadies* são negros ricos que adquiriram sua riqueza e o correspondente *status* social em sua comunidade através de meios ilegais, por exemplo, dirigindo sindicatos que controlam loteria e jogo. Também estabelecem negócios legais no gueto, em parte para servir de fachada e em parte para obter a aprovação dos cidadãos respeitáveis. Sendo negros e portanto banidos pela comunidade branca, os *upper shadies* podem se identificar emocionalmente com o gueto pobre; são reconhecidos pelos pobres como os Homens da Raça, isto é, patrocinadores das causas dos negros. Sendo de reputação duvidosa conhecem bem o sub-mundo. Sendo ricos vivem como os ricos e participam em rituais sociais como jantares formais, assistindo as corridas e cavalgando. Eles gostam de viajar e estão continuamente movendo-se entre Chicago e Nova York. Visitam amigos na Costa Oeste; possuem casas de verão nas regiões do lago de Michigan e Norte de Illinois e passam as férias na Europa. Eles então, vivem e trabalham em uma grande variedade de meios ambientes e podem transpor muitas barreiras sociais. No período anterior à segunda guerra mundial, somente as barreiras raciais limitavam sua mobilidade. [22]

O bairro urbano

RECONHECIMENTO

Bairro e comunidade indicam conceitos populares dos planejadores e assistentes sociais. Eles proporcionam um quadro de referência para organizar em sub-áreas manejáveis a complexa ecologia humana de uma cidade; também são ideais focais que se alimentam na crença de que a saúde da sociedade depende da freqüência de atos amistosos e do sentido de associação comunitária. Porém, Suzanne Keller tem demonstrado que o conceito de bairro não é tão simples assim. [23] A idéia de bairro do planejador dificilmente coincide com a do morador. Um distrito bem definido de acordo com as suas características físicas e denominado no plano da cidade com um nome proeminente pode não ter realidade para os habitantes locais. As palavras "bairro" e "distrito" tendem a evocar na mente dos estranhos imagens de formas geométricas simples, quando de fato os canais de atos amistosos, que definem o bairro podem ser extremamente complexos e variam entre os pequenos grupos que vivem muito próximos. Além disso, a extensão percebida do bairro não corresponde necessariamente à rede de contatos amistosos numerosos. Parece que a palavra "bairro" é uma construção da mente que não é essencial para a vida amistosa; o seu reconhecimento e aceitação dependem do conhecimento do mundo externo. O paradoxo pode ser expresso de outra maneira: os residentes de um verdadeiro bairro não reconhecem a extensão e singularidade de sua área a não ser que eles conheçam as áreas contíguas; mas quanto mais eles conhecem e se relacionam com o mundo exterior menos se envolverão com a vida de seu próprio mundo, seu bairro e portanto, será cada vez menos um bairro.

Os bairros diferentes têm fronteiras bem definidas que tendem a separá-los da agitação da vida urbana. São isolados por razões econômicas, sociais e culturais. Os distritos dos muito ricos e dos muito pobres, os subúrbios exclusivos e as favelas, os guetos raciais e de imigrantes sobressaem nitidamente no mosaico urbano. Entretanto, os residentes dessas áreas não reconhecem com a mesma intensidade a sua própria singularidade. Os muito ricos conhecem bem os limites do seu mundo. "Nós nos mantemos separados". Os suburbanos da classe média podem ser ainda mais sensíveis de sua integridade territorial, porque seu mundo, em comparação com o do rico tradicional, é mais vulnerável à invasão de "arrogantes" de fora. Os negros residentes nos guetos são obrigados a desenvolver uma consciência de seu território porque fora dele deparam com uma hostilidade inequívoca. Por outro lado os moradores das favelas e os brancos residentes em guetos (por exemplo, os bairros de imigrantes europeus recém chegados) pouco valorizam o fato de que ocupam distritos com qualquer característica especial dentro de limites definíveis. Analisemos com mais detalhes estas generalizações.

* N.T. *Midtown* área urbana entre o centro e os bairros.

[21] William Stringfellow, *My People is the Enemy* (Garden City, N. Y.: Doubleday, 1966).

[22] St. Clair Drake e Horace R. Cayton, *Black Metropolis*, II (Nova York: Harper and Row, 1962), 547.

[23] Suzanne Keller, *The Urban Neighborhood* (Nova York: Random House, 1968).

Beacon Hill, em Boston é um bairro famoso da classe alta. Durante muito tempo foi um mundo em si mesmo, separado de suas áreas contíguas pela tradição, cultura, posição social e poder econômico. Está bem consciente de sua própria superioridade, uma reivindicação que é amplamente aceita pelos de fora. Beacon Hill, como uma comunidade baseada na cultura e na tradição, tem tanta auto-consciência quanto certos bairros étnicos; mas as diferenças psicológicas são muito grandes. Desde que um procura o isolamento baseado na presunção de superioridade enquanto o outro considera o isolamento como o melhor meio para enfrentar ameaças. As novas comunidades suburbanas de classe média procuram alcançar algo de exclusividade de Beacon Hill; porém sem a aprovação da história e da tradição devem depender das barreiras econômicas ou dos muros do preconceito racial para impedir a entrada de elementos indesejáveis. Contudo, Beacon Hill começou como subúrbio. Após a Revolução, as famílias da classe alta foram para o distrito de Beacon Hill, que era rural e fora de mão. Além disso, Beacon Hill não cresceu simplesmente: foi planejado para ser um bairro fino para pessoas de alta posição e abastadas. Durante um século e meio conseguiu manter o seu alto *status*, apesar de ter surgido em sua vizinhança um bairro operário (o West End) para alojar levas sucessivas de imigrantes pobres. A barreira que Beacon Hill ergueu ao seu redor não foi puramente econômica: parentes pobres e estudantes indigentes com antepassados tradicionais podiam aí viver, mas não foram aceitas casas comerciais e hotéis-apartamentos de luxo que pagavam bem. Com o decorrer do tempo Beacon Hill transformou-se em muito mais que um imóvel; é um símbolo de um mundo agradável que sussurra quase ameaçadoramente sobre as linhagens das velhas famílias, os distantes moradores, as velhas casas senhoriais, os antiquários locais e as veneráveis tradições do bairro. É como símbolo afetivo que Beacon Hill, na metade do século vinte, continua atraindo e retendo certas famílias da classe alta que, se não fosse por isso, aí não viveriam. Muitas casas de Beacon Hill pertencem a pessoas famosas e ostentam seus nomes. Estas casas estão plenas da presença espiritual de um passado ilustre e podem dar *status* instantâneo às pessoas que atualmente aí vivem.

Os residentes de Beacon Hill estão bem conscientes da identidade de seu bairro. O lugar tem uma rica herança literária e uma parte da energia para a composição literária parece ter ido para o panfletismo. Um grande número de artigos e panfletos tem sido escrito pelos residentes do Hill, elogiando seu charme e santidade. As comunidades mais novas gostariam de poder também usar uma propaganda semelhante, mas como não possuem tradição

histórica que gera auto-confiança, suas vozes tendem a ser algo estridentes. O histórico em Beacon Hill não é somente um fato objetivo, que qualquer estudioso pode trabalhar: está vivo na mente dos moradores. Dois tipos de organização, formal e informal, contribuem para a solidariedade do bairro. Formalmente, a Associação de Beacon Hill existe para representar os interesses especiais de todos os residentes. Seu objetivo expresso é "evitar que negócios indesejáveis e condições de vida afetem o distrito da colina". Fundada em 5 de dezembro de 1922, a existência desta associação sugere que não foram adequados os meios informais para manter as características do Hill. No entanto, são as organizações informais que dão vitalidade ao bairro. Estas organizações, em Beacon Hill, giram principalmente ao redor dos laços de parentesco e de amizade. Certas cerimônias anuais, no Hill, não são rotineiras nem íntimas. A cerimônia principal se realiza nas vésperas de Natal e consiste em cantos natalinos e acendimento de velas. Um velho costume que decaiu durante a Guerra Civil foi revivido neste século. Eventualmente, a cerimônia atraiu a atenção de toda a cidade e milhares de forasteiros se congregarão em Beacon Hill nas vésperas de Natal para observar e participar. Em 1939 cerca de 75 000 pessoas participaram dos cânticos natalinos e quase todas as casas no Hill tinham velas acesas. Este tipo de acontecimento aumentou a auto-consciência local e enriqueceu a imagem pública do bairro. [24]

Beacon Hill é um exemplo de um lugar onde o morador local e o forasteiro geralmente concordam na sua característica essencial e nos seus limites. O próprio residente facilmente desempenha o papel de observador ocasional que vê o distrito, conhecendo o mundo lá fora. Atrás da imagem está a realidade do bairro com sua continuidade histórica e sofisticação cultural, nas suas organizações formais e informais. Poucos distritos urbanos são comunidades em todos os sentidos em que Beacon Hill o é. As imagens internas e externas normalmente não coincidem: a área percebida como bairro pelo residente, geralmente só é uma fração da que percebe o forasteiro, como um espaço social homogêneo. Em um estudo do oeste de Filadélfia, os investigadores descobriram que o nome da área, que era familiar aos assistentes sociais e informantes, não era muito conhecido entre os habitantes, a maioria dos quais (sete décimos) considerava, em geral, a área como parte do oeste de Filadélfia. Possivelmente, a falta de prestígio do nome foi um fator para sua negação, porque na mesma cidade

[24] Firey, *Land Use in Central Boston*, pp. 45-48, 87-88, 96.

numa área com mistura racial, os habitantes de um distrito podem adotar o nome do distrito vizinho se este tiver maior prestígio.[25] O conceito de bairro, também parece uma idéia espacial vaga para os residentes de uma cidade mais ao sul. Menos de um, entre dez respondentes, imaginou "esta parte da cidade" como" não tendo nenhum limite ou fronteira". Entretanto, vinte e nove por cento da amostra pode fornecer algum nome de algum bairro em resposta à pergunta. "Se alguém que você encontrar em qualquer parte em Greensboro lhe perguntar onde você vive, o que responderia?" A mesma proporção forneceu o nome da rua, mas quando pressionados pelo nome de um bairro, foram capazes de indicá-lo.[26]

O West End, de Boston, ilustra a natureza multifacetada e freqüentemente ambígüa do conceito de bairro. O West End era distrito operário de ítalos-americanos de primeira e segunda gerações, misturados com elementos irlandeses e judeus que em uma época dominaram a área. Antes da destruição devida a um programa federal de renovação, o West End, tanto em suas características físicas como no estilo de vida de sua gente, oferecia um contraste colorido com o seu vizinho, o elegante Beacon Hill. Do ponto de vista econômico, sociológico e cultural, tanto West End como Beacon Hill são bairros bem definidos. Mas, enquanto os habitantes de Beacon Hill estão muito conscientes da sua própria cultura e geografia, isto não parece tão verdadeiro para os habitantes do West End. Observadores treinados sobre o cenário de West End chegaram à conclusões que parecem, à primeira vista, contraditórias. Fried e Gleicher disseram que "uma percepção comum é a sensação de que o West End é como uma *região local*, como uma área com identidade espacial indo além (embora possa incluir) das relações sociais envolvidas." À respeito da pergunta, "Você considera sua casa no West End, como parte de um bairro local?" oitenta e um por cento dos entrevistados responderam afirmativamente.[27] Ao contrário, Herbert J. Gans observa que "o

[25] Mary W. Herman, *Comparative Studies of Identification Areas in Philadelphia* (City of Philadelphia Community Renewal Program, Technical Report n.º 9, abril 1964, mimeografado); citado em Keller, *Urban Neighborhood*, p. 98.

[26] Robert L. Wilson, "Liveability of the City: Attitudes and Urban Development", in F. Stuart Chapin, Jr. e Shirley F. Weiss (eds.) *Urban Growth Dynamics in a Regional Cluster of Cities* (Nova York: Wiley, 1962), p. 380.

[27] Marc Fried e Peggy Gleicher, "Some Sources of Residential Satisfaction in a Urban Slum", *Journal of the American Institute of Planners*, 27, n.º 4 (1961), 308.

conceito de West End como um bairro era desconhecido para os seus próprios habitantes. Apesar da área ser há muito tempo conhecida como West End, os seus residentes dividiram-na em muitas *sub-áreas*, dependendo em parte até onde os inquilinos em um conjunto de ruas tinham razão e oportunidade para usar outra".[28] Os residentes deste distrito operário nunca usaram o termo "bairro". O West End como um bairro não era importante para eles até que foram ameaçados de despejo para que o distrito pudesse ser reconstruído. Não tinham interesse nele como uma unidade física ou social. Os comentários sobre o bairro geralmente careciam de emoção. A iminência da reconstrução fez com que muitos deles tomassem consciência da existência de West End como uma unidade espacial e cultural, porém poucos protestaram contra sua destruição. Alguns se sentiram seguros até o final, pois acreditavam que West End seria derrubado, mas sua rua não seria atingida.[29]

PREOCUPAÇÃO E INTENSIDADE DA EXPERIÊNCIA ESPACIAL

Estas visões aparentemente conflitantes referentes à consciencia de vizinhança dos moradores de West End podem ser harmonizadas, se reconhecemos as intensidades da experiência e da preocupação. O proprietário de classe média tem uma experiência íntima de sua casa. Ao mesmo tempo ele tem um interesse abstrato, porém intenso em seu bairro como um pedaço de terra cuja qualidade diretamente afeta o valor comercial de sua casa. Além das considerações econômicas, o proprietário valoriza o bairro e defenderá sua integridade por representar um estilo de vida desejado. O artista ou intelectual, como o proprietário de classe média, está bem consciente da qualidade especial do seu distrito e o defenderá contra a intrusão. Entretanto, possivelmente ele não possui muitas propriedades e está mais apto a atribuir valor ao seu bairro por razões estéticas e sentimentais. Herbert Gans observou que os ítalo-americanos participantes da campanha para salvar West End, limitavam-se a um punhado de artistas e intelectuais.[30] Embora em West End os artistas e os escritores compartilhassem muitas das atividades dos grupos familiares de sua geração, seus talentos e carreiras os separavam psicologicamente. Por conhecer algo do mundo, eles podiam ver West End como um todo e valorizar seus traços característicos.

[28] Herbert J. Gans, *The Urban Villagers* (Nova York: Free Press, 1962), p. 11.

[29] *Ibid.*, p. 104.

[30] *Ibid.*, p. 107.

A grande maioria dos moradores de West End são pessoas da classe operária. Sua consciência de bairro parece ser feita de zonas concêntricas variando seu grau de importância segundo o tipo e a intensidade da experiência que eles têm delas. O centro da consciência reside no lar e na rua ou num segmento da rua. Dentro deste pequeno espaço a classe operária de West End participa com grande freqüência de atividades sociais informais, produzindo com o passar do tempo, um sentimento afetuoso pelo lugar, dificilmente alcançado nas comunidades de classe média. Além do lugar da casa, a classe operária pode-se identificar intensamente com alguns outros lugares não muito distantes de sua residência. Estes são: as áreas favoritas de recreação, os bares locais e talvez os centros comunitários. O sentimento sobre estas áreas de limites imprecisos e centros de conexão de rotas curtas não é romântico nem verbalizado. Ao contrário, as pessoas da classe média urbana são muito seletivas no uso de espaço e conhecem extensas áreas que lhes são familiares. Outra diferença é que o seu sentido de lar tem limites rígidos. Para uma pessoa da classe média o lar pode se estender até o gramado ou jardim pelo qual ele paga imposto, além daí, o espaço é impessoal. Assim que põe o pé na rua ela se sente em um lugar público que pouco lhe pertence. Para um homem da classe operária é permeável o limite entre a sua casa e o seu meio ambiente imediato. Todos os meios de comunicação entre o morador e o meio ambiente, como as janelas abertas, as janelas fechadas, os corredores e até os muros e o chão servem como ponte entre o interior e o exterior. Um observador assinalou:

> A vida social tem um fluxo ininterrupto entre apartamento e rua: as crianças são mandadas brincar na rua, as mulheres debruçam-se nas janelas para olhar e participar das atividades da rua, as mulheres saem "para a rua" para conversar com as amigas, os homens e os meninos encontram-se à noite nas esquinas e as famílias à noite sentam-se nos degraus e conversam com os seus vizinhos, quando faz calor [31].

No West End, em Boston, o território é limitado de maneira diferente por diferentes pessoas. Para a maioria dos moradores é bem pequeno. O limite entre a unidade habitacional e a rua pode ser sumamente permeável, mas poucas pessoas ousam incluir muito do domínio público como seu espaço privado. A rua é um elemento comum do sentimento de vizinhança. Os políticos reconhecem esse fato, pois quando fazem campanha, freqüentemente

[31] Fried e Gleicher, "Residential Satisfaction", p. 312.

adaptam seus discursos apelando para o bairrismo de cada rua. É interessante chamar a atenção que o tamanho percebido do bairro tem pouca relação com a extensão da rede de parentesco e amizade de West End. Pode-se concluir, que apesar do sentimento pelo lugar ser grandemente influenciado pela disponibilidade e pela satisfação dos laços interpessoais, não depende inteiramente da rede social.

O bairro é o distrito no qual nos *sentimos* em casa. Outro sentido mais abstrato de bairro é que é o distrito que conhecemos razoavelmente bem, quer pela experiência ou pela fama. A maioria dos habitantes de West End alega familariedade com uma grande parte ou com a maior parte de West End; e muitos conhecem as áreas contíguas. A quarta parte das pessoas entrevistadas informou ter familiaridade com algum setor distante da região de Boston. Em outras palavras, muitos residentes estão conscientes de um mundo interior no West End, rodeado por um mundo exterior algo hostil. Não devemos esperar que os moradores de West End sejam capazes de delimitar as fronteiras em mapas, nem que seus mundos interiores sejam muito parecidos. Eles têm experienciado algumas diferenças entre seu mundo e o que se situa além e sua consciência destas diferenças é aumentada pela sua percepção do mundo exterior, não somente como rico e poderoso, frio e solitário, mas ameaçador. Em meados da década de cinqüenta, o sentimento vago de ameaça tornou-se realidade quando foram anunciados os planos de redesenvolvimento. Por um lapso de tempo os moradores de West End tiveram consciência plena do caráter singular de seu distrito, mas (como já assinalamos anteriormente) com exceção de alguns intelectuais e artistas, sua preocupação com a sobrevivência de West End foi suficiente para originar apenas um movimento ocasional de protestos descoordenados.

SATISFAÇÃO COM O BAIRRO

Em grande parte as pessoas estão satisfeitas com sua área residencial. Para aqueles que viveram muitos anos em um lugar, a familiaridade engendra aceitação e até afeição. Os recém chegados estão mais inclinados a manifestar descontentamento; por outro lado, as pessoas podem, à despeito de seus sentimentos reais, expressar contentamento com seu novo bairro porque é difícil para elas admitir que ao se mudarem por razões econômicas, de fato cometeram uma tolice. As pessoas de alta renda comumente expressam satisfação, o que não é de surpreender pois estão onde estão por sua própria escolha e dispõem de meios para melhorar a qualidade do seu bairro. As pessoas de menor renda

são menos entusiastas: as razões dadas porque gostam de sua área tendem a ser gerais e abstratas, ao passo que as razões dadas por não gostarem são mais específicas e concretas. Satisfação parece ser uma palavra mais fraca: pode significar um pouco mais que ausência de irritações persistentes.

Muitas vezes é difícil saber interpretar "gosta" ou "afeição" quando são verbalmente expressas. Gostar de um distrito, não obriga necessariamente a pessoa a nele permanecer ou ainda predominantemente preferir suas facilidades e serviços. Keller escreve:

> E uma área de Filadélfia, racialmente mista, tantos os residentes brancos como os pretos gostavam da área pela limpeza, tranqüilidade, localização conveniente, propriedades bem mantidas e ainda pessoas agradáveis. Entretanto os residentes brancos saiam da área para compras e recreação e se recusavam a participar na única organização da comunidade, de maneira que estavam fisicamente na área, mas, não em espírito. [32]

Satisfação não significa afeição profunda. No estudo de áreas residenciais, no oeste de Filadélfia, a maioria dos entrevistados consideraram sua área como um lugar "razoavelmente bom" para viver, mas três quartas partes poderiam pensar em viver em outro lugar. Setenta e cinco por cento dos residentes de West End, em Boston, antes de seu redesenvolvimento, disseram que gostavam do distrito ou gostavam muito e setenta e um por cento indicaram West End como seu verdadeiro lar. Contudo, para um grupo numeroso, West End como lar, parece não significar mais do que uma base para se mover para fora de seu mundo e regressar. De fato muitos mostraram maior apreço pela casa como lugar de acesso para outros lugares do que pela casa em si mesma. [33] Apesar de afirmar que gostavam do bairro, incluindo a compacta construção de prédios de apartamentos e a proximidade visual e auditiva das pessoas, muitos habitantes de West End manifestaram que, contentes, se mudariam para uma nova casa no subúrbio sob duas condições: que o subúrbio fosse um desses antigos, dispersos ao redor da cidade de Boston e que pudessem ir todos juntos, mantendo os antigos laços sociais e o velho clima social.

Os moradores da cidade atribuem maior valor à qualidade do bairro do que às vantagens da cidade ou à qualidade de sua casa. No estudo de duas cidades do sul (Durham e Greensboro, na Carolina do Norte), os pesquisadores descobriram que a grande maioria dos residentes tanto dos distritos centrais como das periferias e tanto os grupos de alta como de baixa renda manifestaram satisfação com a sua cidade como um lugar onde viver; e que suas atitudes para com a cidade tendem a ser paralelas às suas atitudes para com o bairro. Porém, as pessoas também mostraram maior disposição para opinar sobre o seu bairro e foram muito mais críticas dele do que foram com o meio ambiente geral da cidade. Quando a discussão se referia à cidade, os residentes mostravam muito interesse em vias e ruas e em mobilidade. No entanto, quando tinham que escolher entre "um bairro muito bom, mas com localização inconveniente" e "um bairro não tão bom, mas com localização conveniente", a preferência dos residentes foi, de três contra um, pelo bairro bom — a acessibilidade a outras partes da cidade não era tão importante. Tanto em Greensboro como em Durham foi atribuído maior valor ao bairro do que à casa. Quando a escolha foi entre "uma casa muito boa em um bairro não tão bom" e "uma casa não tão boa em um bairro bom", seis contra uma das pessoas entrevistadas preferiram o bairro em lugar da casa. [34] Os residentes de classe média desejam uma boa casa, mas a maioria aceitaria uma não tão boa se pudessem ter as vantagens reais assim como o prestígio de um bom bairro. As pessoas da classe operária atribuem, também maior importância ao bairro que à moradia, mas por algumas razões diferentes. Em primeiro lugar, as pessoas da classe operária de baixa renda, dificilmente desfrutaram da opção de selecionar entre "uma casa muito boa" e "uma não tão boa". Elas também mostraram menor preocupação com o *status* simbólico dos subúrbios do que os membros da classe média-baixa que conscientemente lutaram para melhorar de situação. Para medir as preferências da classe operária é preciso uma escala negativa que expresse estados relativos de insatisfação. Para a classe operária a insatisfação com a moradia não significa necessariamente insatisfação com o bairro. Por exemplo, embora metade dos imigrantes portorriquenhos na cidade de Nova York não estivesse satisfeita com os lugares de moradia, somente vinte e seis por cento não estavam satisfeitos com seus bairros. [35] Estas atitude é compatível com a tendência muitas vezes observada entre as pessoas da classe operária: que não restringem sua vida social à vizinhança imediata dos prédios onde moram como as pessoas da classe média tendem a fazer, nem diferenciam tão rigidamente o espaço público do privado.

[32] Keller, *Urban Neighborhood*, p. 110.
[33] Fried e Gleicher, "Residential Satisfaction", p. 307.
[34] Wilson, "Liveability of the City", pp. 380-81.
[35] N. Glazer e D. McIntire, *Studies in Housing and Minority Groups* (Berkeley e Los Angeles, University of California Press, 1960), p. 163.

A satisfação com o bairro depende mais da satisfação com os vizinhos — sua amizade e respeitabilidade — do que das características físicas da área residencial. As reclamações sobre moradias inadequadas ou ruas inseguras comumente são reclamações sobre os hábitos e padrões dos vizinhos. As relações sociais parecem determinar a maneira como as pessoas responderão à adequação de suas moradias e facilidades, se elas permanecem ou se mudam e como enfrentam a superlotação e outras inconveniências. Os habitantes de West End, em Boston, como dissemos anteriormente, estavam realmente dispostos a mudar se o pudessem fazer todos juntos, mantendo o velho ambiente social. Estavam contentes com seu distrito porque gostavam da experiência de um grupo unido. Eles não viam sua área como um bairro pobre (*slum*) e se ressentiam porque cidade o rotulara como tal. Em Greensboro, na Carolina do Norte, o contentamento com a vida urbana relacionava-se com o grau de participação nas atividades da Igreja. A proporção de homens filiados à Igreja, que estavam muito satisfeitos, foi doze por cento a mais do que os não filiados e para as mulheres a diferença foi de vinte por cento. Resultados semelhantes foram obtidos em Durham. Os insatisfeitos, apenas um décimo do total da amostra, se queixaram de que as facilidades para compra e transporte eram deficientes, mas não foi primordialmente a situação econômica que diferenciou os insatisfeitos dos satisfeitos, foram, mais precisamente as relações sociais. Pelo menos duas vezes mais que os satisfeitos, os insatisfeitos se queixaram da falta de contato com amigos, com a Igreja e do tipo de pessoas com as quais tinham que se associar. As mulheres, como era de esperar, atribuíram maior valor que os homens aos vizinhos amistosos e convenientes. Elas estavam mais apegadas ao bairro e mostraram maior relutância em abandoná-lo. Tanto para os homens como para as mulheres a satisfação geral se correlacionava com a frustração ou não da expectativa. Assim, as pessoas com escolaridade inferior à secundária tinham menos aspirações e conseqüentemente menos insatisfações. As de escolaridade superior tinham aspirações altas, mas puderam alcançar grande parte delas; tendiam também a estar satisfeitas com seu bairro. O descontentamento alcançou maior proporção entre as pessoas que possuíam diploma superior; suas aspirações tinham sido aumentadas, mas careciam dos meios para alcançá-las em grau adequado. [36]

[36] J. Gulick et al., "Newcomer Acculturation in the City: Attitudes and Participation", in Chapin e Weiss, *Urban Growth Dynamics*, pp. 324-27.

A visão vista de baixo

A visão vista de baixo é a de um mundo estreito, desolado e ameaçador. As pessoas que têm alguma energia, geralmente os jovens, procuraram compensá-la através da fuga para a fantasia ou por atos de violência. Os estilos de vida dos pobres variam igual ou mais que os dos ricos, embora os pobres trabalhem sob severas limitações econômicas. Os ricos tendem a abafar as diferenças locais sob o brilho de um estilo internacional. Por outro lado, os pobres são muito influenciados por tradições peculiares ou étnicas e pelas várias condições socioeconômicas sob as quais são obrigados a viver. Chinatown, gueto negro e Skid Row* são mundos urbanos discrepantes, tendo apenas em comum a pobreza e o baixo *status* social. Neste item vou esboçar algumas percepções características dos pobres do Harlem e do Skid Row. As visões do Harlem foram dadas, principalmente, pelos jovens. A existência da família, por mais desorganizada que seja, é o fato social fundamental que distingue o Harlem do Skid Row. Seus estilos de vida pouco têm de comum, embora ambos — o gueto dos negros e os moradores do Skid Row — suportem a carga da pobreza e vivam em meios ambientes decadentes. Afora as prisões e os campos de concentração, as vidas dos homens solitários do Skid Row são talvez a pior degradação porque, ao contrário dos pobres do gueto, os moradores do Skid Rw não podem achar alívio na energia dos jovens, no altruísmo feminino para com a sua prole, nem sequer na fantasia e violência.

Para um estranho, o fato mais chocante sobre o gueto, como o Harlem na década de cinqüenta, é a sua feiura — a sujeira e o abandono. "Em muitas lojas as paredes estão sem pintura, as janelas estão sujas, o serviço é deficiente, as provisões são escassas. Os parque estão completamente descuidados. As ruas estão cheias de gente e de lixo." [37] Existem algumas incoerências curiosas: o Harlem é sujo e no entanto muitos negócios procuram embelezar-se e arrumar-se. Um visitante, caminhando pelas ruas centrais do Harlem, possivelmente se impressionará com a sucessão de barbearias, salões de beleza e lavanderias. As pessoas estão mal alimentadas e no entanto abundam os negócios de comida e de bebida (padarias, fornecedores, mercearias, armazéns de bebidas alcoólicas, lanchonetes, restaurantes, bares e tavernas) e dominam partes das cenas de rua. Na manhã de domingo os residentes do

* N.T. Bairro de vagabundos, das grandes cidades.

[37] Kenneth B. Clark, *Dark Ghetto* (Nova York: Harper and Row, 1967), p. 27.

Harlem aparecem bem arrumados para ir à Igreja e o acontecimento seria uma cena tranqüila se as ruas não estivessem manchadas de vômito e sangue; testemunhas da fúria e frustração da noite do sábado. Não existem edifícios públicos para museus, galeria de arte ou escola de arte, apesar da imagem estereotipada do negro como artista. Cinco bibliotecas pouco contribuem para o enriquecimento da mente, mas há centenas de bares, centenas de igrejas de fachada e inúmeras cartomantes que exploram a fantasia. As casas funerárias — o Harlem possuia noventa e três na década de cinqüenta — indicam a realidade de vidas falsas, improdutivas, que se acabam prematuramente; no entanto, a proliferação dessas casas é ao mesmo tempo um sintoma da necessidade das pessoas em sonhar diante da morte.

A rua é feia e perigosa, mas no verão tem maior atração para os residentes do Harlem do que seus quartos abafados e confinados. Um homem de trinta e cinco anos, assim o descreveu:

> ...o policial disse, "Tudo bem, todo mundo para fora da rua ou para dentro!" Agora está muito quente. Não temos, na maioria destas casas, apartamentos com ar condicionado, então para onde vamos, se sairmos da rua? Não podemos entrar na casa, porque quase nos sufocaríamos. Portanto, nos sentamos na sarjeta ou ficamos na calçada, ou nos degraus, ou em qualquer outro lugar, até de madrugada [38].

O que é um lar? A imagem da classe média é tipicamente composta de uma casa rodeada de gramado e separada do mundo público das ruas. Claude Brown, em sua novela autobiográfica escreve: "Sempre me lembro do Harlem como lar, mas nunca me recordo dele como estando na casa. Para mim, o lar eram as ruas. Suponho que muitas pessoas sentiam o mesmo". As crianças, em especial, encontram excitação na rua, o que faz o lar parecer enfadonho e triste. "Quando eu era bem jovem... podia sempre estar sentado nos degraus de entrada. Lembro-me que a Mama dizia a mim e à Carole que sentássemos nos degraus e não nos movêssemos além da porta de entrada. Mesmo quando chegava a hora de entrar e Carole me puxava para subir para comer, eu nunca queria ir, porque daí eu podia ver tantas coias na rua". [39]

As crianças são bem conscientes da sordidez de seu ambiente. E mais do que a deterioração física, elas sentem o perigo dos vagabundos e dos drogados. As ruas podem proporcionar excitação, mas uma tênue linha separa a excitação do medo. Brown lembra "toda a minha vida estive assustado no Harlem". "Ainda que eu tenha feito coisas que as pessoas diziam ser loucuras — pessoas que pensam que eu não tinha medo de nada — eu tinha medo de quase tudo". [40] Foi solicitado às crianças da 6.ª série, de uma escola do Harlem, que expressassem suas impressões do seu quarteirão. As respostas típicas foram: "Meu quarteirão é sujo e piolhento", "Meu quarteirão é sujo e fede... tem drogados e o lixo da lata se esparrama pela calçada e tem comida no chão", "Meu quarteirão não tem *árvores* na calçada como lá fora no parque..." Quando foram perguntadas sobre o que fariam para melhorar seu quarteirão, estas crianças de onze e doze anos recomendaram a remoção dos trastes e dos vagabundos, a construção de casas novas com água quente "todos os dias", o plantio de árvores e a transformação das ruas em ruas de lazer, removendo os vagabundos e os carros estacionados. [41] Acredita-se que a privacidade é um valor característico da classe média. A classe operária tolera melhor o amontoamento; muitos até apreciam esta mistura informal em espaços indiferenciados entre parentes e amigos íntimos. Mas, um mínimo de privacidade é uma necessidade humana fundamental e às vezes nem este mínimo existe nos quartos apinhados no Harlem. Até as crianças sentem profundamente a falta de privacidade em seu lar. Por exemplo, Herbert Kohl levou seis crianças do Harlem para visitar Harvard; elas se hospedaram no Bratt Inn. Logo se evidenciou que as crianças tinham pouco interesse por Harvard; o que queriam era ficar em seus quartos para desfrutar o luxo da privacidade, da tranqüilidade e de suas próprias camas. [42]

Adolescentes e crianças do Harlem pouco conhecem do mundo exterior. A fantasia substitui a realidade. Os adolescentes fingem saber o que não sabem, alguns imitam criminosos insignificantes, outros, estudantes universitários. Atividade não dirigida e violência se alternam com desespero e apatia. Um estado de ânimo comum entre os adolescentes da década de sessenta é revelado na seguinte conversa entre um assistente social e um jovem de dezenove anos.

> O que você acha das condições daqui?
> Não sei.
> O que você quer dizer por não sei? Você está aqui todos os dias.

[38] *Ibid.*, p. 5.
[39] Claude Brown, *Manchild the Promised Land* (Nova York: New American Library), p. 428.
[40] *Ibid.*, p. 201.
[41] Herbert Kohl, *36 Children* (Nova York: New American Library, 1968), pp. 47-49.
[42] *Ibid.*, p. 60.

> Enquanto eu possa sobreviver, não me importo com ninguém, homem.
> É duro procurar sobreviver nestas ruas?
> Sim, se você não se dedica inteiramente, você sabe, fazer algo para conseguir sobreviver, é duro [43].

É limitado o conhecimento da cidade de Nova York fora do Harlem. As crianças nas aulas de Herbert Kohl não tinham idéia da existência da Universidade de Columbia, apesar de que a podiam ver através das janelas da sala de aula. As viagens para o centro, fora do Harlem, eram experiências atordoantes. Quando os adolescentes saíam do metrô tinham dificuldade de associar a espetacular Park Avenue de edifícios luxuosos de apartamentos, porteiros e calçadas limpas com a Park Avenue que eles conheciam: "Onde estão os trilhos? Onde estão as latas de lixo?" Claude Brown, em sua novela autobiográfica, descreveu sua primeira ida a Flatbush (seu emprego como mensageiro o levou até essa parte estranha de Nova York). "Nunca antes em minha vida tinha estado em Flatbush. Nunca soube que a cidade de Nova York tivesse um lugar tão bonito. Eu preciso voltar lá na primavera, quando tudo estiver florido. Gostei de estar em um lugar onde tudo estava tão limpo. Fazia-me sentir como eu." [44]

Os moradores de Skid Row ocupam, na ordem de *status*, a posição mais baixa na sociedade ocidental. Poucos seres humanos estão mais expostos ao desprezo flagrante das pessoas respeitáveis do que o *Bowery Bum*. Desde que ninguém nasce para o estilo de vida de Skid Row, cada residente deve ter perdido *status* quando para aí se mudou. É o nadir da descida social. Como um ambiente ecológico para homens sem lar, Skid Row começou a aparecer nas grandes cidades americanas aproximadamente no início da década de 1870; cresceu rapidamente na passagem do século e alcançou o máximo mais ou menos trinta anos depois, durante a Depressão, quando mais de um milhão e meio de pessoas, o mínimo estimado, estavam sem lar. Desde o começo da segunda guerra mundial, a população de Skid Row tem diminuído rapidamente. Uma estimativa em 1950, calculava em 100 000 o número de moradores em Skid Row, nas cidades americanas.

Na aparência física o Skid Row é inconfundível. Junto ao centro comercial ou às facilidades de transporte pesado de quase toda grande cidade, se espalha um mosaico pardacento de hotéis de baixa categoria e de casas de cômodo; tavernas, restaurantes

[43] Clark, *Dark Ghetto*, pp. 89-90.
[44] Brown, *Manchild in the Promised Land*, p. 229.

bratos, lojas de segunda mão e de penhor; agências de emprego oferecendo mão-de-obra não qualificada e missões oferecendo salvação e uma refeição gratuíta. É comum ver homens apáticos formando grupos ou flanando ao redor de *penny arcades;** ou de latas de lixo. O seu estilo de vida é tão bizarro para o cidadão comum que, os maiores Skid Row são uma atração turística. Alguns o vêem romanticamente como uma vida descuidada; muitos o vêem como a degradação máxima. O jornalista que procura estórias de interesse humano pode estar certo de encontrar moradores de Skid Row com doutorado; o sociólogo que levanta hipótese de causas ambientais, invariavelmente encontra alcoólatras provenientes de lares desfeitos. [45] Os marginais não verbalizam suas próprias percepções. Parecem satisfeitos em confirmar qualquer tipo de preconceitos que os estranhos possam ter deles. A pesquisa tende a destruir as imagens mais românticas. Bogue acredita que o melhor para poder simbolizar a vida em Skid Row são dois quadros:

> O primeiro é o de um homem de idade madura ou velho sentado na entrada de um acanhado hotel olhando vagamente para o espaço, como à espera de alguém que nunca vem. E o segundo é o de um dançarino afeminado ou um biscateiro embriagado debruçado sobre o bar, que gastou todo dinheiro, procurando compor-se o suficiente para voltar ao seu cubículo sem ser apanhado pela polícia [46].

A vida de rua é cheia, porém cinzenta. De madrugada, enquanto a maior parte da cidade ainda dorme, as calçadas começam a se encher de homens. O arrastar-se de um lado para outro, pela rua, continua até nove ou dez horas da noite; daí em diante, gradualmente vai diminuindo. As calçadas, nos sábados e domingos, ficam cheias de pedestres e de vadios. O propósito é olhar vitrinas e bater papo. Espiar vitrinas pode levar horas; ler o cardápio e escolher um lugar para comer é freqüentemente a principal decisão do dia. Pequenos grupos de pessoas juntam-se nas entradas dos hotéis, nas esquinas e perto das tavernas favoritas para encontrar conhecidos. Tais encontros muitas vezes terminam no bar. Muitos se encostam nas paredes para observar a cena social. Uma

* N.T. lugares de diversão com caça níqueis, máquinas automáticas para vender chocolates, selos, cigarros, etc.
[45] Samuel E. Wallace, *Skid Row As a Way of Life* (Nova York: Harper and Row, 1968).
[46] Donald J. Bogue, *Skid Row in American Cities* (Chicago: University of Chicago Press, 1963), p. 117.

grande riqueza dos moradores do Skid Row é tempo e como toda grande riqueza é um fardo. Depois que escurece, a atividade mais popular é assistir televisão e em segundo lugar, beber nas tavernas. O inverno em uma cidade do norte é um desafio a mais para a sobrevivência; ele também, ainda isola mais os homens. As ruas geladas e varridas pelo vento desencorajam as atividades que no tempo mais ameno consomem piedosamente uma grande parte do tempo dos moradores do Skid Row. No tempo frio, a televisão é mais do que nunca o meio para o isolamento físico e psicológico. Os habitantes do Skid Row também procuram o calor das salas de leitura das bibliotecas e no desespero, até deixarão que suas almas sejam salvas nas missões por umas poucas horas de calor e uma refeição grátis. Depois da comida, o problema mais premente para um vagabundo, é um lugar para dormir (abrigo). Para o cidadão respeitável, dormir sugere apenas um dormitório ou em circunstâncias excepcionais um sofá ou um saco de dormir. Mas, para o nômade urbano do Skid Row pode significar uma centena de possíveis abrigos — compartimento das caldeiras, vagão com fardos de algodão, escadarias de prédios, caixa de lixo, recinto de pesagem, toalete de hotel, *penny arcades,* Igreja, terminal de carga e outros. [47]

Podemos falar de topofilia? No Skid Row de Chicago a maioria dos residentes não gosta do seu meio ambiente, mas uma grande minoria — talvez a quarte parte — declara que gosta. No entanto, a maior parte das respostas "gosta" é simplesmente adaptação à necessidade de sobreviver: Skid Row oferece a vantagem do anonimato, vida barata e proximidade às agências de obras sociais e missões. Alguns habitantes respondem mais positivamente ao bairro: eles o aprovam porque "se sentem em casa", "acham que a vida aqui é interessante ou excitante", ou podem ser eles mesmos e "fazer o que quiserem". A respeito do que os moradores do Skid Row não gostam, é significante que façam objeção às pessoas, suas bebedeiras e baixo *status,* muito mais do que ao ambiente físico decrépito. [48]

Recapitulações

Neste capítulo vimos como pode variar a apreciaçao da cidade. No nível abstrato, a cidade pode ser identificada com simples epíteto ostentoso que chama a atenção para um único traço

[47] James P. Spradley, *You Owe Yourself a Drunk: An Ethnography of Urban Nomads* (Boston: Little, Brown, 1970), pp. 99-109.
[48] Bogue, *Skid Row,* pp. 134-38.

— salsicha ou sol; é um emblema da cobiça e da degradação humana, mas também uma metáfora das maiores realizações do homem. No nível da experiência vivida as atitudes ambientais das antigas comunidades aristocráticas e as dos jovens ascendendo socialmente das classes média e média baixa, dificilmente coincidem. A imagem urbana é uma para o executivo pendular e outra bem diferente para a criança sentada na escada de entrada de um bairro pobre ou para o vagabundo que dispõe de tempo, mas de quase mais nada. Que generalizações podemos fazer? Eis aqui quatro importantes: (1) Bairro é uma idéia difícil de apreender. O espaço íntimo é sempre restrito, ainda que talvez mais amplo para as pessoas da classe operária do que para os habitantes ricos dos subúrbios. Para os primeiros o espaço íntimo é um segmento da rua, uma esquina ou pátio: este é o bairro sentido. Para o suburbano da classe média o espaço íntimo pode não ultrapassar sua casa e gramado. Como conceito, no entanto, bairro cobre uma área muito mais ampla na mente dos executivos "colarinhos brancos" do que na mente da classe operária pobre. (2) As pessoas, independentemente da classe econômica e cultura, tendem a julgar a qualidade de seu meio ambiente mais pelo que percebem ser um bom vizinho do que pela condição física do bairro. (3) A imaginabilidade de uma cidade, no sentido de quão nítidas e quantas imagens são percebidas e retidas na mente, necessariamente não melhoram muito com a experiência. (4) Uma cidade grande é freqüentemente conhecida em dois níveis: um de grande abstração e outro de experiência específica. Em um extremo, a cidade é um símbolo ou uma imagem (expressa em um cartão postal ou um lema) pela qual podemos nos orientar; no outro, é o bairro intimamente experienciado.

CAPÍTULO QUATORZE

subúrbios e cidades novas: a busca de meio ambiente

O subúrbio é um ideal. Nos países ocidentais, para as pessoas de renda média, a palavra sugere um estilo de vida perfeito, no qual se combina o melhor da vida rural e urbana sem os seus defeitos. Por outro lado, a palavra *suburbia,* neologismo de criação recente, parece zombar deste ideal. Entre as pessoas com boa educação e sofisticadas, as atitudes para com a vida suburbana são ambivalentes: um professor de literatura admitirá que vive em Greenacres com o mesmo embaraço que admite possuir uma TV colorida.

Livros e artigos têm sido escritos sobre o "mito e realidade" do subúrbio. Um meio ambiente no qual vive mais de um terço dos americanos às vezes parece estranhamente transitório. O mesmo não acontece com a cidade. Tudo o que podemos pensar da cidade é real. O romanticismo inverso explica em parte esta atitude; nos persuade a identificar a realidade com tudo o que é difícil e intransigente, comercial e grosseiro, traços que associamos com os centros urbanos. Outra razão é a procedência da experiência com a cidade. As imagens do subúrbio aparecem em resposta às imagens da cidade. Quando as cidades são vistas como paradigmas cósmicos ou centros de civilidade e liberdade, viver longe delas — nos subúrbios — é estar fora dos limites, é estar em uma zona intermédia onde os homens não podem alcançar a sua plena humanidade. Por outro lado, quando as cidades são descritas como abominações, "antros de iniqüidade", os subúrbios adquirem um brilho romântico, quando não sagrado. Em relação à cidade, em nenhum caso o subúrbio é completamente real. O subúrb
desejado e em nenhum lugar) porque os escritores tendem a descrever a mudança para fora da cidade como uma livre empresa. Para os sociólogos a migração rural-urbana do século dezenove foi o resultado de compulsão econômica, porém o êxodo do século vinte para os subúrbios tende a ser explicado pela noção de "uma procura do meio ambiente". Neste capítulo tentarei apresentar algumas respostas comuns ao subúrbio em uma relação dialética com a imagem e realidade da cidade.

Subúrbio — "além da muralha"

A cidade tradicional, como já vimos, tem implicações cósmicas. É um símbolo do centro; é um espaço sagrado e ordenado, isolado do mundo profano por meio de muralhas. Quando os residentes da cidade medieval se vangloriavam de que, "o ar da cidade nos torna livres", eles reconheciam o fato de que além do muro da cidade, a liberdade era cerceada: os comerciantes humildes se amontoavam do lado de fora dos portões e no campo, camponeses e servos labutavam sob a atenta vigilância de seus senhores feudais. O erudito medieval, Alanus ab Insulis comparou o universo com uma cidade. No castelo central, no *Empíreo* o Imperador era entronizado. O cavaleiro angélico vivia nos céus mais baixos, enquanto os seres humanos eram criaturas marginais e viviam do lado de fora da muralha da cidade. C. S. Lewis refere-se ao requinte com que Alanus negou à nossa espécie até mesmo a trágica dignidade de ser pária, ao transformar-nos em simples suburbanos.[1] No mundo moderno a natureza "central" das aglomerações urbanas é sugerida, em muitas cidades francesas, pelos sinais das estradas nos perímetros urbanos da cidade — *Centre-ville et toutes directions.*

Cidade significa civilidade. A palavra "civilização", foi cunhada pela primeira vez em meados do século dezoito. No

[1] C. S. Lewis, *The Discarded Image* (Cambridge: Cambridge University Press, 1964), p. 58.

começo significou simplesmente a civilidade e a urbanidade que se espera encontrar em companhia dos moradores da cidade. Ser *sub*-urbano não era exatamente ser o camponês inculto mas significava, literalmente, não ser tão urbano, ser menos urbano, não tão civil, não plenamente civilizado. Esta opinião de fato tem uma base: as profissões menos desejáveis, os elementos da sociedade com menos prestígio e os párias se estabeleceram fora dos limites da cidade tradicional. Em um diálogo em *Os Contos de Cantuária* (1386), Chaucer revelou algo das atitudes de seus contemporâneos para com o subúrbio.

> *..."Onde você vive agora? se não se importa em me dizer".*
> *"Em cortiços", ele respondeu, "os subúrbios são nossa morada;*
> *Nos escondemos em buracos e becos,*
> *Lugares onde se reunem todos os ladrões e assaltantes,*
> *Lugares que por sua natureza estão impregnados de*
> *[medo e são esconderijos*
> *Onde os residentes não usam mostrar suas faces"* [2]

Os subúrbios começaram na Inglaterra assim como no Continente, com o estabelecimento extramuro das pessoas que, em todos os sentidos, estavam à margem da sociedade urbana. Ao redor do século dezesseis, a França tinha seus típicos *"fau*bourg" (*"fore"*-burg) como a Inglaterra tinha seus *"fore*-streets." Eles tinham certos traços em comum. Por exemplo, pousadas, lugares de diversão, pequenas indústrias e serviços desagradáveis como fabricação de sabão e curtumes, eram localizados fora dos limites da cidade. [3] Na Inglaterra os pobres se amontoavam nos subúrbios e o mesmo ocorria com os imigrantes que instalavam indústrias que concorriam com as das corporações da cidade. Na época Tudor era difícil aplicar a lei e a ordem nos subúrbios de Londres. Na França o prefixo "fore" do *faubourg* adquiriu uma interpretação etimológica de *faux,* isto é, "imitação" ou "falso". Apesar da palavra *faubourg* ter perdido sua primitiva associação com os bairros pobres, a palavra *faubourien* (morador suburbano) ainda a conserva.

O conceito de um gradiente hierárquico descendo do centro majestoso para as margens baixas, foi idealizado em Ecbatana, a capital dos Medas. Mesmo no século vinte ainda existe algo do gradiente de valores nas zonas sucessivas de uma grande metrópole. Segundo Richard Sennett: "As cidades estavam arranjadas em círculos de riqueza socioeconômica, com as fábricas nos arrabaldes da cidade e junto a elas, os subúrbios ou bairros de operários e depois, progressivamente círculos de casas mais ricas à medida que se avançava para o centro da cidade". [4] No centro se congregavam edifícios monumentais dedicados à administração, comércio e às artes. Até a época da segunda Guerra Mundial, cidades européias como Turim, Viena e Paris mantinham este padrão. Em Paris, um dos melhores bairros residenciais situa-se entre a Place de l'Étoile e o Bois de Boulogne. Os ricos tinham meios para permanecer no centro metropolitano, enquanto que à partir de 1870 o aumento do valor da terra obrigou os pobres a se mudarem para os subúrbios. Os europeus sofisticados preferem viver perto das amenidades do centro da cidade. Um estudo realizado em Viena, na década de 1950, revelou que oitenta e dois por cento das pessoas entrevistadas queriam permanecer no centro da cidade. Mesmo nos Estados Unidos grandes centros metropolitanos como Nova York, Boston e Chicago conseguiram, em certo grau, manter o padrão urbano tradicional do começo do século atual.

Enquanto o centro da cidade reteve seus cidadãos mais ricos e o *status* cultural, o subúrbio permaneceu metaforicamente fora dos muros. No entanto, a simulação e inversão do gradiente socio-econômico se tornou progressivamente mais comum à partir da época da Revolução Industrial. Na Europa, as cidades comerciais e as cidades oficinas, que não tinham instituições culturais poderosas revelaram-se centros congestionados e poluídos onde os pobres viviam perto dos seus lugares de trabalho; além deles se estendiam os cinturões de crescente afluência. Nos Estados Unidos, principalmente entre as antigas cidades de tamanho médio, as áreas do centro deterioraram-se visivelmente, enquanto os subúrbios e os centros comerciais distantes adquirem riqueza e charme. É no centro da cidade, perto da velha estação ferroviária que se encontram os hotéis baratos, lugares para comer e seus solitários fregueses. Os restaurantes elegantes e os resplandecentes motéis* novos estão nos limites extremos da cidade. O homem suburbano senta-se entronizado em sua casa de dois níveis, enquanto o centro da cidade, incluindo o paço municipal e as repartições públicas estão mergulhadas na pobreza.

[2] Citado em H. J. Dyos, *Victorian Suburb: A Study of the Growth of Camberwell* (Leicester: Leicester University Press, 1961), p. 20.
[3] *Ibid.*, p. 34.
[4] Richard Sennett, *The Uses of Disorder: Personal Identity and City Life* (Nova York: Knopf, 1970), p. 68.
* N. T. Nos Estados Unidos a palavra motel conserva seu significado etimológico, isto é, um hotel respeitável, localizado nas entradas das cidades, destinado às famílias e pessoas que viajam de carro.

Subúrbio — reação à cidade

No século quinto antes de Cristo, Atenas era uma cidade insalubre de ruas estreitas e tortuosas e casas pequenas, escuras e mal ventiladas. O ateniense valorizava a sua pessoa pública e os lugares públicos da cidade, que lhe permitiam realizar atos significativos. A casa, a vida familiar e os cuidados do corpo eram considerados de menor importância. Isto, no entanto, era somente um lado do quadro, porque muitos cidadãos tinham propriedades no campo e viviam pelo menos uma parte do ano longe do confinamento, do barulho e dos desafios da vida urbana. As virtudes do campo foram tacitamente reconhecidas com o estabelecimento do ginásio e da academia fora dos muros da cidade. Na Roma Imperial co-existiam grandiosos lugares públicos abertos, com inúmeros cortiços em ruínas e ruas sujas e estreitas. As residências dos aristocratas se misturavam com as casas dos plebeus e para escapar do ar fétido da cidade, os romanos ricos construíram *villas* nos subúrbios. Os aristocratas romanos apreciavam as mansões luxuosas que tinham salas de jantar acima do nível do mar e muitas piscinas. "A Roma do início do império parecia-se com certas partes da Califórnia." [5]

O centro da cidade era a arena dos assuntos públicos. Apesar da pressão e tensão, a vida na cidade oferecia recompensas aos homens ambiciosos. Os ricos ainda podiam sair periodicamente da cidade. Se existiu uma época que a fetidez do meio ambiente ultrapassava em muito a atração permanente das amenidades urbanas, foi durante as primeiras décadas da Revolução Industrial. A fuga para o subúrbio, ocorrida na segunda metade do século dezenove, possível graças à melhoria do transporte e ao aumento das rendas, precisa ser analisada tendo em vista o aspecto degradado dos centros urbanos — degradados pelos descontrolados efluentes industriais e pela extraordinária concentração de trabalhadores, biscateiros e suas famílias em vivendas miseráveis e fétidas. Dickens tornou famosa a imagem de Coketown. Os relatórios oficiais podem ser igualmente eloqüentes, retratando o inferno através do simples recurso de apresentar os fatos. Um chefe de polícia descreveu os bairros baixos de Glasgow com estas palavras:

> As casas onde (os pobres) vivem não servem nem para chiqueiros e cada apartamento está cheio de uma multidão promíscua de homens, mulheres e crianças, todos em um chocante estado de sujeira e miséria. Em muitas casas quase não há ventilação; existem montes de lixo nas proximidades das moradias; e do esgoto extremamente deficiente, constantemente se acumulam imundícies de todo tipo. Nestes horríveis antros se juntam as pessoas mais abandonadas e por isso todas as noites saem para disseminar doenças, e para descarregar sobre a cidade todas as espécies de crimes e de maldades [6].

A situação do desastre urbano era tal, diz Lewis Mumford, que o velho ditado "Primeiro as mulheres e as crianças" fazia sentido. "Em verdade a vida estava em perigo nesse novo meio urbano de industrialismo e comercialismo e a mais simples recomendação de prudência era fugir — fugir com todos os pertences, tal como Lot e sua família fugiram do inferno opressivo de Sodoma e Gomorra". [7] Infelizmente, somente os endinheirados e a classe média profissional puderam sair. Eles fugiam do fedor da cidade, do perigo das doenças e dos próprios pobres por "temor das suas doenças e sujeiras", como disse um escritor em 1850.

Que outros aspectos da cidade pareciam repelentes? Residências confinadas e sem ventilação, mesmo para a aristocracia e para a classe média alta. Por exemplo, a casa na rua Vinte Leste, número 28, em Nova York, na qual nasceu Theodore Roosevelt parecia apertada entre outras duas. Eles descreveu o quarto do meio, no primeiro andar, uma biblioteca, como "sem janelas e conseqüentemente apenas disponível à noite". Os habitantes da cidade também procuraram fugir dos sufocantes costumes e coerções da sociedade urbana. Nos subúrbios eles podiam ser eles mesmos, vestir-se à vontade e fazer o que gostavam nos seus pequenos mundos. Este ideal soa moderno e familiar, embora Leone Battista Alberti já o tenha dito no século quinze. Outra razão para a mudança foi escapar dos novos imigrantes. Nos Estados Unidos o grande fluxo de colonos irlandeses, europeus do leste e italianos, em fins do século dezenove, começava a diluir o ar anglo-americano das residências da cidade. Do ponto de vista dos antigos residentes, os novos imigrantes tinham um duplo defeito; pobreza e estranheza, e portanto hábitos inacei
recentemente, os portorriquenhos e os negros invadiram as metrópoles da costa nordeste. De novo os brancos da classe média responderam deixando a cidade sempre que puderam. Este motivo — agora geralmente considerado como indigno — dificilmen-

[5] Gilbert Highet, *Poets in a Landscape* (Nova York: Knopf, 1957), p. 135.

[6] Citado em William Ashworth, *The Genesis of Modern British Town Planning* (Londres: Routledge and Kegan Paul, 1954), p. 49.

[7] Lewis Mumford, *The City in History* (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1961), p. 492.

te é expresso. Os novos residentes suburbanos preferem ressaltar os motivos positivos, respeitáveis: eles se mudaram porque "o subúrbio é bom para criar os filhos" e mais revelador ainda, porque preferem viver "entre seus iguais".

Uma causa geral da fuga da cidade foi e é, um medo indefinido de ser esmagado, o medo da confusão e riqueza da vida urbana. Davi Riesman descreve como ele encontrou em um dos subúrbios de Chicago vários homens extraordinariamente habilidosos, ativos em seus negócios ou em firmas de advocacia no centro da cidade, que parecem desfrutar das simplicidades e trivialidades aparentes da vida suburbana. Eles parecem preocupados com coisas pequenas e "vão gastar tempo com coisas tais como: se os cães devem ou não estar acorrentados, se se deve instalar parquímetros na principal rua comercial e sobre questiúnculas de zoneamento. Estes homens têm-se distanciado dos grandes problemas da metrópole e talvez da nação, para se aproximar mais dos problemas facilmente manejáveis da periferia." [8]

O crescimento dos subúrbios

A imagem suburbana é dominada pelo cenário residencial confortável das classes média alta. No entanto, há uma variedade de subúrbios que refletem o *status* socioeconômico dos residentes, a presença ou ausência de indústrias e a sua idade — desde que o subúrbio é comumente um degrau na transformação dos estilos de vida rural para urbano. Para entender os valores e atitudes suburbanas, se faz necessária uma pequena digressão sobre o crescimento dos subúrbios. A perspectiva histórica nos auxilia a avaliar a variedade de possíveis significados do termo "subúrbio".

A evidência arqueológica sugere que ao redor do segundo milênio antes de Cristo, a população já se havia expandido além dos muros de Ur. Este é um dos primeiros exemplos conhecidos de desenvolvimento extramuro. Se consideramos o subúrbio simplesmente como o crescimento de um limite da cidade, então é um fenômeno que tem ocorrido repetidamente: de fato, sempre que as cidades se expandiram rapidamente para a zona rural. Mas, por falta de evidência documentada, poucas vezes podemos dizer se a diferença entre "cidade" e "subúrbio" poderia ser aplicada a áreas urbanas que há muito tempo se converteram em ruínas. Os muros, o que deles sobrou, são um meio para fazer a distinção: o muro era a expressão mais clara do que os construtores da cidade consideraram como os limites de seus domínios. Na China antiga a maioria das cidades tinha muros. As muralhas concêntricas definiam as sucessivas etapas de incorporação de comunidades suburbanas nas esfera urbana. Os comerciantes e artesãos se amontoavam do lado de fora dos portões da cidade e com o passar do tempo alcançavam tal número que se justificava a proteção com uma muralha. O crescimento suburbano podia ser rápido. Por exemplo, poucas décadas depois da conclusão do muro de Pequim, na década de 1420, um grande subúrbio de mais de 100 000 famílias surgiu além do muro meridional. Comerciantes de todas as partes do Império e de países estrangeiros aí estabeleceram lojas e moradias. Ao redor de meados do século dezesseis (cerca do ano 1552 depois de Cristo), um novo muro protegia a expansão suburbana e passou a constituir a Cidade Externa ou Cidade Meridional. Muros concêntricos também foram construídos ao redor de velhas cidades européias como Paris, que à partir de fins do período medieval, constantemente ultrapassou os limites impostos por seus muros sucessivos.

Os subúrbios abrigavam os elementos mais pobres da população incluindo comerciantes, artesãos, estalajadeiros e estrangeiros, mas pessoas ricas também aí viviam. Por exemplo, algumas cidades italianas, já no céculo treze, tinham subúrbios extramuros com chalés e vilas com amplos jardins. Uma faixa de terra de cinco quilômetros ao redor de Florença era ocupada por ricas propriedades com mansões de alto valor; as famílias venezianas tinham suas *villas* em Brenta. Mumford observa que o subúrbio, "quase pode der descrito como a forma urbana coletiva da casa de campo — a casa no parque". O estilo de vida suburbano é um "derivativo da vida aristocrática despreocupada, agradável, consumidora de bens que se desenvolveu como reação à existência rude, belicosa, árdua, da fortaleza feudal." [9]

No começo do século dezoito apareceu na cena inglesa a população pendular regular. Um lugar como Epsom, não era apenas uma cidade funcionando como mercado rural e estação de águas, mas um subúrbio de Londres, distante vinte e quatro quilômetros. Os comerciantes instalavam as suas famílias em Epsom e viajavam diariamente à cidade. Isto acrescenta um novo significado ao subúrbio. Enquanto no passado os aristocratas mantinham vilas suburbanas, que ocupavam por temporadas prolongadas, ao redor do século dezoito os comerciantes da classe média podiam viver permanentemente no subúrbio e efetuar os seus negócios na cida-

[8] David Riesman, "The Suburban Sadness", in William M. Dobriner (ed.), *The Suburban Community* (Nova York: Putnam's, 1958), p. 383.

[9] Mumford, *City in History*, p. 484.

de. A população pendular é o resultado do progresso no transporte. Antes de 1700 o subúrbio incluía dois estilos de vida opostos: o do pobre, que vivia e trabalhava aí e o do rico, despreocupado que ia com freqüência à sua casa de campo no verão. O tempo gasto nas viagens era mínimo. À medida que as estradas e os veículos melhoraram, tornou-se possível construir casas de verão em lugares cênicos, sem considerar muito a distância da cidade, enquanto, os subúrbios, abrigando população pendular, surgiram nos limites urbanos perto dos lugares comerciais no centro. Os subúrbios residenciais logo adquiriram, não somente respeitabilidade, mas também uma reputação de auto-importância e um gosto por fantasias rurais, que em 1782 William Cowper, já pode ridicularizar em verso.

> *Vilas suburbanas, refúgios ao lado da estrada,*
> *Que temem o avanço cada vez maior das ruas,*
> *Caixas seguras, caprichosamente envidraçadas e resplandecentes*
> *Com a plenitude dos raios do sol de julho,*
> *Encantam o cidadão que, aspirando profundamente,*
> *Respira nuvens de poeira e chama-a de ar do campo* [10].

Ao redor de meados do século dezoito, Londres crescia tão rapidamente que um dos personagens de Tobias Smollett dizia (em 1771), "Londres saiu da cidade." Também apareceram prósperos subúrbios que serviam as mais ricas cidades comerciais e industriais da Inglaterra. Por exemplo, Birkenhead surgiu após as Guerras Napoleônicas como um lugar de residência dos comerciantes ricos de Liverpool; as famílias eram atraídas por esse lugar "pelo aprazível cenário campestre, pelas lindas vistas do rio e pela grande facilidade com que podiam passar da afobação da cidade para a tranqüilidade do campo." [11] Southport tornou-se outro satélite residencial de Liverpool e floresceu principalmente após a abertura da ferrovia, em 1848. Apesar do crescimento urbano ter sido rápido no século dezoito e na primeira metade do século dezenove, não pode ser comparado à expansão "explosiva" das grandes metrópoles em direção ao campo, do fim da era vitoriana até o presente. Duas importantes inovações no transporte permitiram esta expansão: primeiro a estrada de ferro e depois o automóvel.

A ferrovia e o desenvolvimento do transporte ampliaram a base econômica das pessoas, que dispunham de recursos para se mudar para o campo. O êxodo dos ricos foi seguido pelo das

10 Citado em Dyos, *Victorian Suburb*, p. 23.
11 Ashworth, *British Town Planning*, p. 40.

classes médias. As direções das ferrovias que partiam da cidade influenciaram o local do crescimento suburbano. Novas casas se agruparam regularmente ao redor das estações ferroviárias, que estavam localizadas a intervalos de cinco a oito quilômetros. Este primeiro tipo de subúrbio era de tamanho pequeno, dificilmente abrigava mais de 10 000 pessoas, porque, além dos ricos que podiam alugar cavalo e carruagem, a acessibilidade significava viver a pequena distância da estação do trem. Os subúrbios residenciais da classe média e média alta se enfileiravam como contas de colar junto à linha do trem. Cada subúrbio estava rodeado pelo verde do campo. As casas eram espaçosas, construídas em terrenos próprios e a partir de 1850, tanto as casas como os desenhos das ruas revelavam uma tendência crescente de substituir as formas urbanas retilíneas por residências de estilos românticos, excêntricos e as ruas por linhas curvas naturalistas. Apesar destes subúrbios ricos terem sido criticados como paraísos de irresponsabilidade social, do ponto de vista ambiental exerciam grande atração. O trem e o bonde também permitiram que os trabalhadores e suas famílias saíssem dos centros das cidades. Infelizmente as casas construídas para elas na periferia urbana eram apenas um pouco melhores que as acomodações apinhadas que eles haviam deixado. O ar no subúrbio era mais limpo, mas afora isso, a classe operária vivia em lúgubres conjuntos residenciais, produzidos em massa, suficientemente grandes para que a natureza parecesse tão remota como quando viviam apinhados no próprio centro urbano. Mesmo as condições sanitárias não eram muitos melhores. Viver no subúrbio significava viver em um meio ambiente mais saudável: na realidade as vantagens do ar do campo, fora do perímetro urbano, eram neutralizadas pela má qualidade da construção, escoamento deficiente e suprimento de água inadequado.

A tendência da expansão metropolitana iniciada na era da ferrovia continuou e se acelerou com a produção em massa do automóvel. O automóvel, no começo um brinquedo dos ricos, no espaço de três décadas se transformou no principal meio de transporte. Esta foi principalmente uma realização americana. O número de automóveis nos Estados Unidos aumentou de nove milhões em 1920 para 26,5 milhões em 1930 e para cerca de 40 milhões em 1950. As cifras implicam um grande progresso na mobilidade das pessoas como também um melhoramento geral no bem estar econômico, apesar de importantes retrocessos, como a depressão dos anos trinta. Na Inglaterra de fins da era vitoriana, a classe operária foi capaz de mudar-se para o subúrbio, não somente devido ao trem, mas também porque tinham empregos permanentes, jornadas de trabalho mais curtas e melhores salários —

em outras palavras dispunham de meios econômicos. Igualmente nos Estados Unidos do século vinte o crescimento explosivo suburbano, especialmente na década de vinte e no período após a Segunda Guerra Mundial, ocorreu durante épocas de prosperidade econômica.

O aspecto mais extraordinário da expansão da metrópole moderna é a sua velocidade e escala. Os subúrbios apareciam "da noite para o dia". Eles têm o caráter de *rush*. Consideremos Toronto.[12] Em 1941 a soma da população de três municípios vizinhos, Etobicoke, Scarborough e North York era de 66 244. Em 1956 era de 413 475. Cinco anos mais tarde atingiu 643 280. Áreas que tinham apenas três ou quatro famílias rurais, um ano mais tarde aparecem com 500 a 1 000 casas suburbanas. Em 1961, a Grande Toronto tinha cerca de dois milhões de habitantes, mais da metade vivia além do perímetro urbano. Em 1961, a cada pessoa domiciliada em uma área de construção antiga correspondia outra, vivendo em uma área residencial de não mais de quinze anos. São um lugar comum as estatísticas sobre o dramático crescimento suburbano e de fato não há necessidade de recorrer a cifras, para um fenômeno tão evidente como a proliferação generalizada dos subúrbios. A palavra "proliferação" é descritiva. Ao contrário das comunidades da classe média alta, planejadas ordenadamente, os subúrbios da classe média baixa e da ascendente classe operária são um mar de casas iguais, quadras e subdivisões, sem que se possa dizer onde começam nem onde terminam. As propriedades suburbanas dos ricos e dos profissionais com altas rendas são enclaves utópicos, no imenso cinturão atijolado que rodeia a cidade central.

Aparência e mudanças na aparência

É provável que para a maioria das pessoas da América do Norte, a palavra "subúrbio" evoque uma imagem de casas em dois níveis em um ambiente de caminhos ziguezagueantes, de calçadas cheias de triciclos, gramados bem cuidados e árvores dispersas. Na realidade, os subúrbios diferem muito quanto às circunstâncias em que foram criados, quanto ao preço, tamanho, durabilidade, complexidade institucional e na renda, nível educacional e estilo de vida de seus residentes. Como os subúrbios se apresentam refletem estas diferenças. Os fatos geográficos, também são importantes, por exemplo, a distância

[12] S. D. Clark, *The Suburban Society* (Toronto: University of Toronto Press, 1965), pp. 9-11.

do centro da cidade e a natureza do sítio, se são colinas florestadas ou campos de cultivo planos. Um subúrbio pode ter sido, originalmente, uma vila que as pessoas da cidade invadiram e tomaram posse; ou pode ter sido completamente novo, criado onde existiam plantações de milho, por grandes imobiliárias, utilizando tecnologia moderna. Pode ser uma área residencial antiga, próxima do centro da cidade e constituída de moradias espaçosas em lotes relativamente pequenos, com árvores veneráveis e umas poucas lojas especializadas em antigüidades; ou pode ser uma comunidade nova de pessoas da classe média alta, construída dentro do perímetro urbano, com grandes casas em estilo de rancho, extensos gramados bem cuidados, calçadas largas e com um monumental conjunto comercial. Um subúrbio pode ser criado em colinas florestadas e consistindo de uma única planta básica que varia segundo a peculiaridade do sítio; ou as imobiliárias podem construir em terrenos abertos e planos; a variedade vai depender de uma paisagem artificial e da construção de casas de diferentes tamanhos e estilos. O subúrbio pode ser uma fileira de casas mais ou menos semelhantes ou de residências finas situadas em seus lotes de quatro mil metros quadrados.

Em geral, os subúrbios são um estágio no processo de urbanização. Com o tempo eles adquirem não apenas as amenidades, mas também os traços indesejáveis da cidade. Os suburbanos ricos estão conscientes deste processo. Eles fazem de tudo para proteger suas comunidades (suas pequenas utopias) contra as forças da mudança e devido à organização e riqueza, eles têm obtido um certo êxito. Para a maioria dos moradores suburbanos as mudanças são inevitáveis. Em muitos casos elas são desejadas e produzidas deliberadamente, porque a classe média, ao contrário das pessoas com altas rendas que podem se mudar para propriedades novas com todas as facilidades, freqüentemente tem que ocupar "loteamentos" que estão em etapa inicial, onde as inúmeras desvantagens de um meio ambiente inacabado neutraliza as vantagens do novo e do limpo. Mudanças importantes na aparência de um subúrbio, para melhor ou para pior, podem ocorrer em apenas uma década. A seguir, citarei duas passagens de William Dobriner, que é um retrato vívido de Levittown, de Long Island: uma mostra o lugar em 1950, quando foi inaugurado e a outra doze anos depois.

> Andar por uma rua de Levittown, na primavera de 1950, era ser surpreendido pela novidade de tudo: casas recém pintadas com pinheiros nos jardins; as trilhas que levam os Chevis e Fords 1947 até seus abrigos: gramados aparados semanalmente; jovens magros, três em cada casa, parados como sentinelas en-

> vergonhados, nas calçadas tortuosas. Barulho, bicicletas, carrocinhas e carrinhos de bebê. Grupos de donas de casa sentadas nos jardins ao lado dos cercadinhos dos bebês. Grupos de crianças de três e quatro anos entram e saem das casas gritando e rindo. Um caminhão anunciando laticínios e sorvetes percorre a rua. As mulheres em silêncio observam os movimentos de um vendedor, quando ele estaciona seu carro e procura localizar o número 107. Além de tudo isso, há um céu limpo — amplo, claro e azul, colorindo toda Levittown. Em um dia claro e luminoso, Levittown está brilhantemente pintada de azul e verde e está próxima do céu. Somente as casas apontam para o céu. Tudo mais é jovem, está crescendo e perto do chão [13].

Doze anos mais tarde havia terminado grande parte da novidade. Muitos jovens morreram. Algumas ruas perderam suas árvores, enquanto outras como as ruas suburbanas estão verdejantes. Como um observador forâneo, Dobriner ficou indiferente com os esforços amadorísticos de melhoria. Podemos, entretanto, ler nas entrelinhas de sua descrição e imaginar que as próprias mudanças, para os residentes, não estavam ligadas com o passar do tempo; pelo contrário, eles expressavam que tinham liberdade de inovação, que lhes fora negada pela cidade. Dobriner escreve:

> Como um grupo, os residentes de Cape Cod parecem cansados. Quando novo, seus habitantes eram excêntricos e tinham charme. Os especialistas em arte de Levittown projetaram cuidadosamente os esquemas equilibrados de cores para todo o bairro. Agora, o individualismo, indiferença, a negligência e o gosto (bom e mau) alteraram o equilíbrio. Cada um se torna um pintor; pinta de vermelho vivo, azul piscina, verde amarelado, cerúleo e rosa. Águas-furtadas são construídas precariamente. São comuns os sótãos improvisados para ampliar as casas. Vê-se um abrigo para carro inacabado, concreto remendado, telhas quebradas, portas azuis com a pintura descascando, sujas e com marcas de dedos de crianças, cercas com os paus quebrados, um arbusto seco, um gramado barrento e pisoteado... [14]

Os subúrbios residenciais, econômica e culturalmente são parasitas da cidade. Algumas comunidades têm procurado diversificar o uso da terra e estabelecer instituições culturais e deste modo atingir um certo grau de independência. Aceitam com agrado as indústrias não poluidoras porque criam empregos e aliviam o peso dos impostos para manter as escolas. Dois subúrbios de Minneapolis, Hopkins e Golden Valley, se orgulham de ter indústrias que oferecem mais empregos do que a população local pode preencher. [15] No entanto é difícil, mesmo para as comunidades ricas, manter qualquer tipo de atividade cultural, a não ser que unam seus recursos. Na região de Nova York, o município de Westchester consegue manter três orquestras sinfônicas procurando seus sócios e audiências em todas as pequenas cidades da metade sul do município. Também em Long Island, algumas comunidades suburbanas estão desenvolvendo contatos mais estreitos entre si para reunir informações culturais, técnicas de organização e até audiências. [16]

Os subúrbios mudam suas características por diferentes razões: um pode ter sido invadido pelo comércio ou indústria, enquanto outro as procura deliberadamente; um sofre a intrusão de grupos minoritários e outro os recebe bem; e um subúrbio pode trabalhar arduamente para melhorar a sua biblioteca pública e outras instituições culturais. Todos são esforços para alcançar um modo de vida mais urbano; são capitulações fortuitas ou intencionais, aos valores e às forças urbanas.

Valores e ideais suburbanos

Dos múltiplos e variados motivos para mudar-se para o subúrbio, a busca de um meio ambiente saudável e de um estilo de vida informal estão entre os mais antigos. Temos repetidamente observado como o sentimento pela natureza e vida rural é encorajado pelas pressões da vida urbana. O meio ambiente da cidade é ao mesmo tempo sedutor e irritante, bonito e desagradável. Os ricos sempre puderam escapar disso saindo para descansar em suas casas de campo. No mundo ocidental o sentimento pela natureza culminou com o movimento romântico dos séculos dezoito e dezenove. A saúde e o bem estar físico aparecem de maneira proeminente na adulação romântica da vida no campo, porém mais importante para o movimento foi a idéia de virtude. Um ambiente físico e um meio de vida (a dos agricultores) assumiram implicações moralistas. A cidade simbolizava corrupção e completa esterilidade. Era o lugar onde os homens lutavam por poder e vaidade e no entanto sucumbiam às pequenas convenções sociais. O campo simbolizava a vida: a vida revelada nos frutos da terra, nas coisas verdes que crescem, na água pura e no ar limpo, na saudável família humana e na liberdade das coerções sociais e políticas arbitrárias.

[13] William M. Dobriner, *Class in Suburbia* (Englewood Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, 1963), pp. 100-101.

[14] *Ibid.*, p. 105.

[15] Scott Donaldson, *The Suburban Myth* (Nova York: Columbia versity Press), p. 84.

[16] Philip H. Ennis, "Leisure in the Suburbs: Research Prolegomenon", in Dobriner (ed.), *The Suburban Community*, p. 265.

O subúrbio adquiriu alguns dos valores do campo. A imagem ideal da vida suburbana se concentra ora na natureza e saúde, ora na família, ora na liberdade para cada um organizar sua própria vida. A Europa e os Estados Unidos compartilham da tradição romântica e os seus valores suburbanos têm muito em comum; porém há diferenças notáveis. Na Inglaterra, a aristocracia inspirou um certo gosto esnobe entre os membros mais ambiciosos da classe média. Ter uma residência bem localizada, parecida com a casa de campo dos ricos, era mais importante para os burgueses ingleses do que para os americanos. Alguns endereços nos subúrbios de Londres, no início da era vitoriana pareciam, como disse Dyos, iguais a "um monótono, porém útil recital de Debrett — Burlington, Montague, Addington, Melbourne, Devonshire, Bedford e assim por diante". Os suburbanos da classe média também tentaram copiar a arquitetura, pelo menos nos detalhes ornamentais.[17] Ao contrário, os antigos subúrbios da classe alta nos Estados Unidos, tinham designações geográficas despretenciosas, por exemplo Westport, Shaker Heights, Grosse Point, Whitefish Bay e Edina. As propriedades novas da classe média tendem a evocar o ideal rural e nostalgia. Alguns nomes de tais comunidades são: Pinewood, Golden Valley, Country Village, Codbury Knolls, Sweet Hollow, Fairlawn, Green Mansion, Victorian Woods.

A imagem suburbana nos Estados Unidos é enriquecida pela tradição e valores característicos deste país: por exemplo, os ideais agrários que remontam à figura jeffersoniana da fazenda familiar independente; o conceito de democracia em uma pequena cidade e o conhecimento da fronteira, integrado por elementos tão diversos como individualismo, homem-versus-natureza e auxílio ao vizinho em caso de necessidade. Consideremos como cada um se manifesta no subúrbio moderno.

Tipicamente, os nomes populares dos subúrbios lembram algum aspecto da natureza ou do campo: isto pode ser interpretado como mais uma evidência da nostalgia dos Estados Unidos pela vida rural. O gramado na frente e o jardim nos fundos substituem a fazenda e os animais de estimação, o gado. Como símbolos de outro estilo de vida, o gramado e os animais de estimação podem ser mais uma carga do que uma alegria para o homem da cidade, sem nenhuma experiência da vida no campo. O gramado e o jardim em particular são sinais visíveis de uma fé confusa enraizada em experiências que o homem da cidade possivelmente nunca teve: eles são mantidos com grande esforço de

[17] Dyos, *Victorian Suburb*, p. 171.

tempo e dinheiro, para mostrar aos vizinhos que ele também compartilha da fé comum. Como idealmente a fazenda americana é uma empresa familiar, então a família é o centro da vida suburbana. As amenidades típicas dos subúrbios são criadas para preencher as necessidades e funções da família. A escola, a igreja e o conjunto comercial-recreativo são proeminentes ícones na paisagem. Sem dúvida, a razão mais comumente indicada para mudar para o subúrbio é criar os filhos. Não somente o apartamento na cidade carece de espaço para uma família com filhos, mas a própria cidade é vista como muito perigosa. Os pais se angustiam quando seus filhos estão nas ruas ou onde eles não os podem ver. Ao contrário, a casa no subúrbio é um paraíso para os jovens: no seio da família e em um meio ambiente sadio eles só podem transformar-se em cidadãos saudáveis e respeitáveis.

O subúrbio projeta a imagem da democracia de uma cidade pequena. O governo da cidade grande é percebido como irremediavelmente complexo e corrupto. Esta visão tornou-se parte do folclore americano nas últimas décadas do século dezenove, quando o fluxo do campo e a imigração estrangeira se combinaram para inundar os grandes centros urbanos. Na confusão com o grande número de pessoas, conflitantes necessidades e paixões humanas, a divergência entre princípio e prática para governar a cidade se separaram tanto que chegaram a pôr em ridículo os fundamentos históricos. Uma vez que a saúde política da cidade pequena também está declinando devido à falta de uma cidadania jovem e zelosa, somente no pequeno subúrbio semi-autônomo é possível manter-se algo do ideal da democracia participante. No subúrbio, com David Riesman observou, o próspero advogado da cidade ou o homem de negócios podem, com toda boa vontade, dedicar seus talentos aos detalhes do governo local. As tentativas da cidade em anexar os subúrbios e incluí-los como parte da cultura e do governo metropolitano, têm encontrado forte resistência. Os subúrbios da classe alta e média alta valorizam sua autonomia legal e a tranqüila política. O auto-governo suburbano continuou crescendo. Em 1954, a região de Nova York tinha 1 071 jurisdições separadas; Chicago, 960; Filadélfia, 702; São Luís, 420; e apenas quatorze por cento de todos os governos locais nos Estados Unidos correspondiam às áreas metropolitanas.[18]

O subúrbio está na fronteira da expansão metropolitana. É uma sociedade em formação, ao final da qual está a cultura urbana. As características pioneiras do novo subúrbio se manifestam em

[18] Robert C. Wood, *Suburb: Its People and their Politics* (Boston: Houghton Mifflin, 1958), p. 83.

sua falta de forma, falta de uma estrutura social diferenciada e na primitivez de suas condições de vida: ruas lamacentas, abastecimento de água incerto, sistemas primitivos de esgoto de lixo, escolas deficientes ou inexistentes, transporte precário e uma sensação de isolamento.[19] É necessário um espírito pioneiro, no sentido de ser autosuficiente, quando uma família se muda a um distrito pobre, criado — quase do dia para a noite — no campo; também se necessita um espírito de cooperação com os vizinhos que estão passando pelos mesmos apertos. Nos subúrbios mais pobres, os residentes freqüentemente constroem suas próprias casas com as suas próprias ferramentas. Eles têm que aprender as habilidades do pioneiro faz-tudo. O suburbano da classe média pode mudar-se para uma casa já "terminada", mas fica muita coisa para fazer, o que o obriga a desempenhar o papel de faz-tudo. Este papel pode ser assumido prazeirosamente: dá mais *status* ao pai, fortalecendo sua imagem de provedor da família. De qualquer modo, não é um papel que ele possa assumir no apartamento superlotado da cidade, onde qualquer mudança na estrutura necessita a aprovação do proprietário. Na casa do subúrbio, um homem realmente pouco pode fazer para modificar os seus arredores, mas a possibilidade, simbolizada pela oficina bem equipada, aí está. A cooperação é um outro traço da fronteira suburbana. Necessidades comuns engendram ajuda mútua. O transporte privado de lotação e o cuidado cooperativo das crianças, na ausência dos pais, são soluções locais para a escassez de recursos. A construção de uma piscina pública no subúrbio novo recapitula a experiência na construção de celeiros em uma época passada; agora os suburbanos trocam máquinas cortadoras de grama em lugar de segadoras mecânicas.[20] Em algumas comunidades fechadas da classe alta e em subúrbios mais antigos, a vida de fronteira é mais uma idéia do que uma realidade — uma idéia simbolizada por uma certa informalidade no vestir e no trato com as pessoas e pela churrasqueira no quintal, na qual o dono de casa dedica-se à viril arte de assar bistecas.

Como ambientes físicos, os subúrbios são muito diferentes; o mesmo ocorre com os valores e atitudes para com o meio ambiente das pessoas que preferiram viver neles. As pessoas mudam-se para o subúrbio por diferentes razões, algumas das quais pouco têm a ver com a própria qualidade do meio ambiente suburbano. S. D. Clark assinala que as pessoas jovens de recursos limitados

19 Clark, *Suburban Society*, p. 14.
20 Wood, *Suburb*, p. 131.

procuram mais uma casa do que um ambiente comunal. Para eles, a primeira consideração é uma casa que esteja dentro das suas possibilidades econômicas. A aparência física do subúrbio tem pouca importância, porque provavelmente é uma imensa proliferação de unidades habitacionais sem nenhum limite ou centro e sem nenhum senso de comunidade. Para os jovens, no início da sua vida de casados, deixar a cidade acarreta muitos sacrifícios mas sentem que a mesma lhes nega uma necessidade vital — uma casa na qual possam criar seus filhos. Os profissionais mais velhos e pessoas da clase média alta, pelo contrário, já podem estar vivendo no subúrbio; quando se mudam é para outro subúrbio de maior *status*, mais exclusivo e com mais amenidades. A ênfase, então, é menos na casa do que na área e o "modo de vida". Por exemplo, Thorncrest Village em Toronto, é uma comunidade fechada para pessoas na faixa das rendas mais altas. Quando perguntamos a um residente da Village que aspectos o atrairam, a reposta certamente não incluirá a qualidade da casa e ressaltará a qualidade da Village, com sua exclusividade, sua vida comunitária organizada, número restrito de famílias e uma vida tranqüila de campo em uma área protegida.[21]

Quando as pessoas procuram um "modo de vida" em uma comunidade, a sua imagem pode ser tão forte a ponto de estar em desacordo com o comportamento real dos indivíduos. Richard Sennett ilustra o poder da projeção sobre a experiência com o exemplo de uma família negra abastada que procurou mudar para um subúrbio rico na periferia de uma cidade do meio oeste. Este subúrbio tinha uma taxa de divórcio quase quatro vezes mais alta do que a média nacional, uma taxa de delinqüência juvenil quase igual à do pior bairro da cidade vizinha e uma alta incidência de distúrbios emocionais, suficientemente graves para precisar hospitalização. No entanto, as pessoas do subúrbio se uniram para recusar residência à família negra, alegando que eles eram uma comunidade de famílias estáveis, que a sua comunidade era um lugar feliz, tranqüilo, mantido unido por fortes laços comuns.[22]

A capacidade do homem para auto-enganar-se é grande. As expressões verbais das atitudes dificilmente são, em si mesmas, muito reveladoras. Uma família atolada em dívidas, sofrendo de solidão e dos numerosos inconvenientes de um meio ambiente novo, construído às pressas, no entanto, declarará sua satisfação com a mudança para o subúrbio, se há algo no seu novo ambiente

21 Clark, *Suburban Society*, p. 74.
22 Sennett, *Uses of Disorder*, p. 34.

que tenha uma vantagem sobre o velho e geralmente é a espaciosidade da própria casa. Uma comunidade auto-consciente, esforçando-se por ter uma imagem coletiva, facilmente negará as realidades da experiência. Os intelectuais que escrevem sobre os estilos de vida da cidade e do subúrbio não estão isentos da delusão e preferência. Ao mesmo tempo eles denunciaram a cidade grande por sua impersonalidade e corrupção e elogiaram a cidade pequena e a vida rural por seu senso de comunidade e a habilidade de auto-governar-se. Porém, quando as pessoas procuram pôr em prática, no subúrbio, certos valores da cidade pequena e do meio rural, os intelectuais (com exceções notáveis como Herbert Gans) não estão felizes com o resultado. Muitos têm demonstrado o seu desacordo chamando a vida suburbana "escapismo", "impotência nostálgica", e no melhor dos casos, uma espécie de "tristeza", ou "infelicidade". Como todas as criações humanas, os subúrbios têm falhas e as críticas geralmente são justificadas. Mas ele representou e representa um ideal, que agora somente os corretores e as imobiliárias podem elogiar efusivamente. No entanto, em 1925 ainda era comum que um erudito expressasse sincera esperança nos subúrbios e reconhecesse suas limitações. H. P. Douglass escreveu:

> Devido ao fator deles constituirem uma ordenação de uma situação muito complexa, devido ao fato de serem em sua maioria pessoas que pensam da mesma maneira, para quem a cooperação não é difícil e devido às vantagens de um meio ambiente espaçoso, os subúrbios, apesar das suas limitações, são os aspectos mais promissores da civilização urbana... Formados devido à confusão nas cidades, eles esperaram que lhes fosse infundido o sentimento de comunidade, de fraternidade e paz entre os vizinhos. Eles refletem o lado bom e jovem da civilização urbana, a parte adolescente e ainda não desiludida da cidade, onde, se é que é possível, pode ser alcançada a felicidade e uma vida digna, como também um bem estar material [23].

Vilas modelos e cidades novas

O subúrbio representa um ideal na procura do meio ambiente. As vilas modelos e as cidades novas representam outro ideal. Qual é a diferença entre estes dois ideais? Os críticos que denigrem o subúrbio também podem falar acremente das cidades novas e cidades jardins, falando das duas sem distinção como refúgios

[23] H. P. Douglass, *The Suburban Trend* (Nova York: The Century Co., 1925), pp. 36-37.

românticos para pessoas que não conseguem enfrentar os desafios e problemas — a riqueza — da sociedade urbana. Os críticos a favor dos subúrbios planejados podem ver nas suas aspirações de autonomia e estilo de vida tranqüilo, tão similares aos das cidades novas, mas alcançados sem os extenuantes esforços políticos e educacionais que Patrick Geddes e Ebenezer Howard acreditavam necessários. Os subúrbios não são feitos segundo um mesmo molde; nem tampouco as cidades novas. Não é de surpreender que uma cidade nova difusamente organizada no limite de uma metrópole, com insignificantes instituições públicas e lugares de trabalho, possa aparecer e funcionar como um subúrbio residencial; ao passo que uma comunidade suburbana autônoma que pode financiar cultura local e convidar indústrias para nela se instalarem adotem alguns dos valores básicos do programa da cidade nova. As diferenças, no entanto, são reais e se originam, tanto no idealismo social como ambiental, que dá vida aos movimentos de vilas modelos e cidades jardins. O crescimento suburbano essencialmente não é planejado e é uma etapa da expansão metropoliana. As pessoas escapam para a periferia urbana na procura de lugares para viver. Outros tipos de uso da terra podem ou não ocorrer. Ao contrário, o planejamento é essencial no empreendimento da cidade nova, que não somente se preocupa com as residências mas com o meio ambiente total, integrado, no qual as pessoas possam viver, trabalhar e se divertir.

Uma precursora da cidade jardim (como comumente é chamada a cidade nova) foi a vila modelo, do norte da Inglaterra de meados do século dezenove. Construída no campo, longe das poluídas cidades têxteis, a vila modelo confirmou o idealismo dos industriais novos ricos, cujas consciências foram abaladas pelas deploráveis condições de vida de seus operários. Parece incrível que um novo rico possa ter idealismo. Porém foi o caso: para construir a vila modelo o industrial teve que fazer certos sacrifícios em seus negócios. Um forte sentido de dever, próprio de um cavalheiro, uma consciência social estimulada por uma religião dissidente da anglicana, uma crença romântica na natureza e na comunidade modelada segundo uma vila medieval combinaram-se para induzir os industriais de Yorkshire, Titus Salt, Edward Ackroyd e os Crossleys a dedicar tempo, energia e recursos na construção de povoados modelos. Estes povoados tinham as seguintes características em comum: foram construídos "de cima", isto é, por líderes, para pessoas que estavam sob seus cuidados; foram construídos no campo; pretendeu-se que fossem comunidades auto-suficientes, no sentido de que as pessoas aí vivessem e aí trabalhassem e os industriais mantiveram igrejas, instituições cul-

turais, enfermarias e hospital; eles refletiam a fé dos idealizadores na influência benévola do meio ambiente sobre a saúde e a moral; eles tinham uma pequena população. [24]

Na Inglaterra o movimento da cidade jardim começou em fins do século dezenove, graças à inspiração de Ebenezer Howard. O que é uma cidade jardim? Em 1919, Howard disse que é "uma cidade planejada para uma vida saúdável e para a indústria; de tamanho suficiente para permitir uma plena vida social, mas não grande demais, rodeada por um cinturão verde; o terreno todo de propriedade pública ou administrado pela comunidade". [25] A definição mostra como a cidade nova ou cidade jardim difere conceitualmente da vila modelo de um lado e do subúrbio do outro. O que tinham em comum é que todas surgiram da crença em uma vida saudável, longe das grandes metrópoles. A cidade jardim, ao contrário da vila modelo, é uma empresa cooperativa e não a realização do sonho de um filântropo todo-poderoso. Os ideais sociais que fundamentam a cidade jardim se distanciaram da inspiração religiosa e do medievalismo romântico. A cidade jardim é menor, sua população é mais heterogênea e há maior variedade de indústrias; é concebida para pessoas da classe média e operários abastados. Ao contrário das vilas modelos que as precederam, as cidades novas têm mais verde e os lotes são maiores, refletindo o estilo naturalista da paisagem, que adquiriu grande popularidade, em fins do século dezenove. Ao contrário do subúrbio, a cidade jardim é planejada como cidade. Os planejadores defendem a idéia de um uso múltiplo da terra e uma população heterogênea. A cidade nova se transformará em uma comunidade não porque os seus residentes têm os mesmos antecedentes socioeconômicos, mas sim porque pessoas de diferentes camadas sociais dependem uma das outras. Tem um centro, onde funcionam as repartições públicas. E está separada das outras cidades por um cinturão verde, ou seja, ao contrário da maioria dos subúrbios, tem um limite claramente visível.

Desde a criação da primeira cidade jardim, Letchworth (1903-1905), o movimento da cidade nova tem tido seus detratores. A cidade jardim foi confundida com o subúrbio fechado, apesar de suas explícitas aspirações urbanas, incluindo a relativamente alta densidade residencial, que Ebenezer Howard colocou entre

[24] Walter L. Creese, *The Search for Environment: The Garden City Before and After* (New Haven: Yale University Press, 1966), pp. 13-60.

[25] Ebenezer Howard, *Garden Cities of Tomorrow* [publicado primeiro com este título em 1902], editado com um prefácio de F. J. Osborn e uma introdução de Lewis Mumford (Londres: Faber and Faber, 1965), p. 26.

70 a 100 pessoas por cada quatro mil metros quadrados. A própria Letchworth deu motivos para algumas críticas porque os seus planejadores tiveram maior preocupação com a paisagem, com os terrenos espaçosos para as residências e com a qualidade de cada casa, mais do que com a excelência da arquitetura pública e a coerência do plano geral da cidade. A ênfase no aspecto "jardim" da cidade jardim se traduziu na excessiva plantação de árvores. Quando as árvores atingem a sua plenitude, a sua densa folhagem, no verão, impede a passagem do sol e a visão; isto pode ser opressivo para os residentes: é apenas um pequeno progresso, mudar-se da floresta de asfalto para o invernáculo. Lewis Mumford um inveterado defensor do movimento britânico pela cidade nova, admite que Letchworth não é um grande sucesso de desenho e que agora parece "uma mistura entre uma cidade rural modernizada e um subúrbio contemporâneo disperso". [26] Welwyn Garden, construída aproximadamente quinze anos depois, tem maior coerência do que Letchworth, mas nela também a ênfase é na abundância do verde e residências privadas mais do que nas funções públicas, lugares para certas reuniões especiais e na beleza de um desenho como tecido intrincado. Em comparação com estas aventuras pioneiras, as cidades novas construídas no período posterior à Segunda Guerra Mundial têm menos obsessão pelo verde e maior preocupação em atingir um estilo arquitetônico, em mostrar um tecido urbano e evitar os edifícios altos. Cumberland perto de Glasgow exemplifica esta nova tendência.

Sobre a cidade nova inspirada nas idéias de Howard, F. J. Osborn diz que é "igual a uma cidade *em* um jardim — que está rodeada por um lindo campo — como uma cidade *de* jardins". [27] Em décadas recentes a filosofia do desenho tende a mudar o seu enfoque do "jardim" para a "cidade", distanciando a imagem suburbana da cidade nova para aproximá-la do ideal urbano. Os conceitos ambientais fundamentam o planejamento físico. Em particular, duas idéias têm orientado a localização e o desenho das vilas modelos e cidades novas: uma é que a natureza tem uma influência benéfica sobre a saúde e moral, a outra é que o ambiente arquitetônico exerce um impacto no comportamneto social. Na Inglaterra, as últimas vilas modelos tais como Bournville e Port Sunlight e as primeiras cidades novas tendem a acentuar o verde: os planejadores revelam sua confiança no poder da natureza para mitigar os males sociais. Cidades novas recém construídas

[26] Lewis Mumford, *The Urban Prospect* (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1968), p. 150.

[27] Osborn, em seu prefácio ao *Garden Cities of Tomorrow*, p. 26.

não negligenciaram a natureza e menos ainda o conceito do cinturão verde, mas o desenho delas reflete mais a confiança dos planejadores na influência da arquitetura. As cidades novas são construídas com vários propósitos, um dos quais é promover a integração social. Neste aspecto, os resultados não foram completamente satisfatórios; pessoas da mesma classe tendem a se isolarem em bairros. Ainda mais desconcertante para o planejador é o fato de que algumas pessoas da classe média trabalham em um cidade e moram em outra, solapando deste modo o conceito da cidade nova como uma cidade completa em si mesma, na qual pessoas com diferentes antecedentes socioeconômicos trabalham, se divertem e criam os seus filhos.

A procura moderna pelo meio ambiente nos subúrbios e cidades novas começou há um século. Foi estimulada pela decadência urbana e pelo anseio por uma vida sadia. A cidade nova auto-suficiente, rodeada por um cinturão verde, mais do que o subúrbio, aparece como a solução mais promissora para o crescimento urbano. A Inglaterra foi a pioneira neste esforço. [28] Outros países têm seguido o exemplo com sucesso variado. À medida que mais cidades são construídas e mais países adotam o esquema de cidade jardim, alguns dos ideais e propósitos originais da cidade nova tendem a perder importância. A este respeito chama a atenção a mudança no conceito de tamanho apropriado. "O conceito de Aristóteles, de que existia um tamanho certo para a cidade, suficientemente grande para incluir todas as suas funções, mas não excessivamente grande para interferir nelas, foi novamente enunciado em termos modernos por Howard. Ele fixou empiricamente em 30 000 o número adequado". [29] Algumas das primeiras cidades jardins como Letchworth e Welwyn Garden City tinham, em 1970, menos de 45 000 pessoas. Algumas das experiências bem sucedidas são bastante pequenas: Tapiola perto de Helsinque tem somente 16 000 residentes em três quilômetros quadrados de terreno. Mas atualmente parece existir um movimento para o gigantismo. Na França, por exemplo, a cidade nova de Evry (vinte e nove quilômetros à sudeste de Paris), foi planejada para receber 300 000 pessoas em 1975 e 450 000 como o máximo. Nos Estados Unidos, o Comitê Nacional de Política sobre Crescimento Urbano tem recomendado a criação de 100 comunidades próximas com

[28] Frank Schaffer, *The New Town Story* (Londres: MacGibbon and Kee, 1970).

[29] Frederic J. Osborn e Arnold Whittick, *The New Towns: The Answer to Megalopolis* (Londres: Leonard Hall, 1969), p. 26.

uma média de 100 000 pessoas cada uma, e dez novas comunidades de pelo menos 1 000 000. [30]

São poucos os ideais ambientais paradigmáticos. Será que eles reaparecem com vestes ligeiramente diferentes durante diferentes períodos da história? Como ideal, a aconchegante vila neolítica cedeu lugar à prístina cidade cósmica; o crescimento das cidades, até se transformarem em metrópoles tentaculares despertou o anseio pela vila modelo, perto da natureza e pela cidade nova de tamanho pequeno; as cidades novas, quando planejadas para receber de 500 000 a 1 000 000 de pessoas cada uma, parece que revertem para o ideal da construção-cósmica dos sacerdotes-reis da antigüidade.

[30] Chester E. Smolski, "European New Towns", *Focus*, 22, n.° 6 (1972).

CAPÍTULO QUINZE

resumo e conclusões

O estudo da percepção, das atitudes e dos valores do meio ambiente é extraordinariamente complexo. Embora eu tenha tratado de uma grande variedade de tópicos, quase todo leitor achará que, ou reduzi muito ou passei por cima de temas importantes para ele. O amplo quadro aqui apresentado, pode entretanto auxilair cada leitor a reconhecer os seus próprios interesses e constatar como eles estão relacionados com outros temas topofílicos. Dentro dos limites deste levantamento, considero como principais os pontos que se seguem:

1. Uma pessoa é um organismo biológico, um ser social e um indivíduo único; percepção, atitude e valor refletem os três níveis do ser. Os seres humanos estão biologicamente bem equipados para registrar uma grande variedade de estímulos ambientais. A maioria das pessoas durante suas vidas fazem pouco uso de seus poderes perceptivos. A cultura e o meio ambiente determinam em grande parte quais os sentidos são privilegiados. No mundo moderno tende-se a dar ênfase à visão em detrimento dos outros

sentidos; o olfato e o tato principalmente, por requererem proximidade e ritmo lento para funcionar e por despertarem emoções. Os seres humanos respondem ao meio ambiente de várias maneiras, porém poucas baseiam-se na biologia e transcendem certas culturas. Por exemplo, é limitada a amplitude do tamanho dos objetos que as pessoas são capazes de emocionalmente perceber e relacionar; os seres humanos procuram seccionar o *continuum* espaço-tempo; suas taxonomias da natureza biológica mostram uma semelhança básica; a mente humana está preparada para organizar as entidades em pares antinômicos e procurar seu meio termo; etnocentrismo e arranjo concêntrico do espaço emotivo são traços comuns entre os homens; certas cores, em particular vermelho, preto e branco, adquirem significados simbólicos que ultrapassam fronteiras culturais. O indivíduo transcende a influência penetrante da cultura. Todos os homens compartilham atitudes e perspectivas comuns, contudo a visão que cada pessoa tem do mundo é única e de nenhuma maneira é fútil.

2. O grupo, expressando e reforçando os padrões culturais da sociedade, afeta fortemente a percepção, a atitude e o valor que seus membros atribuem ao meio ambiente. A cultura pode influenciar a percepção de tal modo que as pessoas verão coisas que não existem: pode causar alucinação em grupo. Quando os papéis de cada sexo são definidos, homens e mulheres adotam valores diferentes e percebem aspectos diferentes do meio ambiente. A percepção e os julgamentos do meio ambiente das pessoas nativas e dos visitantes mostram pouca coincidência porque suas experiências e propósitos pouco têm em comum. Em um mesmo tipo de ambiente natural (os platôs semi-áridos e as mesas do noroeste do Novo México), cinco grupos de pessoas vivem próximos uns dos outros, mas mantiveram suas características visões do mundo. A realidade nunca é exaustivamente conhecida, não importa quantas sejam as perspectivas humanas, embora aquele aspecto da realidade denominado recurso possa se esgotar se um grande número de pessoas o percebem como recurso e o exploram. A atitude em relação ao meio ambiente muda com o aumento do domínio sobre a natureza e altera o conceito de beleza. Através do tempo, os europeus têm visto as montanhas como lugar de morada dos deuses, horríveis excrecências no corpo suave da terra, natureza sublime, cenário, estâncias de saúde e de turismo.

O próprio meio ambiente físico tem efeito sobre a percepção. Pessoas que vivem em um mundo "carpintejado" são susceptíveis a diferentes tipos de ilusão daqueles que vivem em um meio ambiente com falta de ortogonalidade. Raramente é possível relacionar como causa e efeito, características ambientais como preferências

perceptivas: a cultura influi. Contudo, podemos fazer afirmações indiretas, menos precisas, de relacionamento. Podemos dizer que o desenvolvimento da acuidade visual está relacionado à qualidade ecológica do meio ambiente. Assim os boxímanos Gikwe aprendem a identificar cada planta na estação seca, enquanto os boxímanos Kung, que vivem em ambiente melhor dotado, necessitam apenas aprender a localização do conjunto de plantas. O meio ambiente fornece, necessariamente, os principais blocos de edifícios de cosmologias e visões do mundo autóctones: são reveladores os contrastes entre a visão do mundo egípcio e dos sumérios, dentro de seus meios ambientes individuais.

3. À despeito de inúmeros levantamentos sobre as preferências das pessoas por cidade, subúrbio ou fazenda como lugares para viver e para onde elas vão nas férias, permanecemos ainda bastante ignorantes quanto à qualidade e variedade de experiências em diferentes tipos de ambientes físicos, sob diferentes condições. Necessitamos de um Wiliam James para estudar *As variedades da experiência ambiental*. As estatísticas que nos dão o número de pessoas que visitam os parques nacionais ou compram casas de verão medem melhor a moda e o estado da economia do que os sentimentos reais das pessoas em relação à natureza. Tais dados pouco revelam acerca de como as pessoas utilizam estas oportunidades no meio ambiente natural e como podem esperar beneficiar-se dela. A topofilia assume muitas formas e varia muito em amplitude emocional e intensidade. É um começo descrever o que elas são: prazer visual efêmero; o deleite sensual de contato físico; o apego por um lugar por ser familiar, porque é o lar e representa o passado, porque evoca orgulho de posse ou de criação; alegria nas coisas devido à saúde e vitalidade animal.

Certos meios ambientes naturais têm figurado de maneira proeminente nos sonhos da humanidade de um mundo ideal: a floresta, a praia, o vale e a ilha. A construção do mundo ideal é uma questão de remover os defeitos do mundo real. A geografia fornece necessariamente o conteúdo do sentimento topofílico. Os paraísos têm uma certa semelhança familiar porque os excessos da geografia (muito quente ou muito frio, muito úmido ou muito seco) são removidos. Em todos eles abundam as plantas e animais úteis e amigos do homem. Os paraísos também diferem em suas respectivas excelências: alguns são pastagens abundantes, outros são florestas mágicas, ilhas perfumadas ou vales nas montanhas.

4. As visões do mundo dos analfabetos e das sociedades tradicionais diferem signifcativamente daquelas dos homens modernos que vivem sob a influência, mesmo indireta, da ciência e da tecnologia. Freqüentemente tem-se afirmado que em uma era pré-

científica as pessoas adaptavam-se à natureza, enquanto que agora elas a dominam. Uma distinção mais verdadeira é reconhecer que os povos primitivos e tradicionais viviam em um mundo vertical, rotativo e altamente simbólico, ao passo que o mundo do homem moderno tende a ser de superfície ampla, teto baixo, não rotativo, estético e profano. Na Europa, a mudança foi gradual, de 1500 em diante, e afetou não apenas a ciência mas também a arte, a literatura, a arquitetura e o paisagismo.

5. A cidade antiga era um símbolo do cosmo. Dentro de suas muralhas o homem experienciava a ordem celestial, livre das necessidades biológicas e dos caprichos da natureza que tornavam insegura a vida no campo. Todas as cidades contêm algum tipo de símbolos públicos que concentram e impõem (mediante alta visibilidade) os ideais de poder e glória. Em uma metrópole moderna o símbolo pode ser uma grande avenida ou praça, um imponente Paço Municipal, ou um monumento que capta a história e a identidade da cidade. As cidades são extraordinariamente complexas, mas algumas são claramente identificadas por uma simples imagem: o *skyline* de Nova York e os bondes de São Francisco são alguns exemplos dos Estados Unidos. Uma simples obra com uma arquitetura dramática pode servir para identificar uma metrópole, colocando de lado velhos emblemas históricos. Pensa-se na Torre Eifel em Paris (uma recém chegada em uma cidade de inúmeros monumentos), no Paço Municipal em Toronto e no Gateway Arch em São Luís.

Como artefato, a cidade reflete um propósito humano. O meio ambiente de uma grande metrópole, para a maioria das pessoas que nela vivem, é um fato tão irredutível às necessidades individuais das pessoas como são os fatos da natureza. Somente sobre pequena parte da cidade é que as pessoas sentem que possuem controle. Seus próprios lares podem expressar suas personalidades, os lugares onde trabalham, se são pequenos e lhes pertencem e talvez a rua da vizinhança se é cena de encontros informais. Para avaliar como as pessoas respondem aos seus ambientes urbanos precisamos conhecer os tipos de atividades que ocorrem no lar, nos lugares de trabalho e de diversão e nas ruas. Os estilos de vida variam muito em qualquer grande metrópole. Pessoas vivendo na mesma cidade, no mesmo bairro, mesmo assim percebem mundos diferentes. O que é comum para todos os habitantes das cidades é a separação que existe entre o tipo de emprego e a obtenção de alimentos que sustentam a vida.

6.

medida que são verbalizadas e conhecidas, são respostas sofisticadas sobre o meio ambiente e se originam na cidade. Estas atitu-

des pressupõem a existência e o reconhecimento de tipos de meio ambiente e de um grau de liberdade para escolher entre eles. As atitudes, para com todos os três tipos de meio ambiente, têm sido desde o início ambivalentes. Selvagem simbolizou caos, a morada de demônios — e pureza. O jardim e a fazenda representavam a vida idílica, mas mesmo o Éden teve sua serpente; propriedades rurais levam à melancolia; a fazenda era para os campônios. A cidade simbolizava ordem, liberdade, e glória, mas também mundanismo, corrupção das virtudes naturais e opressão. No Ocidente, o Romantismo Naturalista do século dezoito foi logo seguido dos horrores da Revolução Industrial; ambos conduziram a opinião pública a acentuar os méritos do campo e da natureza, em detrimento da As imagens se invertem, de modo que o selvagem representa a ordem (ordem ecológica) e a liberdade, enquanto a cidade central é caótica, uma selva governada por párias sociais. O subúrbio, que no passado era percebido como um lugar para indigentes e comércios desagradáveis, tem agora maior prestígio do que o centro decadente da cidade. Os significados tradicionais de "*core*" e "periferia", "centro" e "borda" estão invertidos. O movimento da cidade nova é uma tentativa de combinar as virtudes da vida suburbana com a idéia de centro.

Os seres humanos persistentemente têm procurado um meio ambiente ideal. Como ele se apresenta, varia de uma cultura para outra, mas em essência parece acarretar duas imagens antípodas: o jardim da inocência e o cosmo. Os frutos da terra fornecem segurança, como também a harmonia das estrelas, que além do mais, fornecem grandiosidade. Deste modo nos movemos de um para outro: de sob a sombra do boabá para o círculo mágico sob o céu; do lar para a praça pública, do subúrbio para a cidade; dos feriados praianos para o deleite das artes sofisticadas; procurando um ponto de equilíbrio que não é deste mundo.

Este livro foi impresso pela EDIPE Artes Gráficas, Rua Domingos Paiva, 60 — São Paulo.